

A woman in a blue, long-sleeved, corset-style dress with lace-trimmed sleeves and a pearl necklace. She is holding a fan with a landscape painting on it. The background is a dark blue fabric with floral embroidery.

JAYNE FRESINA

*Madrugadas
de Desejo*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JAYNE FRESINA

Madrugadas
de Desejo

Tradução
Alice Klesck

ÚNICA
editora

Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Marília Chaves

Estagiária
Natália Domene Alcaide

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Karina Groschitz

Tradução
Alice Klesck

Preparação
Adriana Cristina Bairrada

Projeto Gráfico e Diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços Editoriais

Capa
Thiago de Barros

Imagem de Capa
Lee Avison/Trevillion Images

Produção do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *The wicked wedding of Miss Ellie Vyne*

Copyright © 2013 by Jayne Fresina
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fresina, Jayne

Madrugadas de desejo / Jayne Fresina ; tradução Alice Klesck. — São Paulo : Única Editora, 2015.

Título original: *The wicked wedding of Miss Ellie Vyne*
ISBN 978-85-67028-75-0

1. Inglaterra – Vida social e costumes – Século 19 –
Ficção 2. Romance histórico 3. Romance norte-americano I.
Título.

15-05898

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

Para Jan-Jan.



Capítulo 1



Brighton, junho de 1822.

ELE NÃO A VIU imediatamente. Em vez disso, James Hartley passou cambaleando pelo alto arco feito em cerca-viva, confiante de que finalmente havia encontrado a saída, mas se viu preso no meio do labirinto enluarado, um truque humilhante que o prendia durante a última meia hora. Nesse ritmo, ele jamais encontraria a saída. Xingando alto, ele pegou seu chapéu da cerca espinhosa, esforçou-se para reorganizar seu cérebro encharcado de conhaque e focou o olhar embaçado.

E assim surgiu a rainha de gelo.

Em um banco de pedra ladeado por canteiros caprichosamente mantidos, estava uma mulher vestida de prata dos pés à cabeça. Ela era tão fantasmagórica e luminosa sob o luar radiante de verão que ele cambaleou, surpreso, mais uma vez fisgado pela cerca viva, que o prendeu pelas casas dos botões, os punhos da camisa ou por qualquer outro lugar que tivesse um entalhe conveniente.

Enquanto ele lutava, pela segunda vez, para se soltar dos ramos do arbusto, a mulher virou a cabeça calmamente para observar toda a confusão, e ele viu que ela estava usando uma máscara negra nos olhos. Ela sorriu de má vontade, inclinando levemente a cabeça, ao reconhecer sua presença. Podia-se pensar que se tratava

da verdadeira Maria Antonieta, não apenas de uma mulher fantasiada como a desafortunada rainha francesa.

James tinha deixado o baile de máscaras para tomar um ar fresco e escapar — particularmente das mulheres —, mas ele não conseguiu dar as costas sem dizer algo educado. Não agora, que ela já o vira. Além disso, havia algo na forma como estava sentada, muito calma e imóvel, que sugeria que não o prenderia em uma conversa. Na verdade, agora ela novamente lhe dava as costas, descartando James como alguém desinteressante.

Ora, mas que bom. A maioria das pessoas esperava que ele fosse cheio de charme, vinte e quatro horas por dia, e isso era um fardo terrível. Como secamente observara Grieves, seu empregado: esse era o lado sombrio de ser um libertino infame — segundo a descrição do laçao, não a sua. Nessa noite, porém, James não estava no clima para papear nem flertar com ela. Quem quer que ela fosse.

Ele se endireitou, sacudiu sua roupa com o chapéu e olhou-a novamente.

Ela ainda não estava prestando nenhuma atenção.

Será que havia algo errado com ela? Talvez estivesse doente. As mulheres não costumavam ignorar James Hartley.

Com uma das mãos sobre a boca, ele limpou a garganta ruidosamente. Nada, ainda.

Perfeito, porque a última coisa que ele queria era entreter uma estranha e ajudá-la a se animar e deixar o baixo-astrol, as lágrimas ou uma dor de cabeça. Ele já havia tolerado choro demais de mulheres aos prantos, revelando o grande amor que sentiam por outro homem enquanto se debulhavam em lágrimas, fazendo confissões, com o nariz escorrendo em seu ombro. Por algum motivo, ultimamente, James deixara de ser o problema em si e se tornara aquele com quem elas compartilhavam seus problemas. Então, depois de ser tranquilizadas por ele, elas partiam com outro. Recentemente, quando James reclamou com Grieves sobre

se tornar uma mistura de pai, confessor e consultor dessas jovens, o criado comentou: — Senhor, isso é o que acontece com libertinos que vão envelhecendo. As mulheres passam a vê-los como inofensivos, como alguém que está do lado delas.

Essa era uma ideia tão aflitiva que ele não saiu de casa por duas semanas.

A mulher no banco mantinha sua pose rígida, de costas para ele. Se ela estava passando mal, talvez precisasse de sua ajuda.

Talvez, porém, ela tivesse deixado o baile lotado por motivos semelhantes aos dele e, nesse caso, poderia estar irritada pela companhia não convidada. Ainda assim, independentemente do que sentiu em relação à sua chegada desastrada, ela ficou. Sem dúvida estava esperando que ele fosse embora. Se ela o ignorasse, ele iria embora. Seria esse seu plano?

Bem, um tanto descortês da parte dela.

Estaria ela esperando que outro homem surgisse sob o arco? Dando uma olhada para trás, para a escuridão através da qual ele havia cambaleado, James achou ter visto uma forma surgir, lentamente absorvida pela sombra. Um movimento sutil remexeu as folhas do arbusto, não mais que algo talvez provocado por um coelho. Alguém mal-intencionado. Então, a rainha de gelo tinha um encontro secreto planejado. Rá! Ela simplesmente teria de esquecer-se disso porque ele não voltaria por aquele labirinto para se perder outra vez apenas para a conveniência dela. Ele tinha tanto direito de estar ali quanto ela e James precisava daquele banco. Ele bebera bastante conhaque e o ar fresco abrandava os efeitos desagradáveis. Tudo o que ele queria era sentar-se antes que suas pernas cedessem.

Ele se aproximou para se apresentar e subitamente reconsiderou. Trajado como um ladrão mascarado do século XIX, com uma máscara de couro, ele poderia ser qualquer um. Do mesmo modo que ela. O anonimato era uma vantagem e tanto.

Ele se balançou à frente em uma reverência oscilante:

— Posso me sentar ao seu lado, madame?

Os lábios dela se abriram, com um suspiro levemente cansado:

— Não sou dona do labirinto. Nem do banco.

A voz parecia vagamente familiar, assim como o tom da resposta, mas ele não pôde pensar a respeito por muito tempo. Se não se sentasse imediatamente, ele ia cair.

— Então, encaro como um “sim” — murmurou ele.

Ela inclinou a cabeça para trás, para olhar para ele, e o luar reluziu em sua peruca loura branca altíssima. Minúsculas pedrinhas pretas que contornavam sua máscara brilharam como as estrelas que havia acima.

— Não posso impedi-lo, posso?

— Não. — Ele tropeçou à frente, batendo o joelho na beirada do banco de pedra, quase caindo no pequeno canteiro junto a uma das pontas do banco. A criatura emburrada não chegou para o lado para dar-lhe espaço; em vez disso, sentou bem no meio do banco, com suas anquinhas ridículas espalhadas para os dois lados. Para sentar, ele precisou, com a coxa, empurrar as franjas e a armação rígida interna. Piscando com força, ele ficou meio tonto, examinando o perfil do rosto semimascarado. — Maria Antonieta — resmungou ele.

— Isso mesmo. — Ela estava com o olhar fixo em algum lugar, ao longe. — E você deve ser o Dick Turpin.

— É uma honra. — Ele estendeu a mão, porém ela ignorou-a, e ele acabou usando-a para coçar o queixo. Droga! Hoje ele não tinha feito a barba. No entanto, só podia ser essa a sua sorte, encontrar uma bela mulher sob o luar, sozinha, e estar com a barba por fazer, como um babaca. Infelizmente, Grieves tinha partido por algumas semanas, para visitar os parentes, e James estava sozinho em Brighton, para uma visita improvisada. As coisas tendiam a perder o prumo sem seu hábil criado para mantê-las em ordem. Ele jamais deveria ter concedido ao homem essas férias de

uma quinzena inteira, mas Grieves ficava muito emburrado quando as coisas não aconteciam à sua maneira.

— Você precisa ficar respirando em cima de mim? — exclamou a mulher.

Ele deu um soluço. — A senhora pode ir embora, madame.

— Eu estava aqui primeiro.

Verdade. Em seu estado precário, ele estava até contente pela proximidade dela, para mantê-lo ereto. Se ela subitamente deixasse o banco, ele desconfiava que tombaria. Ele tentou cruzar os braços, mas desistiu depois de algumas tentativas.

Ela deu outro suspiro: — O céu não está lindo esta noite?

Ciente de que olhar para cima poderia fazê-lo cair na grama, estatelado de costas, ele meramente concordou com ela, com o olhar fixo em sua bochecha.

— Eu me pergunto quantas estrelas deve haver — acrescentou ela.

— Milhões. Até mais do que podemos ver com o olho humano. — Ele novamente ficou imaginando por que ela não se levantou e foi embora. A maioria das mulheres o teria feito, levando-se em conta a sua proximidade. — Estava esperando alguém, madame?

— Sim, na verdade estava. — Ela finalmente virou a cabeça e olhou para ele. — Prometi a mim mesma que o próximo homem que passasse por aquele arco seria aquele com quem me casaria. Quem quer que fosse. Estou sendo forçada a isso, entende, e receio estar um tanto cansada dos homens, de maneira geral. Portanto, decidi arriscar. Por que não? O casamento tem a ver com risco, não? Eu já fiz bastante isso.

Ele franziu intensamente o rosto tentando focar. Ela não piscava. Seus olhos, meio na sombra, olhavam-no através dos buracos da máscara.

Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou:

— Então, você aparece cambaleando.

Um sorriso estranhamente repentino interrompeu a última palavra. Ela sacudiu a cabeça e as pérolas em suas orelhas giravam, dançando. Aquele riso também soava familiar, mas ele simplesmente não conseguia fazer com que seus pensamentos se portassem de forma sensível. Eles estavam atrapalhados, esparramados como seu corpo em cima do pequeno banco.

— *Eu?* — Ela o conhecia?

Se conhecia, estava encobrindo.

— Um ladrão mascarado e bêbado. Mas que incrivelmente apropriado. — Mais uma vez ela voltou a cabeça para o céu estrelado. — Todas aquelas luzinhas lá em cima e a que cai para mim na terra é você. Ah, que absurdo!

Mantendo os ombros firmes, ele fez um grande esforço para ficar ereto sem precisar se escorar nela. — Posso ser um partido e tanto, madame. Posso ser um solteiro muito elegível.

— Não diga?

— Muita gente se engana a meu respeito. — Ele observou os lábios dela se curvarem em um sorrisinho. — Fazem *chuposições*.

— *Chuposições?*

Espere um minuto. Isso não soava certo, mas, de alguma maneira, ele precisava explicar-lhe. O mais importante era que ele se fizesse entender e a fizesse enxergar além do que as pessoas geralmente viam. Qual era a grande necessidade de que uma estranha soubesse a verdade? Realmente, ele não sabia dizer. Talvez fosse o rosto presunçoso e aqueles lábios emburrados — e um tanto adoráveis — dela.

— Sim. Sim. — Ele acenou a mão impaciente, depois segurou em sua manga rendada, para manter o equilíbrio. — Entendem tudo errado.

— É mesmo? — Ela parecia entretida, olhando os dedos dele amassando a renda delicada de sua roupa.

James encolheu a barriga e estufou o peito:

— Um dia, vão engolir suas palavras.

— Vão mesmo?

Ela não estava ouvindo. As mulheres fazem esse negócio superior com a boca quando têm certeza de que estão certas, e nada poderia convencê-las do contrário.

— Sim, vão mesmo. Você verá. Eu encontrarei meu caminho, meu propósito.

Ela lançou-lhe um olhar intrigado através dos buracos da máscara preta de seda:

— Você não está meio velho para ainda estar procurando um propósito?

— Você não está meio velha para ainda estar procurando um marido? — Não que ele soubesse sua idade. Ele estava supondo, claro. Por sua postura confiante, ele diria que ela tinha pelo menos 20 e tantos anos. Decididamente não era nenhuma debutante de risadinhas que cora à toa. E também tinha sua própria confissão, de estar “cansada” dos homens, o que sugeria que ela já estava no circuito social há tempo suficiente para ter perdido o gosto por isso. Assim como ele.

Quem diabos era ela?

Agora ela estava com os lábios fechados bem apertados, como se achasse que ele a insultara, referindo-se à sua idade, mas ele só tivera a intenção de lançar de volta a sua própria flecha. Ofender-se era uma grande falta de espírito esportivo da parte dela. Como a maioria das mulheres, ela não jogava limpo.

— Não quero um marido, realmente — disse ela. — Se quisesse, a essa altura, já teria um.

Ela tinha o rosto em formato de coração e o queixo bem contornado. Seus lábios o faziam lembrar-se daqueles bolinhos doces e açucarados, servidos em porcelana fina, por mordomos silenciosos, em chás muito privativos, em salões de hotéis. Confeitos delicados que o faziam levar um tapa quando a avó o flagrasse, no ato, engolindo três de uma só vez.

O pescoço da rainha de gelo era longo e esguio, acentuado por aquela peruca ridiculamente alta. Ela com certeza tinha tudo no lugar, pensou ele, admirando devagar cada centímetro de seu pescoço de cisne, a volúpia do colo, logo abaixo. Abrigada e suspensa no espartilho apertado, suas formas estavam quase saltando para fora da renda.

Um instante antes, ele estava correndo de mulheres e conversa. Apenas poucas vezes ele tinha mudado de ideia a respeito de ambos. Talvez fosse por causa da bebida, pensou ele. As coisas sempre pareciam incrivelmente inspiradoras quando sob a influência de conhaque.

— Então, o que você quer?

— Não é estranho que ninguém jamais tenha me perguntado isso? — Ela olhou abaixo, para o colo. — Você vai rir.

— Certamente não vou. — Ele bateu com a mão no coração, soluçando outra vez. Por dentro, ele xingou a si mesmo por incitá-la a contar. Agora, ele teria de ficar ouvindo a história toda sobre um homem que não quis se casar com ela. Ou tolice parecida. E ouviria pacientemente, depois a tranquilizaria, dizendo que o tolo não sabia o erro que cometera. Finalmente, depois de derramar algumas lágrimas e pegar seu lenço emprestado, ou sua manga, ela sairia correndo de volta para o baile.

Por que ele não pôde dizer que não ligava para seus problemas? Não. Ele teve de abrir sua boca estúpida e perguntar, não é?

Baixinho, ela disse:

— Quero um quartinho repleto de livros. Deve ter uma lareira e um cachorro velho dormindo em um cesto, logo ao lado. Algumas poltronas confortáveis com muitas almofadas. Tudo com vista para um belo jardim. Um lugarzinho só meu, onde ninguém nunca me incomode. Só isso.

As pérolas penduradas em suas orelhas agora estavam paradas, enquanto as palavras se forçavam a sair, como se envergonhadas de

ser ouvidas. O luar banhava a curva suave de seu colo, acima do corpete do traje de gala elaborado, e James ficou olhando, desejoso, o movimento do peito se erguendo e baixando, com seu olhar embaçado.

— Isso é pedir muito? — Ela acrescentou.

Ele rapidamente conteve outro soluço:

— Não. De forma nenhuma. — Isso era tudo que ela queria? Ele lhe daria uma casa cheia de quartos assim, pensou ele. Qualquer coisa que ela quisesse. — Parece que você seria muito mais econômica de manter do que a maioria das mulheres que conheço.

— Está debochando de mim, senhor?

— Não! — Respondeu ele, magoado.

— Por gentileza, pare de ficar olhando meu decote.

Ele sentiu o rosto esquentar. Era raro que James Hartley ficasse nervoso por causa de uma mulher e ele não gostava da sensação:

— Você escolheu vestir esse tipo de traje, imaginei que quisesse ser olhada.

Esperando levar um tabefe, ele ficou surpreso quando ela riu. Foi um som encantador, profundo e sensual. Ele não conhecia nenhuma mulher que risse assim, desprotegida e travessa. Conhecia? Ele estreitou os olhos vendo os lábios dela, novamente tentando pensar com coerência.

— Imagino que esteja certo — ela acabou concordando, com os olhos ternos refletindo a luz das estrelas através da máscara. — Eu não teria me vestido assim se não quisesse ser notada. — De novo, ele sentiu que normalmente ela jamais admitiria isso. Pelo fato de ambos estarem escondidos por trás das máscaras, era permitido falar com honestidade.

— E você queria ser admirada — ele forçou.

— E... sim — ela inclinou a cabeça —, eu queria ser admirada.

Aproximando-se, ele amassou-lhe a saia de renda com a coxa:

— Qual é o nome do seu cachorro?

— Meu cachorro?

— O cachorro velho. No cesto, perto da lareira.

— Ah. — Ela corou lindamente, por baixo da máscara, e ele teve a sensação de que ela se surpreendera por ele ter prestado atenção. Isso mexeu com o orgulho dela, por estar errada a respeito dele. — Ainda não tenho um.

— Por que não?

— Não tenho uma casa para acolhê-lo.

Ele franziu o rosto, segurando a manga rendada com mais força:

— Então, onde você mora?

— Em lugar nenhum — disse ela. — Perambulo por aí.

Uma brisa leve trouxe os sons do baile lotado até eles através dos arbustos do labirinto — violinos, riso, o tilintar de copos e um aumento súbito de falatório, como se as portas tivessem sido abertas. Quanto tempo eles teriam antes que alguém daquele mundo viesse se intrometer? De repente, ele não suportava pensar em voltar àquela bagunça sozinho, sem ela.

— Também vou fazer uma confissão — disse ele. — Bebi conhaque demais esta noite. — Ele sinceramente gostaria de não tê-lo feito, pois o que precisava agora era de sabedoria e de um hálito de menta. Então, ele poderia beijá-la da forma que ela precisava ser beijada. E como ele intuitivamente sabia que ela nunca fora. Havia muita tristeza nessa estranha caminhante, e o riso rouco que lhe escapava tornava tudo ainda mais intenso.

Era incrível como o conhaque sempre o tornava profundamente perceptivo. Sóbrio, ele podia ser um anestesiado, conforme lhe disseram.

— Evidentemente, o senhor não vai assaltar nenhuma carruagem esta noite, senhor Turpin.

— Hum? Turpin? Quem diabos é...?

— Sua fantasia, senhor — ela lembrou a ele, sorrindo.

— Ah, sim! Eu poderia levá-la como minha prisioneira. Sou conhecido por meu jeito encantador e sedutor. Você não ficará decepcionada.

Ela deu uma risada brincalhona e ergueu uma das mãos até o queixo dele, passando levemente as pontas dos dedos na barba por fazer. — Está flertando com a Rainha da França, senhor. Só posso supor que a bebida o tenha deixado excessivamente ousado. Cuidado com o que faz.

Ele novamente olhou para as almofadinhas cor-de-rosa que eram seus lábios. Doce confeito, para ser admirado e depois devorado. Meu bom Deus, como ele queria mergulhar neles, beijá-la com força, sem piedade.

— Vamos fugir juntos desta confusão. — Essa ele não ia perder para outro homem. Ele agarrou o punho dela, levando-o aos lábios. — Fuja comigo.

— Estou tentada, senhor. Não faz ideia de quanto estou tentada. Mas sei que um de nós, se não ambos, vai se arrepender quando raiar o dia.

Ele pressionou os lábios sobre os nós dos dedos dela. Sua pele tinha o gosto da aparência que tinha — era morna, macia e de dar água na boca, como um marzipã açucarado. Sutilmente perfumado. Ele prosseguiu com os beijos pelo braço dela, passando pela renda que pendia de seus cotovelos.

— Senhor Turpin — disse ela, repreendendo —, o senhor está se aproveitando do luar.

O sangue pulsou mais forte nas veias dele, quente e perigoso.

Ele pulou o restante do braço, indo direto ao decote, onde plantou um pequeno beijo molhado sobre os dois relevos que arfavam. Primeiro um, depois o outro. Ela não fez nenhum gesto para impedir sua carícia atrevida. James chegou ainda mais perto, passando somente a ponta da língua no recôncavo entre seus seios. Ele sentiu que ela estremeceu, ouviu sua respiração acelerar. E,

novamente, ela não o deteve. Devagar, ele passou a língua pela lateral de seu pescoço, onde beijou sua pulsação acelerada e inalou mais daquele aroma delicioso e fascinante. Sem conseguir resistir, ele saboreou-lhe a pele, sugando-a, entre os dentes.

— Senhor Turpin! Não posso permitir que isso vá adiante.

Ela rapidamente se levantou, com uma das mãos no local onde ele molhara com a boca. Ele quase despencou do banco.

— Não vá. Fique. — Ele estendeu o braço para agarrar-lhe a mão e, de alguma forma, conseguiu pegar três de seus dedos. — Por favor.

Diante das palavras “por favor”, ela hesitou. Ele deu uma olhada para a cerca.

— Ouço alguém se aproximando. Receio que esse entreato tenha terminado, senhor.

Ele continuava segurando seus dedos. Ele estava ávido, com o desejo aumentando. Queria se banquetear dela ali, naquele momento, na grama.

— Como pode ter terminado, madame? Isso apenas começou entre nós.

— Amanhã, o senhor vai acordar com a cabeça doendo. Terá me esquecido.

— Não. — Ele imaginou seu corpo sobre o dela, cobrindo-a, acariciando-a, tirando-lhe a roupa. Sob o luar e as estrelas, ele deixaria todo o cavalheirismo de lado e faria sexo com ela. Era um desejo perigosamente próximo ao primitivo, bruto.

Com a mão livre, ela pegou-lhe o queixo áspero e ergueu até que ele sentiu o luar banhar seu rosto.

— Então, venha me encontrar novamente quando estiver sóbrio. Pegue-me, se for capaz.

Apesar de seu hálito encharcado de conhaque, ela o beijou nos lábios e não foi nada hesitante, recatado. Foi um beijo que transbordava de anseio e arrebatou a realidade embaçada dele e deixou seu mundo girando. E ele retribuiu o beijo com a mesma

intensidade. Desde o momento em que ela colou os lábios nos seus, ele se sentiu um homem perdido, a centelha acendeu a chama por dentro, consumindo sua alma.

Conforme os lábios se separaram, ela sussurrou baixinho:

— O senhor tem sorte; embora eu raramente possa pagar, até que gosto de um bom conhaque.

A mulher extraordinária partiu, desaparecendo pela cerca sombria, em um borrão de seda. James lançou-se atrás dela, mas prendeu o pé em um tufo de grama e caiu de cara no chão, onde ficou, achando muito difícil conseguir se mexer outra vez. Sorte sua que seus bolsos estavam vazios aquela noite, ou ela poderia tê-lo aliviado de algo além de seu beijo. Bêbado tolo.

Ellie Vyne correu por aquele labirinto como se os lacaios de Lúcifer estivessem em seu encalço. Negligente, ela escolhia virar sem ter a menor ideia da direção que tomava. Uma risada frágil lhe escapava, atrapalhada, ao respirar ofegante. De todos os homens do mundo, por que tinha de ser James Hartley a beijá-la daquela forma? Por que ele — seu inimigo jurado, de tanto tempo — tinha sido o homem a beijá-la exatamente da forma que ela queria? Agora ele a deixara em um estado irritante e irracional de confusão.

Ele era um Hartley, ela era uma Vyne, e, portanto, eles eram herdeiros de uma rixa que vinha de anos. Além disso, ele era o malandro mais enfurecedor e hipócrita que ela já havia conhecido, e o homem que jamais pensou coisa nenhuma dela, além de julgá-la uma chata.

O homem que era loucamente apaixonado por sua melhor amiga.

E agora ela o beijara, como uma completa idiota. Ainda bem que ele não se lembraria de nada pela manhã.

Talvez o pior pecado de James Hartley tenha sido uma vez se referir a ela, e ela ter ouvido, como “uma garota que não tem beleza, nem graça, nem bom senso”. Então, ele ainda deu um

passo além. “Ellie Vyne?” — ele dissera, em voz alta, em uma sala repleta de gargalhadas — “ou Ellie *foa?*”

Na época, ela tinha apenas dezesseis anos, mas nunca se esqueceu. Como poderia? Inteiramente consciente de suas fraquezas como uma garota rechonchuda que sempre parecia estar onde não lhe queriam, e nunca estava por perto quando era preciso. A última coisa de que ela precisava naquele tempo era James Hartley apontando suas falhas para o mundo. Ela sempre jurou que um dia se vingaria. Talvez, ela pensou, isso tenha acontecido quando ela o beijou. Que outro motivo poderia haver? Na verdade, seu comentário maldoso, tantos anos antes, fizera-lhe um favor. Fez com que ela ficasse determinada em não ser esmagada, jamais deixar que outra palavra a ferisse. Depois daquilo, ela se certificou de dançar cada dança sem se importar com quem a convidava, sem jamais parecer que ela se importava com algo além de um bom divertimento. Na maior parte do tempo, dava certo. Ela só tinha lapsos ocasionais de confiança.

Sua saia enganchou em um arbusto, fazendo as folhas tremularem. Havia uma fenda no labirinto. Ela abaixou para passar, ainda correndo, e viu a casa adiante, iluminada com a luz de velas, os cristais e os espelhos, como um baú de tesouros que transbordava, preso ao horizonte escuro do céu de veludo azul.

Uma mulher envolta em seda e com pingentes vermelhos, remanescentes de uma tenda egípcia de vidente, veio voando pelo gramado. Tropeçando com suas sapatilhas de bicos curvos, ela gritava, ansiosamente: — Oh, James! James, querido, para onde você foi?

Quando viu Ellie, ela colocou a mão em concha, ao lado da boca, e gritou: — Você viu um cavalheiro com traje de bandido mascarado?

A pobre mulher parecia um tanto desesperada — e tola, no que só podia ser descrito como uma fantasia de garota de harém.

Aparentemente, a dignidade havia voado pela janela naquela noite. James Hartley tinha esse efeito sobre as mulheres.

Ellie assentiu por cima do ombro: — Ele está aí dentro. Perdido. — Alguém tinha de ir salvá-lo e não podia ser ela.

A garota escrava acenou agradecendo e seguiu correndo. Antes que Ellie desse mais um passo, uma segunda mulher apareceu. Esta estava vestida de freira, mas tinha pintura demais no rosto e um tom abrasivo de ruivo nos cabelos que escapavam de seu véu. Ela veio trotando pelos degraus abaixo: — James? James, eu gostaria que você não se escondesse de mim dessa forma.

A freira improvável soltou um palavrão ao dar uma topada em um vaso de pedra. Então, ela notou Ellie: — Diga-me, você viu um sujeito alto e bonito, com um chapéu de ponta tripla e uma máscara de couro? Ele veio para cá?

Ellie relutou para conter o sorriso malicioso que surgiu em seus lábios: — Ah, sim. Dick Turpin está no labirinto, madre superiora.

A segunda mulher saiu correndo, erguendo a bata e deixando à mostra as meias finas.

Novamente Ellie seguiu adiante e foi parada por uma terceira jovem, que estava trajada como pastora em busca do carneirinho. Antes mesmo que ela falasse, Ellie apontou por cima do ombro. Franzindo o rosto vorazmente, segurando seu chapeuzinho com as duas mãos, a pastora zangada saiu marchando na mesma direção que as outras duas.

Ellie ficou olhando as silhuetas que sumiam e subitamente viu uma sombra pelo canto do olho. Alguém atrás dela rapidamente recuou, saindo do luar e entrando no arbusto alto. Ela esperou; porém, quem quer que fosse não se aproximou em busca de sua atenção.

Curioso. Talvez ela tivesse imaginado.

Ela apressou o passo em direção à casa iluminada e caiu novamente na gargalhada, pensando em seu inimigo, preso e

infeliz no labirinto. Por apenas alguns instantes, ela fez com que ele a desejasse. Era uma sensação boa e poderosa. No entanto, era melhor manter sensações raras assim com moderação. Ela não ia querer que isso lhe subisse à cabeça.

Capítulo 2



Londres, seis meses depois.

ELLIEVYNE NUNCA TEVE muita simpatia pelos homens até ela se tornar um, temporariamente. Disfarçada de “Conde de Bonneville”, vestindo calçolas de cetim e uma peruca antiga para jogar com os absurdamente ricos da sociedade, ela descobriu um fato surpreendente. Ao contrário do que antes supunha, o animal macho não tinha, necessariamente, toda a diversão. Era verdade que eles podiam arrotar à vontade, sem nenhuma repreensão, e sentar com as pernas na posição que lhes fosse confortável. Contudo, eles também tinham percalços a evitar, pois o sexo feminino podia ser igualmente obstinado na busca esportiva e reticente para receber um não como resposta.

Por exemplo, o “conde” teve sorte em se safar com essa identidade intacta — assim como suas calças —, uma vez que lady Ophelia Southwold provou ser uma vadia tão ávida naquela noite. Enquanto pressionava um elegante colar de brilhantes na mão enluvada do conde, como pagamento da garantia do jogo, a lady também apresentou uma oferta surpreendente, sussurrando tão fervorosa em seu ouvido que o calor fez entortar sua peruca. Oferta que ele foi obrigado a recusar, por motivos óbvios apenas para ele mesmo.

Ainda bem que os dedos de lady Southwold não se aventuraram subindo pelas calçolas do conde, ou ela compartilharia seu segredo e teria tido um choque terrível.

Seguido de uma decepção de severa magnitude.

Agora, Ellie podia rir do incidente, pois estava seguramente recolhida a uma hospedagem ruidosa na periferia de Londres. Ajoelhando-se na cama e vestindo a camisa rendada de conde, ela contou o dinheiro que havia ganho depois de outra noite depenando aristocratas e jovens ricos sem a menor desconfiança. Ela cuidadosamente ergueu o colar de lady Southwold e observou os cinco diamantes imensos que pendiam em pequenas argolas. Ellie nunca usou muitas joias fora as pérolas deixadas pela mãe, que eram elegantes e discretas. No entanto, aquele colar não era nada disso. Ela nunca vira diamantes tão grandes. E pesados. Eles certamente pesariam no pescoço de uma mulher até o fim de uma noite. Era realmente impossível ter muito de alguma coisa boa.

Embora aquela tivesse sido uma noite proveitosa para o “conde” encantador, quando Ellie olhou os diamantes horrendos, teve uma sensação de mau agouro. Atiçou seus nervos como a língua de um vento malicioso e fresco. Talvez aquela noite tivesse sido proveitosa demais. Talvez fosse a hora de pendurar as calçolas do conde antes que a astúcia fosse descoberta. Na verdade, ela estava surpresa por ter levado seu disfarce tão longe. Isso não favorecia muito a sua aparência, pensou Ellie, considerando que ela se disfarçava tão facilmente de homem. Ou então dizia pouco da aparência masculina dos cavalheiros aristocratas daquele tempo.

Depois de guardar seus ganhos em segurança, ela cuidadosamente desgrudou as sobancelhas teatrais que coçavam, terminou um copo de conhaque, deu um sopro para apagar a vela e voltou para a cama. Esparramada sob o luar, bocejou profundamente, ouvindo os barulhos lá de baixo enquanto pensava na estranha direção que sua vida tomara. Como principal cuidadora de sua família desde os oito anos, ela sempre soube que algo

diferente a esperava, no futuro, mas nunca imaginou que percorreria um caminho como aquele.

Na manhã seguinte, ela precisava voltar a ser a comum Ellie Vyne, com sua musselina e boina, sendo esperada na casa tão apropriada e ordeira da meia-irmã e do cunhado. Eles foram relutantes em aceitá-la, torcendo — segundo a última carta da irmã — para que ela não os mortificasse demais enquanto estivesse em Londres. Ninguém que lesse a carta da irmã poderia imaginar a verdade: que fora a própria Ellie quem custeara, sozinha, as irmãs e seus dotes para o casamento. Se tivessem deixado tudo por conta do pai, elas seriam grisalhas antes de pertencer à sociedade. Na mente das irmãs, porém, Ellie era um constrangimento, uma mulher que se recusava a viver nos limites do apropriado e, em lugar disso, fazia as próprias regras. As irmãs estavam sempre lhe dando sermões quanto a se adequar, mas, embora Ellie praticasse o contrário como o próprio ofício, ela o fazia de bom grado, de um jeito alegre, e ninguém realmente podia impedi-la.

Seu início misterioso não ajudou muito. Sua mãe era uma viúva naufraga e grávida quando se casou com o Almirante Vyne, e nada se sabia sobre o pai falecido de Ellie. Catherine, sua mãe, ficara arrasada demais para falar dele, e Ellie nunca se atreveu a tocar no assunto, uma vez que isso podia perturbar o casamento frágil de Catherine com o almirante — um homem muito mais velho que, embora tolo e orgulhoso de si mesmo, precisava frequentemente ouvir quanto era sortudo em ter uma esposa tão mais jovem e bonita, como se ninguém entendesse como ele conseguira isso. Então vieram Charlotte e Amélia, filhas de sua mãe com o almirante, e Ellie tinha uma nova família. Depois que a mãe morreu, eles todos recorriam a Ellie para cuidados, mas, ultimamente, as irmãs tinham invertido os papéis na cabeça. Elas tinham a ideia de fazê-la se casar com o primeiro sujeito entediante que estivesse disposto, para que ela fosse empurrada à obscuridade antes que lhes causasse mais preocupação.

No entanto, as tramas futuras de Ellie só envolviam um descanso bem remunerado sem nenhum intrometido para dar palpites. O dinheiro que ela havia ganho naquela noite pagaria as contas restantes dos casamentos das irmãs e, se ela encontrasse algum lugar discreto para penhorar o colar de brilhantes, poderia até iniciar o conserto do telhado da casa do padrasto, em Lark Hollow. Então, ela finalmente poderia desfrutar de um pouco de paz. Ela planejava uma visita à tia Lizzie, na vila tranquila de Sydney Dovedale, onde poderia encher os pulmões de ar puro e honesto.

Já fazia um tempo que Ellie se sentia seguindo apressada por uma estrada truculenta, com os cavalos quase fora de controle, as rédeas escorregando por entre seus dedos. Se ela ao menos pudesse desacelerar por um tempinho, sentar em um lugar tranquilo, não fazer nada além de respirar! No interior, pode-se pensar na beleza da natureza sem realmente ter de fazer nada, apenas sentir. Ela em breve estaria rejuvenescida. Passeando pelas ruas agradáveis de Sydney Dovedale, poderia deixar que o conde desaparecesse por um tempo, se não para sempre. Algum dia, ela talvez até escrevesse sobre suas experiências, em um livro anônimo, e o colocasse para descansar oficialmente.

Ela estava com vinte e sete anos, mesma idade da mãe quando morreu, e velha demais para causar grandes devastações. Tinha sido divertido enquanto durou, mas agora era hora de se acomodar como solteirona. A única coisa que poderia lamentar sobre sua vida era não ter tido filhos. Ela gostava muito da ideia de ter um filho, mas não era possível ter um sem marido. Bem, rigorosamente falando, um bebê podia ser feito fora do casamento, porém, ela já tinha problemas suficientes sem causar mais escândalos para si mesma.

Determinada a se recolher e acabar com as travessuras, ela deixou que as pálpebras se fechassem, mas então uma comoção repentina agitou o corredor, e a porta de seu quarto quase foi

arrancada das dobradiças. Ellie deu um salto e ficou em pé, totalmente desperta outra vez, segurando a coberta ordinária em volta dos ombros.

— Onde está ele? Onde está o vilão? — Com uma lamparina agitando na mão, empunhando o chicote de montaria na outra, uma figura alta passou por cima dos destroços da porta e olhou-a, zangado, sob a luz tremulante acobreada. Uma névoa fina emanava de seus ombros largos, onde o ar gélido noturno encontrava o calor de seu corpo. Ele até poderia ser um dragão monstruoso de alguma fábula sinistra que vinha se banquetear da donzela em sacrifício — se não fosse um ser humano muito real, identificado pelas reclamações de seus dedos machucados. Só um homem poderia reclamar de algo que ele mesmo fizera.

Além disso, ela não era nenhuma donzela virginal.

Em seguida, os dois pronunciaram a mesma palavra em espanto: — Você?

Rodamoinhos de neblina se formavam ao redor do quadril dele e seu rosto estava vermelho. Ele tinha vindo sem chapéu, e seus cabelos, ligeiramente dourados pelo verão que parecia ter sido há muito tempo, estavam espetados para cima, em todas as direções. Ele só podia ter se vestido com muita pressa, pois sua camisa estava mais para fora da calça do que para dentro. Ela ficou imaginando da cama de quem ele acabara de sair para embarcar em sua perseguição doidivas. Para completar sua aparência desgrenhada, ele estava com o lábio machucado e com um hematoma no lado direito do rosto. Aparentemente, ele tinha passado por um corredor polonês para chegar até ali.

O coração de Ellie estava disparado como as patas de uma raposa com cães de caça em seu encalço. Durante os seis últimos meses ela ficara fora de seu caminho, e, como a temporada social ainda estava para começar, ela não esperava vê-lo em Londres tão brevemente.

— James Hartley! O que está fazendo aqui?



Ele deveria saber que encontraria logo *ela*, ali, no miolo da coisa.

Mariella Vyne, promíscua, imprudente e ameaça notória, que teve a audácia de sentar-se naquela cama e questioná-lo. De alguma forma, ele conteve boa parte de sua raiva, embora não conseguisse segurar tudo de uma só vez.

— O conde — disse ele, exigente, caminhando a passos largos até a cama, fazendo ranger as tábuas corridas do piso sob o peso indignado de seus pés. Ele quase bateu a cabeça nas vigas baixas, mas se curvou bem na hora. — Onde está ele, Vyne? Sei que ele está aqui, em algum lugar. Eu o segui até esta hospedaria.

Ela afastou o que parecia ser um torpor sonolento e apontou para a janela. — Você o perdeu por pouco. Ele se foi.

Ele ergueu a lamparina e o arco de luz passou por cima de um par de botas ao lado da cama. — Descalço?

— Ele o ouviu chegando e saiu apressado.

Ele olhou a garrafa de conhaque e o copo vazio, depois rapidamente olhou os lençóis amassados, antes de voltar à mulher vestida com a camisa excessivamente rendada do conde. — Mas que diabos você está fazendo aqui, com ele? — Pergunta imbecil. Estava bem claro o que ela estava fazendo ali com o vilão.

— Como se atreve a arrombar meu quarto, Hartley? Saia!

Em vez disso, ele baixou a lamparina, prendeu o chicote nos dentes e agachou para olhar embaixo da cama antes de olhar sob a coberta, com as mãos enluvadas, segurando as pernas desnudas dela. Ela se arrastou para cima do colchão, afastando-se de seu toque.

— Você não vai achá-lo aí, não é? Pelo amor de Deus!

Subitamente, ele sentiu uma dor aguda, seguida de algo se quebrando em suas costas, acompanhado por um ruído de cacos. Estilhaços de louça voaram sobre a cama. Ao recuar, ele viu o jarro quebrado ainda na mão dela, seus olhos reluzindo vitoriosos. Quando abriu a boca para xingar, o chicote caiu na cama e ele deslizou para trás, sacudindo cacos de cerâmica do casaco e dos cabelos.

— Vou levar aquele trapaceiro à justiça, Vyne. — Seu temperamento inflamado emanava fora de alcance, assim como o dela. — Estou lhe avisando.

Ela fungou: — O que ele fez para deixá-lo tão em polvorosa?

— Roubou algo de muito valor para mim.

— Seu espelho?

James olhou fulminante para a megera na cama revirada.

— Muito engraçadinha. Vejo que nenhum homem civilizado a dominou, Vyne.

— Ah, eles não se atreveriam a tentar.

O ar escapou-lhe, em uma risada fria.

— Eu lhe aconselharia que ficasse longe do caminho do conde se achasse que você ouviria algo de bom senso.

Uma expressão levemente divertida surgiu por baixo dos longos cílios escuros. Entretanto, seus lábios orgulhosos estavam projetados no bico habitual, prontos para discutir.

— Como se *você* tivesse algum direito de me dar sermão, Hartley! Seu próprio histórico de erros com o sexo oposto daria mais volumes que a Enciclopédia Britânica. Cuide da própria vida antes de se intrometer na minha.

Ambos saltaram para o lado oposto da cama para pegar o chicote caído, mas ele chegou primeiro. Ela deu um pulo ficando em pé no colchão, segurando a coberta junto ao corpo seminu, e novamente ordenou que ele saísse de seu quarto.

Ele se manteve firme, segurando o chicote sobre as coxas. — Para onde ele foi, Vyne?

Ela ergueu o queixo, jogou os cabelos negros e despenteados por cima do ombro e exclamou, com um floreio que deixaria a atriz britânica Sarah Siddons no chinelo: — Você jamais o encontrará, Hartley. Pode me torturar quanto quiser, eu jamais o trairei.

Ele teve a impressão de que agora a safada estava se divertindo. Ora, em breve ele cortaria aquela expressão presunçosa pela raiz.

— Talvez lhe interesse saber, Vyne, que o amante que você protege com tanta pompa foi visto esta noite flertando abertamente com lady Ophelia Southwold. Não é tão leal a você, hein?

Para surpresa dele, ela deu uma gargalhada: — Invadindo sua propriedade, Hartley? Ela não foi sua aventureira mais recente? Ao menos uma delas?

Ele ignorou o comentário: — Vim aqui para recuperar os diamantes que ele roubou daquela dama. Eles me pertencem.

— A você?

Rá! Por essa, ela não esperava. A menos que ele estivesse muito enganado, boa parte do rubor sumiu das bochechas dela.

— São diamantes Hartley — explicou ele. — Antiguidades inestimáveis que o vilão francês roubou de lady Southwold.

— Ele os roubou? Foi isso que ela lhe disse? Imagino que ela não tenha mencionado o que mais ela ofereceu a ele. Parece que sua dama também não é muito fiel.

Ele deu uma sacudida no chicote, deixando o olhar percorrê-la, vendo sua aparência desalinhada. A gola em babados rendados da camisa do conde emoldurava seu pescoço comprido e esguio, chamando a atenção ao colo, que não merecia sua atenção. Embora uma parte desobediente e sombria de seu ser prestasse atenção a ambos.

Ainda bem que ela estava segurando a coberta ao redor da cintura, pois evidentemente não vestia nada além da camisa. Nem

um fiapo. Estava nua como no dia em que nasceu, por baixo daquele pedaço de renda e seda.

James pigarreou. Voltando ao que interessa: — Vista-se, Vyne. Vou levá-la comigo. Alguém precisa salvá-la de sua estupidez.

— Não se iluda, Hartley. Não preciso ser salva.

— Então, faça como quiser, sua assanhada, sem vergonha.

— Obrigada. Farei. Seu pateta hipócrita e pomposo.

Já dando as costas, ele recuperou o fôlego e olhou de volta para ela. — Você é provavelmente a criatura mais irritante e truculenta que já conheci. Em quinze anos que nos conhecemos, você não mudou nada.

— Dezesete — ela corrigiu. — E sua existência é igualmente penosa para meus nervos.

— Você é mal-educada, atrevida...

— E você é tolo, de péssimo temperamento...

— Mentirosa, maquinadora...

— Patife arrogante.

A camisa de renda escorregou em um dos ombros, desnudando a pele.

— Vista sua roupa — ele murmurou, os dedos enluvados apertando o chicote. — Você vem comigo.

— Eu certamente não vou.

— Vai, sim. Antes que eu lhe dê umas chicotadas no traseiro. — Ele contornou a cama e olhou-a cautelosamente, intrigado ao ver a supostamente destemida Ellie Vyne recuar junto à parede, segurando a coberta como um escudo ao redor de seu corpo.

— Se encostar em mim — ela alertou —, eu grito.

Ele tentou relaxar o maxilar e poupar o desgaste de seus dentes. Ela estava totalmente ereta na cama, como uma mulher que defende seu território — como ele tinha certeza de que ela faria, um dia. Ele só estava surpreso por ainda não ter acontecido.

— Você não deveria estar perseguindo o conde para pegar seus diamantes de volta? A essa altura, ele deve estar a milhas de

distância, e aqui está você, discutindo comigo, Hartley.

James bateu levemente com o chicote na palma da mão esquerda. Por que ele *ainda* estava ali? Será que aquela manga rendada tinha escorregado mais um centímetro pelo ombro dela? Meu bom Deus, agora dava para ver todo o topo arredondado de seu seio, acima dos babados. E o mamilo mais escuro, através da seda fina. Sua garganta ficou seca; a respiração ofegante parou ali, enquanto ele sentia um pulsar veloz em sua masculinidade.

Não olhe. Para isso, não.

Ela era uma sirigaita atrevida que não fazia nada além de diabruras, sempre que podia, e estava constantemente debochando dele e o fazendo passar por tolo. Por mais tentador que fosse pensar em controlá-la, havia muito ele decidira que outro homem poderia ficar com essa luta. Outro que fizesse bom proveito.

Olhe para qualquer outra coisa. Qualquer coisa...

Subitamente, ele a viu olhar de relance para o edredom cor de cobre. Ele não o notara.

Curioso, caminhou em direção a ele.



Sem mais nada à mão para usar como distração, Ellie soltou a coberta e a deixou cair de seu corpo.

Ele paralisou. O silêncio pesado recaiu sobre a cena estranha iluminada pela lamparina. Seu olhar sério deixou de lado todos os outros assuntos de interesse e a percorreu lentamente, da cabeça aos pés, notando, particularmente, suas pernas nuas. Ela sabia que a camisa do “conde” cobria só o alto das coxas.

O leve movimento que ele fizera para se distanciar dela agora se revertera. Inconscientemente, claro. Mesmo os homens com acesso a inúmeras mulheres desejosas a cada noite da semana podiam se transformar em um bronco na presença de uma mulher

seminua. Ela imaginou tratar-se de um anseio primitivo, algum vácuo no macho que o mantinha constantemente na caça. Cada batida dos cílios dele parecia soprar o arrepio que se espalhava pela pele dela. O silêncio ficou esmagador enquanto ele olhava suas pernas.

— Espero que tenha a intenção de ressarcir o zelador da hospedagem pela porta, Hartley. — Apesar do tom desafiador, cada poro do corpo dela pinicava de expectativa.

O olhar dele ficou sério, passando de um céu azul de agosto para um tom cinzento de inverno. Ele deu uma última olhada para os joelhos dela, fixando a cara feia — provavelmente na intenção de transformar seus ossos em pó —, depois deu meia-volta e saiu batendo os pés, passando por cima da tábua quebrada que antes era a porta.

— Dê minhas lembranças a Lady Southwold! — Ela gritou.

Mas ele ainda não estava partindo. Ela ouvia que agora ele estava discutindo com o gerente da hospedagem.

Ainda bem que ela o distraíra para não olhar o edredom. Se ele tivesse olhado ali dentro, teria encontrado os ganhos daquela noite, seu precioso colar de brilhantes e a peruca do conde. Mas, por hora, o conde de Bonneville tinha conseguido fugir. Assim como a notável Ellie Vyne.

Quase.

Ele surgiu no portal quebrado. — Vista-se, Vyne. Não vou embora sem você.

— Eu lhe disse, não preciso ser salva. Vá embora.

Ele olhou fixamente para ela, sua silhueta de ombros largos preenchendo o espaço: — Quem mais irá salvá-la se eu não o fizer? — Ela achou ter visto um brilho em seu olhar tempestuoso, mas de longe era difícil saber. — Ninguém é tão tolo quanto eu.

Droga, mas que porcaria. Bruto teimoso, cabeça de porco.

Ela imaginou que talvez devesse deixar o vilão acompanhá-la até a casa da irmã, contanto que não dissesse a ninguém onde a

encontrara.



— Não contar onde eu a encontrei? — Exclamou ele, cutucando-a com o cabo do chicote para que ela entrasse na carruagem. — Por que diabos eu deveria manter segredo sobre seu caso com aquele pilantra? Sua família precisa saber o que você anda aprontando. De novo.

— Cale a boca, Hartley. Será que devo escrever para sua avó e dizer a ela que você deu os diamantes Hartley para sua prostituta mais recente?

Ele fechou a porta da carruagem com uma batida, com o rosto branco e contorcido sob o luar.

— Sua família precisa saber o que você anda aprontando — disparou ela, devolvendo as palavras. — *De novo.*

Ele não teve resposta para aquilo, exceto um palavrão frustrado. Naturalmente, estava tudo certo que ele desfrutasse de seus casos antes de se casar. Ela, sendo mulher, não deveria ter anseios pecaminosos e deveria manter-se enclausurada até que encontrasse um marido.

— Já ouviu falar de referências desiguais? — Ela gritou através da janela da carruagem.

— Não — ele respondeu. — É o nome de um cavalo de corrida?

Silenciosamente enfurecida, ela o observou montar em seu cavalo, ao lado, e as rodas da carruagem começaram a girar.

Assim como boa parte do mundo, que sempre gostou tanto de pensar mal dela, James só podia imaginar que ela recentemente fora amante do duque de Ardleigh. Ela sabia que o boato se espalhara por mais de um ano, mas suas tarefas foram pouco além da de enfermeira. Ela havia viajado com o duque, assegurando-se

de que ele tomasse o remédio prescrito pelo médico, e o distraía à noite com truques de cartas e histórias obscenas. Naturalmente, o duque gostava que todos pensassem que ele ainda tinha energia para se portar mal, então nunca se dava ao trabalho de corrigir as ideias mal interpretadas sobre o relacionamento deles. Para Ellie, havia sido um meio bastante conveniente de manter afastados quaisquer pretendentes a casamento, viajando com certo grau de liberdade que a maioria das mulheres jamais desfrutava.

Foi o duque que primeiro teve a ideia de disfarçar Ellie, em uma festa, apresentando-a como “conde de Bonneville” para um gracejo à custa de seus colegas. Ele era um sujeito que adorava diversão, de personalidade marcante e, para muitas pessoas, foi um choque imenso quando o duque, de súbito, morreu na cama. Naturalmente, a maioria das pessoas achou que tinha sido culpa dela.

É isso o que acontece, ela ouvira os outros dizendo, quando um tolo idoso se envolve com uma garota indócil que tem a metade de sua idade.

Ellie recostou no banco, com seu baú surrado e viajado aos seus pés, e o estojo de chapéus no banco de couro ao seu lado, escondendo suas preciosidades. Por um instante, ela ponderou sobre a ideia de devolver os diamantes. Ao dar outra olhada pela janela, ela o observou trotando ao lado da carruagem, seu perfil nobre iluminado pelo luar. Era tentador imaginar que ele viera salvá-la das garras lascivas do conde, e se ela olhasse atentamente, podia imaginá-lo em sua armadura, um belo cavaleiro pronto para defendê-la dos bandidos da estrada. Ela nunca havia sido salva de nada; era ela que geralmente salvava os outros.

Subitamente, algo atíçou seus nervos, com dedos gélidos — de novo, a sensação de estar sendo seguida. Ela girou, estreitando os olhos para a escuridão através da janelinha traseira da carruagem. As luzes da estalagem já tinham sumido e a carruagem estava cercada, por todos os lados, pelas sombras das árvores nuas. Não

havia sinal nenhum de outro viajante, mas a sensação de estar sendo observada persistia. Era algo que ela sentira diversas vezes ao longo dos últimos seis meses. No entanto, sem nenhuma prova, ela sempre descartava essa sensação, supondo ser sua imaginação.

Ela novamente virou-se em seu banco e abaixou a cobertura da janelinha.

— Aliás, Hartley, o que você realmente andou aprontando esta noite? Seu olho está inchado, com um hematoma horrível. Você deveria...

Antes que ela pudesse terminar, ele começou outro sermão que, de alguma forma, sentia-se no direito de fazer. Ellie rapidamente fechou a janela e recostou no assento.

Bem, então ele podia ficar assoviando ao vento, em busca de seus diamantes. Ele jamais deveria ter emprestado seus tesouros para que uma mulher infiel como Ophelia Southwold os usasse, assim ela o deixaria suar um pouco. Ele precisava de uma lição.

E lá se foi o retiro sossegado e o fim das travessuras, mas não era culpa sua que aquele homem tinha vindo meter o nariz em sua vida. James Hartley realmente precisava ser mais cuidadoso com as joias de sua família ou qualquer mulher de má fama colocaria as mãos nelas.

Como de fato ela o fizera.

Capítulo 3



— **AQUELA TAL DE VYNE** é um perigo para si mesma e para qualquer um que tenha o infortúnio de cruzar seu caminho!

Zangado, ele remexia o jornal, virando outra página, sem conseguir se concentrar em uma palavra do que estava escrito. — De verdade, ela é um perigo, Grieves.

— Minha nossa, senhor — disse o criado, com certa preocupação. — No meu tempo, as mulheres sabiam seu lugar. Mas se tornaram um tanto rebeldes.

— Se fosse possível saber de onde ela vai surgir, algum tipo de defesa poderia ser preparada contra o ataque, mas ser imprevisível é parte de seu terror. Nunca se sabe de onde ela vai aparecer. — James meneou a cabeça. — Com certeza ela estará no meu pé novamente, cedo ou tarde. — Deixando a ponta do jornal dobrar para dentro, ele olhou para a frente. — Sabe o que a malandra me perguntou?

Grieves parou de servir o café e fez sua expressão de atento, que tinha só duas rugas de distância da cara de desinteresse. — Estremeço ao imaginar, senhor.

— Ela me perguntou se eu já tinha ouvido falar em referências desiguais. *Referências desiguais!* Como se homens e mulheres devesses ser vistos com os mesmos parâmetros. — Ele voltou o

olhar ao jornal e sacudiu a ponta caída com um solavanco do punho. — Começo a achar que ela é maluca.

O criado terminou de servir o café. — Isso foi antes ou depois que ela o atingiu com a peça da lareira, senhor?

— Não foi uma peça da lareira. Foi um jarro. — James ergueu a cabeça para mostrar o pequeno corte em sua testa, perto do couro cabeludo, onde um estilhaço de louça o havia ferido.

— Ainda bem que o senhor tem uma cabeça grande e dura, acostumada a objetos que colidem contra ela.

James apertou o jornal nas mãos antes de atirá-lo ao tapete. — Você quer dizer que foi bom para ela que eu sou um sujeito tolerante e não mandei prendê-la na hora. — Ele não podia pensar em Ellie Vyne por muito tempo ou talvez começasse a imaginar suas pernas nuas novamente. Isso só resultaria em problemas.

— Que pena, senhor, que as rédeas estão perdendo o uso.

— De fato, é mesmo. — Suspirando, ele recostou em sua cadeira. — Minha paciência com as mulheres, em geral, não é mais como era, Grieves. Às vezes, sinto como se tivesse me transformado em um mero brinquedo nas mãos delas. Um objeto de diversão a ser usado, depois jogado de lado sem nenhuma preocupação com meus sentimentos.

— Que terrível ficar tão impotente nas mãos das mulheres. E isso me faz lembrar, senhor, que chegou outra carta esta manhã da senhorinha lady Mercy Danforthe.

— Meu Senhor! Será que ninguém tem controle sobre aquela criatura?

— Parece que não, senhor. Se alguém tem controle sobre ela, aparentemente, não o quer. Essa é a décima carta que ela manda no espaço de um mês desde que o senhor salvou-lhe a vida, no parque.

James mexeu o café com um grau desnecessário de violência. — Eu não salvei a vida dessa moça. E gostaria que você parasse

de se referir a isso dessa forma. Apenas aconteceu de eu ser a única pessoa com habilidade para galopar atrás de seu pônei quando ele se assustou. — Agora ele desejava ter olhado para o outro lado, pois estava bem certo de que a garota era mais que capaz de controlar o pônei. Ela lhe trouxe as lembranças de seu velho buldogue. Na época, porém, sem saber de nada disso, ele agira puramente por instinto para deter o pônei fugitivo e salvar a criancinha agarrada a ele.

— Na cabeça da pequena jovem, o senhor a salvou. Ela nem quer discussão. Pelo que sei, lady Mercy não é vencida com sucesso em nenhuma discussão nem mesmo com seu irmão, o conde. Segundo me foi dito, ela tem mente própria e tem mais liberdade do que é bom para ela. Ou para o mundo.

— Que desgraça. — Ele sacudiu a cabeça diante da ideia horrenda de garotas jovens com mente própria. — Ela tem o que, doze, treze anos?

— Se aproxima de fazer dez, eu creio, senhor. Certamente uma idade bastante desafiadora. Atrevo-me a dizer que o pior ainda está por vir.

James fungou na xícara de café. Lady Mercy Danforthe era uma menina encantadora e sardenta com cabelos ruivos cor de fogo e uma natureza teimosa. E, aparentemente, uma imaginação sensacional. Suas cartas de amor, escritas para James quase todos os dias, eram em uma linguagem tão chocante quanto colorida — sempre decoradas com corações flechados pintados. — É uma situação triste, Grieves — murmurou ele, reclinando-se ainda mais, colocando todo o peso nas duas pernas traseiras da cadeira —, quando ninguém tem controle sobre uma mocinha atrevida, de treze anos. Só pode dar em tragédia.

— Concordo, senhor. Sempre achei que jovens moças devem ficar trancafiadas, fora do alcance das vistas e dos ouvidos, até que tenham sobrevivido aos anos de formação.

Depois de balançar perigosamente por um momento, James bateu as pernas dianteiras da cadeira de volta no tapete. — Tem muita assanhada à toa correndo por aí, fazendo o que quer, mesmo que oprimida de alguma forma. Esse mundo está um perigo, Grieves. Como pode um homem virar uma nova página, entrar nos eixos, com tanta coisa contra ele? Nem minha própria avó tem alguma fé de que algum dia eu encontrarei a mulher certa.

— A mulher *certa*, senhor? Quer dizer, uma que seja aprovada por ela?

— Naturalmente.

— Isso explica o motivo para ela dar o baile de Ano-Novo na residência Hartley, senhor. E convidar todas as solteiras elegíveis.

— Ela o quê?

— Lamento, senhor. — Grieves abaixou a cabeça grisalha. — Achei que soubesse. Lady Hartley mencionou para mim da última vez que estive na cidade.

Limpendo os lábios com um guardanapo, James estrilou. — Que maravilha! Um mercado de gado.

— Parece que lady Hartley desistiu de esperar que o senhor escolha. Ela ficava citando seu *grande erro*, senhor. E como não se pode confiar que não cometa outro parecido.

James esfriou seu café com um suspiro pesado. Sua avó era uma velha enxerida, mas ele sabia exatamente a que ela estava se referindo ao mencionar seu “grande erro”. Dois anos antes, ele tinha feito papel de tolo absoluto ao propor casamento, pela segunda vez, a senhorita Sophie Valentine, que finalmente o rejeitara, por outro homem, um modesto fazendeiro. A humilhação o deixou profundamente magoado, mas ele cometera outros erros, muito mais sérios, os quais a avó continuava desconhecendo.

Uma década atrás, ele tinha perdido um filho ilegítimo. Uma doméstica com quem teve um caso rápido engravidou, mas, por ter sido despedida de seu cargo, ela não disse a James até bem

perto de ter o filho. Na época, ele não estava em Londres. Voltou o mais depressa que pôde, mas a mulher havia desaparecido e ninguém sabia para onde ela tinha ido. Ele procurou a família dela, mas não encontrou ninguém. Dez anos depois, quando Sophie Valentineo descartou para sempre, ela o acusou de ter abandonado a empregada grávida, deliberadamente deixando que ela e o filho recém-nascido morressem sozinhos. James ficou chocado, horrorizado. Se ele tivesse descoberto sobre o bebê, antes que fosse tarde demais, claro que teria ajudado de alguma maneira possível. Entretanto, o fato era que a mulher e a criança haviam morrido. James tinha de ser responsabilizado.

Mais tarde, ele supôs que deveria ter sabido a verdade quando a empregada foi dispensada do emprego — de que havia algo além da vaga desculpa que lhe deram para sua partida. No entanto, naquela época ele era mais jovem, tolo e negligente, e procurava prazer de qualquer maneira, fazendo vista grossa aos fatos mais sombrios da vida. E às consequências de seus pecados. Ele não soubera que a mulher e a criança tinham morrido até que Sophie lhe jogou isso na cara, quando fez sua escolha e o deixou para sempre. Naquela noite, ele abriu os olhos e não gostou do que viu em si mesmo.

Foi forçado a olhar para dentro de si e a se questionar, quando, antes, sempre presumiu saber melhor sobre tudo. James tinha tomado a decisão turbulenta de virar uma nova página.

Agora, sempre que pensava naquela empregada e em seu filho — o que acontecia com frequência —, o peso frio da tristeza e do arrependimento se alojava em seu estômago. Um erro pesaroso que ele talvez pudesse ter evitado, mas era tarde demais para salvá-los. Tudo o que ele podia fazer era compensar em sua própria vida.

Ele gemeu e sua xícara caiu no pires com um ruído que o fez cerrar os dentes. — Preciso encontrar Maria Antonieta.

Um suspiro baixinho escapou dos lábios do criado. — Aquela de Brighton, senhor?

— Sim. — Ele vinha procurando há meses, buscando-a em cada belo rosto, cada sorriso triste.

— Achei que tivéssemos desistido dessa ideia, senhor.

— Certamente não.

— Mas nem temos certeza de que ela existe, temos, senhor?

Ele contorceu o rosto olhando a xícara. Ela existia. Em algum lugar. Sim, ele tinha caído de cara e acordado com uma dor de cabeça terrível, mas não a criara do nada. Sua imaginação não era tão criativa. Ela era real. Seis meses depois, o beijo ainda permanecia em seus lábios. Se ele realmente ia dar uma virada em sua vida, precisava dela ao seu lado, da mesma forma que precisara dela, naquele banco de pedra, para se manter sentado ereto.

Era absolutamente enfurecedor que ela se recusasse a ser encontrada, quando ele precisava tanto dela, e enquanto outras megeras geniosas e insolentes, como Ellie Vyne, apareciam por todo lado, tentando distraí-lo de seu novo caminho.

Grievess gesticulou para o ovo à sua frente e disse, sinistramente: — Devo quebrá-lo para o senhor? Ou está com vontade de fazê-lo, esta manhã?

James arrancou a faca de manteiga da mão do empregado, murmurando baixinho: — Com vontade? Com vontade? Aqui! — Com um golpe da lâmina polida, a casca do ovo estava partida em duas e um borrão de gema espirrou na toalha da mesa. James sorriu, sentindo-se ligeiramente melhor.

Grievess pousou a bandeja de prata com torradas ao lado da xícara de café de James. — E agora, senhor, ao negócio do dia. O senhor vai jantar em casa esta noite?

— Acho que não... não, tenho uma festa a que preciso ir.

— Ah, muito bem, senhor. Como é terça-feira, eu estarei fora, claro.

James olhou maliciosamente para o empregado. Grieves sempre tirava folga nas noites de terça, e o que fazia era algo que eles nunca discutiam em detalhes. — Seu clube, não é?

O criado hesitou. — Sim, senhor. O Clube de Cavalheiros. Nós cuidamos uns dos outros.

Era só isso — nenhuma explicação além disso.

— Grieves, confesso que me vejo fascinado por seus passeios noturnos pela cidade às terças. O que acontece em seu clube?

— Senhor, eu já lhe disse, não tenho liberdade para discutir essa questão. Todos os membros juram segredo.

— Imagino que todos vocês se sentam ao redor de uma mesa e reclamam de seus patrões, não é? Planejando rebelião.

— Sim, senhor — respondeu Grieves, com a expressão imutável. — Adivinhou precisamente o nosso propósito. — Ele contornou a mesa com as mãos ao longo do corpo. — E agora, preciso lembrá-lo, senhor — por mais que seja doloroso para nós dois... aquele senhor Dillworthy chegará logo após o café.

Pronto, lá se foi a melhora de seu humor. — Mas que diabos ele quer?

— Ele deseja discutir a questão dos custos elevados de Morton Street...

— Mas que droga, Grieves! — James olhava a torrada. — Há quantos anos você já está comigo?

O empregado suspirou. — Quase cinco, senhor. E não parece um dia além de dez.

Houve uma pausa. Patrão e empregado olharam a mesa do café da manhã; depois, um para o outro. Finalmente, olharam de novo para a mesa. Grieves acabou percebendo seu erro e começou a cortar as torradas no formato preferido de “soldados”, ideal para mergulhar na gema de ovo.

James deu um pequeno gemido de aprovação. É preciso ter soldados torrados para o ovo, senão o dia já começa errado. Não havia muitas coisas fidedignas em sua vida, mas alguns hábitos

dedicadamente mantidos evitavam que seu mundo girasse depressa demais. Ele se sentia muito solitário, se não fossem essas pequenas coisas tranquilizadoras. Seu criado sugeriu que era um sinal da chegada da velhice. James se recusava a acreditar.

— Agora que já cuidamos dessa questão opressora, senhor, voltemos à inevitável e eminente chegada do senhor Dillworthy, a respeito do lar em Morton Street.

— Humm? — Ele estava ocupado mergulhando o soldado na gema do ovo, na expectativa da primeira mordida.

— Pelo que entendo, ele está aflito pelo aumento dos custos ligados à reforma e...

— O Dillworthy anda resmungando em sua orelha, é?

— Parece que ele não consegue fazer com que o senhor se sente pelo tempo suficiente para resmungar na sua, senhor.

— Não. — James deu um sorriso malicioso. — Você precisa praticar um pouco mais a esquiva. — Ele sabia que o pobre Grieves era um alvo frequente de pessoas que não conseguiam capturá-lo e se contentavam com uma rota alternativa, na esperança de chegarem aos seus ouvidos.

— O senhor Dillworthy me disse que está preocupado com o número de instituições de caridade às quais o senhor doou somas consideráveis durante o último ano. Lady Hartley reprova suas escolhas, senhor, e, como contador da família Hartley há alguns anos, ele tem...

— Grieves, eu tenho trin... tenho mais que vinte e um anos, como você sabe.

O criado ergueu enfaticamente uma sobrancelha. — Bem mais, senhor.

— Consequentemente, por mais perturbador que seja para o senhor Dillworthy, escravo de minha avó, sou capaz de tomar minhas próprias decisões financeiras. Durante tempo demais, não prestei nenhuma atenção ao meu dinheiro e à forma como ele era

gasto. Agora sei para onde vai cada centavo. E vai para onde eu decido.

— Para um lar de mães solteiras?

— Precisamente. Quero essas reformas em Morton Street concluídas assim que possível, e custo não é problema. Eu disse isso a Dillworthy várias vezes. Aí, minha avó o cerca, quando vem à cidade, e ele se torna um molenga.

— Lady Hartley se opõe à ideia de jovens damas dando à luz fora do casamento e ela é da opinião de que caridades assim meramente incentivam o comportamento pecaminoso. Segundo ela, essas mulheres devem ser punidas e a castidade deve ser promovida.

— Minha avó já faz sua parte para promover a castidade, sem dúvida — respondeu ele, de esguelha. — Eu, por acaso, discordo dela. Agora tenho controle de todo o meu dinheiro e me atrevo a dizer isso, com mais frequência. E estou começando a gostar da sensação.

Grievés recolheu as folhas espalhadas do jornal, dobrando-as caprichosamente. — É uma grande pena, senhor — disse ele, baixinho —, que tanta gente não saiba do bem que o senhor faz.

James deu de ombros. Ele não assumia esses compromissos para obter aprovação da sociedade.

— Acho que as pessoas só gostam de ouvir sobre suas falhas, para que se sintam melhor sobre a vida delas mesmas — disse o empregado. — O sucesso produz uma fofoca menos interessante.

— Sim, Grievés, as pessoas geralmente são horrendas, egoístas. Exceto você e eu, é claro.

Grievés retirava os farelos da toalha de mesa com uma pequena pá e uma escovinha de prata. — Posso perguntar, senhor, se conseguiu reaver os diamantes Hartley na outra noite? O senhor deixou o clube de boxe com tanta pressa quando ouviu que lady Southwold os dera a...

— Não. Não consegui reavê-los. Mas vou conseguir. Aquele pilantra francês não vai se safar com isso.

— E lady Southwold, senhor?

James se retraiu com o assunto, mas, pelo menos, Grieves tinha se distraído da conversa das contas. — Lady Southwold evidentemente não é a mulher misteriosa de Brighton. Os nós de seus dedos beiram a masculinidade e ela respira de modo ofegante.

— Minha nossa, senhor, que assustador. Respiração ofegante é um hábito terrível que não se pode tolerar nas mulheres de hoje.

Ele olhou acima, estreitando os olhos. — Hum.

— É de pensar, senhor, se sua lista de traços inaceitáveis se sobrepuser aos aceitáveis, se a mulher certa pode ser encontrada.

— Bobagem. Eu a conheci em Brighton. — Agora, se ele ao menos pudesse encontrá-la outra vez, seu mundo inteiro seria endireitado. — Ela é minha futura esposa e mãe de meus muitos filhos. Precisamos encontrar aquela mulher, Grieves. Simplesmente, precisamos. Ela é a certa para mim e nenhuma outra bastará.

Grieves fez um pequeno som que poderia passar por uma ligeira concordância, mas se assemelhava bastante com um suspiro cético, e podia passar quase por um “ah, não”. Era um de muitos ruídos semelhantes do repertório do criado, exclamações contidas que tinham vários propósitos. — Embora me doa trazer o fato à sua atenção, senhor, nós esgotamos todas as possibilidades. Todas aquelas damas que o senhor imaginou que podiam ser ela se provaram, repetidamente, insatisfatórias.

— Então, precisamos pesquisar mais. É evidente que negligenciei alguém, embora pareça impossível. Sou sempre muito observador.

— Sim, senhor, tenho certeza de que o senhor não deixa passar nada. — O empregado foi até a janela, seu caminhar suave mal produzia um sussurro no tapete. Depois de um momento, ele falou novamente, com um tom mais animado. — Agora que sabemos que lady Southwold decididamente não é sua dama

misteriosa, talvez seja uma boa coisa, senhor — se posso me arriscar a dizer — que o conde de Bonneville a tenha tirado de suas mãos.

— Conde! Rá! Ele é um malandro nojento e metido. O cão de colo de minha avó tem mais sangue nobre nas veias. — James pegou outra torrada de soldado e mergulhou sua cabeça na gema do ovo.

— E o senhor disse que encontrou a formidável senhorita Vyne na cama do vilão, senhor? Era de imaginar que ela fosse problema suficiente para um homem, sem rechaçar lady Southwold.

Ele gemeu sem erguer os olhos do café da manhã.

O empregado começou a mexer nas cortinas, rindo baixinho.

— O que lhe parece tão engraçado esta manhã, Grieves?

— Só estava pensando comigo como o senhor sempre disse que não desejaria a senhorita Vyne ao seu pior inimigo. — Grieves tossiu na mão enluvada, discretamente disfarçando um sorriso, mas não antes que James o visse. — Estranha coincidência, não é, que ela esteja em companhia de seu pior inimigo?

James franziu o rosto para o ovo. Seu olho inchado estava doendo. E o corte na sobrancelha também. — Outra mulher com rédeas demais — resmungou ele.

Ele não se surpreenderia nem um pouco se a tal Vyne soubesse exatamente onde o conde podia ser encontrado e os diamantes Hartley também. Ela muito provavelmente poderia pegá-los de volta para ele, com um pequeno empenho. James duvidava que muitos homens fossem fortes o suficiente para recusar qualquer coisa que ela quisesse.

Pronto! Droga. Agora ele tinha pensado nas pernas dela de novo. Deixar que aquela mulher entrasse em sua cabeça era como pôr um gatinho em um cesto de lã.



— É indelicado ler à mesa, Ellie — exclamou Charlotte, em um sussurro gélido.

Rapidamente fechando o livro, ela o tirou de vista e o colocou no colo.

— Parece que ultimamente você esqueceu tudo sobre boas maneiras — acrescentou Charlotte.

Ellie realmente não tinha pensado que ler à mesa teria importância, uma vez que o cunhado tomava café com a velocidade e a elegância de um javali mal-humorado, sem dizer uma palavra a ninguém, e com os olhos vorazmente fixos no próprio prato. Contudo, frisar isso aborreceria Charlotte, o que nunca era uma boa ideia, porque ela tinha meios de punir o infame. Meios engenhosos e covardes.

— Consegui um convite para você para a festa de lady Clegg-Foster nesta noite. Espero que se comporte direito, Ellie. Você tem um vestido apropriado? Se não, acho que pode pegar um meu emprestado, se prometer não manchá-lo nem rasgá-lo. Minha empregada terá de abrir — ela baixou o tom de voz, olhando timidamente para o marido distraído — a costura do *busto*, uma vez que o seu é um tanto... mas Simpkins é splendidamente eficiente e tenho certeza de que ninguém notará que você se espremeu para entrar, como o recheio de um pato. Tristemente, eu não tenho nada listrado e meu vestido de musselina branca é ligeiramente jovial demais para você.

Muito covarde. Desse jeito, por exemplo.

— Por que preciso de um vestido listrado? — Perguntou Ellie, docemente.

— Por que, ora, pois listras têm um efeito de diminuir uma silhueta mais cheia. Listras verticais beneficiam as mulheres de

meia-idade.

— Eu tenho vinte e sete anos.

— Sim, querida. Todos tristemente sabemos desse fato.

Ellie mordeu a língua, freando sua primeira resposta e optando por algo mais gentil. — Eu preferiria não sair, Charlotte. Se você não se importa, vou ficar em casa.

Sua irmã fez uma cara feia do outro lado da mesa aparentemente tentando petrificá-la. Por fim, ela estrilou: — Claro que me importo. Fiz um grande sacrifício por esse convite. Você tem alguma ideia de quanto é difícil ter uma irmã que insiste em envergonhar a nós todos, perambulando por aí como uma cigana, fazendo tudo o que bem entende? Com sua reputação escandalosa, você tem sorte de ser convidada a algum lugar... — Ela parou, vendo a expressão sinistra do marido antes de enfiar mais uma garfada de salmão na boca.

— Certamente só vou constrangê-los ainda mais participando da sociedade — disse Ellie, esticando o braço para pegar a manteiga. — Você sabe como eu sou.

— O que você precisa é de um marido respeitável. — Charlotte baixou o tom de voz. — E você não encontrará um a menos que vá a festas respeitáveis.

— Querida Charlotte, eu sei que você tem boa intenção, mas realmente não quero um marido. Prefiro um cachorrinho como companhia. É bem mais fácil de treinar. Se ele tentar sair de fininho, posso pegá-lo e segurá-lo embaixo do braço. — Depois de todos os seus noivados fracassados, ela esperava que, a essa altura, sua família entendesse quanto seu temperamento era incompatível com a instituição do casamento. Ainda assim, eles persistiam nessa ideia de que ela precisava ser domada.

— Não importa o que você quer, mas do que você precisa.

Do que todos vocês precisam para mim, pensou Ellie enquanto passava manteiga em sua torrada chamuscada, imaginando o motivo de, em qualquer lugar onde ficasse, sempre receber torradas

carbonizadas. Provavelmente era porque os empregados ficavam fofocando sobre ela. Em momentos como esse era quando mais sentia falta do duque, com quem ela talvez compartilhasse uma boa gargalhada sobre a torrada.

Parece que Belzebu teve parte com o pão, Ellie, talvez o duque comentasse. Como terá comigo, adiante.

— O papai insiste para que Amélia e eu a ajudemos a encontrar um marido antes do fim desta temporada — Charlotte matracava baixinho, chiando como um rato preso em um pote de biscoitos. — Ele diz que na sua idade não tem desculpa para não ser casada e é muito estranho para ele ter de explicar aos amigos por que você não é.

O padrasto de Ellie se preocupava com o constrangimento que ela lhe causava, mas ele nunca parou para pensar no problema que causava a ela, que tinha de se esforçar para pagar todas as contas dele, a cada mês, complementando sua pensão da Marinha com os ganhos como conde. Ela ficou imaginando de onde o almirante julgava proceder seu dinheiro. Ele nunca perguntou, provavelmente preferindo não saber. Ela torcia para que agora que Charlotte e Amélia estavam casadas, seus maridos pudessem contribuir com alguma coisa no sustento do almirante, mas dicas sutis passaram despercebidas. Como avestruzes, suas meias-irmãs enfiavam a cabeça na areia, exatamente como o pai fazia. Charlotte praticava tanto essa negação que tinha uma habilidade invejável. Até agora, naquela manhã, ela não fizera uma única pergunta sobre a estranha chegada de Ellie à sua porta nas primeiras horas da madrugada. Até em desalinho, saindo da cama, ainda escuro, Charlotte tinha mantido a compostura, contendo a curiosidade, acompanhando a irmã até um quarto e arrumando a lareira, como se esse tipo de coisa acontecesse todo dia. Ellie, sabendo que a irmã devia estar se remoendo para perguntar quem a trouxera até sua casa em um horário tão incivilizado, já preparara uma história horripilante sobre ter sido sequestrada e amordaçada por ladrões

da estrada. Ela ficou naturalmente desapontada por não ter a chance de contar.

— Imagino — disse ela com um suspiro que soprou farelos na toalha — que eu precise de um marido muito rico, em seu leito de morte, sem nenhum parente para reivindicar sua fortuna. Um homem capaz de fazer vista grossa à minha idade e a tantos pecados. De fato uma raridade, acho que você concorda.

Os lábios de Charlotte se apertaram, formando uma linha zangada. Ellie conteve uma fungada, ciente da sisudez do cunhado, de sua reprovação, assim como a da esposa, enquanto a olhava, limpando a boca com o guardanapo. Ele nunca disse mais que três palavras a Ellie ao longo de todo o tempo em que se conheciam, e ela sabia que a esposa só podia ter ficado resmungando, induzindo-o a deixá-la ficar. Ela não era o tipo de convidada que o filho de um conde se orgulhava em receber — mesmo sendo apenas o filho caçula, sem título próprio. Ellie era uma responsabilidade. A qualquer lugar que fosse, os problemas frequentemente a seguiam. Nem era tudo culpa dela. Não que todos sempre acreditassem nela.

Charlotte pousou a xícara. — Se você não encontrar logo um marido, irmã, quem vai cuidar de você quando envelhecer? Você precisa pensar nessas coisas, pois Herbert e eu só podemos fazer até um limite, e logo teremos as despesas de filhos para criar. Amélia e seu marido só tinham uma pequena casa em Grosvenor Square, e até que o pai dele venha a falecer, estou bem certa de que eles não têm espaço para você. Quem mais vai lhe prover em sua velhice quando nós não pudermos? — Os lábios dela se curvaram para baixo de preocupação com o envelhecimento de Ellie, mais, provavelmente, por seu infortúnio de ter uma irmã daquele jeito. — Acho que você não se esforça o bastante. Você *pode* ficar bonita, com empenho, e eu me atrevo a dizer que alguns homens acham a pele morena bem atraente. — Ela afagou os cachos louros demonstrando a satisfação presunçosa. — Mas

cabelos como os seus mostram o grisalho muito mais depressa. O tempo passa, irmã. Guarde minhas palavras, cada ano vai acrescentar meia hora diante do espelho, a cada manhã. Você precisa encontrar um homem agora, enquanto ainda tem alguma esperança, antes que sua aparência decaia totalmente. Se você fosse menos... menos... — Abanando a mão magra, ela buscava a palavra no ar. — Risonha!

Ellie quase engasgou com a torrada.

— Você ri demais — prosseguiu a irmã, em um sussurro preocupado, de modo que não perturbasse o marido novamente. — Sempre foi assim. É muito desanimador para um cavalheiro quando riem dele.

— Entendo. — Ellie assentiu solenemente. — De agora em diante, vou tentar não rir.

— Seja um pouquinho mais séria, irmã, e, pelo amor de Deus, não discuta. Os homens detestam quando discutem com eles.

— Aceitarei seu conselho, de coração, Charlotte. Obrigada.

— Abrande seu tom de voz e sempre deixe que o cavalheiro saiba que você está atentamente ouvindo qualquer coisa que ele tenha a dizer.

— Agora vejo em que agi errado todos esses anos. — Ela podia honestamente dizer que raramente ouvia algum homem por mais de um minuto. Com frequência, bem menos tempo que isso.

— E você virá, esta noite, pois pedi um favor para que você fosse convidada, portanto, se você se importar o mínimo com meu bem-estar, pensará na inconveniência para mim. Aqui estou eu, com uma criança a caminho. — Charlotte orgulhosamente olhou para baixo, para si mesma, como se já visse a barriga que só apareceria em alguns meses. — Não acha que eu também preferiria estar fora da sociedade, neste estado delicado? No entanto, passo por isso pelo seu bem.

Ellie se retraiu. — Claro. — Só faltava mais um dia até que ela escapasse para sua paz preciosa na casa da tia, em Sydney

Dovedale. Certamente poderia aturar isso até lá.

A irmã ficou contente com a resposta murmurada e o café foi retomado em silêncio profundo, exceto pelo barulho da faca de Ellie raspando o carvão da torrada. Cada cisco preto voava de seu prato para a toalha da mesa e era observado pelo olhar pertinaz do anfitrião relutante, e provavelmente contado como um ponto contra ela. Quando ela apertou demais a faca, a torrada se partiu em três pedaços, um dos quais saiu rolando pela mesa e aterrissou no colo dele. Ele finalmente se levantou e deixou a sala de jantar sem uma palavra. A cara feia voraz que ele mostrou à esposa dizia tudo.

— Ah... *Ellie!*

Desculpando-se à irmã, ela foi pegar os pedaços da torrada e, ao fazê-lo, bateu a cabeça na mesa, derramando o chá e soltando um palavrão que certamente foi ouvido na cozinha, embaixo.

Capítulo 4



NAQUELA NOITE, JAMES ENTROU em sua carruagem apressado e de mau-humor. A última coisa que esperava ou queria era ver uma pequena silhueta em seu assento, com os pés balançando e os olhos projetados para fora do capuz da capa contornada de pelúcia. Atrás dele, o cocheiro aguardava com uma lamparina acesa em uma das mãos. Quando James chegou para o lado, a luz tremulante da chama passou por um rosto pálido que o encarava, destemido. Poderia se dizer até belicoso.

— Estou fugindo — anunciou a criatura — para Gretna's Greens.

James se sentou pesadamente e estendeu o braço, afastando o capuz para revelar uma cabeleira ruiva reluzente. — É Green — ele corrigiu. — Gretna Green. Não Gretna's Greens.

— Ah. Tem certeza?

— Absoluta.

Ela o encarou como se ele talvez estivesse mentindo para ela deliberadamente.

— E você, lady Mercy Danforthe, vai diretamente para a casa de seu irmão.

— Poderíamos nos casar lá, em Gretna's Greens.

— Se você não tivesse idade para ser minha filha — murmurou ele, contorcendo-se. — E mais irritante que um

formigueiro, em um piquenique. Agora, por gentileza, saia de minha carruagem, mocinha.

— Mas está escuro lá fora. Como vou chegar em casa?

— Do mesmo jeito que veio.

Ela girou os pés nas botas, batendo os bicos no painel lateral da carruagem. — Já mandei minha empregada para casa. Eu disse que ela não precisava ficar.

Se ele não estava enganado, ela estava com farelos de bolo nos cabelos e um borrão de geleia na bochecha. Pelo menos, ela tivera o bom senso de trazer um lanche para a malfadada aventura. Abrindo novamente a porta, ele chamou Grieves, que estava a caminho de volta para casa. O criado deu meia-volta e retornou à carruagem. — Providencie para que lady Mercy seja imediatamente levada em segurança de volta para o conde de Everscham. E diga a ele que ficaríamos gratos se ele se mantivesse mais atento à irmãzinha, no futuro. Se não adiantar, algemas.

— Senhor James Hartley, o senhor está sendo um tanto insensato — exclamou a criança obstinada.

— Sim, eu sei. Sou bom nisso.

Ela arregalou os olhos e conteve uma lágrima que brilhava sob a luz da tocha do empregado. — E terrivelmente cruel.

— Está vendo? Não posso imaginar por que você iria querer desperdiçar seu tempo com um homem como eu. Pode ir. — Ele a pegou por baixo dos braços e girou cuidadosamente em direção aos degraus da carruagem. Quando suas botas tocaram o chão de paralelepípedos, Grieves solenemente a segurou pelo cangote, com o braço esticado, e levou em direção à casa.

James deu um tapinha no teto da carruagem, que deu um solavanco e arrancou. Ele se recostou, melancolicamente pensando em seu infortúnio de ter atraído essa diabinha de cabeleira acobreada. Não era para menos que seu irmão, o conde, a chamava de Tostão Furado. Talvez ele a mandasse para a rua, na esperança de que ela não voltasse. Por herdar esse título tão

jovem, tendo apenas vinte anos, Carver Danforthe estava bem mais interessado na própria diversão do que em ficar vigiando a irmã problemática.

James estava certo de que se ela fosse sua irmã caçula não estaria perambulando pelas ruas de Londres, à noite, e escrevendo cartas de amor com vários corações como pingos dos is. Nem se jogaria em cima de farristas como James Hartley. De fato, pensou ele, uma vez que ele tivesse filhas, elas não teriam permissão para sair de casa até que tivessem vinte anos; depois, somente em sua companhia. Ninguém sabia dos perigos à espreita tão bem quanto ele, é claro.



James parou e encostou o ombro no portal, observando a sala lotada de gente, descartando rostos com desprezo veloz e buscando somente um — o da mulher que ele sabia ser a amante do conde de Bonneville. Seu elo ao colar desaparecido.

Ah! Lá estava ela.

Seu olhar pousou em uma cabeleira escura, de cachos soltos rebeldes. O brilho suave da luz de velas acentuava a curva acima dos seios e o arco do pescoço esguio. Ele reconheceria esses cachos em qualquer lugar, e aquela risada rouca e travessa, que ele sentia até as solas de seus pés. Uma risada que geralmente era à sua custa.

Mariella Vyne.

Ele achou ter ouvido a risada depois de alguns minutos de sua chegada. Os padrões de lady Clegg-Foster só podiam ter caído, ou a idosa querida estava desesperada para animar a festa com alguns fogos de artifício. Então, ele se lembrou de que ambas as irmãs de Ellie Vyne recentemente haviam se casado muito bem — com um barão e um jovem filho de conde, se ele se recordava

corretamente — e, dessa forma, elevaram seu status. Em uma manhã, sua avó tinha lido os anúncios do casamento para ele, durante o café da manhã, em sua última visita à sua casa de Londres e comentado com deboche sobre a ambição conveniente de certas mulheres desesperadas. “Pedigree pela metade”, dizia ela desdenhosamente se referindo às filhas do almirante Vyne e de sua esposa — a palavra, em si, a fez envergar de lado, na cadeira, como se a sala girasse — “*Americana*”.

Aquela noite, a filha escandalosa mais velha papeava amistosamente com uma palmeira em um vaso. James ergueu a sobrancelha, entretido. A palmeira, é claro, não podia responder. Isso explicava tudo. Ela provavelmente também conversaria daquela maneira agradável com ele, se ele não tivesse meio de responder. Contudo, do jeito que era, eles nunca podiam ter uma conversa sem uma briga.

Mariella Vyne foi deixada sem supervisão por muitos anos, safou-se com muita coisa. Agora ela se envolvera com o conde, um homem para arruinar ainda mais sua reputação. Se ainda restasse algo a salvar. Quantas vezes ela havia sido noiva, exatamente? Não importava. Ela não havia levado nenhum de seus noivos a sério. Era de imaginar que ela causava escândalo com seu comportamento apenas para afugentar os homens e escapar do casamento. Ultimamente, sua reputação de ser difícil era bem conhecida e, apesar daquelas curvas tentadoras, homens mais sensíveis mantinham distância. Afinal, sua origem era claramente enevoada. Nada se sabia de seu pai verdadeiro, e a mãe viúva, tirada das ondas do Atlântico pelo almirante Vyne, tinha vindo para a Inglaterra com pouco mais que a roupa do corpo. Ellie nasceu sete meses depois e fora adotada pelo almirante quando ele se casou com sua mãe. Depois de um começo tão incerto, talvez fosse apenas natural que, desde então, sua vida fosse cheia de altos e baixos violentos como as ondas das quais a mãe fora salva. Somente o idoso e viúvo duque de Ardleigh tivera a bravura de

assumi-la, recentemente; depois, olhe o que aconteceu. O pobre sujeito morreu de um ataque do coração. Na cama.

Onde mais? James cautelosamente olhou a mulher com o traje branco enganosamente ingênuo, medindo cada curva traiçoeira. *Enfermeira acompanhante, pois sim!* Todos sabiam o que isso significava.

Agora James a flagrara, com os próprios olhos, na cama do conde — testemunhara seu comportamento impudente e sem nenhum constrangimento.

Referências desiguais, essa é boa! Havia regras neste mundo, e as mulheres deveriam segui-las. Em sua idade, ela deveria saber isso. Obviamente, ela ainda não chegara ao seu momento de maturidade plena. Como ele.

Ele imaginou a voz da avó em seu ouvido: *Olhe para ela! Espreitando atrás das folhagens, pronta para dar o bote em algum sujeito desavisado. Aquela garota é completamente isenta de direção ou orientação. Guarde as minhas palavras, ela ainda vai acabar mal.*

Sua avó o incitaria a ficar bem longe e ele faria isso, não fosse por seus diamantes. Ele se assegurou de que eles eram o único motivo para que ele planejasse se aproximar dela naquela noite. Que outro motivo poderia haver para procurá-la?

Aparentemente, seu amante, o conde, a deixara desacompanhada, mas não podia estar longe. Nenhum homem que pretendesse ter Ellie Vyne deveria deixá-la fora de vista por muito tempo. Ninguém podia saber o que ela poderia fazer em seguida. Essa era uma mulher que, há dez anos, dobrou-se de rir na presença do príncipe regente, quando seu traseiro real subitamente perdeu contato com a cela e despencou no gramado em meio a uma corrida improvisada de cavalos. Nem mesmo a fúria indignada do príncipe, ou os olhares incrédulos dos expectadores, havia silenciado suas gargalhadas, que só aumentaram. O incidente representou o fim da chance para que ela se tornasse uma predileta da realeza, fechando várias portas socialmente. Apesar

disso, ela era uma mulher que atacava a vida com um entusiasmo inquieto e, segundo a avó de James, deveria ter sido exaurida na decoração de boinas e costura de anáguas, ou telas bordadas.

— Os dedos de uma jovem — dizia sua avó sempre que mencionava Mariella Vyne e seus pecados —, mesmo os de uma americana, não cometeriam tanta desordem se estivessem ocupados com uma agulha.

Pessoalmente, James achava um erro dar a Ellie Vyne qualquer coisa afiada ou pontiaguda.

Naquela noite, a maioria das convidadas a esnobava e ela parecia querer estar em qualquer outro lugar. Alguns anos antes, ela teria dançado todas as músicas, mostrando um bocado do tornozelo, e pulando pela sala como uma bola de borracha indiana. Agora, no entanto, ela tentava se misturar ao papel de parede. Por quê?

Algumas cadeiras à esquerda, duas matronas de rosto gélido não se esforçavam para esconder o desprezo, enquanto a observavam, abertamente, da cabeça aos pés. Enquanto isso, ela se espremia atrás da palmeira, quase a derrubando. Outra moça se juntou às duas que estavam sentadas e começou a cochichar por trás do leque, mas de um jeito tão óbvio que o único mistério que permanecia era o paradeiro de suas boas maneiras. Um leve rubor rosado subiu pelas bochechas da senhorita Vyne, embora ela mantivesse um sorriso alegre no rosto e seus olhos tivessem desviado das fofoqueiras, como se não as visse, nem ouvisse. James franziu o rosto.

O jovem Robert Clegg-Forster traçou uma linha reta em direção a ele, atravessando a sala, mas foi freado pela mãe, que subitamente o pegou pela orelha por algum motivo.

Era melhor correr, ou perderia a chance.

James endireitou os ombros e respirou fundo. Era hora de pegar seus diamantes de volta.

E tentar não pensar naquelas pernas malditas.

Contudo, depois de apenas três passos, ele foi interceptado. — James, querido!

Ele mal podia acreditar que Ophelia Southwold se atrevera a abordá-lo, porém era ela e, aparentemente, altinha. Ele reconheceu o olhar vidrado e o tom corado.

— James, espero que você não me culpe pelo colar. Juro que o conde atrevidamente o tirou sem que eu notasse. Tentei ver você nesta manhã, mas seu criado imbecil disse que você estava indisposto.

Seu caminho estava obstruído, ele parou e olhou para baixo, para ela. Embora seu primeiro instinto fosse pegar a mulher pelos braços, erguê-la ao lado e ignorá-la, vinte anos de flerte com belas mulheres, encantá-las e cobri-las de charme já estava enraizado como um mágico que tira pombos da cartola. Naquela noite, ele passou novamente pelas ações. Um sorriso lento, uma inclinada na cabeça, uma queda parcial das pálpebras, enquanto lhe dava uma olhada cuidadosa, apreciadora. — Ophelia, querida, podemos discutir isso depois? Estou com um pouco de pressa.

— Mas James, querido... — ela pousou a mão em sua manga... , o que pode ser mais importante que eu?

Só havia uma saída. — Receio que vou passar mal. Tomei ponche demais.

Ela recuou na hora. — Ah! — Sucesso! Agora ela não estava mais tentando atocaiá-lo, mas o deixou seguir caminho, com um cutucão do leque em suas costas.



Ellie tinha dez anos quando desenhou um bigode elaborado no rosto adormecido de James Hartley. Dezesete anos depois, ela sabia que ele ainda se lembrava do incidente, em especial da humilhação de perambular um dia inteiro sem que ninguém

mencionasse sua estranha aparência. Um crime desses, para um homem com tamanha vaidade, era imperdoável. Até pior que isso, ela era uma Vyne. Desde que seu tio mal-afamado uma vez fugiu com a mãe de James, para um caso adúltero que gerou o escândalo do século, os Hartley não falavam com os Vyne nem reconheciam sua existência, se fosse possível. E vice-versa. Dessa forma, há dezessete anos, a jovem Ellie, com sua gaiata caneta-tinteiro, tinha aborrecido sua família adotiva tanto quanto a dele.

Por muitas vezes, foi-lhe impelido que ficasse longe de James Hartley e desconfiava que ele recebera o mesmo alerta em relação a ela. Todos os bons conselhos e possíveis boas intenções agora eram sumariamente descartados. De novo. Eles simplesmente pareciam não conseguir ficar longe um do outro. Ela o observou aproximar-se com o canto dos olhos.

Em pé, ao lado da palmeira no vaso, ela acabara de ter mais uma vez aquela sensação de estar sendo seguida e espionada. Ela concluiu que só podia ser o efeito dos olhos azuis de Hartley em seus ombros e rapidamente afastou a sensação.

Ele veio abrindo caminho por entre a aglomeração, trombando nela com o ombro, soltou um suspiro cansado e resmungou, sem direção específica. — Você está dançando?

O vinho respingado manchou suas luvas e entranhou até a pele. Ela olhou para cima e imediatamente sentiu um arrepio familiar de irritação. Era realmente odioso que um homem tivesse tanto a seu favor e fosse tudo um desperdício.

Ellie Vyne, ou Ellie foa — Em sua cabeça, ela ouvia novamente as palavras de deboche como se ele as tivesse acabado de dizer, em voz alta. Até o riso ecoava em sua cabeça, como acontecera, todos aqueles anos atrás.

— Parece que estou dançando? — Ela estrilou.

— Você pretende?

— Não fiz planos de dançar ou não.

Ele sorriu levemente. — Talvez você possa decidir agora.

— Por que você quer saber dos meus planos? — Ela bateu os cílios, fingindo ignorância. — Que interesse pode ter para você?

Ele deixou escapar um suspiro pesado. — Você sabe muito bem, Vyne, que estou lhe convidando para dançar.

— Com quem?

— Comigo.

— Bem, você poderia ter dito. É bem simples. Mas você sempre tem de complicar as coisas. Em seu jeito inglês entediante e arrogante, suponho que você tenha presumido que eu estivesse esperando, absolutamente desesperada, que você me perguntasse. — Embora ela tivesse nascido na Inglaterra, Ellie considerava isso um acidente. Ela gostava de pensar em si mesma como americana, como sua mãe.

— Não pretendo ficar aqui discutindo com você por mais cinco minutos, Vyne.

Sem esperar que ela respondesse, James rapidamente tirou o copo vazio de sua mão, deu a um garçom que passava e fez uma rápida reverência, com seu porte altíssimo, para que ela seguisse, juntando-se à fila de casais já reunidos no salão, onde a ausência de móveis facilitava a dança.

— Não posso — ela disse, sentindo calor, ansiosamente observando a segurança de seu copo vazio se afastar.

— Qual é o seu problema? O que você fez agora?

— Não sou eu. É o vestido. — A empregada da irmã tinha se esforçado com o traje, mas alguns instantes atrás uma costura inteira tinha arreventado, embaixo da manga e na lateral do decote. Isso exigia que Ellie ficasse com o braço firmemente junto ao corpo ou deixaria sua combinação à mostra para o salão inteiro. Além disso, meia hora antes, sem querer, ela tinha sentado em um prato de docinhos que deixaram uma mancha em um lugar bem desagradável. Ela estava fazendo o máximo para esconder, sem se movimentar muito. Suas irmãs tinham desaparecido, abandonando-a

assim que chegaram à festa, porém ela estava torcendo para que uma delas a encontrasse para explicar seu apuro e ir embora.

Em vez disso, James apareceu subitamente, depois de todos esses anos, querendo dançar com ela.

Agora, seu olhar intrigado percorria a frente de seu vestido.

Com um gemido baixinho, ela ergueu o braço para mostrar o rasgo. Ele ergueu as sobrancelhas.

— E... — ela virou, mostrando a mancha dos doces que tinha ficado no lindo vestido de musselina branca da irmã.

James analisou seu estado debilitado com muita seriedade.

— Então, está vendo — ela disse —, não posso dançar com você. — Por algum motivo, ela estava perto de cair em prantos. Esse não era seu estilo e ela não tinha desculpas para isso.

— Posso lhe assegurar, Vyne, eu já dancei com mulheres em estado bem pior. Isso é o melhor que você consegue fazer para se esquivar? Sempre imaginei que você teria desculpas muito mais elaboradas e insensatas, já prontas, para me rejeitar.

A ideia de que ele já tivesse sequer pensando em convidá-la para dançar não poderia ter passado pela cabeça de Ellie. Nem em mil anos.

Ele estendeu o braço. — Não vou embora, então é melhor você dançar comigo. Terá terminado antes que você perceba.

— É isso o que dizem quando vão lhe arrancar um dente. — Ainda assim, ela hesitou, já sentindo todos os olhos em sua direção, todos esperando para debochar de alguma coisa nela. Às vezes, ela conseguia superar seu constrangimento; outras, como naquela noite, quando o destino parecia determinado a atuar contra, a coragem de Ellie falhava.

— Você realmente se importa com o que eles pensam, Vyne? Achei que você fosse mais corajosa que isso.

— Isso é fácil para você dizer, Hartley. Você não está com melado de doce no seu traseiro.

— Ah! Mas eu já tive um bigode de tinta, graças a você. — Os olhos dele estavam muito azuis sob a luz de velas. — Então, isso nos deixará quites.

Quites? Aparentemente, ele escolheu esquecer os insultos que lhe fizera tão casualmente por cima do ombro. Isso estava muito longe de quite.

E agora ele vinha tentá-la com dança e Ellie adorava dançar. Até aquele momento, antes do rasgo no vestido, ela aproveitara para dançar com dois parceiros: um garoto com espinhas, meio vesgo, e péssimo dançarino; e um cavalheiro idoso, altamente embriagado, que parecia ter bem mais que duas mãos, e cujo hálito entrava no salão meia hora antes dele. Agora, ela podia ter o prazer de um parceiro bonito — mesmo que arrogante até o último fio de cabelo, e desfrutar dos olhares invejosos das outras mulheres, pois, em suas mentes febris, seu passe aumentou de valor no instante em que esse farrista a percebeu.

Hordas incontáveis de jovens damas esperançosas se espremiavam em festas como aquela apenas para se exibirem para James. Para muitas, sua fama perversa, em vez de alerta, era meramente incentivadora. Garotas ingênuas achavam que podiam assumi-lo, fazê-lo mudar. Viam James como um desafio. Ellie culpava os romances.

— Deixe que todos olhem — ele sussurrou. — Agora terão algo de que vale a pena falar. — Ele sorriu rapidamente para Ellie, o que a surpreendeu ainda mais. — Talvez você até lance uma moda nova.

Ela tomou a decisão de ser ousada. Se James Hartley não se importava que seu vestido estivesse rasgado e que ela tivesse glacê no traseiro, por que ela deveria se importar?

Quando eles se juntaram aos outros casais, não trocaram nem uma palavra. Ela deixaria que ele falasse primeiro. Segundo a experiência de Ellie, nunca havia nada de muito interessante para descobrir de uma conversa com um cavalheiro durante uma dança.

Os assuntos se limitavam ao clima, às condições das estradas ou qualquer coisa fútil vista como inofensiva, sem probabilidade de ofender, mas com garantia de matá-la de tédio. No entanto, dessa vez, ela havia prometido a Charlotte que ouviria.

Falando em suas irmãs... seu olhar desviou casualmente em direção aos convidados e parou nos olhares atônitos das duas, em seus rostos ansiosos, encarando-a do portal da entrada do salão. Seus cachos sacudiam violentamente. Ela pensou ler nos lábios das irmãs *Como sempre* e *Será que ela nunca aprende?* Elas até tentaram sinalizar algo com sacudidas frenéticas do leque, gestos mais apropriados para uma criança malcriada ou um cãozinho travesso. Elas queriam que ela descartasse James, parasse de uma vez de ficar brincando com ele, e que fosse até lá, já. Como se ela o tivesse acabado de arrancar de um buraco escavado no jardim e trazido para dentro de casa.

Ela sorriu para elas. Foi ideia delas fazê-la vir a essa festa, quando ela só queria ficar em casa e observar seus seios de meia-idade continuarem a aumentar.

Então, seu olhar se desviou das irmãs e passou por outro rosto conhecido no meio dos casais que se espremiavam.

Ah, Deus! Lá estava Walter Winthorne, que tivera a honra duvidosa de ter sido seu primeiro noivo. Agora casado com outra, ele geralmente evitava Ellie de um jeito simpático e condescendente que dava a entender que era pelo bem dela. Às vezes, ela se perguntava se ele temia que ela talvez tentasse se ferir com um garfo de ostras simplesmente por ele ter mudado sua afeição para outra mulher nove anos atrás. Naquela noite, quando ele a viu dançando com James Hartley, uma expressão de surpresa, depois irritação, surgiu em seu rosto largo e achatado. Ellie nunca se considerou uma criatura malvada, mas aquela hesitação em seu semblante cheio de si foi um tanto gratificante. Afinal, ela era apenas humana.

Uma observação mais sorradeira e alegre revelou que Winthorne tinha ficado um bocado gordo, não da forma agradável e jovial como acontece com um homem que se aquietou e está desfrutando a vida. Ele estava meio mal, com uma papada caída, sem dúvida produzida pelo desgaste da vida matrimonial, e seus ombros estavam terrivelmente curvos.

Epa, agora ela havia errado o passo.

Seu parceiro se retraiu quando ela deu um pisão forte em seu pé. Finalmente, parando sua inspeção dos outros convidados, James voltou a dirigir-se a ela. — Parece que seu amante sumiu de Londres. Você se livrou dele por ciúme, por ele flertar com a lady Southwold?

Ela sentiu que seu humor negro tinha sido atiçado. Então era por isso que ele estava sendo tão gentil com ela. Tinha intenção de obter informação sobre o conde e pegar seus diamantes de volta. — Como me livrei de meu amante? Qual é a sua teoria? Conte-me.

— Conhecendo-a, é mais provável que você o tenha transformado em sapo.

Ela sabia que ele a mandaria prender em um instante se descobrisse a verdade — que ela se disfarçara de homem, mentira para entrar nos clubes de jogos de Brighton e Bath, e também em Londres, e roubara com habilidade manual que aprendera com apenas seis anos, de seu tio postiço, o tenente Graedon Vyne, que sempre dizia que ela possuía um talento natural para isso.

— Para onde ele foi, Vyne? É melhor você me dizer onde o bandido se esconde com seus furtos.

— Bandido? — Ela exclamou. — O conde tirou aqueles diamantes de sua amante com as próprias mãos?

James não respondeu.

Ela ficou vendo seu maxilar se contrair. — Tem certeza de que isso não é apenas por causa de lady Southwold?

Ele ergueu um dos ombros, preguiçosamente. — Lady Southwold foi uma diversão agradável por um breve tempo. As mulheres vêm e vão. Aprendi algo além de esperar honestidade e fidelidade de qualquer uma.

Ellie estava perplexa com sua franqueza. Embora seu tom fosse casual, seus olhos estampavam tristeza. — Ainda assim, você lhe deu os diamantes.

Ele fez uma careta. — Eu estava em um clima generoso.

Você quer dizer que estava bêbado. — Ela conteve o sorriso, novamente notando a expressão saudosa em seus olhos azuis.

James Hartley estava olhando para ela como um cãozinho abandonado em busca de um lar. Seria assim seu jeito de atrair as mulheres para sua teia? Ela observou cautelosamente seu paletó em vez de voltar a olhar em seus olhos. Outras mulheres talvez fossem enganadas ao simpatizar com um homem desprezível, porém ela não era boba. Com todas as vantagens que tinha na vida, ele não precisava de sua empatia. Ele tentava fazê-la de tola, como fazia com todas aquelas sirigaitas inebriadas que viviam atrás dele. Bem, elas talvez não soubessem quem ele era; ela sabia. Não era nenhuma...

Xiii.

Seus dedos fortes seguravam os dela, apertando demais. Ele não parecia estar bêbado, mas certamente a segurava como se ela fosse um bote salva-vidas em um mar tempestuoso.

No entanto, era estranhamente confortável dançar com o inimigo, mesmo de vestido rasgado e glacê no traseiro. O triste estado de seu traje já não importava agora, que o mais belo libertino da sala lhe dera sua aprovação e, no fim das contas, Ellie se sentia terrivelmente fútil. Como uma mulher cujos atrativos eram apenas o desabrochar tardio, ela deveria ter bom senso.

Durante as notas musicais seguintes, eles ficaram separados, aproximando-se de outro casal, durante a dança. Ela novamente tinha ciência de que as irmãs a astavam observando. Ai, Deus. Ela

arregalou os olhos, implorando solidariedade, erguendo os ombros em um gesto infeliz. *Que escolha eu tive?* Ela diria, depois. *Ele me forçou a isso.* Quando arrancou sua bebida, o que mais ela poderia fazer? Recusar, a esse ponto, seria grosseiro e causaria uma cena ainda maior.

As mãos dele novamente seguraram as dela e eles se juntaram outra vez.

— Pare de me distrair, Vyne — rugiu ele. — O conde. Diga-me onde ele está.

Imaginando o que ela teria feito para ser acusada de “distraí-lo”, Ellie respondeu honestamente. — Eu o mantenho guardado em uma caixa.

Ele suspirou. — Se eu não conseguir esses diamantes de volta, vou deduzir o valor de você.

— Como, exatamente, você propõe fazer isso?

— Tenho algumas ideias.

— Estou intrigada!

— Deve ficar mesmo. — Ele moveu o dedo indicador, flexionando embaixo da palma da mão dela, depois estendeu novamente.

Será que ele estava flertando com ela? Isso parecia incrível demais para acreditar. Ellie decidiu ignorar a carícia astuta de seu dedo e levantou a guarda. — Você tem mais de uma ideia? Cuidado, Hartley. O cérebro de um cavalheiro precisa ser tratado gentilmente e nunca pode ser sobrecarregado. Ele faz pouco exercício. Não vamos querê-lo estressado.

Houve outra pausa enquanto eles se juntavam a outro casal vizinho, depois ele se aproximou para que ela pudesse ouvir e estrilou: — Imagino que o conde tenha lhe dito aquela bela frase quanto a escapar de Madame Guilhotina quando bebê e ir boiando até Dover dentro de um barril. Ou foi no baú de sua enfermeira? Fico surpreso que logo você tenha caído nessa história. Os irmãos Grimm contariam uma história mais convincente.

Ela ergueu a cabeça e sorriu ingenuamente para ele, por causa de todos que observavam e não podiam ouvir a conversa. — Se eu me importasse com sua opinião, Hartley, eu me atrevo a dizer que perguntaria. Mas como não perguntei, sugiro que você poupe seu fôlego. Você nunca sabe quando pode precisar dizer algo que valha a pena. Pode acontecer. Até a um Hartley.

A dança ia chegando ao fim, mas o conjunto continha duas danças e ele não tinha terminado com ela. Horrorizada, ela percebeu que a dança seguinte era uma valsa desafiadora. James apertou seus dedos enluvados em sua pegada de aço e gentilmente pousou a outra mão em sua cintura, deixando-a sem alternativa exceto pousar a mão esquerda no ombro dele. Não havia nada entre eles além de alguns centímetros indecentes de ar. Em algum lugar atrás, ela ouviu os gritos abafados das irmãs e a agitação. Elas queriam que ela arranjasse um marido, mas James Hartley não era material apropriado. Aos olhos delas, ela estava desperdiçando um tempo valioso dançando com aquele fanfarrão. No fim das contas, talvez ela conseguisse fazer que nascessem seus primeiros fios grisalhos nas próximas horas. Os inevitáveis pés de galinha já podiam quase ser ouvidos, rachando em seu rosto.

Entretanto, ali estava ela, dançando com o inimigo.

Perdida em pensamentos, ela observava seu rosto familiar, seus traços indignamente belos. Como será que ele arranjou aquele hematoma no olho? O que tinha aprontado? Ele podia se ferir mais do que já se ferira. Ele deveria deixar a sociedade londrina por um tempo. Respirar ar puro, para variar um pouco. Não que isso fosse da sua conta. Ele nunca acolheu seus conselhos, da mesma maneira que ela os dele. De muitas maneiras eles eram bem parecidos.

— O que foi, agora? — Ele disse, olhando-a fixamente. — Quase consigo ouvir as roldanas girando em sua mente, Vyne. Qual é o próximo truque que traz na manga? Que outras degradações devo sofrer em suas mãos?

Ellie rapidamente abaixou os olhos. Mesmo que ele a tenha salvado de ter ficado de canto, suas aventuras desmedidas não lhe despertavam interesse nenhum. Ela voltou a olhar seu paletó e recompôs os pensamentos, e, mais importante, o seu batimento cardíaco.

Uma voz esganiçada de mulher bruscamente os interrompeu. — James! Vejo que você está se sentindo melhor.

O som de raiva era inequívoco em sua voz, no tom cortante de garras ocultas. Ellie não ousou virar a cabeça, pois conhecia aquela voz. Ainda na noite anterior, ela recebera um colar horrendo dessa mulher em um jogo de cartas. Se Ophelia Southwold a reconhecesse, estaria tudo acabado.

— Obrigado — ela ouviu James responder. — Muito melhor agora.

— Estou vendo!

Mesmo enquanto eles giravam, de acordo com a valsa, Ellie manteve a cabeça virada. Ele deve ter notado que ela estava forçando para se manter de costas para a mulher. — Há algo errado com seu pescoço, Vyne?

— Só uma pequena cãibra — ela murmurou.

Se ela soubesse que aqueles diamantes eram dele jamais os teria aceitado de lady Southwold, por maior que fosse o rombo do telhado de seu padrasto. Ela deveria ter devolvido o colar a James quando ele a seguiu até a hospedagem, mas seu orgulho atrapalhou, misturado a uma ajuda considerável da traquinagem. Ela quase podia ouvir novamente a voz de Charlotte: “Ah, Ellie!”

Como sempre quando ficava ansiosa e irritada consigo mesma, ela encontrava outra pessoa para culpar. — Espero que esse incidente com os diamantes tenha lhe ensinado uma lição, Hartley. Trate as joias da família com mais cuidado e pare de emprestá-las a mulheres que não lhe farão bem.

— E como você sabe o que é bom para mim e para as joias da minha família?

— Receio que tenhamos nos tornado conhecidos demais. — Ela deu uma rápida olhada para cima.

— Hum. — Um sorriso curiosamente incerto surgiu nos lábios dele. — Como um vício do qual não conseguimos nos livrar.

Ela cometeu o erro de olhar novamente nos olhos dele e instantaneamente se arrependeu. Embora nunca tivesse sido alvo de seu charme conhecido, ela já o vira em ação muitas vezes, observava-o deixando as mulheres derretidas, as quais logo abandonava quando já não o divertiam. Ela conhecia todos os estágios de seus flertes bem afiados, embora dessa vez fosse uma sensação diferente, por ser o alvo em vez de uma observadora à parte. Ela estava muito contente porque a dança logo acabaria.

Então, ele se virou e disse: — Mulher infame, você realmente deveria se casar comigo. É melhor o diabo que conhecemos.

Capítulo 5



ELA REAGIU COMO SE ele tivesse acabado de lhe dar um beliscão no traseiro. — Não seja ridículo. Que ideia absolutamente abominável.

— Alguém tem de transformá-la em uma mulher honesta.

— Você roeu suas amarras, Hartley? Ouvi dizer que o pessoal do hospício estava procurando um paciente sumido.

— Minha avó me assegura que está na hora de me casar. Quanto a você, Vyne, os anos estão passando e você claramente precisa da disciplina que somente um marido pode lhe dar.

— E como um marido faria isso?

Ele limpou a garganta, mas não o bastante. Suas palavras seguintes saíram como um rugido rouco. — Dando-lhe umas belas palmadas.

Ele pensou novamente em suas pernas e no toque acetinado da curva aquecida acima do quadril, sob a palma de sua mão, os pelos macios da feminilidade pressionados ao músculo rijo de sua coxa enquanto ele a segurava no colo, para umas palmadas, há muito devidas. Isso chocaria a expressão presunçosa, eliminando-a de seu rosto. Ele gostava da ideia de chocar Ellie Vyne. Ele sentiu que ela não se chocava facilmente, e assim deveria ser. Se fosse pela vontade dele, seria com frequência.

— Então, sou a melhor opção que você pôde arranjar? — Ela exclamou. — Está tão desesperado assim?

— Para sua informação, Vyne, recebo propostas com frequência.

— De casamento ou para você colocar a cabeça na água fervendo?

— Ainda nesta noite, tive uma jovem muito determinada a seguir como passageira clandestina em minha carruagem, decidida a me levar para Gretna Green, onde ela sem dúvida tinha coisas muito sinistras em mente para mim.

Ela riu, um som provocante que novamente o sacudiu até os pés. A essa altura, ele já deveria ter se acostumado, mas, de alguma forma, nunca estava pronto para o efeito que isso lhe provocava. Cada vez que ele ouvia era como a primeira. — Então, você perdeu sua chance com ela. Eu não iria a Gretna Green com você. Nem por todo o chá da China.

— Suas irmãs caçulas se casaram antes de você — ele persistiu. — Você certamente está ansiosa para se casar antes que seja tarde demais.

Os olhos dela cintilaram com uma súbita chama incendiária. — Tarde demais para quê? Sou mais nova que você, Hartley. Dez anos mais nova. Tarde demais, pois sim! — Se ele não estava muito enganado, suas palavras atingiram um ponto fraco. Interessante.

— Os homens podem esperar — disse ele. — As mulheres têm um número limitado de anos antes de perderem o viço. Não que eu esteja dizendo que você já teve algum. Em um dia ruim, quando você emburra, fica parecendo o próprio diabo.

Ela fez uma cara feia, instantaneamente provando que ele estava certo tanto em sua afirmação quanto no palpite anterior.

— É com seu comportamento escandaloso, quem mais a teria? — Acrescentou ele, apertando os lábios, esforçando-se para não rir de sua expressão. — Eu, claro, estou acostumado à sua língua

ferina. Não há nem um centímetro em mim que você não tenha ferido. Isso me deixa imune.

— *Eu feri você?*

— É claro. Você nega...?

— Não quero me casar — ela estrilou. — Gosto da minha vida do jeito que é, desimpedida. Não consigo imaginar abrir espaço para um homem agora.

— E quanto ao conde? Você não abre espaço para ele?

Ela engoliu rapidamente. — Ele é livre para ir e vir, como lhe apraz. Assim como eu. Um marido é uma inconveniência permanente. Prefiro muito mais ver um homem ocasionalmente, quando ele está de bom humor. Então, quando ele está doente, resfriado e infeliz, eu o mando para casa novamente, com um conselho amistoso para evitar golpes de vento, e ele já não é mais minha responsabilidade.

Ela possuía um tom bem satírico e se ele não estava errado havia um sorriso querendo surgir nos cantos de sua boca. Ela ficava tentando evitar, determinada a irritá-lo, mas o meio sorriso estava igualmente decidido a se soltar, sinistramente, à sua custa. Ele só tivera a intenção de provocá-la com a proposta de casamento. Sabendo como tinha aversão a ligações mais longas — aquela sequência de breves noivados, nos quais ela entrou com pressa igual, já era prova suficiente. No entanto, agora que ele havia iniciado o assunto com ela, realmente começava a parecer... possível.

Talvez fosse o calor da sala, o aroma inebriante de seu perfume, a expressão travessa de seu meio sorriso engraçado.

Hum. Seu sorriso. Ele já o vira muitas vezes ao longo do tempo em que se conheciam, mas havia algo diferente naquela noite. Algo que cutucava sua memória insistentemente.

Seus lábios eram muito bonitos. Era o tipo de lábios que fazia um homem ficar olhando, imaginando que gosto tinha.

— Há pelo menos meia dúzia de mulheres aqui, esta noite, que são mais apropriadas do que eu — asseguraram firmemente aqueles lábios travessos.

— Ah, é?

— Lady Southwold. Não era ela agora mesmo?

— Sim, era ela, e não, eu não vou me casar com ela.

— Por que não?

— Você mesma disse, ela é uma sirigaita não confiável. Fazendo investidas em seu amante. Não foi isso que me disse?

As sobrancelhas dela se ergueram e ele novamente se deleitou com o calor de seu olhar. — Sim.

— Então, ela não é certa para mim. — Ele deixou que a mão deslizasse ligeiramente para baixo, em sua coluna. Se ela notou, guardou para si mesma. Ele abriu os dedos sobre a musselina macia, já com um sentimento de posse. Em todos os anos que se conheciam, ele não se lembrava de que seus olhos tivessem aquela cor. Onde ela teria guardado aqueles olhos por todos esses anos? Escondidos, deliberadamente.

Ela acabou desviando o olhar e observando a sala por cima do ombro dele. — Aquela mulher, perto da vasilha de ponche. Senhorita Clarke, acho que é seu nome. Já a conhece?

— Não. — Ele nem olhou, estava ocupado demais tentando pensar, vasculhando a memória. O que será que aqueles lábios e aqueles olhos tentavam dizer, mas não diziam?

— Ouvi dizer que ela é muito boa e jamais lhe causaria problema.

Ele finalmente seguiu seu olhar. — Alta e magra demais. E nervosa.

— Nervosa? Se não a conhece, como pode...?

— Ela tira as sobrancelhas quase inteiras e suas clavículas são tão evidentes que só posso imaginar que, se come alguma coisa, a comida nem tem chance de colar em seus ossos.

Ela suspirou. — E tem a bela senhorita Wilson, que conversa com a mãe. Ali, perto do pedestal com a urna grega.

— Urna grega? É isso? Achei que fosse algum tipo de cafeteira.

— Preste atenção, Hartley! A jovem ao lado...

— *Pedestal* — murmurou ele. — Essa não é uma palavra esplêndida? Pedestal.

— James Hartley, nós estamos falando da senhorita Jane Wilson.

Ele a girou em um rodopio apertado. — Ela tem os pés grandes demais. E a língua presa.

— Bem, então e quanto à filha de lady Clegg-Foster? Não me lembro de seu nome, porém ela é a coisa mais graciosa e canta como uma cotovia, segundo me disseram.

Ele também faria os lábios de Ellie Vyne cantarem, pensou ele, se tivesse meia chance. — O nome da jovem é Rosalind. Ela rói os dedos.

— Você quer dizer as unhas.

— Não. Ela rói os dedos. Já vi as cicatrizes. Só Deus sabe o que ela faria com um marido depois que não tiver mais digitais. — Ele sorriu.

Parecia que ela ainda estava decidida a não sorrir abertamente para ele. — E a sobrinha de lady Aynsbury, de vestido amarelo?

— Não gosta de cães, nem de cavalos.

— A senhorita Walters, com plumas nos cabelos?

— Come de boca aberta.

— Senhorita Gordon. Agora, o que você poderia encontrar de errado com aquela coisinha meiga?

— É pequenina demais. E doce demais.

Ela bufou irritada. — Você é meticuloso demais!

— Não estou surpreso que você tenha rompido tantos noivados, Vyne, se escolhe seus homens com a mesma negligência com que espera que eu encontre uma esposa.

Claro que ele sabia que ela possuía um gosto questionável. Uma onda de raiva o tomou violentamente, mesmo em meio à conversa animada que estavam tendo. Ele não conseguia imaginar o que a atraía àquele pilantra Bonneville, mas ele não tinha reparado muito na aparência do homem. Ele só vira o sujeito a distância e notou um bufão cheio de babados, um narizinho e um queixo inadequado. O conde arrebatou um bocado de seguidores, em Bath, no ano passado, e em Londres, com admiradores de ambos os sexos. Desde que Beau Brummell partiu para Calais, fugindo de suas dívidas, o cordeiro desmiolado precisava de alguém novo para seguir. No entanto, a tal Vyne, que não tinha um pingão de juízo, sempre lhe pareceu o tipo que não se impressionaria com o afeminado vestido de cetim.

Esse vestido era decotado demais.

E ficava interrompendo seus malditos pensamentos. Aqueles montinhos de encher a mão, subindo e descendo a cada vez que ela respirava, atraíam sua imaginação rumo a um território perigoso. Ele imaginou que fosse proposital, para que depois ela pudesse fingir afronta e repreendê-lo por olhar. As mulheres eram traiçoeiras, nesse sentido. Griefes o lembraria que os homens são fantoches de suas maquinações.

— São quinze — disse ela, subitamente.

Confuso, ele desviou os olhos para seu rosto. — Como?

— São quinze botões de rosa de seda em miniatura costurados ao redor do meu decote, Hartley. Vejo que você está interessado na contagem, já que os observou diretamente pelos últimos cinco minutos. Está realmente pretendendo criar um escândalo nesta noite.

Claro, eles causavam uma boa consternação só por dançarem juntos — a ex-amante do duque de Ardleigh, uma mulher franca, com fama de insultar a realeza e incontáveis noivados rompidos, e o homem que diziam manter uma companhia diferente a cada

noite da semana. Aos olhos do mundo, eles eram dois personagens notórios com pouca esperança de redenção.

Também eram duas pessoas que não precisavam fingir uma para a outra. Ela conhecia todos os seus piores traços e ele os dela. Todos os seus gracejos tinham se tornado rotineiros ao longo dos anos. Como os soldados de torrada para seu ovo quente.

— Deveria haver dezesseis botões — acrescentou ela, pensativa —, mas um deles caiu na carruagem de minha irmã, a caminho daqui. Culpa minha, porque eu estava brincando com uma linha solta, por não ter o que fazer com os dedos.

Hum. Algo para se manter em mente. Manter os dedos dela ocupados.

— Estava escuro demais para enxergar onde caiu e, de qualquer maneira, eu não tinha agulha para costurá-lo. Tenho certeza de que você notou o fio pendurado, Hartley.

Na verdade, ele não tinha notado a falta do botão, mas agora que ela mencionou ele teve de olhar e contá-los novamente. Seu olhar se demorou sobre suas curvas generosas. E a forma instigante como subiam e desciam.

— Não sei como as outras moças conseguem manter seus vestidos tão bem conservados — ela murmurou. — Até o fim da noite, costumo ter sorte se todos os fechos estão no lugar e sempre há, sem dúvida, mais de uma mancha.

James sacudiu a cabeça sério. — Vyne, alguém precisa cuidar de você.

— Atrevo-me a perguntar, quem se aventuraria nessa função?

Ele disfarçadamente chegou mais perto, segurando-lhe a cintura com ainda mais firmeza. — Eu.

— Você, Hartley? — Ele sentiu o riso estremecer o corpo dela. — Acho que seria bem chocante vê-lo dedicando suas energias e seu tempo a algo que valesse a pena, para variar.

— O que quer dizer?

— Parece que você tem horas livres excessivas em seu dia e sua noite, o que, para um cavalheiro de sua classe, só pode trazer problemas. Depois de determinado número de anos passados da mesma forma, deve ficar um tanto cansativo para uma pessoa de bom senso e de posse dos quatro membros. Sempre fiquei admirada, imaginando como você consegue não fazer nada o dia todo.

Ela naturalmente não tinha consciência de seu esforço para mudar. Por mais tentador que fosse corrigi-la, ele preferiu não fazê-lo. O novo e melhorado James Hartley até então era um trabalho em andamento. Ele ainda não estava pronto para que essa sirigaita de língua afiada o julgasse. Aproximou-se mais e inalou seu perfume suave. Lavanda e... seria amêndoa?

— Pare com isso — ela murmurou.

Ele a estava deixando nervosa. Que bom. — Está preocupada que o conde possa criar objeção, caso nos veja juntos? Talvez ele saia de seu esconderijo e me desafie para um duelo. Isso se ele ligar para você, é claro. Você é provavelmente apenas mais uma conquista para ele.

— Como qualquer mulher é para você.

— Não acredite em tudo que ouve. E não acredite em tudo que aquele vilão chamado conde lhe diz. Imagino que ele a tenha seduzido com lisonjas para afagar sua vaidade e agora você imagina que o conhece muito bem.

— Ah, mas eu conheço! Ele e eu temos uma ligação muito estreita. Somos quase inseparáveis.

Seu humor ficou novamente sombrio. Ele levou um instante antes que conseguisse falar. Ele tristemente tinha testemunhado muitos dos relacionamentos dela com homens. Eram sempre casuais, de breve duração. O que tornava esse tão diferente? — Então, onde está ele, esta noite? — Ele finalmente conseguiu perguntar.

— Não posso lhe dizer isso. Jamais o trairei.

Os olhos de tom profundamente violeta o observavam. Havia um brilho, bom ou mau, ele não conseguia determinar. Será que ela estava novamente rindo dele, ou simplesmente presunçosa por seu caso de amor? Uma onda de ciúme o fisgou, como um chicote.

Ele a rodopiava mais depressa pelo salão. — Então, vou mantê-la para pedir resgate, Vyne — ele rugiu, observando um cacho solto ao lado de seu rosto. — Se o conde continuar a se esconder de mim, vou pegar a compensação daqueles diamantes de você. — *Deixe-a tonta; faça com que ela continue girando em seus braços, então não poderá fugir. Ela não pode partir até que eu tenha me lembrado do que ela está tentando esconder de mim.*

— Achei que você havia dito que eles eram inestimáveis. O que eu poderia lhe dar para compensar?

— Tenho certeza de que você e eu podemos achar algum... acordo. — Eles estavam se movendo depressa demais, dançando perto demais. Ele não ligava.

Rindo baixinho, ela olhou-o outra vez, e as pequenas pérolas em suas orelhas brilhavam como pequenas luas em meio à sua bela cabeleira castanha. — Quando você encontrará tempo? Certamente, sua semana tem a agenda cheia com *acordos* semelhantes.

Naturalmente, ela acreditava em todas as mentiras, todas as coisas ruins que falavam dele. Em um minuto, ela faria aquele beicinho superior.

Ele ficou olhando seu brinco, depois novamente os seus lábios. Por um instante, pareceu que eles tinham parado de dançar e o salão se movia ao redor deles, girando em um ritmo esbaforido. Como se ele estivesse bêbado.

Brighton.

Mas, como podia ser...?

Ele ficou olhando. Os lábios dela se moviam enquanto ela debochava dele com seu fervor habitual, mas ele não conseguia

ouvir uma palavra porque seu coração batia ruidosamente em seus ouvidos.

Talvez não fosse ela. Ele se agarrou à sua tênue esperança, mas depois ela ergueu novamente os cílios, e o brilho secreto em seus olhos eram familiares demais. Tocavam-no na alma, fervilhando seu sangue.

Eu encontrei você!

Mulher canalha! Como se atreve a fazer isso com ele? Que seja ela, seu castigo merecido, logo ela.

Com um esforço enorme, ele acalmou a voz, equilibrando-a. — Imagino que não acreditaria em mim se eu lhe dissesse que pretendo mudar meu jeito.

Os olhos dela cintilaram com mais alegria. Ela estava gostando dessa dança escandalosa, obviamente, embora jamais fosse admitir.

— Está se divertindo, Vyne, com a ideia da minha mudança?

— Será que um libertino mudado deve segurar uma mulher desse jeito e dançar de forma tão obscenamente próxima?

— Com uma mulher, ele pode. A mulher por quem ele está disposto a abrir mão de todas as outras.

Ela desviou, olhando para os outros dançarinos. — Bem, imagino que agradar tantas moças deve se tornar cansativo em sua idade, Hartley. Mas tenho fé em você — ela deu um tapinha no ombro dele — não vá decepcioná-las.

Parecia inútil. Ela nunca ouvia. Por isso, ele simplesmente teria de mostrar a ela. — Decidi concentrar todos os meus esforços em apenas uma, Vyne. — Ela ergueu uma sobrancelha e abriu os lábios, mas antes que pudesse falar novamente ele acrescentou: — Você serve.

Ela fechou os lábios apertados, mas a paz durou pouco. Quando falou novamente, foi para lançar farpas e feri-lo. — Você me acha menos cansativa? É melhor continuar com seus acordos e eu continuo com o conde.

Outra onda de calor despontou dentro de James Hartley, dessa vez uma chama rebelde há muito reprimida. Agora havia sido libertada e disparava loucamente. De alguma forma, ela havia aberto uma fresta em suas barreiras cautelosamente erguidas com aqueles dedos que, segundo sua avó, precisavam de ocupações de uma dama para mantê-los trabalhando. Dedos que ela acabara de confessar lhe traziam problemas quando estavam à toa.

Ciente de que eles eram o foco de quase todos os olhares do salão, ele se inclinou à frente e sussurrou em seu ouvido: — Diga-me onde está o conde, ou vou atraí-lo para fora com quaisquer meios que estejam à minha disposição. — Ela recuou. Ele a segurou com mais força, como se ela quisesse escapar.

Contudo, suas luvas eram grandes demais e deixavam sua mão escorregadia, difícil de segurar.

— De uma vez por todas, acredite em minha palavra, Hartley — ela exclamou, ofegante. — Você jamais encontrará o conde e não vai atraí-lo me usando, fingindo flertar comigo.

— Bem, se você não deu um sumiço no francês, garanto que ele não foi muito longe.

— O que o faz dizer isso? — Os olhos dela ficaram sombrios quando ele se inclinou para cima dela.

— Porque eu não a deixaria sem proteção, madame.

A luz dançava e girava sobre o formato delicado de seu rosto, refletindo nas pequenas pérolas em suas orelhas. Tomado pelo anseio de saboreá-la, ele abaixou os lábios até quase tocar a ponta do nariz dela. — E eu não ficaria por perto para ver outro homem fazer isso.

Diante de todos os outros convidados, ele decidiu beijar a inimiga, amante de outro homem, diretamente em seus lábios briguentos.

Assim como as palmadas, isso também já devia ter sido feito há muito tempo.

Ele já podia quase sentir o gosto de seus lábios. Naquele momento, ele se esqueceu completamente de onde estava e da presença de outras pessoas. Entretanto, ela, aparentemente, não. Recuando a mão trêmula da dele, ela irrompeu em meio à multidão, deixando-o segurando sua luva vazia. Ligeiramente aturdido, ele percebeu que não deveria tê-la deixado saber suas intenções. Jamais se dá um alerta a uma mulher como aquela.

Capítulo 6



ELA PASSOU CAMBALEANDO POR um bando de convidados boquiabertos — alguns, esforçando-se para fingir não ter visto nada — e percorreu um corredor iluminado por velas até encontrar uma biblioteca. Abrigou-se ali e, esquecendo-se do glacê em seu vestido, ela despencou no sofá ao lado de uma lareira cujo fogo queimava baixinho. Logo sentiu o frio e molhado da mancha passando pelo tecido até a roupa íntima. Xingando baixinho, ela olhou ao redor da sala em busca de algo para limpar a sujeira que tinha feito. Havia várias almofadas, porém, tinha certeza de que os Clegg-Foster não iam gostar de ter nenhuma delas manchada de glacê, assim como não gostariam de ver seu sofá de couro manchado.

Então, agora, era melhor que ela simplesmente ficasse ali sentada, sem se mexer, pois só arranjaria mais problemas. As irmãs certamente viriam procurá-la e ela poderia pedir a uma delas que fosse buscar seu casaco. Enquanto isso, ela esperou que sua pulsação se estabilizasse e lamentou a luva perdida. Charlotte não ficaria contente. Aquelas luvas lhe pertenciam e ela as emprestara sob severas condições. Assim como o vestido.

Uma rajada gélida de vento passou em seus tornozelos. Um carvão caiu na lareira e o coração de Ellie deu um pulo. Mantendo a cabeça totalmente imóvel, olhou de lado, para um

canto particularmente escuro. Ela podia jurar que houve um movimento. Talvez uma cortina esvoaçante? Seus dedos se curvaram em volta do leque, em seu colo. Tinha alguém ali, respirando, observando. Ela estava novamente sendo seguida.

Ellie não conseguia se mexer. Seus membros estavam paralisados, o coração havia parado.

Algo rangeu atrás dela. Ela fechou os olhos e os apertou, ficando na expectativa. Talvez esse espião, quem quer que fosse, soubesse da vida dupla que ela estava levando. Agora ele a flagrara. A verdade viria à tona. Quando ela fosse exposta, aqueles que haviam perdido dinheiro para o “conde” viriam sedentos de sangue. Ela havia se afundado para sempre e prejudicado a família que tentava ajudar. *É isso o que acontece quando se leva uma vida dupla*, ela pensou, angustiada. Mais cedo ou mais tarde, esses dois mundos colidiriam. Se ela ao menos tivesse desistido do disfarce antes, parasse enquanto estava em vantagem. Entretanto, em vez disso, sempre havia mais um jogo, outro ganho irresistível. Ela percebia que isso se tornara uma doença. E, no papel do conde, ela podia se safar com um bocado, muito mais do que jamais poderia como a simples...

— Mariella... Senhorita Vyne... aí está você!

Ela abriu os olhos rapidamente e exalou ofegante. Era Walter Winthorne, o capitão Winthorne, como agora era chamado, ela logo se lembrou. Ele entrou na sala pouco iluminada, aparentemente pretendendo estragar seus devaneios solitários, sem que ela tivesse dado o menor incentivo.

No canto escuro, do outro lado da sala, estava tudo imóvel. Será que ela tinha imaginado aquela outra presença? Talvez a cortina tivesse se mexido com o vento. Sim, era só isso. Uma brisa. Como era tola!

— Fico feliz em vê-la tão bem, senhorita Vyne — disse o capitão Winthorne, contornando o sofá e entrando em seu ângulo de visão. Ela imaginou que ele esperasse vê-la largada em um

canto, aos prantos, sem conseguir controlar as lágrimas porque ele a descartara, nove anos antes, para ficar com outra mulher. Logo Clara Shackelford. Uma criatura que tinha a densidade, a perspicácia e a conversa de um pudim insosso. Um pudim insosso muito rico.

— Capitão Winthorne, é sempre um prazer.

Ele deu uma olhada no espaço do sofá, ao seu lado, porém ela não o convidou para sentar-se. Em vez disso, abriu o leque e se abanou violentamente, reclamando do calor da festa.

— Você perdeu sua luva.

Ela olhou para baixo, como se tivesse acabado de notar.

— Eu a vi dançando com Hartley. — Com uma das mãos, ele remexia nos botões de seu casaco. Eles cintilavam sob a luz da lareira, sob pressão para segurar sua cintura estufada.

Dançando? Foi tudo que ele viu? O que ela podia estar pensando ao deixar que James Hartley flertasse com ela? E o que ele podia estar pensando ao tentar beijá-la em um salão de baile lotado?

Ah, mas havia Brighton. Ela não podia se esquecer disso — um beijo impulsivo tirado de um homem que não a reconhecera. O cheiro de gardêneas, a noite quente de verão, sob o céu de veludo estrelado, e James disfarçado de bandido mascarado. Um encontro furtivo que a perturbara todos aqueles meses. Ela sabia que beijá-lo havia sido um erro terrível. Como pôde fazer isso? O que estava esperando ganhar com isso?

Tristemente, ela sabia a resposta. Em algum lugar tolo de seu ser, ela esperou ser uma vingança. Que ele subitamente abrisse os olhos e a notasse, sem ver seu maior defeito naquele momento. Então, ele lamentaria por tê-la desprezado.

Ora, senhorita Vyne, você é linda! Como eu estava errado. Pode me perdoar?

Rá!

Naquela noite, em Brighton, ela só podia estar sofrendo de alguma loucura temporária, pois sabia que era impossível fazê-lo sentir algo como arrependimento. Ele era fútil ao extremo, arrogante e supostamente ainda apaixonado pela mulher que o dispensara duas vezes — Sophie Valentine, boa amiga de Ellie.

Por pelo menos dezessete anos, ele tinha sido apaixonado por Sophie. Ele brincava com outras, entregava-se aos prazeres da juventude, mas seu coração sempre foi reservado para ela. Aquela que acabou por deixá-lo por outro homem, exatamente o que Ellie poderia ter lhe contado que aconteceria se ele algum dia tivesse pedido sua opinião. Quanto a Ellie, ele nunca a olhou direito, jamais a considerou algo além de aborrecimento.

Agora ele a pedira em casamento. Era incrível! Sem dúvida, ele achava tudo muito divertido. Como era, de fato. Sua barriga doía de tanto rir.

Ainda assim... um dia, esse tolo teria de se casar. Era inevitável. Ele precisava de um herdeiro. Então, uma vez que tivesse uma esposa, eles nunca mais poderiam discutir novamente. Ellie nunca mais poderia chamá-lo de bobo alegre, e ele não poderia lembrá-la de que ela era a mulher mais impertinente e briguenta do mundo.

Ela percebeu que nada seria igual sem Hartley resmungando atrás dela. E sem seus insultos para evitar que ele fosse um cabeçudo, seu futuro parecia destinado a cartolas cada vez maiores. Ele se casaria com uma criatura tola, admirada demais com ele, para colocá-lo em seu lugar. Exatamente como Walter Winthorne fez.

Ah, sim, Walter...

— Diante de nossa prévia associação, sinto-me na incumbência de lembrá-la, Mariella, que James Hartley é um grande malandro.

Ela abaixou o leque. — Diante de nossa prévia associação?

Ele nem ficou vermelho de vergonha; apenas o sacolejo da nova papada, um leve tremular das narinas e ele se levantou, com

as mãos atrás das costas. Ela receava que um de seus botões brilhosos logo cedesse e saísse voando, cegando um de seus olhos. — Ainda sinto alguma responsabilidade em relação a você e detesto vê-la cometer um engano tão terrível.

Outro engano terrível, ela pensou. Algo relacionado com deixar que um homem fizesse amor com ela antes que ele mudasse de ideia e preferisse se casar com outra mulher, uma herdeira de dezesseis anos sem nenhum discernimento?

— Não tema, capitão. Qualquer erro será somente meu. Sempre é. Não sou do tipo que culpa nenhuma outra pessoa, independentemente do que acontecer.

Ele ficou olhando para ela, projetando o lábio inferior. — Por que dançar com Hartley? Você sabe como ele trata as mulheres. Ele nunca tem algo agradável para dizer sobre você. O homem é um salafrário declarado!

Olha quem fala.

— Eu a conheço há muitos anos, Mariella. E só porque me casei com outra não significa que ficarei olhando, enquanto você é usada. — Tempos atrás, ele tinha os olhos claros e acinzentados; agora estavam opacos, a parte branca pontilhada de vermelho. Quando jovem, ele era vivaz, sempre ativo, cheio de bom humor e perspicácia. Agora ele se movia meio se arrastando, seu pescoço estava rijo, a respiração era pesada. — Fico surpreso com suas irmãs, que permitem que você dance com um malandro como Hartley. Elas certamente estão ansiosas para salvar sua reputação antes que seja irremediavelmente perdida.

— Ops, tarde demais.

— Não seja impertinente, Mariella.

Ao olhar acima, para o rosto inchado do capitão Winthorne enquanto ele resmungava sobre mulheres que se desviavam do caminho e medidas severas para trazê-las de volta, ela se sentiu tomada de raiva. Esse era o hipócrita que tirou sua virgindade, uma tarde, no roseiral de seu padrasto. Na época, ele teve a

audácia de achar que era sua de direito, já que eles estavam noivos. Depois de algumas semanas, porém, ele desviou sua atenção a outra mulher.

Ela sentiu um forte ímpeto de chutar-lhe o saco e cravar os dentes em seus joelhos.

Mas teve uma ideia melhor. Ela sorriu, na expectativa. — Mas vou me casar com James Hartley. Você não sabia?

Ela achou que ele fosse explodir. Seu rosto ficou rosa-shocking e estufado. — Casar? *Com ele?* Hartley?

— Ah, sim.

— Você não pode estar apaixonada por ele, e ele não tem consideração nenhuma por você. Ele é apaixonado por outra mulher — faz anos que é. Ouvei dizer que ainda arrasta um trem por Sophie Valentine, mesmo agora que ela tem marido.

Ter esse fato jogado na cara foi a gota-d'água. — Ah, mas há outras coisas mais importantes e práticas a considerar no casamento. — Ela rapidamente se levantou, segurando o leque com as duas mãos. — Como você me disse uma vez, Walter, nem sempre se pode casar com aquele que se ama. Deve-se levar em conta o futuro e a situação financeira, e não ser distraído pelo amor.

Nove anos antes, ele declarou essas palavras para ela ao descobrir o verdadeiro estado das finanças de seu padrasto e terminou o noivado. Agora, ela jogava as palavras de volta. O capitão Winthorne não sabia para onde olhar. Entretanto, estava zangado. As veias pulsavam em sua sobrancelha brilhosa.

Excelente. Essa festa antes tão enfadonha, onde a única conversa que valia a pena era com uma palmeira plantada, tinha ficado um tanto inspiradora.

Um grito súbito interrompeu a conversa. — Vyne! Você está aqui? — James Hartley surgiu na porta da biblioteca, agitando a luva dela e gritando seu nome como se estivesse chamando um cão. — Vyne!

— *Jim* — ela exclamou. — Você achou minha luva! — Ela nunca ficara tão satisfeita ao ver o patife, e seus sentimentos estavam tão embaralhados que ela não teve tempo de esconder o alívio.

Um lampejo de incerteza passou em seu rosto quando ele viu sua expressão ávida e ouviu aquele tom acolhedor improvável. Então, seus olhos se ajustaram à luz fraca da lareira e ele deve ter visto Winthorne em pé, ao lado dela. Em um segundo, ele atravessou a sala.

— Conhece o capitão Winthorne?

— É claro. — Ele jogou a luva perdida para ela. — Winthorne. Eles o deixaram entrar? Parece que o nível deve, mesmo, estar caindo.

O capitão se empertigou, novamente inflado de ar quente pomposo. — O que você está aprontando com essa moça?

— Muitas coisas — respondeu James. — Todas extremamente escandalosas. Nenhuma delas é de sua conta.

Ellie conteve uma risada, contraindo os lábios. James era um misto de garotinho travesso e rabugento, velho dando sermão, mas quando seu senso de humor malicioso irrompia, em meio à formalidade, ele era uma companhia quase tolerável. Para um Hartley. Ela supunha que o tom brincalhão fazia parte do James que um dia atraíu sua querida amiga Sophie. Aos olhos dele, Ellie, sendo uma pessoa tão insignificante e indigna, raramente presenciava esse seu lado. Em vez disso, ela geralmente via o lado reprovável, o lado instruído por várias gerações de Hartleys, que olhava de cima a baixo qualquer pessoa menos afortunada.

— Ela está me dizendo que pretende se casar com você — Winthorne estrilou. — Não pode ser verdade.

Ela? A gata da vizinha, talvez.

James desviou o olhar para ela. A gata da vizinha conseguiu dar um sorriso tenso.

— Receio que seja — ele murmurou, pensativo. — Parece que a senhorita Vyne... me aceitou.

Ela estava ocupada remexendo na luva recuperada, dando um nó na luva, sem conseguir olhá-lo nos olhos.

— Você não pode ter boa intenção com a senhorita Vyne. É óbvio que você não tem intenções sérias em relação a ela.

— É?

— Não pense em brincar com ela, como você faz com outras mulheres. Apesar de um temperamento genioso e da ausência de supervisão paternal, ela não é isenta de amigos.

Ellie conteve outra gargalhada e rapidamente voltou a abrir o leque, para abaná-lo de maneira frenética diante dos lábios.

Com as mãos para trás das costas, James inclinou-se à frente. — Eu me pergunto o que está fazendo aqui, de gracejos com minha noiva, Winthorne, enquanto sua esposa está procurando por você lá fora. Na verdade, ela o procura bem ruidosamente. Ela soltou toda a cera dos meus ouvidos.

Com os botões prontos para estourar, o rosto vermelho como fogo, lábios trêmulos, Walter deu uma última olhada para Ellie e saiu como um raio. Os passos pesados foram sumindo no corredor.

Agora a sala estava novamente silenciosa, exceto pelo crepitar do carvão na lareira. James a observava cauteloso, ainda com as mãos para trás, claramente esperando que ela falasse primeiro.

— Ele e eu fomos noivos, um dia — ela murmurou.

— Sim. Eu sei. Outro de seus erros.

— Ele terminou ao cair em si do quanto eu seria problemática. Descoberta bem parecida com a de minha amiga Sophie antes de dispensar você.

Ele ergueu a sobrelanceira esquerda — sempre uma criatura inquieta. Ellie novamente desviou o olhar e, em silêncio, xingou a si mesma por mencionar aquilo. Ah, por que seu primeiro instinto era sempre agredi-lo? Ela não teve a intenção de magoar e se arrependeu profundamente no mesmo instante em que falou.

Contudo, não conseguia se conter com ele. Ela sentia que tinha de atacar antes que ele fizesse o mesmo com ela.

Ela suspirou cansada e seus ombros caíram. — Olhe para nós. Formamos um par e tanto. Você, com seu olho roxo, e eu, com glacê no meu traseiro.

— Sim. Acho que é melhor que eu me case com você antes que se meta em outra confusão. Ou sente em mais glacê. — A luz tremulante da lareira revelou um breve sorriso. Ela não teria visto se não tivesse virado para olhar o rosto dele naquele exato segundo em que aconteceu. Ele se retraiu e tocou o hematoma embaixo do olho, como se doesse para sorrir.

— Não se preocupe, Hartley. Eu o libero da obrigação. — Certamente ele não tinha levado aquilo a sério.

— Mas você acabou de me chamar de *Jim*. Ninguém fica ileso depois disso.

Ela já ia dando as costas, mas lembrou-se da mancha no vestido e decidiu sair de ré, para salvar um pouco de seu orgulho. — Estou voltando à festa.

Ele deu um passo em direção a ela. — Desse noivado, você não vai se livrar, Vyne. Não como fez com todos os outros.

— Pelo amor de Deus, eu menti sobre me casar com você apenas por causa de Winthorne e você deve saber disso. Ou o conhaque matou seu cérebro a ponto da insensibilidade profunda?

— Se você voltar atrás, vou processá-la por quebrar a promessa.

— Não sei pelo que você vai me processar, um centavo, três galinhas e uma cabra confusa é tudo que minha porção pode prover.

Antes que ela pudesse recuar mais, ele pegou seu braço nu.

— Você está maluco, Hartley? Solte-me agora!

Ele a segurou pelos dois cotovelos e puxou para junto de seu peito. Ela pisou novamente em seu pé, mas ele não pareceu notar. Ele tinha pés bem grandes e provavelmente estava acostumado que

as pessoas pisassem neles. Ellie ainda estava pensando nas suposições absurdas de James Hartley quando seus lábios pousaram sobre os dela e todos os protestos sumiram, derretendo como picolés no telhado em um dia de verão.

Ele passou os braços ao redor de sua cintura e acomodou-a junto a seu corpo. O calor e a força de seu porte poderoso eram completamente arrebatadores. Os lábios dele devoravam os dela, preguiçosamente. Ele mergulhou a língua em sua boca, girando, acariciando a dela. Um arrepio de excitação a percorreu dos pés à cabeça.

Eles estavam sozinhos na sala quase escura. Que importância tinha se ela o deixasse beijá-la? Não havia ninguém ali para ver. Essa noite, ele lhe dera toda atenção e ela nem precisou desenhar em seu rosto para obtê-la.

Ela estava com as mãos pousadas nos ombros dele e sentiu os músculos se movendo sob seu traje fino noturno. Era força bruta contida por uma fachada de civilização. Ela afastou as mãos de uma vez, como se tivesse se queimado. Então, percebeu que não havia onde colocá-las. Em lugar nenhum que não fosse lhe trazer mais encrenca. Então, ela colocou-as novamente nos ombros e tentou não notar a força que flexionava sob suas palmas. Ele a puxou para mais perto, pressionando seu quadril junto ao dele. Uma pontada de desejo despertou dentro dela, surgindo como uma rosa que abre suas pétalas orvalhadas. Seus seios começaram a inchar e doer sob o espartilho. As mãos dele a seguravam com firmeza pela cintura, com os dedos abertos, novamente agarrando-a como se ele temesse que ela pudesse recuar. Em vez disso, ela acariciou a perna dele com a sua. Entre as coxas dela, em um lugar muito vulnerável e quente, ela sentiu a enormidade do perigo com o qual ela estava flertando, mas não pôde se conter. Era o momento perfeito. No escuro, podia-se fazer qualquer coisa e ficar impune. Exatamente como fazia ao usar uma máscara ou um disfarce.

Ela deslizou as pontas dos dedos para cima do ombro dele, subindo por sua gola, a gravata, até tocarem, hesitantes, o seu maxilar. Essa noite estava macio e barbeado, não como da última vez em que haviam se beijado.

Será que ela havia bebido vinho demais nesta noite? Não. Ela só tinha tomado um copo, quando James trombou nela. Em Brighton, ela tinha posto a culpa de sua saliência no luar e no ponche. Nesta noite, não dava para fazer o mesmo.

Ele se afastou de seus lábios devagar, deixando-os quentes, mas subitamente frágeis, incertos.

— Bem, devo dizer que isso foi horrendo — ela estrilou. — Não faça outra vez.



Em algum lugar dentro de seu crânio, trombetas tocavam. Ele a encontrara! Esse beijo confirmou. Todos esses meses que ele passara em busca da mulher misteriosa... sua futura esposa e mãe de seus filhos. E ali estava ela, bem debaixo de seu nariz.

Maldita! Como ela pôde fazer isso com ele e sair correndo?

Ah, dessa vez ela estava caminhando, mas era quase uma corrida; suas sapatilhas apressadas à sua frente, pelo corredor. Antes que eles surgissem diante da claridade emanada pelo lustre de cristal de lady Clegg-Foster, ele estendeu o braço e pegou novamente o dela. Ela se virou para rechaçá-lo. Agora um leve rubor coloria o rosto dela e o colo também. Seus lábios pareciam inchados, mais escuros que antes, e seus cílios estavam baixos, como se as pálpebras pesassem. Decididamente sua respiração estava ofegante, seus seios forçavam os botões de rosa que contornavam o corpete.

Mesmo que fosse um sorriso que se formava em seus lábios, não havia garantia de que era ele o causador. Provavelmente era

alguém, do outro lado do salão, escorregando em um pedaço de fruta caída da tigela de ponche.

James não precisou olhar para baixo, para si mesmo, para saber que o regresso à festa, naquele momento, estava fora de questão. Ele sentiu vontade de seguir direto até o clube de boxe e extravasar um pouco de suas frustrações com qualquer um disposto a treinar com ele. Se não o fizesse, o bruto dentro dele talvez assumisse totalmente o controle. E isso não era bom. Nada bom.

Ele tinha encontrado sua futura esposa e ela era sua inimiga detestável. Esse foi o pior truque que ela já lhe aplicara. Ainda pior que o bigode pintado. E ela ia pagar por isso.

— Qual é o problema? — Ela interrogou quando ele recuou junto à parede forrada de lambri, escondendo-a atrás de uma das estátuas horrendas de lady Clegg-Foster.

— Um momento — murmurou ele. — Preciso de um momento.

Ela piscou seus cílios longos acima dos olhos sinistramente violeta. — Você se machucou? Algo que eu possa fazer.

James ficou olhando para seus lábios e a lembrança de Brighton irrompeu em sua mente, como a primavera irrompe pela terra aquecida. Ele lutou contra o ímpeto de beijá-la novamente. — Você esteve em Brighton neste verão, Vyne?

— Não. — A resposta saiu antes mesmo que ele terminasse a pergunta, como se ela já esperasse. — Nunca fui lá em minha vida.

Não que ela nunca tivesse lhe contado uma mentira.

Ele sabia que era ela. Conhecia o gosto daquele beijo. Aquela noite enluarada, há seis meses, tinha ficado marcada em sua memória. Nenhum outro beijo jamais o afetara tão profundamente. Por que ele não tinha reconhecido sua voz? Por que ela não reconhecera a dele?

Talvez porque eles não quisessem saber a verdade. Era bem mais fácil falar com ela quando ambos fingiam ser outra pessoa.

Falando sem as proteções e os gracejos habituais.

— Você ainda está ficando com sua irmã, na Willard Street?

— Perguntou ele, ofegante pelo beijo e andando atrás dela pelo corredor.

— Sim. Por quê?

— Vou lhe procurar amanhã. Ao meio-dia.

— Para quê?

— Nós vamos nos casar, mulher. Obviamente.

Ela abanava o leque com tanta violência que ele sentiu a brisa sob o próprio queixo. — Por cima do meu cadáver. Você sabe que eu o acho um tanto desprezível, um profundo vadio.

— Sim, acho que há um clube por aí para as pessoas que me odeiam. Você não é membro fundadora? — Ele estava se sentindo quilos mais leve, sua pulsação estava rápida demais. — Não pense que isso me agrada mais que a você. Mas é isso.

Seus impressionantes olhos violeta tinham uma expressão curiosa, enquanto olhavam o rosto dele. — Desta vez você realmente perdeu um parafuso, Hartley. — Ela sacudiu a cabeça, remexendo os cachos escuros até que alguns caíram preguiçosamente em seus ombros.

— Perdi *o quê?*

Ela ergueu a mão e deu uma batinha na testa dele com os nós dos dedos.

— Achei que você estivesse se referindo a algo mais embaixo, Vyne.

— Não seja grosseiro.

— Ouça, Vyne, preciso de uma esposa. Se eu mesmo não encontrá-la rapidamente, minha avó vai continuar a me apresentar jovens bem criadas e tímidas, sem nenhuma personalidade, até que eu fique tão cansado disso a ponto de me rebelar e casar com uma mulher de pés grandes, voz ruidosa, uma matrona que me fará beber xerez adocicado e caçar raposas sem remorso com seu pai dominador. Ele pousou um dedo sob seu queixo e o ergueu.

— E você é uma mulher de vinte e sete anos, com fama de difícil, noivados demais desfeitos, sabe-se lá quantos casos escandalosos... e glacê no traseiro.

Ela bateu na mão dele com seu leque fechado. — Obrigada por me lembrar. — Agora, a qualquer momento ela sairia correndo, como se fosse uma donzela delicada. — O que pensa que está fazendo, Hartley?

— Estou lhe fazendo uma oferta. Não posso deixar que você escolha um marido só porque ele é o primeiro homem a passar por uma cerca viva.

O olhar dela disparou, passando por todos os cantos da sala. — Aquele beijo foi um engano.

— Qual deles? O de dois minutos atrás ou o de seis meses atrás?

— Esse, na biblioteca, há pouco — respondeu ela, sucinta. — Não houve outro. Não posso imaginar o que você pensa, eu lhe disse que não estive em Brighton. Aquele beijo na biblioteca foi um engano.

— Você comete muitos enganos.

— Sim.

Eu também cometi, pensou ele. — Agora é tarde demais para arrependimentos. Tudo o que podemos fazer é recompensar pelo tempo perdido. — Ela novamente tentou passar por James, mas ele a segurou pelos braços firmemente. — Estou lhe fazendo uma oferta muito boa, Vyne. Talvez seja sua última. — Ele observou seus cílios e seu jeito hábil e evasivo de esconder a expressão com o leque. — Pense no dinheiro e nos presentes que eu poderia lhe dar se você se casar comigo. Falando nisso, como vai Lark Hollow? Ouvi dizer que a casa está caindo na cabeça do almirante.

— Está sugerindo que eu me case com você pelo seu dinheiro?

— Por que não? Qualquer mulher que se casar comigo vai fazê-lo por essa razão. Não sou tolo o suficiente para esperar

mais, Vyne. Claro que você é perfeita, pois não temos ilusões um do outro. Nenhum de nós dois espera nada, exceto o pior. Não podemos nos decepcionar.

— O casamento parece bem apetitoso para você, Hartley. Não sei se consigo resistir.

— Você será uma mulher rica se casar-se comigo. O que mais importa?

Os olhos dela estavam intrigados, a luz havia diminuído. — Você me acha tão mercenária assim?

— Você é uma mulher, não é? E uma Vyne. Isso é um casamento puramente por conveniência. Para nós dois.

— Se você se contenta com um casamento por conveniência, qualquer uma dessas mulheres serve.

— Não. Elas têm expectativas, ideais românticos. Você, pelo menos, não tem nada disso. — Ele manteve o rosto sério. — Elas não me conhecem como você. Não quero ser culpado por partir o coração delicado de ninguém, mas sei que não há esse perigo com você. Não tenho como descer mais em sua estima. Quem sabe eu talvez até suba? — Diante disso, ela não disse nada, mas ficou remexendo a luva. — E sei que você está desesperada, não é? — Ele acrescentou, secamente.

Os olhos dela se estreitaram e ela inspirou rapidamente.

Será que ela estava considerando a respeito? Difícil dizer pela expressão tão calma. A mulher era provavelmente uma excelente jogadora de cartas.

Finalmente, ela voltou a falar. — E que necessidade você poderia esperar preencher comigo como esposa, Hartley? Fugir de suas perseguidoras mais ávidas? Vingá-la de sua avó?

— Exatamente. Para que mais eu iria querê-la?

Ela escapou de trás da estátua. — Até logo, Hartley. Boa sorte em sua busca pela esposa conveniente. Tenho pena antecipada da garota, mas ainda não estou tão necessitada assim.

Antes que ela sumisse completamente, ele recapturou sua mão ainda desnuda e levou até a boca. — Pense sobre minha proposta, Vyne. Sei que seu padrasto está correndo perigo de perder a casa para as dívidas. Também sei que sua família a está cercando para se casar. Você me disse isso em Brighton.

— Pelo amor de Deus! Não era eu! Eu não estive em...

Ele esfregou os dentes nas pontas dos dedos dela, voltando a sentir o gosto doce de sua pele. O peso do desejo se acumulava nas partes mais sensíveis do corpo dele e depois transbordou, uma masculinidade pura libertada como se fosse algo que ela derrubou e derramou dentro dele.

— Pare com isso! — Ela rapidamente afastou os dedos dos lábios dele e colocou a luva manchada de vinho. — Casar com um homem que não suporto apenas porque minha família precisa de dinheiro? Seria pernicioso casar apenas por esse motivo.

Ele estava deleitado. — Pedintes não podem escolher. E desde quando algo pernicioso a deteve, Vyne?

— James Hartley, eu preferiria viver feliz e livre, com poucos recursos, a ter de viver infeliz e presa, com riquezas ilimitadas.

— Ah, não venha com essa, mulher! Você logo seria reduzida a trapos e jamais poderia comprar uma fita de seda grená só porque talvez tivesse de se casar para poder comprá-la? — Ele sabia sua predileção por todos os tons dessa cor.

— É melhor eu ir — ela murmurou. — Não posso ficar sendo vista espreitando no escuro com você. Acho que já causamos escândalo suficiente por uma noite.

— O conde vai sair de seu esconderijo e me desafiar para um duelo quando ouvir falar de nosso noivado?

Ela lançou-lhe um olhar provocante. A luz vinda de uma luminária próxima refletia nos cílios dela. — Hartley, pode parar com essa tolice. Não há noivado e você sabe disso.

Ele piscou lentamente. — Sabe de uma coisa? — Subitamente enfeitado pelo lambri da parede, ele o observava atentamente

enquanto a ouvia suspirar, impaciente.

— Não. Há. Nenhum. Noivado.

Ele deu uma batidinha no lambri com os nós dos dedos. — Eu me pergunto se lady Clegg-Foster tem problema de cupim. Sei que costuma ser frequente em casas antigas como esta.

Ellie cruzou os braços em um gesto teimoso, nada elegante. — Espero ver o conde amanhã e vou pedir a ele que devolva seus diamantes. Acredito que tenha aprendido sua lição e que futuramente guarde seus pertences de valor com mais cuidado.

— Ah, é? Vocês dois estavam me dando uma lição? E eu achando que ele era um ladrão comum, sedutor de mulheres ingênuas, e você está apenas sendo uma encenqueira rebelde.

Com uma última inspiração exasperada, ela saiu depressa, novamente tropeçando na bainha, como se ainda não tivesse aprendido a usar aquelas pernas compridas. Como uma corsa jovem cambaleante.

James cuidadosamente apalpou o olho roxo com os dedos de uma das mãos. O que se deveria fazer com uma mulher como Ellie Vyne? Casar-se com ela, claro, e salvar o restante da raça masculina dessa encenca ímpar. Tudo fazia parte de seu empenho de mudança. Ele estava se tornando um filantropo e tanto.

Capítulo 7



ELLI ENÃO TINHA INTENÇÃO nenhuma de esperar até o dia seguinte por uma visita de James Hartley. Uma mulher não podia levar aquele fanfarrão a sério. Assim, na manhã seguinte, sua primeira providência foi devolver o colar por um mensageiro com um breve bilhete. Isso deveria eximir o homem de qualquer necessidade de flertar com ela em público. Ele que fizesse esses joguinhos com outras mulheres. Certamente havia de sobra, de prontidão, para isso.

Ela parou com a caneta sobre o tinteiro, lembrando-se da provocação dele.

Você é uma mulher de vinte e sete anos, com fama de difícil, noivados demais desfeitos, sabe-se lá quantos casos escandalosos.

Claro que seus próprios casos não foram mencionados. O homem precisava de um revés severo. Tudo era fácil demais para ele. Exceto o amor, porque ele escolhia mulheres totalmente erradas. Agora ele achava que poderia ignorar o amor e encontrar uma esposa suficientemente desesperada para suportar seus pecados só porque ele a salvara de ser solteirona.

Ela parou mais uma vez batendo a pena no tinteiro.

Seria bem feito para esse tolo se ela aceitasse sua proposta e o obrigasse a mantê-la. Então, o que ele faria? Ele havia feito isso para provocá-la, claro. Ele já devia saber sua resposta. Se fosse

diferente, teria apagado o sorriso encantador daquele rosto ridiculamente bonito.

Dando uma olhada por cima do ombro para ter certeza de que estava sozinha, ela abriu a primeira gaveta da cômoda. Ali, aninhados em uma echarpe de seda, estavam os cinco diamantes polpudos que causaram tantos problemas a James Hartley — e a ela. Se ela ao menos não os tivesse aceitado das mãos de lady Southwold. No entanto, como poderia saber a encrenca que eles lhe causariam?

Ele provavelmente já teria esquecido a mulher que havia encontrado em Brighton até a noite anterior, quando ela cometeu o erro terrível de deixar que ele a beijasse. Verdade seja dita, ela estava curiosa para saber se seria a mesma sensação maravilhosa da primeira vez.

Agora ela sabia.

Ellie viu seu reflexo no pequeno espelho.

As mulheres têm um número limitado de anos antes de perder o viço. Não que eu esteja dizendo que você já teve algum. Em um dia ruim, quando você emburra, fica parecendo o próprio diabo.

Talvez ela devesse usar um pouquinho de ruge cor-de-rosa perolado para colorir as bochechas, ou passar uma rolha queimada para escurecer as sobrancelhas. Suas irmãs haviam recomendado, porém ela apenas riu da ideia de pintar o rosto. Parecia tolice, pois a cor falsa saía em algum momento. Então, devia ser um choque horrendo para o pobre sujeito que havia sido atraído pela enganação. Bem, ela supôs que alguns homens merecessem ser chocados.

Ela bruscamente mostrou a língua para o espelho e voltou à sua carta. Para ser distraída mais uma vez pelo cintilar travesso da luz sobre os diamantes facetados na gaveta aberta. Naquele dia ela não conseguia se concentrar.

Na noite anterior, James tinha dançado com ela pela primeira vez. Aquilo virou as coisas de ponta-cabeça para Ellie, deixou-a

confusa, fez com que ela se esquecesse de todas as coisas que prometera a si mesma jamais fazer — jamais se permitir sentir. Naquela noite ela tinha agido exatamente como o tipo de mulher que ela sempre olhou com deboche.

Ela pousou a pena e examinou o colar de diamantes. Cada um deles era preso por pequenos grampos para deixar que qualquer um fosse removido conforme o gosto de quem usasse. A espalhafatosa Ophelia Southwold usou todos de uma só vez quando apenas um causaria muito mais impacto. Um diamante solitário já era uma eloquência em si, única joia que uma mulher precisava para fazer uma afirmação. Claro que ela podia levar o colar a um agiota, como originalmente planejava. Então, as goteiras do telhado do padraço seriam consertadas. Entretanto, não parecia certo agora que ela sabia que o colar pertencia a James, e ele havia oferecido outro meio de ajudar o almirante a sair das dívidas.

Ellie sempre presumira que ficaria velha e pobre, com tão pouca elegância quanto tinha quando jovem, e igualmente pobre. Ela se imaginou usando um chapéu de solteirona, espiando os outros de um canto nas festas às quais era convidada pelas irmãs só por um senso de dever. E tomaria vinho demais, contaria histórias obscenas, pouco verdadeiras, e ia importunar os criados. Ela pretendia ser uma velha bem difícil, que não precisasse conter os pensamentos nem a verdade do que pensava, pois todos imaginariam que ela estaria perdendo o juízo e ninguém se atreveria a lhe dizer isso.

Será que agora ela deveria deixar seus planos de lado e recorrer a medidas práticas e mercenárias?

Da última vez que Ellie tinha conversado com o advogado de seu pai, ele havia sugerido que ela tentasse convencer o almirante a vender a casa e se mudar para uma menor, mais barata. Ellie só pôde rir da ideia. Seu padraço se recusava firmemente a ser “exilado” de Lark Hollow, o solar interiorano que estava ruindo, a casa que ele havia comprado no auge de sua carreira naval, na

época rentável. Ele se apaixonara por essa beleza pitoresca à primeira vista e, com pouca astúcia, o corretor conseguiu esconder todos os defeitos. O almirante Vyne logo fez sua oferta sem consultar mais ninguém — nem a jovem esposa —, convencido de que outro comprador talvez aparecesse e lhe roubasse a casa. Foi a primeira de muitas escolhas financeiras impulsivas.

Lark Hollow era uma bela casa arruinada, um emaranhado de hera e de outras trepadeiras que subiam pelas paredes, e quando o sol se punha, por trás das chaminés tortas, a casa ficava dourada, como se pintada pelos anjos. Qualquer um que se aproximasse pelo caminho de cascalho suspirava admirado. Isso foi o bastante para seu padraсто. Quem se importaria com as questões práticas, como o custo da manutenção de uma casa tão esplêndida?

Desde que se aposentara da marinha, e depois de uma série de investimentos pouco sábios, o almirante Vyne continuou sua descoberta de gostos caros, mas com um orçamento insuficiente. Sempre que Ellie tentava sentar com ele para discutir o estado das finanças da família, ele fingia uma de suas doenças dramáticas, segundo ele, tudo resultado de uma vida dura no mar, o que fez com que nunca recuperasse suas “pernas terrestres”. Ele garantia a Ellie que as mulheres nada sabiam sobre dinheiro nem sobre tomada de decisão. Ela deveria estar sempre bonita, manter a boca fechada e se casar bem. Era tudo o que ele pedia.

— E até nisso — uma vez ele murmurou — você falhou, Mariella.

Ela podia ter parado de financiar seus excessos, mas não depois da partida da mãe e as meias-irmãs demasiadamente preocupadas consigo mesmas para cuidar do almirante. Ela prometera à mãe que sempre cuidaria do homem que lhes salvara a vida — a dela, antes mesmo de nascer. Atualmente ele estava bem idoso, com quase oitenta anos. Era tarde demais para esperar que ele mudasse.

Agora, graças à proposta de Hartley, havia a oportunidade de cumprir a promessa que fizera à mãe sem ter mais de se disfarçar

de conde.

James Hartley precisava de uma esposa para salvá-lo das matronas insistentes da sociedade, com suas filhas casáveis. Ellie Vyne precisava se libertar das expectativas de sua família e dos fardos financeiros que ela assumira. Como ele havia dito, pedintes não podem escolher.

É melhor o diabo que conhecemos.

Havia algo que James podia lhe dar, uma coisa que ela já reconhecera ser impossível sem um marido. Assim, em um momento impulsivo de loucura, ela levou a pena ao papel e escreveu um bilhete bem diferente do que pretendia quando se sentou.



James observou seu reflexo no espelho longo. — Esse maldito alfaiate terá de ser dispensado. Olhe para isto! — Ele ergueu os braços à frente, mostrando como a camisa repuxava, esticando a costura dos ombros.

— Lamento, senhor. — O criado olhou timidamente para as calças do patrão, que também estavam apertadas demais.

Vendo sua expressão, James exclamou: — Quietos, Grieves. Tem de me sobrar um pouquinho de dignidade ao fim do dia. — Ele pegou um novo colete dos braços do criado e tentou vestir, parando quando sentiu um aperto e a costura rasgar. Ele se virou, ainda curvo, de braços flexionados. Grieves se apressou para auxiliá-lo.

— Deixe-me ajudá-lo, senhor.

— Traga minha arma, Grieves, e darei um tiro no sujeito.

— Certamente só precisa de alguns ajustes.

— Minha arma, Grieves!

Com um suspiro profundo, James tirou os ombros largos do casaco e Grieves estendeu o braço para alisar as mangas de sua camisa. — Falarei com o alfaiate, senhor.

— Dar-lhe um tiro é mais rápido.

— No entanto, não é tão prático. Afinal, ele é o melhor alfaiate de Londres, segundo dizem.

— Rá. — Virando de um lado para o outro, James olhou seu reflexo. — Nunca vi um trabalho tão ordinário. A visão do sujeito só pode estar falhando se ele não consegue tirar uma simples medida corretamente.

Grieves educadamente sugeriu que o patrão tivesse ganhado um ou dois centímetros na cintura e no peito desde que as medidas haviam sido tiradas da última vez.

James tirou a nova camisa e fez uma careta, olhando o ombro. — Grieves, é evidente que você está de conluio com esse novo alfaiate. Eu me atrevo a dizer que ele deve ter lhe dado um trocado para que você me recomendasse seus serviços. Você sempre foi um sujeito conivente.

— Absolutamente não, senhor!

— De qualquer forma, sou só músculos — acrescentou James com uma das mãos na barriga, os dedos espalhados para sentir os sulcos e se tranquilizar. — Graças ao clube de boxe. Sólido como uma rocha.

— Uma montanha de masculinidade, se me permite a ousadia, senhor.

— Se ousadia também significa ser jocoso, não, não permito. — Ele sabia que Grieves achava que o clube de boxe era outro meio de James para desesperadamente se agarrar à juventude, mas, na verdade, era apenas parte de seu empenho de progresso pessoal. Isso provia um meio de extravasar suas frustrações, mantinha seu físico em forma e a mente focada.

Depois que a camisa ofensora estava na caixa, Grieves olhou para a bandeja de prata lotada com a correspondência matinal. —

Estou vendo que hoje há vários convites, senhor. Gostaria que eu...?

Desnudo, fora as calças apertadas, James irrompeu rumo à bandeja e, em segundos, seus dedos firmes repassavam a pilha de cartões, jogando cada um deles na lareira depois de uma olhada rápida.

A cada dia que passava e com a chegada da alta estação, os horrores da sociedade londrina se acumulavam. Membros regressavam à cidade aos bandos, abrindo suas casas, preparando-se para ver e ser vistos. No ano-novo, um desfile de debutantes de olhos arregalados — com suas mães a tiracolo — baixava em Londres como uma nuvem de gafanhotos para devorar um campo de trigo. Antes que ele percebesse, podia ser novamente acusado de ter arruinado a reputação de alguém.

Um convite, em meio aos cartões de adornos dourados, chamou-lhe a atenção, e ele parou para coçar os cabelos despenteados. — Archie Playter está se casando *de novo*? Meu bom Deus, achei que ele estivesse morto. Da última vez que o vi no clube, ele certamente aparentava estar empalhado.

O criado sacudiu a cabeça sinistramente. — É, de fato, um casal curioso, senhor. Seu mordomo me informou que a mulher é estridente e tem um gosto estranho para vestir-se. Ela é de Essex.

— Então está explicado.

— Lorde Playter não tem tido sorte com as damas — observou Grieves, sério. — Não se pode evitar sentir um pouquinho de pena dele, senhor.

— Pena? Por aquele tolo arrogante e pomposo? Archibald Playter acha que está sempre certo. — Ele fingiu não notar o sorriso irônico que passou brevemente pelos lábios de Grieves. — O homem é gentilha, Grieves, sem dúvida. Ele merece o que tem. — Enquanto falava, ele sabia que isso era algo que sua avó diria. Alguns hábitos eram mais difíceis de romper e ela tinha sido

uma influência séria em boa parte de sua vida, passando-lhe mais coisas do que ele podia contar.

— Mas dessa vez ele pode estar apaixonado, senhor. Dizem que o amor muda tudo.

James ainda estava olhando a correspondência e só conseguiu dar um gemido distante.

— Lamento, senhor. Perdoe-me.

— Pelo que, Grieves?

— Mencionei novamente aquela palavra, senhor. Aquela que o senhor nunca mais queria ouvir. — O criado parou. — Amor, senhor.

James jogou a bandeja de prata vazia em uma cadeira próxima. Hoje essa palavra não incomodou nada. Estranho. Ele apressou-se até a janela e olhou para fora, para o jardim murado e seu pessegueiro solitário, os galhos atualmente nus, esperando um manto nevado.

Amor. Ele deixara que essa palavra o fizesse de tolo no passado. Tinha acreditado nela por causa de Sophie Valentine. E olhe aonde isso o levou. Transformou-o em piada durante meses.

Ele finalmente percebeu que Grieves segurava uma camisa mais antiga, como uma oferta de paz. Conforme James a vestiu, passando por cima da cabeça e dos ombros, ele buscou uma conversa para manter a mente em assuntos práticos e fazê-la girar e ir ao encontro de outras coisas. Ficar tão excitável não era bom para seu orgulho, Hartley. Sua avó recomendaria um banho gelado e compressas, mas ele não tinha tempo para nenhum dos dois naquela manhã. Ele nem dedicara um tempo para se barbear, pois estava ansioso demais para chegar a Willard Street e pegar sua noiva antes que ela tivesse outra chance de fugir.

Olhando novamente para baixo, para as calças apertadas, ele indagou: — O que aconteceu com o alfaiate anterior? Ele fazia minha roupa direito durante os últimos vinte anos, pelo menos.

— O senhor Chadworth nos deixou, senhor — declarou Grieves, lamentoso. — Eu lhe comuniquei quando aconteceu.

— Ele nos deixou? Como isso pode ser permitido?

— Duvido que tenha sido intencional, senhor. O cavalheiro está morto.

— Morto? Mas que desatencioso.

— Um ataque do coração, eu creio. Ele era bem idoso.

James saiu da sala como um raio, sacudindo a cabeça diante da inconveniência. — Agora que paro para pensar, ele era um sujeito horrendo, com hálito que podia arrancar o pelo de um texugo. Ouso dizer que estamos melhores sem ele. Mas e esse novo alfaiate? Tem certeza de que pode ocupar o lugar de Chadworth?

— Asseguraram-me que ele é o melhor que há. É recém-chegado da França e... — Grieves se enrolou, pegou um colete na beirada da cama e colocou nos braços do patrão.

No entanto, o deslize não passou despercebido. James explodiu: — Um francês, era o que faltava!

— Lamento, senhor, mas ele...

— Grieves, você se esqueceu daquele salafrário do Napoleão?

— Mas Napoleão está morto, senhor.

— Só porque o homem está morto, Grieves, não significa que ele tenha mudado para melhor. E ele era francês.

Sem nada mais a ser dito sobre a questão do francês, o criado pegou uma escovinha e começou a passá-la rapidamente pelas costas e pelos ombros do colete do patrão. — Vai sair esta manhã, senhor? Tão cedo?

— Hum.

Os acontecimentos da noite anterior bailavam outra vez em sua mente. Um par de olhos violeta estonteantes, uma mão morna se soltando da dele, lábios que tentavam não rir dele. Lábios extraordinários que ele silenciou com um beijo.

Ellie Vyne não lhe deixara pregar os olhos na noite anterior, e ele jurou que essa noite lhe pagaria de volta o favor.

— Que horas são, Grieves?

— São onze e meia, senhor.

— Bom. Mande vir a carruagem, sim? — Ele seguiu assoviando uma melodia leve enquanto vestia o colete.

— Está tudo bem, senhor?

Pegando o criado idoso pelas orelhas, James plantou-lhe um beijo nas sobrancelhas franzidas. — Grieves, se eu não achasse que você ia torrar tudo, eu lhe daria um aumento.

— Minha nossa, senhor... isso seria muito bom.

— Estou de excelente humor hoje e em breve vou recuperar o tesouro que me foi roubado por aquele francês.

— Que alívio, senhor. — Segurando a escovinha com as duas mãos, Grieves circulou o patrão, cautelosamente. — O tesouro em questão são os diamantes Hartley, senhor?

— Não, não! A mulher Vyne. Venha comigo, Grieves.

O criado oscilou para trás, nos calcanhares. — A senhorita Vyne, senhor? A que o senhor não deseja para seu pior inimigo?

— Essa mesma.

— A senhorita Vyne, do comportamento teimoso e briguento? A pequena senhorita Vyne, do bigode pintado?

— Não é mais tão pequena. — O olhar dele ficou enevoado ao pensar novamente nas longas pernas e nos botões de rosa, que emolduravam seu decote. — Agora está bem crescida.

— Nunca conheci a famosa moça, senhor.

— Considere-se sortudo. Ela é só problemas e nem posso imaginar o que se apossou de mim. Mas é isso. Alguém precisa tomar pulso em relação a ela. É melhor que seja eu, já que sou um homem modificado, arcando com as responsabilidades que ninguém quer.

— Então, os Hartley estão falando com os Vyne este ano, senhor?

— Estamos, sim, Grieves. — James saiu veloz da sala, esquecendo completamente de suas botas, obrigando Grieves a

correr atrás dele e detê-lo antes que ele saísse descalço.

O cocheiro os ouviu chegando e rapidamente entrou em ação, abrindo a porta da frente. Uma brisa matinal fria soprou corredor adentro, trazendo várias folhas secas que se espalharam pelos ladrilhos pretos e brancos, girando em círculo. O cocheiro, ainda segurando a porta e olhando a rua, ficou paralisado de surpresa.

Ali havia outro homem com a mão pronta para tocar a campainha no exato instante em que a porta foi aberta.

James, ainda descalço com Grieves logo atrás, parou bruscamente. O homem à porta usava uma peruca branca antiga e tinha uma expressão muito satisfeita no rosto.

— Bom dia. É o senhor Hartley, não? — Um par de olhos escuros sinistros subiu, a partir dos pés descalços de James, passando por seu rosto e olhando além, no corredor, inspecionando o local, circulando, seguindo a trilha das folhas secas. — Creio que o senhor esteja me aguardando.

James se endireitou. — Estou?

— Sim, senhor Hartley. Sou o conde de Bonneville.



Ele levou o visitante à biblioteca e sinalizou para que Grieves os deixasse a sós. O conde estava certo, claro; ele estava esperando esse encontro, mais cedo ou mais tarde, diante do que havia acontecido na noite anterior. As notícias corriam depressa pela cidade. O escândalo, ainda mais depressa.

O conde, sem seus trajes noturnos, suas franjas e o pó compacto no rosto, era até meio rústico, com aparência e maneiras grosseiras. Ele era mais velho do que James esperava, com o rosto bem mais experiente e surrado; no entanto, havia beleza em seus traços duros. O mais surpreendente era que ele não tinha sotaque francês. Parecia que hoje ele não estava preocupado com sua

atuação. Ao sentar-se — sem ser convidado — em uma cadeira diante da escrivaninha de James, ele se esparramou languidamente, com as botas deixando pelotas de lama no carpete. Ele trouxe o frio do dia com ele e havia um farfalhar cada vez que ele se mexia, pois sua roupa ainda estava meio congelada. Ele era inquieto, sem parar de remexer os dedos, seus olhos inspecionavam os arredores.

Seus lábios formaram um sorriso torto. — Eu o vi cercando minha garota ontem à noite.

James ficou tenso.

— Certamente, pensei comigo mesmo, um cavalheiro como o senhor Hartley não pensaria em roubar minha garota sorrateiramente. Ele o faria da forma apropriada. — Em princípio, James achou que o homem estivesse sugerindo um duelo, porém, depois ele acrescentou. — Um acordo de cavalheiros.

James não disse nada, apenas olhou para os saltos sujos do homem, agora erguidos do carpete e marcando sua escrivaninha polida.

— Se a quiser, Hartley — disse o tal conde de maneira jovial — pagará meu preço, não?

— Pagar seu preço? — James circundou a escrivaninha e sentou-se, despencando pesadamente na cadeira.

— Não posso apenas dá-la, não é? — O outro homem sorriu. — Ela é uma garota muito especial, minha Mariella. Pelo que vi ontem à noite, o senhor concorda.

— Você estava lá?

— Ah, simmm. — O som se alongou como o sibilo de uma cobra. — Estou sempre lá. Ela não vai a lugar nenhum sem mim ultimamente. — Seu sorriso se alargou. — Somos uma equipe, eu e ela.

James se sentiu nauseado. — É mesmo? — A raiva aumentou rapidamente. Então ela estava encrocada até o pescoço com o amante, como ele suspeitara no instante em que a viu na cama do

homem. Que jogo eles estariam jogando na noite anterior, na casa de lady Clegg-Foster? Que jogo estariam fazendo agora?

— Preciso ser compensado, não? Pela minha perda, se a tirar de mim. — O conde virou-se, afastando-se da escrivantina, e se inclinou à frente. — Ouvi dizer que está pensando em se casar com minha garota.

Ele tinha achado que não levaria muito tempo para que Walter Winthorne soltasse essa pequena gema. Em silêncio, James olhou o visitante indesejado, esperando pelo próximo bote da cobra. Tinha sido Ellie Vyne a começar o boato do noivado, é claro. Na noite anterior, ele presumira ter sido sem querer, mas agora se pergunta se foi. Conhecendo bem o seu amor pelos truques e trotes, ele desconfiava ter sido proposital.

— Como eu disse, se estiver interessado em minha garota, terá de pagar. Do contrário, vou espalhar algumas coisinhas. Não vão soar muito bem para lady Hartley quando ela souber dos crimes de sua noiva. Certamente será o fim da adorável Mariella se eu contar o que ela andou aprontando, não acha?

Ele encarava o homem fixamente do outro lado da mesa, com o calor subindo por seu colarinho. — O que ela andou aprontando?

— Roubando de seus amigos elegantes. Roubando nas cartas. Embolsando algumas joias, esvaziando bolsos desprotegidos. De que outra forma ela paga as contas do almirante?

Ele sentiu o chão sumir sob sua cadeira e parecia vagar na escuridão. Se precisava de dinheiro, por que ela não veio até ele? Em vez disso, ela tinha se envolvido em um comportamento criminoso se juntando a esse escroque.

Ele imaginou o riso debochado de sua avó ao ridicularizá-lo, por ele tolamente imaginar, mesmo que por um breve momento, que a tal Vyne tinha a mínima afeição por ele — o suficiente para fazê-la corar quando ele a beijava, o bastante para que o deixasse mordiscar as pontas de seus dedos nus.

Tinha sido tudo uma encenação astuta que o atraiu como um anzol com uma isca.

Ele estendeu o braço para pegar o abridor de cartas na escrivaninha e ficou batendo na palma da outra mão. Ela o enganara por um noivado enquanto sorratamente fingia não ser essa a sua intenção, e ele caiu direitinho, fascinado por seus olhos sedutores e seus lábios evasivos. Ontem à noite, ela o fizera de tolo ao sair correndo, deixando-o no salão de dança com sua luva, sabendo que ele iria atrás dela depois que ela o tentou.

Ele sentiu a aversão amarga em sua garganta. Depois veio o ciúme, um punho quente que golpeava mais que um parceiro de treino.

Ele e eu temos uma ligação muito estreita. Somos quase inseparáveis.

Ele tinha espetado o abridor de cartas na mão. Não o suficiente para tirar sangue, mas causou uma dor aguda que rapidamente o trouxe de volta ao presente. Ele abriu os dedos sobre o mata-borrão na mesa e esperou que sua visão clareasse.

— Eu vi a forma como a olhou ontem à noite, Hartley. — O trapaceiro riu. — Certamente não vai se opor com uma pequena troca. Se quiser minha Mariella, e quiser que eu mantenha silêncio quanto à nossa ligação e suas... digamos... suas tendências de mão leve.

— Quanto espera obter de mim, Bonneville?

— Digamos, mil libras?

Ele tinha imaginado muito mais. Talvez o sujeito não soubesse quanto ela valia. Mas Ellie certamente sabia. — Imagino que ficará com os diamantes Hartley?

— Diamantes? Que diabo de diamantes? — Seu sotaque oscilou entre o dialeto pobre londrino e um traço de irlandês, alguma outra coisa, um arrastado de outra origem.

James teve vontade de pular por cima da mesa, pegar o homem pelo pescoço e torcer-lhe até tirar o riso — e o último suspiro. Como ela pôde ter se dado a esse parvo sem graça? Será

que o vilão a coagira de alguma forma? Não. Se esse fosse o caso, ela não o defenderia, nem esconderia seu paradeiro. Ela não era uma mulher de cabeça fraca. Estava com esse tal de Bonneville até seu pescoço esguio. Ele sabia que ela chegaria a isso algum dia. Sua avó sempre dizia que as mulheres Vyne eram criminosas treinadas.

— O colar de diamantes que você pegou de Ophelia Southwold.

— Não sei disso, Hartley. Estou aqui por minha garota, Mariella, não por outra mulher. Bem, você a quer ou não?

O comportamento do homem não estava batendo. Seus modos — ou a falta deles — e o sotaque estranhamente mutável não eram o que James havia esperado. Mas agora os seus pensamentos estavam focados demais em Ellie Vyne. Ele ficou olhando como os dedos se fecharam como garras sobre a escrivaninha. — Ah, eu a quero.

— Então. — O outro homem levantou-se, claramente inquieto demais para continuar parado por muito tempo. Com os polegares presos nos bolsos do colete, ele ficou andando de um lado para o outro diante da escrivaninha. — É melhor você me pagar pelo prazer. Justo e honesto. Só quero o que me é devido. O que me cabe por abrir mão dela. E, lembre-se, Hartley, se eu cair, vou levá-la junto.

James sabia que não deveria se importar depois das mentiras que ela havia lhe contado, os truques e os joguinhos que ela jogava.

Contudo, ele ligava. Não podia evitar. Ele não tinha escolha a não ser pagar ao homem e tirá-la dele.



Quando o conde finalmente deixou a casa, com seu humor sombrio, Grieves encontrou James na metade do corredor.

— Isso chegou para o senhor esta manhã. — O mordomo entregou uma caixinha embrulhada em musselina com um bilhete lacrado amarrado ao laço. — Um menino mensageiro que trouxe.

James abriu a caixa. Um diamante reluzente cintilou como se piscasse para ele.

— Minha nossa senhora! Senhor, esse não é um dos diamantes Hartley?

James fechou a caixa e observou a escrita bagunçada e apressada no bilhete anexo.

Pegue-me, se for capaz. EV.

Então, ela tinha seus diamantes o tempo todo e agora estava fazendo disso um jogo. Ele enfiou a caixinha no bolso do paletó e percebeu que estava cerrando o maxilar. Ele o esfregou com uma das mãos para abrandar a raiva, até ficar só levemente dolorido.

James não tinha certeza do motivo para que ela devolvesse apenas um diamante, mas, naquele momento, era melhor para seu temperamento que ele a imaginasse chantageada até o pescoço. Então ele poderia fazê-la pagar por sua parte nisso. Ela agora devia a ele por tê-la salvado das garras do conde. Pelo que lhe parecia, ela passaria o resto da vida pagando. James Hartley estava farto de ser sempre o cavalheiro perdedor no romance. Na verdade, no caso de Ellie Vyne, ele já estava farto de ser cavalheiro em todos os aspectos.

Depois disso, os únicos jogos que ela jogaria seriam segundo suas regras. Em sua cama.

Capítulo 8



NAQUELA MANHÃ, ENQUANTO ELA arrumava seu baú, suas irmãs se revezavam aconselhando e fazendo preleções. Ambas tinham presentes para a tia Lizzie e os atocharam em seu baú até que mal havia espaço para que suas coisas fossem guardadas decentemente. Ela acabou tendo de colocar suas roupas onde cabiam, sabendo que estariam terrivelmente amassadas até que ela chegasse.

— Mande nosso carinho — exclamou Charlotte, parecendo arrasada, como sempre, uma mulher freneticamente ocupada o tempo inteiro, mas que mostrava efetivamente pouco serviço. — Se ao menos eu não tivesse nada a fazer, como você, e pudesse me afastar por algumas semanas à toa, mas agora sou uma mulher casada e logo estarei presa...

Charlotte estava casada havia cinco meses e seu filho nasceria em seis, porém ela falava constantemente do impedimento por ficar presa, já com prazer pela atenção que isso lhe trazia, todas as necessidades especiais que agora tinha direito de reivindicar. A irmã delas, Amélia, casada há seis meses, ainda não tinha anunciado a visita da cegonha, o que causava certa agitação entre elas. Pelo bem de todos, Ellie torcia para que logo as duas irmãs estivessem assoberbadas com seus rebentos e já não tivessem mais tempo para se intrometer em sua vida.

Amélia arranhou barbante para ajudar a prender a bagagem estufada. — Não fale com estranhos na jornada, Ellie. Haverá todo tipo de gente. Quando você parar em Barley Mow, fique de olho em seu baú. Eu gostaria que meu marido tivesse concordado em deixá-la usar nossa carruagem particular, porém ela não pôde ser dispensada.

— Nem a nossa, embora eu a tivesse emprestado a você, na hora — exclamou Charlotte, como se alguém a tivesse acusado de deliberadamente mandar a carruagem à rua, para tarefas, em lugar de deixar que a irmã a usasse.

Ellie deu de ombros. — Eu me atrevo a dizer que meus colegas passageiros do transporte postal precisam ser tão alertados quanto eu sobre eles.

— Ora, Ellie, fale sério. O papai vai ficar muito zangado, você sabe, quando souber que você está viajando no transporte postal.

— No entanto, a menos que ele me arranje um par de asas para que eu vá voando, preciso dar meu jeito.

— O papai queria que você passasse a temporada aqui, conosco — disse Amélia, enquanto remexia os cachos louros que espetavam para fora de seu gorro de renda. — Ele disse que estava na hora de você arranjar um marido e se aquietar.

Ela rapidamente lembrou-lhes: — Mas a tia Lizzie não tem andado bem e uma de nós precisa cuidar dela. Como mulheres casadas, vocês duas devem ter vidas muito mais ocupadas que a minha e é sensato que eu vá. Como vocês sabem, não sou útil em nenhum outro lugar. — Então, ela deu sua cartada vencedora. — Além disso, olhe o que aconteceu ontem à noite, quando fui caçar marido.

Charlotte despencou na cama, segurando-se como se já estivesse entrando em contrações. As duas irmãs a deixaram para que ela terminasse de prender seu baú.

— Você tem certeza de que é só um boato? — Aventurou-se Amélia, com uma das mãos na garganta e a outra segurando a

haste da cama. — Não há noivado nenhum entre você e o senhor Hartley? O capitão Winthorne pareceu bem convencido.

— Claro que não há verdade nenhuma nesse boato — Charlotte a repreendeu. — Por que motivo, neste mundo, James Hartley ia querer se casar com Ellie se ele não consegue nem vê-la? Isso é evidentemente uma mentira hedionda só com a finalidade de nos constranger.

— Mas dançou com o malandro, e ele quase a beijou no meio da dança. Lorde Clegg-Foster ficou tão distraído que derrubou sorvete no colo da mulher.

Ellie se endireitou, rezando para que os nós apressados da corda suportassem a longa jornada pelo interior, com suas estradas pedregosas. — Não tive escolha a não ser dançar com o farrista. — Ela desviou antes que as irmãs notassem o rubor culpado em seu rosto. — Como é que eu, uma inocente solteirona, poderia me defender daquelas garras vilãs?

Era só uma mentirinha inofensiva, ela pensou, e nenhuma das duas irmãs notou que ela não mencionou a pergunta do noivado. Rapidamente colocando sua touca favorita sobre os cabelos, ela amarrou o laço lilás embaixo do queixo.

Ela ficou imaginando se ele já teria recebido o diamante. Não. James Hartley provavelmente ainda estava na cama. Os cavalheiros não ganhavam uma fama como a dele levantando-se antes de meio-dia. — Materialmente, ele está bem seguro — arriscou Amélia. — Acho que ela podia se dar bem pior do que chamar a atenção do senhor Hartley.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — Charlotte a repreendeu. — Será que preciso lembrá-la que a mãe adúltera de James Hartley fez nosso pobre tio ser excluído da sociedade, pois ela o seduziu para um caso? Desde então, nossa família sofre. O tio Grae foi enxotado do país, arruinado. Agora não fazemos ideia de onde ele vive, ou sobrevive, em algum deserto horrendo...

— Ele mora em Jamaica, uma cidade espanhola, Charlotte — Ellie interrompeu, pragmática. — E, pelo que ouvi dizer, tem uma taberna muito bem-sucedida.

— Mesmo assim, Jamaica é um lugar horrendo, quente, úmido, cheio de cobras venenosas e muito distante. Tenho certeza de que ele preferiria muito mais estar aqui.

— Onde chove o tempo todo?

— Não chove o tempo todo.

Ellie suspirou profundamente. — Não é só impressão.

— De qualquer forma, James Hartley é um malandro vilão. Ele nunca falou bem de você. E você é, de todas as formas, bem comum — Charlotte acrescentou, alegremente, pousando a mão delicada no ombro de Ellie —; não deve mirar tão longe de seu... alcance.

Ellie arregalou os olhos. — Meu *alcance*?

— Irmã, o que você precisa é de um marido quieto e respeitável, não muito atraente, mas de recursos adequados. Alguém seguro, fidedigno e estável. Um membro sólido e sensível do parlamento. Alguém que meu marido não se envergonhe em convidar para jantar.

— Charlotte, você realmente consegue me ver feliz casada com um membro do parlamento?

Até Amélia riu da ideia e Charlotte fez cara de magoada. Observando seus reflexos no espelho, Ellie supôs que, afinal, era bastante carinhoso da parte delas se preocuparem com ela. Agora ela podia ficar com um humor benevolente, agora que estava fugindo para o interior.

— Minhas queridas irmãs — ela se afastou do espelho e sorriu ternamente para as duas mulheres espalhafatasas —, não há absolutamente nada para que vocês se preocupem. Agora, venham e me deem um beijo de despedida. Pode ser a sua última chance, caso eu seja roubada e abandonada para morrer na estrada. Ou decida fugir para Gretna Green com algum jovem lascivo e

inapropriado. Claro que vou entender que um casamento escandaloso exigirá que vocês cortem relações comigo. Caso tenha de recorrer a roubos na estrada, apenas para manter migalhas na mesa e calçar meus pequeninos, confio que vocês se lembrarão da irmã mais velha que um dia amaram e estarão presentes em meu enforcamento.

As irmãs a olhavam como se ela fosse totalmente capaz dessa façanha.



Franzindo o rosto, a empregada do número 21 da Willard Street cruzou os braços rechonchudos e empacou no portal. — A senhorita Vyne saiu.

Ele deveria saber. Para um casamento por conveniência, isso era uma maldita inconveniência. Sem mencionar custoso.

Outra ideia arrepiante lhe ocorreu — será que ela teria fugido com o conde e suas mil libras? Talvez ela tivesse lhe enviado o único diamante como um tipo de gracejo. Naturalmente, seria a cara dela achar tudo isso muito divertido. No entanto, novamente ela se safou com sua travessura — ou pelo menos assim achava.

Uma de suas irmãs surgiu nas sombras do corredor, evidentemente vindo ver o que era todo aquele barulho. Ela olhou por cima do imenso ombro da empregada e piscou os olhos castanhos arregalados. — Nossa, senhor Hartley. O senhor veio à procura de Ellie?

— Sim, madame — respondeu ele, cuspiendo as palavras de raiva. — Foi-me dito que ela partiu. Isso é verdade?

— Minha irmã seguiu no transporte postal para ficar com nossa tia no interior, senhor Hartley. Ela certamente não o esperava — exclamou a irmã, ainda se escondendo atrás da empregada. — Ela não nos disse nada sobre...

Sem esperar para ouvir o que ela ainda não dissera, ou as mentiras que ela diria, James deu meia-volta, rapidamente desceu os degraus e entrou em sua carruagem.



Finalmente, as multidões agitadas de Londres foram deixadas para trás. O ruído incessante dos cascos, das rodas e dos tamancos de madeira pelas vias pavimentadas deu lugar ao barulho abafado e mais suave da terra batida sob as patas dos cavalos. As ruas sem as carruagens e os gritos de comerciantes foram ficando para trás, conforme a carruagem seguia por vias estreitas e sulcadas, margeadas por árvores nuas que ocasionalmente raspavam seus galhos nas laterais do veículo.

Ellie, espremida em um canto, tentava ignorar a câimbra que já ardia no lado esquerdo do quadril, mantendo o olhar na vista da janelinha. Ela cautelosamente evitava contato visual com seus colegas viajantes e se atinha aos pensamentos felizes de seu ponto de destino.

No dia seguinte à noite, ela estaria com sua tia em Sydney Dovedale, um tranquilo vilarejo onde passara vários verões alegres quando menina. Sempre que seu padrasto sentia que chegava ao limite da paciência com as três filhas pequenas, ele as mandava para a casa da tia Lizzie, sua única irmã e parenta mais próxima. Como Lizzie não tinha filhos, ele considerava sua casinha no interior o local perfeito para mandar as meninas órfãs de mãe, pois estavam fora de perigo enquanto ele passava longos períodos no mar.

Tristemente, no caso de Ellie, “fora de perigo” a colocara em grandes travessuras. Uma menina de grande imaginação e uma queda para confusão tinha muito mais a fazer no interior, fora da vista do padrasto.

Durante um desses verões, ela viu James Hartley pela primeira vez. Na época um jovem de vinte anos, ela andava a uma velocidade negligente pelas vias da cidade, em sua pequena carruagem de duas rodas. Ele estava sempre limpinho demais, excessivamente arrumado para o interior, e isso fez com que a jovem Ellie Vyne — que não conseguia andar limpinha, nem se quisesse — sentisse um desejo intenso de sujá-lo. Por certo era sua responsabilidade fazê-lo porque nenhum jovem deveria ser tão preocupado com suas roupas. Ele era obviamente fútil e convencido. Naquele verão, ele passou três vezes por ela em sua carruagem e enlameou seu avental ao passar correndo nas poças sem ver a garotinha na margem.

Naquela ocasião, James tinha começado a cortejar sua amiga Sophie Valentine, que era cinco anos mais velha que Ellie. Todos diziam que a avó dele era contra o casal, pois os Valentine passavam por momentos difíceis, e Ellie achava ser esse o motivo para que Hartley andasse atrás de Sophie. Ela sabia alguma coisa sobre desafio. Mesmo ainda jovem, ela já era observadora de outras pessoas e seus hábitos. Ela se educava com livros que era proibida de ler e ouvia atrás das portas, escutando conversas que jamais deveria ouvir.

A tia Lizzie alertava para que ela ficasse fora do caminho do jovem, lembrando-lhe que os Vyne e os Hartley não tinham absolutamente nada a ver uns com os outros. Claro que isso foi a pior coisa que alguém poderia ter dito, pois nenhuma criança de dez anos deveria ser alertada para que não fizesse algo, pois aí que certamente se sentiria obrigada a fazer aquilo.

Em uma tarde ensolarada, quando ela encontrou James Hartley cochilando embaixo de um carvalho, aparentemente depois de esvaziar uma garrafa de sidra e comer sozinho o conteúdo de um cesto de piquenique, o que mais poderia ela fazer exceto desenhar em seu rosto? Ela por acaso estava com o tinteiro à mão. Depois de correr até a casinha da tia e pegar.

Nossa, em que encrenca ela se meteu! Mas valeu, pelas gargalhadas. Conforme ela dissera à tia, na época, *se todos fossem bons e virtuosos, será que o valor de ser assim não declinaria rapidamente?*

Ninguém teve resposta para isso.

Ela se pegou sorrindo para seu reflexo embaçado na janela da carruagem. Era melhor parar com isso ou os outros passageiros achariam esquisito. Afinal, não havia nada que valesse a pena sorrir para seu reflexo. Seu padrasto uma vez lhe dissera que ela tinha os olhos da mãe, mas isso lhe trouxe pouco consolo, já que ele dissera que a esposa americana era uma resmungona ralhadora.

Ellie se lembrava da mãe sempre repreendendo o almirante por sua tolice em ter comprado Lark Hollow. Uma mulher modesta, de gosto simples, sempre ansiosa para ser vista como respeitável e nunca chamar atenção para si mesma, a mãe de Ellie ansiava por uma casa menor e mais prática, mais fácil e mais barata para manter. De acordo com as palavras do almirante, ela não tinha visão.

Segundo ele, era culpa dela ter tido apenas filhas mulheres quando ele queria vários filhos fortes, marinheiros, para seguir seu caminho. Esse provavelmente foi o pecado mais imperdoável de Catherine Vyne. Isso e ter morrido, há dezenove anos, deixando-o sozinho com três meninhas intrigantes. Mas ele mantinha o retrato da mulher em um porta-retratos oval em seu escritório, portanto devia amá-la um pouquinho.

Homens, francamente! Nunca conseguem admitir a verdade sobre si mesmos, pois preferem manter uma fachada tola fingindo que ligam, quando não ligam, ou que não ligam, quando ligam. Ela, claro, jamais faria algo assim.

Seus pensamentos seguiram de volta a Hartley. Será que ele já teria levantado? Provavelmente não. Talvez nem estivesse em sua própria cama. Quem podia saber o que o vilão tinha arranjado depois que ela deixou a festa com as irmãs.

Subitamente, uma carruagem bem bacana, conduzida por quatro cavalos negros, passou depressa por sua janela, pedras voaram na lateral do veículo cambaleante fazendo com que quase virasse no fosso. Os passageiros gritaram alarmados, sacudindo de um lado para outro durante dez segundos de tirar o fôlego, segurando seus chapéus e uns aos outros, descartando boas maneiras naquele momento de quase morte.

De alguma forma, o condutor da carruagem recuperou o controle. Eles sacudiram, trombando nas raízes da margem, mas voltaram à estrada, todos gemendo, mas quase intactos.

Ellie ajustou seu assento dolorido da melhor forma que pôde no espaço estreito para onde fora designada, ao lado das coxas esparramadas de uma pessoa bem grande, e novamente ficou olhando para fora, pela janelinha embaçada.

Se ela conseguisse chegar a Sydney Dovedale inteira, a primeira coisa que queria era uma boa xícara de chá e aquecer seus pés perto da lareira. Sim, concentre-se nisso, ela pensou, fechando os olhos de maneira bem apertada para imaginar a cena agradável, bloqueando o odor de corpo e a sensação de umidade do estofamento gasto, que fedia a álcool. Ela se concentrou para não se incomodar com os solavancos que constantemente balançavam a carruagem e fechou os ouvidos para os raspões zangados dos galhos contra o verniz e as rodas. Tentou não notar como a estrada se estreitava até virar uma armadilha mortal, com uma porção de galhos que podiam até ser dedos de bruxas, prontos para arrastar todos eles para um fim horrível em uma valeta inundada.



James escancarou a porta, arrancou a capa e marchou até a lareira. O ruído da taberna reverberava pelo piso e nas solas de

suas botas. — Algum sinal, Grieves? — Ele berrou para o mordomo, que estava perto da janela, observando o pátio interno da hospedagem.

— Ainda não, senhor. A carruagem postal está atrasada. Perguntou lá embaixo?

— Sim. — Ele pegou uma caneca de cerveja e se sentou, esperando perto de uma bandeja de faisão assado com batatas. — Não há ninguém aqui de nome Vyne.

— Temos certeza de que ela vem nesta direção, senhor?

— É claro. A única tia que ela tem mora em Sydney Dovedale. Eliza Cawley é irmã de seu padrasto. — Ele deu um gole em sua cerveja e ficou olhando o fogo. — Claro que ela pode estar viajando incógnita.

Grieves virou, surpreso. — Por que ela faria isso, senhor?

Ele vociferou na caneca de cerveja — Para se esconder de mim.

— Esconder-se do senhor? Entendi que a moça havia concordado em se casar com o senhor.

— Não, exatamente. — *Mas eu já gastei mil libras com ela*, pensou ele, com rudeza. Não que ele pudesse contar a Grieves sobre isso. Explicar o espaço vago, ao lado da despesa, em seu livro contábil teria de esperar até a próxima visita do senhor Dillworthy. — Depois do que aconteceu ontem à noite — prosseguiu James, rapidamente —, ela não vai fugir de mim. Aquela criatura simplesmente não pode continuar a fazer asneiras pela vida afora sem jamais ouvir um bom conselho. Ela é uma mulher inclinada a impulsos desesperados. — Ele parou. — Por que essa cara, Grieves?

— Que cara, senhor? Receio que seja a de sempre.

— Não, não é. Você tem algo a dizer. Pode ir falando.

O criado deu um suspiro. — Senhor, se não se importa que eu pergunte, o que exatamente aconteceu ontem à noite na festa

de lady Clegg-Foster? Eu mesmo ouvi vários relatos diferentes. Embora eu nunca dê ouvidos à fofoca, é claro.

James andava de um lado para outro diante da lareira com a caneca na mão. — Eu a pedi em casamento e expliquei as vantagens desse acordo. Sendo teimosa e gostando de contrariar, ela naturalmente resistiu. No entanto, já que me atraiu para correr atrás dela, só posso concluir que tenha caído em si.

— É de pensar, senhor, por que motivo a moça não permaneceu em Londres para aceitar sua proposta. Por que ela preferiu fazê-lo persegui-la pelo interior nesse clima terrível.

— Ela é mulher, Grieves. Elas gostam de complicar as coisas. Ela faz isso melhor que qualquer pessoa. — Ela vinha complicando as coisas, durante os últimos seis meses, desde que o beijara no labirinto e depois saiu correndo.

— Tenho de dizer que estou aliviado, senhor — arriscou Grieves —, porque o senhor encontrou sua Maria Antonieta de Brighton. Embora eu não tenha certeza de como lady Hartley receberá a notícia.

— Provavelmente com uma grande dose de calmante.

— Iiii — exclamou Grieves, ainda olhando pela janela. — Vejo que as coisas estão prestes a ficar ainda mais embaralhadas, senhor.

— O que foi?

— Duas coisas, senhor. Uma, é que a carruagem postal acaba de chegar.

James atravessou o cômodo e foi olhar por cima da cabeça grisalha do outro homem. A carruagem grande e escura entrava cambaleante no pátio, com cavalos batendo cascos no chão de paralelepípedos, caixas e pessoas se mantendo ali por pura força de vontade. Embora o pátio estivesse aceso por tochas de junco, ainda estava escuro para identificar os rostos, e uma chuva pesada começou a cair, o que fez as chamas começarem a diminuir até virarem apenas fumaça. O barulho dos passageiros desembarcando e empregados gritando agora se mesclava com o tamborilar da

chuva no telhado e a agitação geral. James ficou observando os passageiros que saíam correndo para salvar suas bagagens das poças.

— Por que motivo deste mundo viajar nessa companhia?

Grievés comentou, melancólico, que algumas pessoas não tinham escolha quanto ao transporte. — A maioria das vidas, senhor, é bem menos confortável que a sua. Estou certo de que o senhor já notou.

— Se ela tivesse esperado por mim, esta manhã, eu poderia tê-la trazido em minha carruagem.

— Talvez não tenha ocorrido à moça, senhor. Algumas pessoas aprendem a se virar com o pouco que têm.

— Isso não é, por acaso, outro pedido malicioso de aumento, é?

— De modo nenhum, senhor. Estou apenas comentando que alguns de nós seguimos em frente, sem muitos rodeios. Apenas tocamos as coisas, senhor. Independentemente de quão difícil sejam.

— Sua vida é tão difícil assim, Grievés?

O reflexo do outro homem na janela torta era ligeiramente presunçoso, passando por solene. — Acho que, de fato, se o senhor tivesse a oportunidade de passar um dia no meu lugar talvez se surpreendesse.

— Você acha que eu não conseguiria lidar com a vida de um mordomo?

Grievés ficou olhando a noite austera e mudou de assunto. — Ouso dizer que vai chover a noite toda, senhor. Que clima péssimo!

James sacudiu a cabeça. Não para o clima, mas para Ellie Vyne, com total desprezo à própria segurança. Qualquer coisa podia acontecer a uma jovem que viaja sozinha na carruagem postal.

— Gostaria de saber qual é a segunda coisa, senhor? A segunda coisa que aconteceu e pode lhe causar problemas dos mais inconvenientes?

Ele quase teve medo de perguntar. — O quê?

— Lady Ophelia Southwold acaba de descer de uma pequena carruagem e entrou na taberna um tanto apressada.

— Meu bom Deus, Grieves. Livre-se dela, de algum jeito.

— Temos um saco e pedras pesadas, senhor?

— Infelizmente, não. Vá lá embaixo e a cerque. Não me importo como você faça. Depois, veja se a senhorita Vyne já chegou, Grieves. Pergunte discretamente. Ela não vai conhecê-lo e não quero que me veja ainda.



— Muito bem, senhor. — Grieves sumiu rumo à sua missão, e James ficou ali um tempinho, olhando o pessoal maltrapilho que estava no pátio. Ele nunca viajara na carruagem postal na vida, como o criado tinha comentado. Único herdeiro de um grande negócio de importação e exportação que teve início com seu bisavô, James só conhecera o luxo, desde seus primeiros anos. Por conta da riqueza Hartley, ele sempre foi tratado com deferência pelos outros e acostumado a obter coisas materiais quando as quisesse. Só o amor verdadeiro está além de seu alcance. Aparentemente, não era um tipo amável. Ele se lembrava vagamente de um dia ter tentado abraçar a avó para dar-lhe um beijo quando partia para o colégio interno no fim das férias.

— Pelo amor de Deus, James! — Ela o afastara com suas mãos frias e ossudas. — Não estamos na casa de ópera.

Então, ele buscou o que precisava nos braços de uma porção de belas mulheres. Era um tipo de afeição vazia. Elas adoravam ser vistas em seus braços, cobertas de presentes.

Gotas gélidas pontilhavam a janela antiga e algumas tochas no pátio já haviam se apagado, mas nada diminuía a nova determinação que ardia dentro dele. Se alguém levava a vida como em uma ópera, esse alguém era Ellie Vyne. Ela gostava de drama e travessuras. De provocá-lo, fazê-lo correr atrás dela.

Desta vez, *ele* lhe pregaria uma peça.

Capítulo 9



APARENTEMENTE, SÓ HAVIA UM quarto vago na hospedaria. O senhorio entregou-lhe uma vela acesa em um pequeno porta-velas de cobre. — Lá em cima. À direita. É a porta no final do corredor. Vou pedir ao rapaz que leve seu baú.

Ellie não tinha grandes esperanças para o quarto, levando-se em conta que era o último disponível. Ela subiu a escada estreita, pingando água de chuva e lama, tão cansada e dolorida por ficar espremida no veículo lotado que seus ossos quase não conseguiam sustentá-la de pé. Uma dor latejante ainda pulsava em sua têmpora, pouco acima dos olhos, e dava a impressão de que sua cabeça havia batido na estrada tanto quanto os cascos dos cavalos da carruagem. Sua boca estava seca, havia um nó em seu estômago e ela não conseguia se livrar do fedor da carruagem, que ficara entranhado em suas narinas. Ele invadira suas vias aéreas e seus pulmões como um mofo invasivo, mas ainda havia mais um dia pela frente. Era impensável, no entanto tinha de ser enfrentado, pois para ela não havia outro meio de transporte.

Esperando pouco mais que um pequeno armário onde passaria a noite, ela abriu o trinco da porta e descobriu que, em vez disso, para sua agradável surpresa, era um quarto de bom tamanho, forrado de lambri, com uma lareira agradável acesa e cortinas grossas nas janelas que mantinham o vento frio lá fora. Ellie se

beliscou, temendo ter adormecido no balanço da carruagem e que isso fosse só fruto de sua imaginação.

Não. Era real. Ela sentia o cheiro do carvão na lareira e um aroma de dar água na boca, de faisão assado, estragado somente por um bafejo de cerveja choca, que brevemente estaria impregnado em tudo que lhe pertencia. Um leve ruído de riso reverberou no piso, e quando ela tocou a parede, era sólida, sob as pontas de seus dedos. Tranquila, Ellie observava o quarto com uma vitalidade renovada, afastando o cansaço. Ao lado da porta havia uma temerosa armadura mantendo guarda, orgulhosamente segurando uma lança medieval. Algo que acrescentava um senso de grandeza ao local, ela pensou, dando um tapinha amistoso em seu peito oco.

— Fique de olho em mim, sir Lancelot — sussurrou ela. — Nunca se sabe o que posso fazer em seguida.

Do outro lado da sala, uma mesinha redonda exibia velas acesas e um jantar próprio para uma rainha. Ou pelo menos para uma das damas da rainha. A criatura faminta em seu estômago reagiu com uma alegria ansiosa, porém ela ficou temporariamente distraída daquele jantar pela igualmente instigante cama estilo Tudor, de quatro hastes. Sua cabeça suplicava pelo sono e agora travava uma batalha com seu estômago.

Ellie tinha acabado de pousar a vela e começava a aquecer as mãos, perto do fogo da lareira, quando uma batida à porta anunciou a chegada de seu baú. Ela se apressou até a porta para deixar o menino entrar. Ele não estava sozinho; um cavaleiro baixinho, de olhos brilhantes, também esperava, sorrindo benevolente.

— Boa noite, senhorita Vyne. Espero que tenha achado o quarto satisfatório.

— Sim, muito. Obrigada. Senhor..?

— Eu sou Grieves, senhorita Vyne. — Ele se curvou, rijo. — Sou o cavaleiro que abriu mão do quarto para a senhorita.

Imagino que esteja confortável e tenha tudo de que precisa. — Ele era um homem mais velho, com um rosto bondoso, gestos educados, reservado e sério.

Ela não sabia que alguém fizera um sacrifício por ela, por isso levou um instante para recompor o rosto. É claro, ela deveria saber que esse quarto era bom demais para ela.

— Fico imensamente grata, senhor — ela finalmente conseguiu dizer —, mas receio que não possa aceitar sua generosidade. Não é apropriado. — Alarmada, ela ficou imaginando onde passaria a noite agora, se todos os outros quartos estavam realmente ocupados.

— Não é uma questão para discussão, senhorita Vyne — respondeu o cavalheiro.

— Ah, mas eu...

— Senhorita Vyne, a senhorita está sob minha custódia até que eu a entregue às autoridades apropriadas amanhã. Receio que não tenha escolha nessa questão.

— Não tenho escolha? — Ela ficou olhando, confusa. — Autoridades apropriadas?

Ele sorriu novamente, de maneira triste, quase se desculpando. — Está presa, senhorita Vyne. Pelo roubo dos diamantes Hartley.

Ela abriu a boca e tentou falar alguma coisa, mas não saiu nada.

— Já tomei muito de seu tempo de sono, senhorita Vyne. Boa noite. — Mais uma vez, ele fez uma reverência, revelando uma parte careca ao tirar o chapéu, e recuou rapidamente, fechando a porta. No mesmo instante, ela ouviu a chave virar na fechadura.

Assustada, ela se lançou à porta, virando a maçaneta, mas estava trancada. Ela ajoelhou, olhou pelo buraco da fechadura e encontrou um olho cinza olhando para ela.

— Senhor — ela exclamou. — Houve algum engano. Um engano terrível. Insisto que o senhor destranque a porta agora mesmo.

— Lamento, senhorita Vyne. Custará mais que minha vida se eu a deixar sair.

— Mas eu posso explicar tudo.

— Sim, madame, e irá fazê-lo. Ao oficial de justiça, amanhã de manhã, em Morecroft. — O olho desapareceu.

Furiosa, Ellie jogou sua touca do outro lado do quarto. Aquele maldito Hartley não se deu ao trabalho de vir pessoalmente, mas mandou que esse homem viesse prendê-la. Ele não a conhecia tão bem quanto imaginava se achava que ela seguiria humildemente ao enforcamento. Ela correu até a janela e tentou o fecho, mas estava com tinta por cima, impossível de abrir. Voltando à porta com um grampo na mão, ela se ajoelhou novamente e enfiou a ponta afiada no buraco da fechadura, determinada a abrir a tranca.

Ela ouviu alguém tossir baixinho, então a voz do senhor Grieves passou outra vez através da porta. — Não aconselho a fazer isso, madame. Evadir-se à justiça só vai piorar as coisas. E a senhorita não encontrará cavalos livres para levá-la a lugar nenhum esta noite.

Ela sentou-se nos calcanhares.

— Sugiro que aproveite seu jantar, senhorita Vyne — acrescentou ele. — Talvez seja seu último.



— Ela caiu, Grieves?

O mordomo entrou no sótão do celeiro, ao lado do patrão, e espirrou com força. — Acredito que sim, senhor. Seus comentários, quando a deixei, eram um tanto estridentes, e ela fazia juramentos ofensivos.

James sorriu, recostando para trás e apoiando-se em um cotovelo. — Bom. E Ophelia Southwold?

— Ela o aguarda nos recessos escuros de uma despensa, atrás das cozinhas. Expliquei à moça que o senhor está em uma missão muito secreta e que estará com ela assim que possível.

— Por quanto tempo você acha que isso a manterá fora do caminho?

— Um tempo considerável, senhor. — Grieves mostrou-lhe uma pequena chave. — Tomei a liberdade de trancá-la também. A empregada da cozinha é minha amiga particular.

— É mesmo, Grieves? Você é danado.

— Tenta-se fazer o melhor, senhor. Os prazeres devem ser aproveitados onde são encontrados.

James riu. — É mesmo.

Grieves se remexeu no feno, afundando mais. — Será uma noite muito fria.

— Poderia ser pior. Pelo menos não está nevando.

O criado esfregou a ponta do nariz, onde um pingo d'água acabara graciosamente de cair pelo ar, vindo de um buraco no telhado. — Perdoe-me, senhor, mas disse que isso é uma peça na senhorita Vyne?

— Sim.

— Entendo, senhor. Sim. Ela deve estar muito aborrecida. Naquele quarto enorme, aquecido e confortável. Que deveria ser nosso.

— Estou ouvindo seu tom, Grieves, e não está me abalando.

— Acho que sou muito mal-educado para não entender o gracejo, não tendo o benefício de ser formado em Cambridge.

James suspirou e sacudiu a cabeça. — Fique com meu casaco, Grieves. Posso ficar sem ele. — Ele estava com bastante calor, pensando na punição que logo daria à geniosa senhorita Vyne.

Ele lhe deu meia hora antes de voltar ao quarto, destrancou a porta e entrou. Ele esperava encontrá-la em estado de pânico, pronta para rastejar e pedir sua ajuda; em vez disso, encontrou a mulher calmamente sentada, refestelando-se com o jantar dele.

— Aí está você, Hartley. Agora você pode explicar àquele homem, o Grieves, que tudo isso é um mal-entendido tolo.

Ela encarou a prisão com um pé nas costas, pensou ele, melancólico. Provavelmente já passara por situações semelhantes. A mentirosa canalha parecia bem à vontade em seu encarceramento. Ela lhe custara mil libras, ele voltou a lembrar a si mesmo. É bom que valha cada centavo. Cada maldito centavo. Devia fazer quase vinte anos desde que ele corra pelo interior atrás de uma mulher.

Atravessando o cômodo em direção a ela, ele arrancou o chapéu molhado, ciente de suas mãos hesitantes. Repuxos de expectativa percorriam seu corpo como dominós caindo e derrubando os seguintes. A cama do quarto era vultosa — como se tivesse crescido desde a última vez em que ele estivera ali. Ele respirou fundo, lembrando a si mesmo que estava no controle desse jogo. Ele era um Hartley e os Hartley sempre estavam no controle.

Conseguiu dar um sorriso tenso. — Mal-entendido?

— Isso mesmo. Eu não roubei aqueles diamantes e você sabe disso. — Mulherzinha atrevida.

— Sei?

Com o garfo na metade do caminho da boca, ela parou. — Você sabe que o conde os ganhou, nas cartas.

— O conde?

— Isso mesmo — ela respondeu, devagar, condescendente, como se falasse com uma criança.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se de frente para ela, do outro lado da mesa. — Não estou bem certo se posso convencer minha avó de sua inocência, já que você, e não ele, está de posse dos diamantes. Naturalmente, ela vai culpá-la pelo roubo. Ele lambeu os lábios, sentindo o gosto da chuva. — Eu mesmo estou inclinado a achá-la culpada. Em relação a você, acreditar em outra coisa seria do contra.

— James Hartley! — Ela empurrou sua cadeira para trás e levantou rapidamente. — Aqueles diamantes nunca foram roubados e você sabe disso. Eles foram adquiridos em um jogo de cartas. — Ela apontava o dedo para ele. — Dados ao conde por sua imoral Ophelia Southwold. Você pode negar que tem tanta culpa em perdê-los quanto ele em obtê-los?

Novamente, ele achou que ela deveria estar em um palco.

Recostando em sua cadeira, James manteve o rosto sério. — O diamante que recebi esta manhã veio da senhora, madame. Como foi que pôs as mãos na pilhagem dele?

Ela tinha uma resposta pronta. — Pedi ao conde que os desse a mim.

— Talvez vocês estivessem juntos nisso o tempo todo, não? — Ele precisava saber quanto ela participara. — Ou ele está querendo algo mais de mim usando você e meus diamantes como isca?

Ela sacudiu a cabeça, e seus cachos agitados balançaram em volta de seu rosto.

— Verei o que pode ser feito para limpar seu nome, mas se o conde não puder ser encontrado... — Ele lentamente cruzou as pernas e pôs o chapéu sobre o joelho. — Salve a si mesma e me diga onde ele está.

Ela começou a andar de um lado para o outro, e sua bainha enlameada revolia em seus tornozelos. — Você sabe que ele não roubou aquele colar.

— Lady Southwold vai jurar que ele roubou, sim, dela.

— É claro que ela está mentindo! Ela os deu a ele e ofereceu muito mais. Coisas que sou muito refinada para mencionar.

Ele riu debochado. — E por que, exatamente, devo acreditar em você?

— Então, não acredite! Pode ter certeza de que não me importo.

— Onde está seu amante agora? Ele sabe que você está aqui comigo?

Ela parou de costas para ele, com os ombros tensos. — Eu não sei onde ele está.

Lorota. *Ele e eu temos uma ligação muito estreita. Somos quase inseparáveis.*

Girando, ela subitamente foi correndo e se ajoelhou diante dele. — Sei que você pode me salvar, James. Por favor. Eu não quis fazer mal nenhum. Você certamente pode interceder por mim e falar com o oficial de justiça em Morecroft. — Ela estava com os olhos bem arregalados, brilhando. — Eu farei qualquer coisa. — Ela pousou a lateral do rosto no joelho dele e ele quase pulou da cadeira. — Querido James.

— Bem — ele tossiu. — Vou tentar o que for possível. — Ele se remexeu, desconfortável na cadeira, excitado pela proximidade dela, sua súbita vulnerabilidade — algo que ele nunca vira nela. Ela beijou seu joelho, depois passou o ombro em suas coxas, abrindo-as, entrando no meio delas. As mãos suaves subiram até o peito dele, finalmente chegando ao seu pescoço, onde ela segurou atrás, em sua nuca. Ela estava com o rosto perto o suficiente para beijar.

— Sei que você pode me salvar, James — ela sussurrou.

Com o corpo dela pressionado ao dele, ele não conseguia falar. O revólver de desejo o prendia na cadeira, à mercê dela.

— Você vai me salvar, não vai?

Ela beijou seu queixo, depois ao longo de seu maxilar, até a orelha.

— Agora estou vendo que fui uma garota muito má. — Ela lambeu-lhe o lóbulo da orelha. — Só você pode me consertar.

Rá! Finalmente, ela também via isso. Ele levou as mãos às nádegas dela, segurando firmemente junto a si. — Sim — ele gemeu de olhos fechados, passando os dentes no rosto dela. —

Sim. — Ele afagou-a através da roupa, apertou suas curvas, e as ideias de como consertá-la preenchiam-lhe a mente.

Com as mãos nos ombros dele, ela recuou para olhar seu rosto. — Era isso que você queria ouvir?

Ele ficou olhando enquanto sua pulsação latejava nas têmporas.

— Não sejamos tolos. Cada um de nós tem algo de que o outro precisa. Você precisa de uma esposa e, infelizmente, eu preciso de dinheiro. — Ela deu uns tapinhas no rosto dele com força suficiente para chacoalhar os pingos de chuva da barba por fazer. — Mas não vou implorar por sua ajuda, James. Sobrevivi vinte e sete anos às minhas custas e me atrevo a dizer que posso encontrar outro meio de manter minha família provida. Consegui, até aqui. Portanto, se você quer uma mulher fraca, que dependa de você para tudo, encontre outra pessoa. — Ao ficar de pé e alisar a saia, ela acrescentou: — Agora se você quer um casamento relativamente indolor, com uma mulher que não faça perguntas nem espere seu amor e a, feição, nem exija que você passe tempo em sua companhia e fique emburrada se você não passar — ela finalmente respirou fundo —, então fale com esse tal de Grieves para que ele saiba que foi um mal-entendido. De outro modo, vou correr meus riscos com o juiz e você pode encontrar outra mulher para se casar. Algo em que você obviamente não teve muita sorte ou jamais me consideraria.

Depois de ter mostrado seu ponto de vista, ela voltou à sua cadeira e continuou a refeição. A refeição *dele!*

James pegou o chapéu do chão e bateu com ele na coxa. Então, era assim que ela queria jogar. Ela ainda estava protegendo o conde — o homem que a usara para seus próprios esquemas de chantagem. Talvez ela já tivesse recebido uma parte das mil libras. Pode ter sido ideia dela.

— Por que você me arrastou para o interior dessa forma, Vyne? — Sem dúvida, suas desculpas seriam coloridas e divertidas.

— Eu precisava tirá-lo de Londres e de todas as suas distrações dissolutas porque quero sua atenção exclusiva.

— Por quê?

Ela deu um gole em sua cerveja enquanto aqueles olhos violeta o observavam, por cima da borda da caneca. — Eu lhe darei os diamantes de volta sob uma condição. Na verdade, cinco condições.

Ele sorriu rijo, desejando que seu sangue esfriasse, mas a carícia o deixara pelando, rígido como mármore. James não sabia o que fazer consigo mesmo. Como, sem dúvida, a tentadora tinha consciência. — Hum?

— Quero seus serviços de garanhão por cinco noites. Enquanto estivermos juntos, no interior.

Sem conseguir falar, ele ficou olhando enquanto ela servia cerveja com a mão firme, uma expressão indecifrável. Deus do céu, ela era uma ameaça, pensou ele, mais perigosa do que ele havia imaginado no passado.

— Cinco noites, por cinco diamantes — ela acrescentou, como se ele talvez não entendesse o significado do número. — Sabe, tenho pensado sobre seu pedido de casamento. A verdade é que eu gostaria de um filho.

As surpresas continuavam caindo sobre ele como nozes maduras.

Então, ela acrescentou — Mas e se você não puder me dar um?

— Não posso dizer que a possibilidade tenha me ocorrido.

— Claro que não. Para poupar a nós dois de problemas desnecessários, vou lhe dar cinco noites para exercer seu dever. Vamos nos certificar de que tudo funcione. Você está de acordo?

As palavras não se formavam.

— Não me importo se as cinco noites forem consecutivas, Hartley. O que for conveniente. Se eu engravidar, então nós nos casamos e tornamos nosso filho legítimo. Se eu não conceber uma

criança, ambos estaremos livres para seguir caminhos separados. Sem prejuízo nenhum.

Ele percebeu que uma coisa era certa, ela nunca choraria em seu ombro com seus problemas. Ela não queria ser salva nem consolada por ele.

Ela queria ser servida.

— Obviamente, você andou refletindo sobre isso.

— É claro. Embarcar em qualquer acordo com um homem como você é um erro, a menos que tudo seja considerado.

— Tudo? — Ele estava incrédulo, embora essa talvez não fosse uma palavra suficientemente forte.

— Talvez você não esteja disposto a isso e vou detestar concordar com esse casamento de conveniência para depois, um dia, acordar e descobrir que não posso ter filhos. — Ela lançou-lhe um olhar que podia ser descrito, no mínimo, como deselegante, e fanfarrão e de cobiça, na pior das hipóteses. — Por que eu não deveria lhe dar a chance de me dar o filho que quero? — As pálpebras dela estavam novamente pesadas. Ela passou a ponta da língua no lábio superior, limpando um pouquinho de espuma da cerveja. — Com sua beleza e minha inteligência... Não fique com essa cara tão mal-humorada, Hartley. — Ela riu. — Levar-me para a cama não vai desgastá-lo tanto. Serei muito boa, prometo, e vou atender a todos os seus desejos.

Suas palavras ousadas e provocantes o deixaram inquieto, e seu pênis aumentou mais um centímetro, desconfortavelmente testando o tecido das calças já apertadas.

— Cinco noites por cinco diamantes, Hartley. Você quer todos de volta, não quer? — Pegando o garfo, ela terminou a comida do prato, aproveitando ao máximo sua hospitalidade. E de seu estado confuso e mudo. — Só há mais uma coisa — ela acrescentou.

É claro, tinha de haver mais uma.

— Durante essas cinco noites é bom que não haja outras mulheres.

James engasgou ao responder. — Nem outros homens.

Ela assentiu. — Bom. Eu deverei ter sua total atenção durante as cinco noites. No interior.

Ele curvou a cabeça. — E eu deverei ter a sua.

O fogo da lareira chiou e espirrou, conforme a chuva desceu pela chaminé, tentando apagá-lo. Ele conhecia a sensação. Nada tampouco apagara suas chamas. Ela dera a centelha ao engatinhar entre suas coxas e pressionar seu corpo junto ao dele. Agora o deixara arder de propósito.

— A menos, é claro — acrescentou ele, baixinho —, que você não queira desistir de mim depois das cinco noites.

A megera impertinente teve a audácia de cair na gargalhada. — Vou correr esse risco.

James não disse nada. Seus dedos tamborilaram no chapéu e seu olhar se fixou nos lábios dela, que engolia o último pedacinho.

— E isso não é um *noivado*, Hartley. É um acordo de casamento se — e somente se — houver um filho. Eu tive pouca sorte com noivados, portanto prefiro não chamar assim.

— Como quiser.

Alguns instantes se passaram enquanto ele organizava seus pensamentos, os quais ela havia massacrado, deixando em pedacinhos com a longa espada que era sua língua. Logo quando ele achou que estava no controle da situação, ela o arrebanhara novamente. Ele não estava gostando disso. Nem um pouco.

— Gostaria de um pouco de cerveja? — Ela perguntou. — Você está parecendo um tanto paralisado.

— Não. Obrigado. — Ele via que precisaria de seu juízo perfeito nesta noite.

Ele se levantou e caminhou até a porta. Quando girou encarando-a novamente, ela estava lambendo os dedos e cantarolando baixinho, despreocupadamente.

Ela parou e pareceu surpresa por ele ainda estar ali.

— Então, começaremos agora — disse ele, virando a chave na fechadura com um clique ruidoso.

— Agora?

— Você disse que seria à minha conveniência. Madame. — Ele não confiava em um único cacho em sua cabeça e ela não fugiria dele novamente. Nunca mais.

Capítulo 10



ELA EU UMA OLHADA para os restos espalhados na mesa e percebeu que não havia mais nada para comer. Não havia desculpas para ficar adiando isso.

Ele estava tirando a camisa. — Ande logo, Vyne.

O corpo dela se remexeu e seu pulso acelerou o suficiente para bater claras em neve. — Você poderia olhar em meu baú e procurar um robe de renda de Bruxelas?

Ele estava com os nós dos dedos pousados nos quadris, olhando fixamente para ela.

— Eu gostaria de me trocar atrás do biombo — ela explicou.

Ele ainda hesitou, já metade desnudo. Pela expressão dele, ela receou que ele não apenas se recusasse a pegar o robe, mas fosse arrancar sua roupa com os dentes. A luz da lareira banhava os sulcos de seu belo dorso enquanto ele esticava os braços, demorando.

— Você sabe o que é uma renda de Bruxelas, não é? — Ela perguntou, educadamente, com um sorriso proposital. — Tenho certeza de que você já viu de sobra. Ou em geral está inebriado demais para notar?

Finalmente, ele foi marchando até o baú, abriu a tampa quebrada com um chute e agachou para remexê-lo. Ele tirou a peça fininha e jogou para ela. Ela foi para trás do biombo que

ficava em um canto do quarto, onde levou alguns instantes para se recompor. Espiando pelas frestas do biombo, ela o viu se despir. Ele jogou as botas, depois tirou a calçola e a roupa de baixo. Todos os seus gestos eram concisos, zangados. Ela não tinha ideia que exigir serviços de garanhão o deixaria furioso a esse ponto. Entretanto, esse assunto tinha de ser sob suas condições. Ela não podia deixar que ele estipulasse as regras. Ela já estava arriscando demais, mesmo assim.

Ele pulou na cama e se esparramou, esperando por ela. É claro que imaginava que ela fosse experiente, mas o conhecimento prático de Ellie se baseava em um único encontro com o pequeno equipamento de Walter Winthorne, e algumas meras desventuras com o empregado do pai, quando ela era jovem e curiosa. Ela sabia o que vinha em seguida, mas havia variantes — coisas misteriosas sobre as quais ela apenas ouvira falar. Ela olhou seu porte musculoso e sentiu um peso quente entre as pernas. James Hartley, seu brinquedo pecaminoso, por cinco noites.

— Ande logo, Vyne — ele gritou novamente com as mãos atrás da cabeça, meio apoiado nos travesseiros.

Seu jeito era tranquilo, até desprendido. Ellie tentou não notar. Afinal, ela sabia no que estava se envolvendo quando sugeriu esse acordo. Ela não podia culpar ninguém exceto a si mesma.

Ela amarrou o cinto de seda ao redor da cintura e seguiu à frente da lareira. Os olhos dele se estreitaram. Ele ficou totalmente imóvel, fazendo-a se lembrar de uma pantera no zoológico, esperando que o tratador abaixasse um pedaço de carne crua e colocasse em sua jaula.

— Já não era sem tempo — disse ele.

Ela não podia concordar mais. Ele gesticulou chamando-a com um dedo. Ao se aproximar da cama, ela ousadamente pousou a mão em sua coxa. Ele estava quente onde ela o tocou, e os pelos de seu corpo eram macios, o músculo por baixo era rijo como aço. Deitado nu em pelo diante dela, seus olhos azuis em fogo e

os cabelos banhados pela luz suave das velas, ele parecia um arcanjo devasso.

— Você já deve ter tido muitas propostas como essa — ela provocou —, com tanta beleza masculina a seu favor.

A coxa dele flexionou sob o afago da mão dela. — Você já fez muitas propostas desse tipo?

— Inúmeras. Você não ouviu os boatos a meu respeito?

Ele inspirou baixinho. — O que, exatamente, você tem planejado para mim, Vyne? — Agora havia um tom de diversão na voz dele.

O olhar dela subiu até o rosto dele sem pular nem um centímetro, e sua respiração acelerou. — Qualquer coisa que você desejar.

James se apoiou no quadril e deu um tapinha no colchão ao seu lado. — Então, é melhor começarmos.

Ellie sentia a pulsação tremular. A luz de velas dançava sobre os cabelos dele, enfatizando o tom dourado. Novamente, ela observou seus traços, um a um: o nariz fino, os lábios esculpidos, sempre prontos para debochar dela, as maçãs do rosto saltadas e os olhos brilhantes, com uma nuance tropical essa noite. O hematoma em seu olho dava um ar de perigo, trazia suas feições angelicais de volta à terra e ao alcance de uma diabinha como ela.

— Se tenho de ser usado como um dispositivo de reprodução, Vyne, eu gostaria de começar logo com isso.

Ele estava claramente pronto. Não havia como esconder sua excitação.

Meu bom Deus, o que ela estava fazendo? Ela sacudiu a cabeça e riu suavemente. Deus não tinha resposta para ela, mas o diabo talvez tivesse.



Enquanto ela remexia o nó do cinto do robe de renda, ele percebeu que sua intenção era novamente demorar. James agarrou-a pela cintura e puxou-a para a cama, rapidamente prendendo-a sob seu corpo. Logo que ela tinha saído de trás do biombo, ele viu que ainda estava com o corpete e a combinação por baixo do robe, mas esses itens não o impediam de admirar o formato de suas pernas nem de ver que ela não estava de calcinha.

Sua reação foi instantânea e quando ela tocou sua coxa, ele quase explodiu. Agora ele esfregava sua ereção junto aos tecidos finos que ela insistia em usar na cama. Ela soprou os cachos sobre a boca, com as bochechas rosadas, olhos brilhando para ele, a suntuosidade separada de seu corpo rijo por uma combinação transparente, um pouquinho de renda e um espartilho. O coração dele estava disparado, estremecendo seu corpo.

Depois de aproximá-lo com cuidado, como um animal selvagem atento a uma armadilha, agora ela ria dele de novo, como se ele estivesse ali exclusivamente para entretê-la. A cada riso, a curva de seus seios pressionava de encontro ao peito dele. Ela tinha uma pele clara, macia. Não tão clara como era a moda para uma dama, mas reluzente sob a luz aquecida e pulsante.

— Está pronta para seu primeiro serviço? — Ele separou as pernas dela com suas coxas largas, as mãos firmes nos punhos dela, segurando ambos, um de cada lado da cabeça, dos cabelos em desalinho. — Não estou disposto a atrasos.

Ela se esforçou à frente, em direção aos lábios dele, mas ele ainda não queria tocá-los. Ela arqueou e ele mexeu o quadril, fazendo com que ela sentisse cada centímetro de seu desejo por ela. Durante as últimas noites ele havia suportado esse estado de agitação sem ter a oportunidade de abrandar a aflição. Era culpa dela, pois ele não conseguira olhar para outra mulher desde a noite em que a encontrou na cama do conde. Agora ele finalmente tinha essa tentadora notória embaixo dele, inquieta, latejando de energia. Querendo que ele lhe desse um filho. Ela

falava como se o filho fosse só dela, para criar, não deles. Ela não esperava que ele estivesse por perto nem que tivesse interesse pela paternidade. Como se ele pudesse doar sua semente e não ligar. Esse era o pouco juízo que ela fazia dele.

James já não sentia mais o frio da umidade daquele dia fatigante; suas dores e anseios iam rapidamente se dissolvendo. Ele estava a menos de um centímetro de penetrá-la, o saco estava retesado, o sangue inchava seu pau, o sêmen borbulhava. Ele olhava seu rosto em meio aos cachos escuros. O desejo inundava os olhos dela. Ela não tentou impedi-lo. Desavergonhada. Incorrigível. Literalmente impertinente. E linda.

Linda encrenca. Ele sempre soube disso, sempre tentou olhar para o outro lado e evitar a tentação. Ficava de lado, olhando outros homens dançando com ela, rindo com ela, sussurrando em seu ouvido.

Não mais.

Ali estava a mulher que lhe foi proibida por tanto tempo e agora ele pegaria o que queria.

Aquelas pernas compridas roçavam em suas coxas, seu quadril, seus flancos. A urgência entre eles estava prestes a transbordar.

Ele finalmente soltou seus punhos e a beijou, com as mãos em seus cabelos, enroscando em seus dedos longos. Ele enfiava a língua e mergulhava o quadril ao mesmo tempo, e poderia tê-la possuído ali, na hora, se não fosse pela combinação — a fina barreira que ainda atrapalhava. Todo aquele remexer tinha embolado a seda acima, em suas coxas, umedecida pelo calor de ambos. O tecido provocava a cabeça de seu pau, acariciando-o. Ele queria rasgar o pano e mergulhar dentro dela.

De alguma forma, ele dominava o impulso. Ele lhe dissera que não estava disposto a esperar, mas, depois de ter esperado tanto, talvez pudesse esperar um pouquinho mais. Ele também a faria esperar.

Quando ele deslizou na cama, a moça impertinente exigiu saber aonde ele ia. As mãos dela o agarravam enquanto ele se soltava dela.

Ele pousou as mãos espalmadas no interior das coxas dela e abriu-as, depois acomodou os ombros no meio de seus joelhos. — Mulher, você é impaciente demais, ansiosa demais. Contenha-se um pouco.

Enquanto ele subia a combinação por seu quadril, tirando-a do caminho, ela tentou fechar as pernas, mas ele a prendera, aberta, para que *ele* agora a provocasse. Ele deu um beijo suave em seu sexo, mal o tocando. Teria sido um ronronar que ele ouviu e refletiu levemente em seu corpo? Se não, havia um gatinho em algum lugar, escondido embaixo da cama. Ele a lambeu apenas uma vez, bem depressa. A doçura divina e cremosa explodiu em sua língua e ele queria mais, mas ele a fez esperar até que ela tentasse se erguer do colchão, frustrada. Então, ele novamente a beijou intimamente, dessa vez de maneira mais demorada, deixando que sua pele macia se acendesse molhada e quente sob seus lábios.

— James — ela gemeu, emaranhando os dedos nos cabelos dele —, o que está fazendo?

— Essa é uma das cinco noites, mulher. Não estou com pressa.

Ele queria Ellie Vyne totalmente à sua mercê porque estava à mercê dela há quase dez anos.

Ele lentamente lambia sua doçura, deleitando-se com a perversidade de provocá-la, e desfrutava desse deleite. A respiração dela mudou, acelerou. Ofegos irrompiam acima da cabeça dele. James revolia a língua junto à pele macia e quente, e a enfiava lá dentro. Ele fechou os olhos. O tesão explodia em sua virilha, clamando por ser satisfeito. Seu pau ereto e latejante pulsava junto ao colchão.

Ela estava tremendo. Aberta para ele. Sem ar. Seus dedos emaranhados nos cabelos dele, quase arrancando-os pela raiz.

Perto de chegar ao ápice, ele de alguma forma se segurou novamente e esperou mais um pouco, só para atormentá-la. Ele respirou fundo, depois de novo, enquanto ela se contorcia diante dele, tentando fechar as coxas, querendo mais, exigindo que ele terminasse. Ela estava a um fio de desmoronar. Ele finalmente tocou seu sexo com a língua.



Ela fechou os olhos enquanto o tremor a sacudi violentamente. Deus, o que ele tinha feito com ela? Aquele som era dela mesma, um gemido rouco de natureza tão incivilizada? Os dedos dela estavam segurando o lençol embolado, mas ainda assim ela estava voando alto.

Essa é uma das cinco noites, mulher. Não estou com pressa.

Fiel à sua palavra, ele foi devagar. Ela certamente não podia reclamar. Finalmente voltando a si, ela abriu os olhos e o encontrou mais uma vez apoiado sobre ela, observando seu rosto. Mesmo com a sombra e a luz tremulante, ela sentiu a intensidade azul nos olhos dele. Ela leu seus pensamentos. Ele sabia bem da encrenca na qual eles estavam se metendo e não podia evitar, da mesma maneira que ela. Eles eram casos perdidos. Esse desejo proibido tinha crescido dentro de ambos e só havia uma forma de dominá-lo.

— Vire-se — ele sussurrou, com a voz rouca.

— *O quê?*

Ela sentiu a vibração do riso baixinho. — Corpete. De renda. Tirar.

— Ah. Sim. — Ellie virou para que ele fizesse o trabalho. — Ande logo — ela urgiu.

Ele moveu os lábios molhados em sua nuca, por seu pescoço, e ela sentiu seus dentes mordiscando levemente a sua pele. — Se

quiser ser montada apropriadamente por este garanhão, precisa ter paciência, minha potranca travessa.

Entretanto, Ellie sentia que lhe restava pouca. O pouco que lhe restava rapidamente escoava por entre seus dedos. — Eu me pergunto o que sua avó diria se o visse agora.

Ele puxou os cordões do corpete com muito mais força que o necessário, como se fosse uma dama de companhia extremamente rabugenta e incompetente. — Tenho certeza de que ela teria palavras de sobra, independentemente do que dissesse.

Ellie riu. Ele não.

Quando ele ajoelhou, com uma perna de cada lado das dela, ela deu um pulo, com a sensação de sua masculinidade tocando seu traseiro. O calor podia até derreter o tecido fino da combinação. — Acho bem difícil acreditar que você nunca tenha desamarrado o corpete de uma mulher, Hartley — ela reclamou e agarrou o travesseiro com os dois braços.

— Eu nunca desamarrei o *seu* corpete — ele respondeu. — Por algum motivo, neste caso, estou todo sem jeito.

Surpresa pela confissão ingênua, ela ficou parada, suas reclamações mergulharam no travesseiro, seu corpo atento ao toque das pontas dos dedos dele, querendo que fossem mais velozes, querendo que tivessem uma destreza súbita. A expectativa podia matá-la lentamente, porém ela tinha certeza de que poderia reviver da morte. A forma como ele a beijara era diferente de tudo o que ela conhecia. O deleite irracional que a percorrera, com seu olhar azul fogo, provavelmente lhe causaria danos se ela não fizesse algo a respeito, e logo.

Ele pressionou os lábios no ombro dela enquanto soltava os cadarços. Sua respiração estava agitada, cada beijo que ele dava era um pouquinho mais forte, demorava um pouquinho mais, acelerando no fim. Enquanto afrouxava o corpete, ele puxou sua combinação para baixo, deixando sua pele das costas à mostra, uma vértebra de cada vez.

O último cadarço estava quase solto e seus beijos tinham chegado à base da sua coluna, quando subitamente ocorreu a Ellie que o som de batidas não era de seu coração, nem do granizo que caía no telhado. Tinha alguém esmurrando a porta.



James escancarou a porta depois de apressadamente vestir a calçola e a camisa, com a cabeça fervendo, pronto para enforçar quem estivesse perturbando sua noite.

Era Grieves.

— Desculpe, senhor — disse o mordomo —, mas surgiu algo muito desagradável.

Atrás do mordomo, ele ouviu o som de Ellie se mexendo para sair da cama, apressando-se ao biombo. A frustração borbulhava em suas veias e aquecia, de forma incômoda, algumas partes de sua anatomia.

— O que é? — Ele estrilou. — A outra saiu?

— Não, senhor. — Grieves baixou o tom de voz para um sussurro. — Aquele item está seguramente guardado e dormindo como um cãozinho depois de um jarro de sidra.

— Graças a Cristo! Então, que diabo...?

— Eu tive a ideia de ficar mais seco na carruagem, senhor, porém, ao entrar, fiz uma descoberta alarmante.

James percebeu que seu mordomo estava com alguém ao seu lado. Sob a luz fraca, seus olhos levaram alguns momentos para se ajustarem, então a sombra olhou-o e exclamou — Eu lhe disse que não estava fugindo. Os homens nunca ouvem.

Ele xingou baixinho.

— De fato, senhor — comentou Grieves. — Um ronco ruidoso me alertou quanto à presença da jovem e, quando ergui o

assento, lá estava ela, dentro do compartimento de bagagem, toda encolhida, como um bicho carpinteiro.

Lady Mercy Danforthe bocejou enquanto os dois homens olhavam para ela, um, abismado, o outro, em desespero.

— Pelo amor de Deus, não posso acreditar nisso — murmurou James. Ele já estava com problemas suficientes em ficar de olho na tal Vyne, que podia ou não fazer parte de alguma trama de chantagem usando seu corpo, seus lábios e olhos para iludi-lo totalmente. Ele já estava de mãos cheias e a última coisa que precisava era dessa criatura problemática colada no seu pé. Ele passou a mão nos cabelos. Seu sangue aquecido ainda não tinha voltado ao normal e o monstro temerário do desejo ainda tinha algum controle sobre sua voz. — O que devemos fazer com ela? — Perguntou ele.

— Posso mandá-la de volta para Londres, senhor, com um acompanhante. Se alguém de confiança puder ser encontrado. Talvez o item guardado na despensa possa ter alguma utilidade.

— Meu bom Deus, não! — Ophelia Southwold era a última mulher em quem ele confiaria os cuidados de uma criança.

— Eu mesmo vou cuidar disso, senhor.

Mas James também não queria isso. As coisas tendiam a desandar quando seu mordomo não estava por perto para ajudar e era um longo caminho para mandá-la de volta. Ele não queria a culpa recaindo sobre seus ombros caso acontecesse alguma coisa com a garota vilã. — Não, não. Deixe que seu irmão venha buscá-la. Está na hora de ele assumir a responsabilidade.

A jovem baixinha ficou olhando para James com olhos enormes, mas não disse nada.

— Muito bem, senhor, mandarei um mensageiro ao conde de Everscham para comunicá-lo que sua irmã está segura e bem.

— E precisando de uma carona para casa. Ele certamente pode abandonar seus prazeres na cidade pelo tempo necessário para vir buscá-la.

Grievés fez uma reverência. — Desculpe incomodar sua noite, senhor, mas eu não sabia onde mais colocar a jovem. Ela não podia permanecer no compartimento de bagagem.

— Não vejo por que não.

— Porque era muito apertado — exclamou a criança. — Tenho certeza de que estragou minha melhor musselina e a borda de pele do meu casaco está toda amassada.

Subitamente, uma voz suave emergiu por trás do biombo. — Está tudo bem, Grievés, de qualquer forma, nós já terminamos. A jovem pode entrar e comer alguma coisa.

Grievés, que raramente mudava de cor, agora parecia uma lagosta fervida.

James começou a enfiar a camisa para dentro das calças e uma onda de irritação irrompeu por ele. Ela achava que eles tinham terminado, é mesmo? *Au contraire!* Ele agarrou a clandestina com o punho fechado e a trouxe para dentro do quarto. — Lady Mercy, essa é minha noiva, a senhorita Mariella Vyne.

A garota ficou encarando o biombo. — Noiva? *Noiva?*

Vitória! A danadinha já não o olhava com os olhos caídos de adoração.

— Muito prazer em conhecê-la, lady Mercy. — Ellie estendeu a mão pela lateral do biombo.

Houve um momento de silêncio.

Então, a criaturinha abriu a boca, fechou os olhos e soltou um grito horrendo, de estourar os tímpanos. Temendo que fosse acordar cada alma da hospedaria e atraí-las à sua porta, James tentou cobrir-lhe a boca com a mão. O resultado foi uma mordida com tanta força que ele girou a mão para afastá-la e quase atingiu Grievés, que teve a presença de espírito de dar um passo atrás, porém, ao fazê-lo, derrubou a armadura decorativa. James estava xingando, curvado sobre a mão, quando a armadura caiu sobre ele, seguida pela lança, que o mandou para o chão com um estrondo.

A última coisa de que ele se lembrava, antes que alguém apagasse todas as velas e a escuridão total viesse, era o gosto da poeira, os gritos de clamor de lady Mercy e a aproximação veloz dos chinelos de Ellie.



— Ele está morto? — Lady Mercy deu um gritinho ao cair de joelhos. — Oh, meu amado James! Eu o matei!

Grievous ajudou Ellie a erguer as peças da armadura de cima do homem prostrado. Ela não podia acreditar que fosse pesada o suficiente para derrubá-lo daquele jeito, pois ele não era um homem pequeno, mas a lança tinha batido com bastante força atrás de sua cabeça. Alarmada, ela viu sangue em sua testa no local que bateu contra o chão. Ele estava pálido, de olhos fechados, sem se mexer.

— Precisamos de um médico, imediatamente — ela exclamou.

— Serei enforcada por crime passional — Lady Mercy estava aos prantos, as lágrimas rolavam por seu rosto. Ellie não tinha ideia de quem era aquela criança nem o motivo para que ela estivesse seguindo James, mas não era nada chocante descobrir mulheres de todos os formatos e tamanhos andando em seu rastro. Ela tinha certeza de que metade delas também nem sabia por que o fazia.

Ela estendeu o braço para tranquilizar a criança, mas lady Mercy se encolheu, como se ela tivesse lepra. — Pessoa horrenda! Ele deveria se casar comigo.

— Não vamos nos preocupar com isso agora. Precisamos cuidar do James, você não acha?

A garota fungou e uma lágrima pingou de seu queixo. — Coitadinho do querido James.

Com a ajuda do senhor Grieves e o impedimento de lady Mercy, Ellie conseguiu colocá-lo na cama. Ela limpou o sangue usando um de seus lenços e um pouco de água da bacia que estava atrás do biombo. Lady Mercy ficou ao pé da cama, remexendo as mãos de remorso. Assim que Grieves saiu correndo para arranjar um médico, o paciente abriu os olhos.

— Opa, minha cabeça está doendo — ele gemeu.

— Não estou surpresa. — Agora que ela limpou o sangue, só havia um calombo minúsculo na testa dele e um pequeno arranhão, nada monstruoso. Os homens sempre faziam mais estardalhaço que o necessário por um pequeno ferimento. — Fique deitado quieto.

— Obrigado, milady — murmurou ele, e suas pálpebras fecharam-se novamente. — Acho que farei isso, se não se importa, milady.

Ellie estreitou os olhos para ele. *Milady?*

A voz dele foi sumindo, sonolenta. — Não darei trabalho nenhum.

— Pobrezinho do meu querido James! — Lady Mercy correu até a cama e pegou uma de suas mãos com suas duas mãozinhas. Ele certamente tinha uma tendência para despertar a simpatia feminina.

— Preciso voltar ao trabalho — murmurou James, conseguindo dar um sorriso fraco.

Trabalho? Agora Ellie começava a duvidar se, no fim das contas, tinha sido apenas uma batidinha na cabeça. O estrago podia ser maior do que parecia.

— Não posso ficar deitado o dia todo — acrescentou ele. — Há coisas a serem feitas.

— Tenho certeza de que podem esperar — ela respondeu, cautelosa.

— Mas tenho serviços... a realizar. Serviços de garanhão.

O rosto de Ellie esquentou.

O homem ferido murmurava com uma voz estranha e suave. — Desculpe-me, milady. Eu não deveria ter mencionado isso. Shhh. — Ele pressionou um dedo nos próprios lábios. — Segredo. Não é para contar.

— Poderia revolver o fogo da lareira, lady Mercy? — Gritou Ellie, com a voz alta e fina. — Está parecendo um pouco frio aqui. — Primeiro, pareceu que a garota se recusaria. O pedido só foi obedecido quando Ellie frisou que James talvez estivesse com frio.

Enquanto a garota dava as costas, aparentemente envolvida em remexer o carvão, os lábios dele se abriram para soltar um gemido suave. — Não posso me esquecer dos soldados. Sempre há soldados, porém ela tem um par adorável de peitinhos.

Ellie olhou para lady Mercy. Agora revolvendo o fogo com violência com um espeto de ferro, a garota parecia ter temporariamente se esquecido de sua preocupação pelo “pobrezinho querido James”. Seus gemidos comoventes eram sutis demais para ser ouvidos àquela distância.

— Pare com isso — Ellie sussurrou. — Apenas fique quieto. Não fale.

— Alguém tem de dar uma surra naquela danada. — Ele riu baixinho.

— James! Quietos!

Ele pegou as pregas de seu robe enquanto ela se inclinava acima dele. — Você me deve mil libras. Eu paguei por sua companhia. Vou querer de volta com juro, madame. Não terminamos. Você me deve cinco noites.

Com cuidado, ela tirou a mão dele do tecido, mas os dedos dele continuaram segurando os seus com a mesma determinação.

— Diga ao senhor Grieves que voltarei ao trabalho assim que o sol raiar, madame. O trabalho de um mordomo nunca termina. Se pudesse viver um dia no meu lugar, saberia.



O médico era um sujeito gorducho com uma peruca ligeiramente torta e os botões do paletó estavam todos nos buracos errados, menos um. Ele tinha olhos brilhantes e uma disposição alegre, claramente enfatizada pela bebida. Conforme cambaleava ao redor da cama examinando James de um jeito bem apressado que fez Ellie supor existir algum propósito para o doente, ele cantarolava baixinho e ocasionalmente dava uma risada rouca. Ele balançou, tentando segurar a haste da cama e errando em vários centímetros.

— Tenho certeza de que *iss* não é nada, só uma *pacadimmm*, *madammme* — anunciou. — Uma boa noite de sono vai ajudar. Mantenha os pés para cima, para o sangue voltar ao cérebro. Não aconselho aplicação de conhaque nem nenhum outro suposto restaurador. Não sou a favor *diss*. — Ele frisou com um arrote ruidoso; se ela segurasse uma chama acesa, teria ateado fogo às cortinas da cama.

Ela franziu o rosto. — Mas ele não parece saber quem é, nem onde está. Ele acha que é um mordomo.

— Madame, isso é da batida — o médico disse, enrolando a língua. — *Iss* é uma pena, mas é isso. Acidentes acontecem. O cérebro vai se endireitar sozinho.

Com a mesma rapidez que ele deu seu fio de esperança, ele a tirou novamente.

— É claro que talvez não melhore. Não há nada que possamos fazer, exceto esperar.

Ellie detestava se sentir impotente. Quanto mais ela observava o homem esticado na cama, mais ferido ele parecia. Muito de sua aparência lamentável devia-se ao hematoma que ele já tinha no

olho, mas com o sangue na testa era mais do que ela podia suportar. — Certamente, há algo que podemos...

— Não. Não. — O médico fechou a trava da maleta com um estalo. — Na verdade, madame, quanto menos for feito, melhor. Ele não pode sofrer choque. Deixe que ele volte lentamente à realidade. É muito melhor para o cérebro que ele se cure sozinho.

Grievess estendeu o braço com o casaco respingado de lama do médico. — Está dizendo que devemos deixá-lo acreditar no que lhe vier à mente e não tentar fazê-lo lembrar-se de quem ele é? — Havia um tom claro de alegria na voz do mordomo.

— Precisamente. Forçar a memória não faz bem nenhum e talvez lhe cause danos.

Sacudindo a cabeça, Ellie caminhou até a janela e olhou o escuro, vendo o pátio da hospedaria encharcado pela chuva. Como é que eles iam lidar com James agora e levá-lo em segurança até a avó nesse estado?

Quando o médico saiu, Grievess tentou consolar. — Amanhã, nós o levaremos até Morecroft e deixaremos que seu próprio médico o examine, madame. Não se aflija.

— Mas como podemos deixar que sua avó o veja desse jeito? Ela pensará que é culpa minha, sem dúvida.

— Bem verdade. — Grievess deu um sorriso esquisito, como se tentasse contê-lo, mas depois cedeu. — Talvez seja melhor que ela não saiba. Por enquanto. — Ele endireitou os lábios e tentou um rosto solene. — A senhorita não precisa se preocupar, tenho certeza de que ele logo vai melhorar. Afinal, não é a primeira vez que algo pesado lhe atinge a cabeça.

Ficou decidido que lady Mercy deveria ficar com eles no quarto, naquela noite, e Grievess voltaria ao estábulo. A chuva tinha parado e ele garantiu que estava bastante satisfeito em dormir lá. O mordomo parecia de bom humor para um homem cujo patrão estava deitado, confuso e inútil, mas sua confiança alegre fez com que Ellie se sentisse um pouquinho melhor.

Ela pediu outro jantar para lady Mercy e observou-a comer. Frequentemente verificava se James ainda estava respirando; depois, satisfeita porque ele estava, voltava ao seu lugar à mesa.

— Diga-me como foi parar escondida na carruagem do senhor Hartley, lady Mercy.

— Eu fugi, é claro. Para ficar com *ele*. — Seu rostinho se fechou com uma cara feia. — Agora você está aqui. Isso é muito injusto.

— A vida é injusta muitas vezes.

— Mas estou apaixonada por James Hartley! — A declaração fervorosa de lady Mercy fez as chamas das velas dançarem. — Ele salvou a minha vida, sabe. — Ellie tinha ouvido falar de um resgate, a cavalo, semanas antes. — Ninguém veio em meu auxílio. Meu irmão nem estava vendo. Eu estava bem sozinha. Poderia ter morrido se James não viesse de cavalo atrás de mim.

— Isso foi muito nobre da parte dele.

— Eu me lembro nitidamente. Eu estava com uma jaqueta rosa de cetim e uma echarpe listrada, rosa e branca. E estava com minhas luvas verde-limão. Ah, e lindas plumas no meu chapéu, que deixou Cecelia Montague verde de inveja. Embora ela negasse veementemente.

— Entendo.

— O pobrezinho querido James já salvou sua vida?

Ela riu. — Não. Eu salvo minha própria vida. — Ela sempre fora sua própria salvadora.

— Sei que você não o ama como eu amo. Não pode amar. Ama? — Perguntou a menina.

Ellie hesitou. — Realmente não importa a quem amamos, porque, às vezes, a outra pessoa é incapaz de retribuir nosso amor. Se você não tiver essas expectativas, não se magoará, nem se decepcionará. Uma pessoa está muito melhor sendo independente, sem contar com nenhuma outra, guardando seu coração para si.

Lady Mercy a olhava com aquela arrogância peculiarmente precoce. — Você é uma meretriz?

— Perdão?

— Uma mulher da noite? Uma avulsa? Uma mulher de programa?

— Minha nossa, não. O que a faz pensar...?

— Mas você estava quase sem roupa e estava na cama com ele.

lil. — Eu só estava mudando de roupa. Minha roupa estava molhada da chuva. O senhor Hartley estava... me ajudando.

— Eu o ouvi dizer que pagou por você. Algo sobre cinco noites.

Ellie respondeu sucinta: — Ele bateu a cabeça. Não sabe o que está dizendo.

— Meu irmão prefere gastar seu dinheiro com meretrizes em vez de jovens apropriadas porque elas não complicam as coisas.

— Ele prefere?

— Ele diz que nunca vai se casar.

— Provavelmente, é uma escolha inteligente — ela respondeu, de esguelha. — Pelo bem das mulheres, em todos os lugares. — Estendendo a mão ao outro lado da mesa repleta, ela pegou a caneca de cerveja das mãos da menina. — Você deve tomar limonada.

A pequena madame arrogante torceu o nariz. — Eu posso beber cerveja. Isso é muito fraco. Meu irmão me deixa tomar vinho em casa. Até provei conhaque uma vez. Ele me desafiou a tomar um copo inteiro por um shilling.

— Seu irmão parece um sujeito e tanto. Imagino que ele seja seu único responsável, não é?

A menina assentiu. — Ele me deixa fazer o que eu quiser, desde que me livrei da babá.

Ellie sorriu. — Se a vida é tão boa em casa, por que você está fugindo?

Os olhos verdes de lady Mercy se arregalaram o suficiente para mostrar um brilho súbito de temor. Ellie se lembrou do que ela dissera sobre o incidente no cavalo.

— Talvez estar com James a faça sentir-se mais segura?

Novamente, a menina não respondeu. Em vez disso, bocejou profundamente, esfregando os olhos, com os ombros caídos. Aparentemente, também não havia ninguém que ligasse para sua postura.

Ellie arrumou o pé da cama para lady Mercy, mas se resignou a uma noite desperta na poltrona perto da lareira. A criança foi rápida em frisar que era inapropriado que pessoas não casadas dormissem no mesmo quarto a noite toda. Ellie lembrou-lhe que James precisava de uma enfermeira para cuidar dele. Nessas circunstâncias, ela disse, as regras podiam ser flexíveis.

— E você será nossa acompanhante, lady Mercy — acrescentou ela.

— Sim. Vou ficar de olho! Não haverá nada *daquilo* por aqui. De fato, ela pensou, não poderia haver.



James abriu os olhos só um pouquinho. Ele perdera a memória só pelos primeiros instantes depois de acordar do golpe. Uma vez que seus sentidos voltaram com força total, ele se aproveitou do acidente. Ia se divertir um pouquinho com a senhorita Vyne e, se ela saísse das cinco noites ilesa, não seria por falta de tentativas de sua parte. Ele teria o valor de suas mil libras de volta e até mais. Serviços de garanhão, de fato!

Com muito cuidado, ele saiu da cama, pegou um dos cobertores que ela tinha estendido sobre ele e o levou até onde ela dormia, na poltrona. Lady Mercy seguia roncando contente na caminha improvisada. Ele estendeu a coberta sobre Ellie,

prendendo-a ao seu redor, tentando não pensar muito naquele corpo delicioso que ele fora impedido de desfrutar inteiramente. Ela se mexeu um pouco. Seus olhos tremularam rapidamente, mas não chegaram a focar em seu rosto quando se debruçou sobre ela.

— Durma, milady — sussurrou ele. Seus lábios roçaram nas pálpebras tremulantes. — Vai precisar do sono para nosso próximo encontro.

— Hum.

Ele deixou que seus dedos deslizassem delicadamente pela lateral de seu rosto, depois por seu pescoço gracioso. Por mais que sua respiração pesada o tentasse, ele não podia deixar a mão deslizar mais longe. Não naquela noite.

Capítulo 11



ELA ACORDOU ASSUSTADA, SURPRESA por ter adormecido. Seu pescoço estava rijo por ter dormido na poltrona. Lady Mercy, já de capa e botas, com uma echarpe de pele pendurada no pescoço, estava ao seu lado, cutucando-a com um dedo.

— Acorde, Vyne. Ele disse para acordá-la e para você descer.

— O quê? Quem? — Ela deu um salto e limpou a saliva do canto da boca com uma das mãos.

A cama estava vazia, todas as coisas do jantar de ontem haviam sido recolhidas e o quarto estava arrumado, até as peças da armadura estavam de volta em seu lugar, protegendo a porta.

— Ele ainda acha que é um criado — acrescentou a menina, cantarolando. — É tudo culpa sua, porque se você não tivesse usado suas terríveis astúcias femininas para seduzi-lo ele teria esperado por mim. Ele jamais estaria aqui com você, uma prostituta sem virtude, e eu jamais teria gritado.

Com que rapidez a garota tinha arranjado um culpado para sua parte no acidente da noite anterior. Isso fez com que Ellie se lembrasse de si mesma.

Ela pegou a manga do casaco da menina, segurando com o polegar e o indicador. — Lady Mercy, você precisa prometer que não dirá nem uma palavra do que viu ontem à noite.

— Por que eu deveria prometer alguma coisa a você?

— Porque até que o senhor Hartley esteja bem — *e possa se defender*, pensou ela, tristemente —, é melhor não mencionar nada. — A última coisa de que ele precisava em seu estado atual era que sua avó descobrisse, através de boatos, que James tinha passado a noite com Ellie Vyne em Barley Mow. — Pelo bem dele — ela acrescentou, sabendo onde estava a lealdade da menina.

A criança truculenta projetou o lábio inferior.

Ellie suspirou profundamente. — Vou lhe dever um favor.

Finalmente, a garota concordou em fazer o melhor possível. — Embora eu não possa prometer — disparou ela. — Sou terrível para guardar segredos. — Com esse pequeno consolo lançado, ela empinou o nariz sardento e saiu faceira.



Em algum momento depois da meia-noite deve ter voltado a chover forte. Havia grandes poças no pátio da hospedaria e o ar estava pesado e úmido. A cada palavra dita, uma nuvem de fumaça saía do hálito dos passageiros que esperavam para entrar na carruagem postal. Vários rostos viraram em sua direção quando James carregou seu baú surrado no ombro e abriu caminho por entre a aglomeração maltrapilha, levando-a até uma carruagem particular. Era a mesma carruagem negra que quase forçou o veículo postal a sair da estrada no dia anterior.

O senhor Grieves segurava a porta aberta para ela e apontou para o tijolo aquecido para os pés, atraindo-a para dentro com a promessa desse luxo.

Conforme entrou atrás de lady Mercy, ela ouviu James xingar, relutar com o baú desajeitado. O fecho tinha cedido outra vez. Os nós da corda recentemente amarrada estavam frouxos demais e

vários itens tinham caído nos paralelepípedos molhados. Ela queria ajudá-lo, mas o senhor Grieves aconselhou-a a não fazê-lo.

— Deixe que o mordomo prenda seu baú, senhorita Vyne. Não se incomode.

— Mas sei de um jeito específico para...

— De verdade, senhorita Vyne, ele vai conseguir. — O senhor Grieves fez um afago em sua mão e sorriu abertamente. — Ele é mais forte do que parece, e muito ávido. — Então, ele virou a cabeça e gritou pela janela. — Pode acelerar, Smallwick,* ou serei forçado a dar umas chicotadas em suas costas ossudas. Você está fazendo a senhorita Vyne esperar.

Ellie se retraiu. — Isso certamente não é necessário — ela sussurrou.

— Lembre-se, ele acha que é um criado, senhorita Vyne, e o médico disse que devemos concordar até que ele se recupere. Não podemos desafiar seu cérebro com ideias que não lhe sejam familiares.

— Mas... *Smallwick*?

O criado deu um sorriso tímido. — Achei que o nome combinaria com ele, madame, e ele aceitou sem reclamar.

— Senhor Grieves, isso é bem perverso de sua parte.

— Na vida, há alguns prazeres que se deve ter, madame. É preciso aceitá-los onde se pode. Necessário é.

Ela própria, seguidora dessa filosofia, não tinha como discutir.

Ele elevou a voz para gritar pela janela da carruagem: — E deve-se falar com esses sujeitos na linguagem que eles entendam, senhorita Vyne. Smallwick precisa aprender.

Outro palavrão abafado precedeu a queda do baú, com um estrondo. Sem se importar com o apuro de James, o senhor Grieves passou os momentos seguintes ruidosamente perguntando a lady Mercy se ela havia dormido bem e se tinha gostado do jantar.

— Senhor Grieves, acho que devemos ajudar...

— Não, não, ele já conseguiu. Pronto. Está vendo.

Ellie segurou na moldura da janela e olhou para fora bem na hora em que suas panturrilhas fortes saltavam de volta para a carruagem. James era alto, o que sem dúvida tornaria difícil que ele se mantivesse em seu poleiro precário. Sua mente se antecipou às vias estreitas, cheias de galhos pendurados. O pobre homem poderia ser arranhado em pedaços. Olhando em volta, para o interior relativamente aquecido da carruagem do senhor Grieves, ela sugeriu que havia espaço para “Smallwick” ali dentro, frisando que a chuva deixaria o banco externo escorregadio. Mas seu novo companheiro de viagem se recusou a acatar a ideia.

Ela olhou para fora mais uma vez e viu uma bela mulher abanando a touca na entrada da taberna.

— James! Ah, James! Pare! James!

Horrorizada, ela se encolheu em seu banco, afastando-se da janela. Ophelia Southwold. Que diabos ela estava fazendo em Barley Mow? James, é claro, tendo perdido a memória, não atendeu ao nome.

A carruagem disparou à frente, passando pelas poças, ganhando velocidade sem nenhuma precaução com as pessoas no pátio. Ellie se segurou na alça de couro ao lado de sua cabeça e olhou para Grieves, que estava sorrindo abertamente. Ele estava tendo um prazer maldoso no apuro do patrão e pela primeira meia hora, cada solavanco, a cada buraco que passavam, era acompanhado por um ronco de riso que o deixava com os olhos molhados.

Ellie tentou não se preocupar com o desafortunado “Smallwick”, mas cada batida dos joelhos do pobre homem na traseira da carruagem a fazia cerrar os dentes.

— Smallwick tem um repertório e tanto de palavrões — ela finalmente comentou.

— De fato, madame. Serei obrigado a repreendê-lo por esse linguajar quando chegarmos a Morecroft.

Novamente, eles ouviram uma chuva de palavrões vinda do homem que se agarrava ao exterior da carruagem. Ellie estava contente por lady Mercy estar com sua touca debruada de pele puxada por cima das orelhas para mantê-las aquecidas. A menina aparentemente viera bem preparada para o clima de inverno. Como confessara ter se livrado da babá, era óbvio que se cuidava de forma surpreendente para alguém tão jovem. Algumas mulheres criadas que Ellie conhecia não eram tão capazes de cuidar de si mesmas.

Necessário é, pensou Ellie, dando uma olhada para a garotinha retraída ao seu lado.

Conforme seguiam velozes, a carruagem tombava de um lado para outro e os joelhos de James batiam na traseira da carruagem.

O senhor Grieves se inclinou sobre o pequeno espaço para tranquilizá-la com um sussurro. — Isso será bom para ele, sabe, madame, para ver como vive a outra metade.

— Imagino que sim. — Se ele se lembrar de alguma coisa depois.

A carruagem balançava com tanta violência por cima das raízes que eles eram quase jogados para fora de seus assentos. Um estrondo de algo quebrando veio logo a seguir e a carruagem tombou de lado antes de colidir, parando subitamente.

— Acho que perdemos Smallwick — murmurou ela. — Ouvi algo pesado caindo.

O senhor Grieves foi até a porta e saltou diretamente em uma valeta com água até o tornozelo. Ela ouviu a gritaria e continuou sentada em seu lugar. Não se atrevia a olhar, temendo que seu baú estivesse na lama, e todas as suas peças de roupa íntima, espalhadas pelo chão. Era de esperar que James tivesse contratado um condutor cujo interesse principal fosse a velocidade, não o conforto de seus passageiros.

Lady Mercy se pendurou para fora da janela e relatou a situação com sua ênfase dramática. — A roda quebrou. Parece que

estamos empacados. E está chovendo de novo. Logo a via estará alagada. Vamos ser levados, provavelmente afogados. Ainda bem que estou com minha melhor calcinha de renda, pois detestaria que meu cadáver fosse encontrado só com linho.

Elas tiveram de descer para que a carruagem fosse consertada. Depois de primeiro ajudar lady Mercy, Ellie desceu de costas, olhando para baixo para se assegurar de não pisar em alguma poça. Mas enquanto sua bota esquerda estava suspensa no ar, procurando um ponto seco, ela foi pega por dois braços fortes que ergueram seu corpo da carruagem.

James a carregava com facilidade com a expressão franca, o olhar diretamente à frente.

— Estava tudo bem — disse ela. — Eu poderia ter descido.

— Devo carregá-la, madame. É meu dever cuidar da senhora.

— Ai, meu Deus. Devo ser pesada, Smallwick.

— Leve como uma pluma, madame — resmungou ele.

Ela podia sentir quanto ele estava frio e molhado mesmo através de sua roupa. Ele estava mancando, no entanto a carregava garbosamente, dando apenas alguns ofegos.

Ellie se arriscou a deixar o clima mais leve. — Eu não deveria ter comido todo aquele jantar ontem à noite. Se soubesse que você me carregaria hoje, teria passado fome.

Ele estava muito sério, com o olhar focado no destino — um ponto mais seco da estrada. — Teria feito tanta diferença, madame? Um jantar?

— Sim — respondeu ela, irritada.

— Então que pena, madame, que a senhora comeu um pudim a mais ontem à noite.

Ela olhou-o fixamente. — E como você sabe que eu comi um pudim a mais ontem à noite?

Ele piscou inocentemente. — Imaginei, madame. Parece inevitável. A maioria das mulheres tem tão pouca força de vontade.

— Se eu estivesse sobre meus dois pés, Smallwick, poderia repreendê-lo severamente por esse comentário.

— Então é melhor que eu não a ponha de pé, madame.

— Você não ficará terrivelmente cansado?

— Por mantê-la em meus braços, madame? Onde a senhora não pode me fazer nenhum mal, mas posso fazer tudo que quiser com a senhora? — Os lábios dele tremularam. — Creio que cansado não seja a palavra. Na verdade, é algo completamente oposto. Mesmo agora, sinto o sangue borbulhando com vitalidade em certos órgãos.

Ellie achou igualmente divertido e ultrajante. — Smallwick, quem quer que tenha sido responsável pelo seu treinamento, não posso deixar de pensar que foi uma porcaria.

— A senhora me acha ineficiente, madame?

— Não. — Ela observou seu belo nariz. — Mas seus modos carecem de... bem, na falta de uma palavra melhor... decoro.

O som de cavalos se aproximando em um ritmo constante fez todos virarem para olhar. Uma carruagem grandiosa, com quatro cavalos, parou ao lado da que estava quebrada. Um rosto surgiu do lado de fora.

James não a colocou no chão, apesar de seu pedido sussurrado. Ele a manteve no colo, segurando-a firmemente junto ao peito.

— Senhorita Vyne! É você, minha querida? Meu bom Deus, faz tantos anos. O que aconteceu aqui? Está ferida?

Em sua pose à vontade nos braços vigorosos, ela respondeu: — Lorde Shale. Que prazer em vê-lo — tentando soar normal. — Foi só um pequeno acidente. Ninguém se feriu com gravidade.

Lorde Shale era um cavalheiro afável e digno, um dos amigos mais próximos de seu pai e visitante frequente de Lark Hollow quando ela era pequena.

— Meu filho, Trenton, está comigo... você se lembra de Trenton? — Um jovem de rosto fino olhou por cima do ombro

de Lorde Shale e assentiu ligeiramente em sua direção, antes de voltar ao calor da carruagem.

Ah, sim, ela se lembrava de Trenton Shale, um garoto mimado e sorrateiro que vivia choramingando e uma vez comeu todos os ovos de páscoa que ela tinha achado na caça aos ovos depois de tê-los roubado de seu cesto, quando ela não estava olhando. Depois de comer tudo, ele imediatamente os vomitou em seu vestido, um incidente pelo qual jamais foi punido. Ele era uma criança danada e horrenda, e apesar de mais novo que Ellie, ela era obrigada a “distraí-lo” sempre que ele ia até sua casa, com o pai. De alguma forma, suas irmãs escapavam dessa tarefa árdua já que, assim como o pai delas, evitavam qualquer coisa desagradável que tivesse de ser feita.

— Por favor, diga que nos acompanha — prosseguiu lorde Shale. — Podemos providenciar para que a senhorita seja seguramente entregue em seu ponto de destino.

Chovia forte, mas ainda havia mais por vir, pois as nuvens continuavam pesadas. A temperatura tinha caído rapidamente. James estava ensopado, tinha perdido o chapéu, seus cabelos estavam colados à testa, mas ele agora seguia adiante, pisando pelas poças. Quando ele finalmente chegou a um ponto seco, colocou-a no chão, demorando um pouquinho além do necessário para soltá-la. Ninguém notou, exceto ela.

Grievess veio correndo e sussurrou em seu ouvido. — Leve-o com a senhora, madame. Cuidarei da carruagem e irei buscar o doutor Salt assim que chegarmos a Morecroft.

Virando-se para lorde Shale, ela sorriu radiante. — Se o senhor tiver espaço para Smallwick e minha jovem acompanhante, lady Mercy Danforthe, aceitarei sua oferta, senhor.

O olhar de lorde Shale percorreu o porte alto do homem ao lado dela. — Smallwick?

Ela decidiu que era melhor fingir que ele lhe pertencia, algo que, de certa forma, era verdade. Por cinco noites. — Ele está

incumbido de proteger minha bagagem.

— Mas meu criado pode providenciar isso, senhorita Vyne.

— Não, não, senhor. Smallwick é a única pessoa a quem confio qualquer coisa minha.

Os empregados de lorde Shale olharam para James com pura inveja. Ele retribuiu sorrindo ameaçadoramente, como um tigre que protege sua propriedade.

— Estou me molhando e não estou gostando. — Sem mais delongas, lady Mercy rumou até a carruagem Shale e escancarou a porta. Agora, a oferta não poderia mais ser recusada, mesmo tendo sido feita apenas a Ellie.

Grievés ajudou Smallwick a prender o baú quebrado e a bagagem bem mais composta de lady Mercy na carruagem Shale. Ellie subiu, segurando a porta com uma das mãos.

— Chegue para lá, Trenton — exclamou lorde Shale. — Dê espaço para a querida senhorita Vyne.

— Suba, Smallwick — ela chamou —, você tem que se sentar ao meu lado.

Atrás dela, os Shale reclamaram ligeiramente, porém ela estava irredutível quanto ao criado sentar-se com eles no interior, onde estava seco. James já tinha passado maus bocados e ela não queria que ele se ferisse outra vez. — Mas madame, devo...

Ela elevou a voz a um tom estridente. — Smallwick, eu insisto. Não me deixe zangada. Para dentro da carruagem.

Ele umedeceu os lábios com os olhos maliciosamente entretidos. — Não gostaria de deixá-la zangada, madame.

— Estou bem certa que não.

James entrou de lado para passar pela porta, depois espremeu seu porte grande no espaço estreito ao lado de Ellie. — Obrigado, madame.

Agora ela estava encaixada firmemente entre James e o corpo delgado de Trenton Shale. Do outro lado da carruagem, lorde

Shale lutava por espaço com lady Mercy, que insistia em manter sua caixa de “Necessidades” no banco, entre os dois.

— Não amasse o meu vestido — ela alertou o idoso. — É do melhor veludo, portanto não se sente em cima dele. O senhor é tão gordo que provavelmente vai esmagar tudo. — Ela olhou em volta, o interior da carruagem, com o narizinho empinado. — Essa carruagem é bem pequena.

— Geralmente não tem tanta gente dentro — respondeu lorde Shale, lançando um olhar cauteloso para James.

— E cheira a serragem e tabaco — acrescentou a garota. — É uma pena que meu sachê de lavanda esteja em meu outro baú. — Ela ficou encarando Trenton por baixo dos cachinhos ruivos que não tinham achatado nem mesmo depois de uma noite de sono. — Alguém pisou em alguma coisa. Se eu não fosse tão durona, passaria mal.

Estando tão perto de James, com sua coxa pressionada à dela, a mão dele quase tocando sua perna, Ellie deixou que a mente divagasse. Agora ela afastava novamente o pensamento fazendo um esforço torturante. — Vamos apenas até a casa de minha tia, em Sydney Dovedale, lorde Shale. Não vamos incomodá-lo por muito tempo.

— Minha jovem querida, não é incômodo nenhum. Ainda bem que passamos e a vimos. Foi Trenton, com seus olhos aguçados, que a reconheceu, minha querida, e ele insistiu que logo parássemos. Não foi mesmo, Trenton?

O filho suspirou, desinteressado: — Sim, pai.

Ela notou que Trenton Shale não tinha mudado muito. Estava apenas mais alto e mais magro, como se alguém o tivesse esticado em uma mesa de tortura. Quem dera, pensou ela secamente, compondo a imagem na mente, com suas próprias mãos girando a roldana.

— A beleza da senhorita Vyne não ilumina esse clima terrível, Trenton? — Perguntou o pai, batendo a bengala no piso da

carruagem. — Atrevo-me a dizer que raramente vejo tamanha beleza. No inverno, é uma visão abençoada. Como se finalmente chegasse a primavera. Um floquinho de neve na neblina.

— Sim. Verdade — foi a resposta rabugenta.

De alguma forma, Ellie conteve o semblante diante da ideia de si mesma como um delicado floquinho de neve, mas manter o rosto sério foi ainda mais difícil no instante seguinte.

— Eu não a considero nem um pouco bonita — resmungou lady Mercy balançando os pés. — Há rostos de sobra como o dela pelas ruas. Na verdade, considero-a bem comum. Seus lábios são desiguais e não há nada de especial em seu nariz. Ela só tem peito e pernas.

Uma descrição brutal, porém honesta. Ellie não podia discordar de uma palavra. Seu nariz era, de fato, uma grande decepção desde que ela descobrira a importância de um bom nariz. Ela sentiu James se sacudindo ao seu lado, contendo o riso. O senhor Grieves estava certo, pensou ela; esse serviçal precisava mesmo de uma boa repreensão para melhorar seu comportamento.

— Smallwick — sussurrou ela. — Espero que você não esteja transpirando em meu vestido.

— Vou parar de suar agora mesmo, madame.

Ignorando a interrupção, lorde Shale continuou: — Mas o que a obriga a viajar nesse clima de inverno, senhorita Vyne? Nenhuma emergência, espero.

— De modo nenhum, senhor. Simplesmente decidi visitar minha tia no interior para o feriado de Natal. Londres fica muito chata.

— Sem sua graça nas ruas da cidade, senhorita Vyne, ousou dizer que tem menos vida. Agora que sabemos que a senhorita não estará lá, Trenton certamente não terá pressa em voltar. Ele provavelmente me pedirá para ficar no campo pelo máximo tempo possível, na esperança de que seu belo rosto volte a alegrar seu dia.

Ela ergueu as sobrancelhas diante dessa lisonja excessiva. Lorde Shale ficava olhando para o filho, na expectativa, mas Trenton não entrou na dele. De braços cruzados, olhava fixamente pela janela. Ao seu lado, James remexia as pernas, tentando esticá-las no espaço apertado.

— Que estranho, senhorita Vyne — disse lorde Shale —, que a senhorita tenha um homem como serviçal. A maioria das moças não casadas...

— Ele chegou às minhas mãos acidentalmente e agora fico um tanto perdida sem ele.

James se retesou. Seus dedos estavam abertos sobre o joelho enlameado, as pontas dos dedos tocavam o casaco dela, ainda úmido.

— Eu fortemente recomendo um serviçal masculino a todas as minhas amigas — ela acrescentou.

Depois da pausa de um instante, lorde Shale forçou um riso constrangido e sacudiu o dedo para ela. — A senhorita sempre foi brincalhona, senhorita Vyne. Agora estou vendo que tenta chocar, mocinha. Alguém precisa tomar conta da senhorita. De verdade. — Ele deve ter batido no pé do filho com a bengala, pois Trenton virou de lado e ficou muito vermelho. O jovem Shale era mais para gracioso do que bonito, mas sua postura desagradável o fazia parecer emburrado a maior parte do tempo.

De seu outro lado, Smallwick rugiu: — *Eu* tomo conta da senhorita Vyne.

Ele estava espremido, tão grudado que ela sentiu as palavras reverberarem no corpo dele, passando ao seu. Isso provocou o calor de desejo outra vez revolvendo dentro dela.

Lorde Shale olhava de maneira fixa para James, claramente irritado e perturbado que um serviçal falasse sem ser solicitado.

Ela sentiu a coxa de James mexer e o músculo rijo a fez lembrar-se da noite anterior — antes do acidente. Temendo corar, ela rapidamente afastou a lembrança agradável. — Na verdade,

sempre cuidei de mim mesma — ela disse, dirigindo as palavras a lorde Shale como se o homem ao seu lado nem tivesse falado.

— Sim. — O idoso sacudiu a cabeça, tristonho. — E veja no que deu.

A tensão na carruagem era palpável, espessa o suficiente para morder, e com seu belo criado ao seu lado ficava cada vez mais difícil dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse abrandar o clima. Continuar a respirar já era um desafio.

— Agora, deixe isso para lá — lorde Shale acabou dizendo, alegrando-se, pousando as duas mãos na manete de prata da bengala. — Nós vamos endireitá-la. Não vamos, Trenton?

O filho pareceu aterrorizado diante da possibilidade.

Ela imaginou vagamente por que todos esses homens achavam que ela precisava ser endireitada. Até agora, no entanto, ela gostara do método usado por James para realizar a tarefa mais do que qualquer outro. Tomara que ele o retomasse, quando sua memória voltasse. Não era nada certo se aproveitar de um criado. Mesmo que ele estivesse sendo deliciosamente nobre e atrevido. E ficava na expectativa a cada vez que ela mexia a perna junto à dele.

Ellie Vyne, ela repreendeu a si mesma, severamente, *você é uma assanhada irremediável.*

Ela sabia desse triste fato há muito tempo, mas nunca ficara tão evidente como agora, na presença de um criado tão confuso, terrivelmente travesso e insubordinado. Se ela ao menos tivesse Smallwick inteiramente ao seu dispor, permanentemente. Ficou imaginando quanto custaria para manter um.

* Trata-se de uma brincadeira. Em português, seria algo como Pavio Curto.
(N.E.)

Capítulo 12



A CARRUAGEM SHALE ENTROU na vila e freou suavemente ao lado do portão do jardim da tia de Ellie, que olhou para fora com imenso alívio. Ao longo da jornada, ela temia que lady Mercy fosse acabar falando da identidade de James. Uma série de olhares reservados havia alertado Ellie que a criança esperava algo em troca por seu silêncio.

Agora, a jornada dolorosa tinha finalmente terminado.

Ellie saltou da carruagem sem esperar ajuda para abaixar o degrau. — Obrigada pela carona e, por favor, não desça. Está um frio terrível.

Lady Mercy pulou depois dela e olhou em volta, com interesse superior, enquanto James novamente lutava com a bagagem das duas.

— Seguiremos até o Red Lion Inn, em Morecroft, senhorita Vyne — disse lorde Shale pela janela. — Espero voltar a vê-la enquanto estivermos aqui no campo.

Ela concordou falsamente desejando o mesmo.

James tirou o baú quebrado da parte posterior da carruagem e o deixou cair ruidosamente no caminho, aparentemente já farto daquele peso imprevisível e volumoso.

Quando as rodas da carruagem se afastaram, ela se virou e viu a tia cautelosamente olhando por uma fresta na porta com seus

óculos redondinhos.

— Ellie! Não pode ser! Minha querida garota... viajar nesse clima!

— Vim cuidar da senhora, tia Lizzie! — Ela ficou radiante e abraçou a senhora com tanto entusiasmo que quase tirou sua toca de renda da cabeça. Encantada ao ver a tia com o rosto rosado e nada doente, como ela havia esperado, Ellie deu-lhe um abraço afetuoso que tirou seus pezinhos do chão.

— Mas é tão... inesperado. — Novamente sobre os pés, sua tia olhou o baú surrado no caminho, atrás de Ellie. — Você deveria ter me alertado... quer dizer, deveria ter dito que estava vindo. Eu não tinha... — Olhando para cima, sua visão prejudicada finalmente deve ter visto o sujeito alto e amarrotado, com joelhos enlameados. Seu queixo caiu. Ela apontou um dedo trêmulo. — Esse é...?

— Tia Lizzie, esse é Smallwick. Um criado.

James se curvou educadamente com as mãos pendendo nas laterais.

A tia continuava encarando e seus lábios pálidos disseram: — *Smallwick?*

As calças dele estavam muito apertadas, deixando pouco para a imaginação da senhora. Aparentemente, a proximidade de Ellie na carruagem de lorde Shale tinha causado uma reação bem desconfortável a James que não teria ficado tão aparente se as calças estivessem mais folgadas. Smallwick de nome, não de natureza, ela pensou.

— Ele está comigo emprestado — ela rapidamente explicou —, para minha segurança. Todos nós viajamos na mesma carruagem, entende, e houve um acidente. Seu patrão, um cavalheiro de nome senhor Grieves, achou que eu deveria ter um acompanhante pelo resto de minha jornada e virá buscar Smallwick depois.

— Que os santos nos protejam — disse a tia, resfolegando —, é muito estranho que ele se pareça tanto com...

— Tia Lizzie, sua porta da frente está escancarada, deixando todo o ar frio entrar!

Na mesma hora, a tia estava se desculpendo por deixar todos esperando na entrada. — É melhor que vocês entrem e se aqueçam. No que estou pensando, deixando todo mundo aqui fora?

Smallwick pegou a alça quebrada do baú e arrastou até o degrau da porta enquanto a tia segurava a porta aberta, agora aflita com o clima terrível e a ideia de Ellie de viajar com aquele tempo. Finalmente lady Mercy foi notada. Ela estava em pé no caminho, com o agasalho de mãos e os ombros caídos de frio, parecendo um tanto abatida. Como bagagem perdida.

— Essa é lady Mercy — explicou Ellie. — Ela também será recolhida em um ou dois dias. Lamento por lhe causar transtorno, tia Lizzie, mas não podia deixá-la para trás na cena do acidente.

— Que tipo de lugar é esse? — Perguntou a jovem. — Vocês não têm um criado para abrir a porta?

— Minha nossa, não, milady — respondeu a tia Lizzie. — Só eu. Receio que eu tenha de ser suficiente.

Cercada por coisas familiares e adoradas, Ellie olhava em volta no hall estreito. Nada parecia mudar na casa de sua tia. — Pensei em lhe fazer uma surpresa! — Exclamou, jogando os braços ao redor da senhora em outro abraço alegre. Ela sabia que deveria ter escrito, mas, como sempre acontecia com Ellie, geralmente havia pouco tempo entre a decisão e a ação, e, muito provavelmente, ela chegaria antes de sua carta. — Não é maravilhoso que eu possa ficar para o Natal este ano?

— Minha garota querida... É claro... maravilhoso, como você diz. Minha nossa, é mesmo. Mas que choque você me deu. Quer dizer, surpresa! Surpresa, sim, essa é a palavra apropriada. Vir toda essa distância sozinha... sem dizer nada... mas me atrevo a dizer que vou me recuperar.

Ellie tirou o casaco e a touca e pendurou no gancho, perto da porta. Ela passou por James e foi até a sala para cumprimentar o

papagaio da tia, assegurando-se de que tudo ali estava exatamente como deveria, sem que nada tivesse mudado nos últimos vinte e sete anos. Lady Mercy a seguiu, observando a casa como se fosse uma exposição em um museu, perguntando se havia algo para comer.

— O fedor da carruagem daquele velho estava realmente terrível. Até me surpreenderei se conseguir comer muito, pois fiquei nauseada. Mas vou tentar comer ou talvez desmaie. Minha cabeça está doendo e febril.

Tia Lizzie tranquilizou-a, dizendo que a comida seria preparada imediatamente.

— Onde está o restante de sua casa? — Perguntou lady Mercy com o mesmo tom brusco. — Incendiou? Tem mais lá atrás?

— Receio que isto seja tudo, milady.

— Mas é tudo tão pequeno e confinado. Ora, mas posso ir de uma ponta à outra em menos de um minuto. Não há onde se esconder.

— É o suficiente para que eu mantenha. Isso é tudo o que uma viúva pode precisar.

— Claro que é o bastante — Ellie concordou, afetuosa.

— E não há muita necessidade de me esconder. Não em minha idade, milady.

Lá fora, a casinha da tia estava um tanto desgastada: o telhado estava afundado no meio e as janelas antigas precisavam de uma nova pintura. O lado de dentro estava mais para prático que elegante, mas era confortável e adorado por Ellie tanto quanto um velho amigo. Ela respirou fundo, contente, sentindo o cheiro familiar de fumaça, pois a chaminé da tia teimava em manter a fumaça dentro da casa. O piso era das mesmas pedras tortas e o andar de cima da casa ainda era inclinado em ângulo, exigindo que à noite os habitantes encontrassem suas camas em uma guinada meio inebriada.

Tudo estava como deveria. Poucas coisas em sua vida eram assim, tão confiáveis.

Ela cruzou os braços perto da lareira da sala para deixar o calor aquecer seu rosto, enquanto ouvia as batidas abafadas de James arrastando seu baú escada acima, até o quarto de hóspedes. Ele devia estar controlando os palavrões por conta de sua tia. Agora, o que ela faria com ele até que Grieves chegasse com o doutor Salt?

— É melhor que eu faça um pouco de chá. — Sua tia estava arrumando a sala com mãos velozes, dobrando costuras e jornais, arrumando as almofadas no sofá.

— Fico muito desagradável se não me alimentam na hora — exclamou lady Mercy antes de ver o papagaio e disparar em sua direção para observá-lo. — Ele fala?

— Com bastante frequência — respondeu a tia Lizzie. — E sempre quando não quero que ele fale. As coisas que ele aprende... minha nossa!

— Ele é lindo — a jovem garota exclamou. — Vou querer comprá-lo. Quanto, minha boa senhora, ele me custará?

— Custar? Ah, querida, ele não está à venda, milady. Não posso me separar dele. Ele pertenceu ao meu falecido marido, o capitão...

— Claro que ele está à venda. Tudo está. Pelo preço certo.

— *Lady Mercy* — Ellie a repreendeu —, absolutamente, nem tudo está à venda! Olhe os seus modos.

A garota fez um bico feroz, sua juba leonina de cachos acobreados parecia pular da cabeça de tanta raiva.

Ellie a ignorou e silenciosamente cumprimentou os objetos conhecidos ao longo da lareira da tia. O velho relógio e seu tique-taque lembravam as tardes tranquilas que ela passava com as irmãs junto à lareira, sempre a chuva de verão as obrigava a ficar dentro de casa. As irmãs brincavam com suas bonecas e brigavam entre si enquanto ela jogava paciência ou escrevia em seu diário

— histórias elaboradas e aventureiras sempre com um fio de verdade. Ela olhou mais adiante sobre a lareira, vendo os pequenos enfeites de porcelana, depois as fotos nos porta-retratos no canto.

— Desta vez não vou dar trabalho nenhum, tia Lizzie. Eu prometo. — Isso era algo que ela já dissera muitas vezes, em pé nessa sala. Agora saiu automaticamente de seus lábios.

O arrastamento e os gemidos de James, enquanto ele relutava com o baú pelo piso superior, fizeram as três voltarem os olhos para o teto, seguindo seu caminho tortuoso. Ellie foi a primeira a olhar para baixo e viu a expressão aflita da tia, com as sobrancelhas franzidas.

— Eu lhe garanto, tia Lizzie, já não faço mais aquelas molecagens e estou contente em ser boa. Na minha idade, o que mais eu poderia ser?

O velho papagaio soltou um chiado lento que mais pareceu um “iiii” de dentro de sua gaiola espaçosa, perto da janela.

Ela franziu rapidamente o rosto para o pássaro e a tia saiu apressada para fazer o chá.

Enquanto ela novamente observava a lareira e esfregava os braços, o olhar de Ellie parou em um cachimbo de barro ao lado do relógio. Antes, os seus olhos só haviam passado de relance, supondo ser um dos pertences de seu tio guardados pela tia, por afeição. Ela o pegou e cheirou. Havia um cheiro forte de tabaco fresco e seus dedos não a enganavam, o cachimbo ainda estava morno, como se não fizesse muito tempo que tinha sido apagado.

Ela cuidadosamente o colocou de volta onde o encontrara, imaginando que a tia talvez tivesse passado a fumar cachimbo como homenagem ao capitão falecido.

Então, ela percebeu que a tia tinha ido ela própria fazer o chá quando geralmente chamava a empregada para fazê-lo; Ellie apressou-se pelo corredor até a cozinha e entrou bem na hora em que a porta dos fundos estava sendo fechada. A tia se virou e quase derrubou as xícaras que estava segurando na bandeja.

— Minha querida garota, fique perto da lareira da sala, vá se aquecer. Você não pode se resfriar.

— Foi a Mary Wills que acabou de sair?

Aparentemente a audição da tia também havia se deteriorado, porque ela não respondeu, fazendo Ellie repetir a pergunta, elevando a voz.

— Nossa, não — foi a resposta embaralhada. — Já não tive a Mary nos dois últimos invernos. Ela foi tomar conta da irmã, em Thrapstead, sabe, e ainda bem, pois já não posso mais pagá-la. Tenho a pequena Molly Robbins apenas algumas vezes por semana para ajudar na casa. Ela está torcendo para conseguir um serviço de empregada doméstica por um ou dois anos em Morecroft, e a experiência será boa para ela.

— Talvez Smallwick possa lhe dar alguns conselhos. — Sorrindo, Ellie roubou um biscoitinho da bandeja de chá.

A tia pousou a chaleira com uma batida. — Esse é James Hartley, não é? Minha visão está ruim, mas não tão ruim, Ellie! O que você pode estar arranjando agora?

— Tia Lizzie, não é nada...

Uma batida agourenta terminou a frase para ela. As duas mulheres se apressaram até o corredor bem na hora em que James descia rolando a escada estreita e aterrissava aos pés delas.

Ele ficou ali, esparramado, piscando para elas. — Bati a cabeça no teto e tropecei. Quem construiu essa maldita casa? Um duende?

Pobre James. Ele não estava acostumado a casas com escadas estreitas e tapetes traiçoeiros. Enquanto tia Lizzie o ajudava a se levantar, aquela expressão irritadiça sumiu de seu rosto e foi substituída por um olhar inexpressivo. Algo mais condizente com o criado “ferido”.

Entretanto, depois dos poucos segundos em que ele deixou a máscara cair, assustado pela queda brusca, o velho e arrogante James estava ali novamente.

Ellie viu e agora sabia, com certeza, aquilo de que já vinha suspeitando.

Que vira-lata mentiroso!

Ela não conseguiu conter o riso, que explodiu de uma maneira que a fez se dobrar de tanto rir.



— Ora, vamos, Ellie! — A tia exclamou. — Isso não é hora de hilaridade.

James, esfregando a cabeça duplamente ferida, cambaleando para ficar de pé, concordava. Era típico dessa mulher achar graça em sua dor. Ela estava rindo tanto que quase engasgou. Se a cabeça dele caísse, ela talvez morresse de rir.

Lady Mercy imediatamente veio ao corredor para ver o que era todo aquele estardalhaço e com seu talento para observar algo errado, frisou que ele tinha rasgado as calças.

Eliza Cawley assumiu o comando. Ela o enxotou pelo corredor até a cozinha, tentando cobrir seu traseiro com o avental. James abaixou a cabeça para entrar na cozinha aquecida.

— Agora, pode tirar essas calças, senhor Hartley, vou mandar costurá-las e logo estarão prontas.

Ele ficou olhando para baixo, para a mulher pequenina. — O nome, senhora, é Smallwick. A senhora está me confundindo com outra pessoa.

Ela ficou olhando com seus óculos redondinhos, os lábios formando um pequeno “o”.

— Eu lhe asseguro, madame — acrescentou ele, firmemente —, o nome é Smallwick.

A mulher miúda sabia que não era e receou colocá-lo para fora de sua casa, mas, em vez disso, seu olhar lacrimoso inspecionou o galo em sua sobrancelha e o olho roxo. Sua expressão se

abrandou. — Estou vendo que você andou na guerra, meu jovem. Andar atrás de minha sobrinha lhe trouxe pouca sorte, sem dúvida.

Seu tom bondoso o surpreendeu. Ela devia estar desanimada por subitamente receber três hóspedes de uma só vez em sua casinha — principalmente sendo um deles um Hartley —; no entanto, ela agora dedicava um tempo a ele, que se sentiu grato por isso. Suas costas doíam por passar o dia todo arrastando o baú da mulher. Sua roupa estava desconfortavelmente úmida e ele estava bem certo de que tinha quebrado o tornozelo.

— Tire as calças — ela repetiu —, e vou mandar Molly Robbins remendá-las. Ela é uma garota ossuda a quem um golpe de vento pode levar e está sempre melancólica, mas é muito boa com a agulha. Não se preocupe, meu jovem. Eu já vi isso antes. Tire as calças. Em minha idade, pouca coisa me surpreende.

Ele nunca tinha sido tratado assim em sua vida. Os criados eram prestativos, mas eram imparciais e não ficavam de papo, nem aflagavam sua bochecha, como se ele fosse um garotinho que aprontava alguma. Isso, porém, era bastante agradável.

Embora já fosse viúva há mais de vinte anos, Eliza Cawley arranhou uma calçola para que ele usasse temporariamente. Era larga demais na cintura e curta demais na perna, mas “qualquer porto serve na tempestade”, conforme ela disse, alegremente, atribuindo o dizer ao seu querido marido falecido, o capitão Cawley, como se ele tivesse sido a primeira pessoa a usar a frase.

Quando Ellie o viu com a calçola emprestada, soltou outra gargalhada que ia e voltava durante meia hora antes que todos achassem que ela finalmente tinha parado.

— Pobre Smallwick — ela comentou quando eles se sentaram na sala para tomar chá —, mas que dia você teve.

Sua tia ficou em silêncio por um tempo enquanto ocasionalmente inspecionava James, depois a sobrinha. Ellie acabou arranjando um assunto para distrair a tia de perguntas

potencialmente difíceis. — Conte-me as novidades da vila. Muita coisa deve ter acontecido desde a última vez que estive aqui.

— Bem! — A pequena mulher se acomodou em sua poltrona. — Você deve se lembrar de que eu lhe escrevi dizendo que Henry Valentine estava vendendo suas terras, não é?

— Sim.

— Ele e aquela sua esposa horrenda se mudaram para Norwich.

— Ah, que bom!

— E a senhorita Sarah Dawkins se casou com Obediah Shook, lá em Sydney Marshes, para depois descobrir que não gostava dele e foi embora — logo para Bury St. Edmonds, com seu jardineiro. Esse foi um escândalo horrível. Depois, sua irmã... você se lembra de Amy Dawkins? Para não ficar para trás, ela fugiu para se casar com um vendedor de escovas. Dá pra imaginar? Ele apareceu em sua porta, um dia, para vender escovas, e antes que alguém notasse ela partiu com ele. Agora, pelo que sei, ela usa o nome senhora Arthur Hopper, embora seja discutível se ela se casou apropriadamente ou não para garantir o nome. — A mulherzinha sacudiu os ombros enfaticamente. — A pobre Jane Osborne continua sem se casar. Ela não vem mais me visitar já que só tenho uma sala e ela subitamente se acha boa demais para visitar qualquer um com menos de duas.

— É mesmo?

— Tudo começou quando ela foi para Bath, para uma temporada, este ano. Seu pai lhe pagou uma vasta soma para um guarda-roupa novo e providenciou para que ela ficasse com uma boa família de lá. Ele tinha esperanças de que ela abrisse os horizontes, sabe. Imagino que tenha pensado que ela talvez voltasse com um marido ou, pelo menos, um namorado. Ela só voltou com uma porção de tocas da moda, mas horrendas, e a cabeça inchada para usá-las. Agora, ninguém consegue tirar uma

palavra dela sobre nada, exceto sua visita a Bath e as muitas danças nos salões da alta de lá. E isso foi há quase dozes meses.

Ellie parecia encantada com a fofoca. Ela assentia, incentivando a tia.

— No entanto, acredito que houve um cavalheiro — um homem distinto, mais velho. Ela falava bastante dele logo que voltou para Sydney Dovedale, e seu pai achou que talvez houvesse uma ligação, mas o sujeito nunca escreveu e não deu em nada. Como geralmente acontece com essas coisas. — De vez em quando Eliza Cawley lançava um rápido olhar para James e olhava para a sobrinha.

A propósito, ele teve vontade de dizer, eu comprei sua sobrinha por mil libras e ela concordou em passar cinco noites comigo. Isso, sim, era novidade.

— Você chegou a Sydney Dovedale bem na hora, Ellie, querida — prosseguiu a tia —, pois os Kane estão dando uma festa de Natal amanhã à noite lá na fazenda. A vila inteira foi convidada, mas acho que tem gente que não vai. O velho senhor Carstairs está com gota e não sai com medo de que alguém esbarre em seu pé. E a senhora Winstanley está de luto por seu filho caçula que foi morto tragicamente perto de Oxford, quando sua carruagem virou, portanto não irá à festa. Mas a Sophie ficará encantada em vê-la novamente. Toda vez que a vejo ela me pergunta como vai você e se tenho recebido cartas suas. Embora eu saiba que ela recebe suas cartas com a mesma frequência que eu.

James abaixou o olhar, para as mãos que estavam sobre as coxas. Sophie. Ele não a via fazia dois anos. Estranhamente, enquanto estava em sua caça rumo ao interior, ele não pensou em mais nada que pudesse encontrar em Sydney Dovedale. Seus pensamentos estavam repletos com Ellie Vyne e somente com ela.

Ele ergueu os olhos. Seus olhares se fixaram. Ele viu a dúvida, o questionamento nos olhos dela. Ele rapidamente abaixou o olhar

outra vez, imaginando por que ela ligaria se ele ainda sentisse algo por Sophie. Ela só queria seu dinheiro. E seus serviços de garanhão.

— Uma festa! Parece maravilhoso, tia Lizzie — ela disse.

— Eu quero ir à festa — anunciou lady Mercy, comendo uma grande garfada de pão de ló.

— Até lá, talvez você não esteja mais aqui — Ellie lhe disse. — Seu irmão vem para levá-la para casa.

A garota ficou amuada e só melhorou quando Eliza Cawley lhe ofereceu mais bolo. — Levando em conta que você não tem cozinheiro, isso até que está bom. Bem comestível — anunciou a garota, observando outro pedaço sendo posto em seu prato. — Claro que como essa gente se negou a me alimentar hoje eu poderia comer qualquer coisa. Nem saberia distinguir um gosto desprezível. Ninguém nem se lembrava de mim em nossa jornada, embora meu estômago rugisse como um leão a manhã inteira. Eles estavam ocupados demais olhando um para o outro e tocando...

— Sua náusea passou, lady Mercy? — James rapidamente interrompeu.

— Ah... sim. — Ela deu uma garfada elegante em seu pedaço de bolo. — Ainda bem que tenho uma constituição forte. Raramente passo mal por muito tempo.

— Mais chá, Smallwick? — Perguntou Ellie.

— Não, obrigado, madame. — Ele nunca gostou de chá e só tomava quando era forçado.

— Sim, imagino que você prefira algo mais forte.

Estreitando ligeiramente os olhos, ele a observou do outro lado da mesa, mas sua expressão não transmitia nada. Ele estava bem certo de que ainda a enganava quanto a acreditar em sua amnésia.

— Você precisa me deixar ir a essa festa — disparou lady Mercy encarando Ellie fixamente. — Você me deve um favor. *Lembra?*

Ellie deu um gole em seu chá. — Eu me lembro.

— Além disso, meu irmão não terá pressa em vir me buscar. Carver detesta sair de Londres e não vem ao interior desde o enterro do papai. Ele nem sequer visita a propriedade, pois diz que lá é tedioso demais. Você vai ver. Ele vai levar séculos para aparecer. Gostando ou não, você está empacada comigo, portanto é isso! É melhor me distrair ou ficarei muito azeda.

Eliza Cawley deu um pequeno gemido de angústia enquanto observava o pequeno furacão detonando toda a comida que ela lhe dava. James sentiu uma pontada de culpa por deixar a criança sob os cuidados dessa pobre mulher, mas ele não podia levá-la à residência Hartley, pois isso ia expor ainda mais a sua presença no campo e ele ainda não queria que sua avó soubesse de sua chegada. Ela automaticamente tentaria envolvê-lo em uma tempestade de eventos sociais, forçando várias moças por sua goela abaixo. Tudo o que ele queria era passar um tempo com a vilã mentirosa por quem ele pagara mil libras.

Ela estava com um pouco de açúcar no lábio e ele estava com a mão coçando para limpá-lo, mas seus olhos se encontraram novamente bem na hora em que ela achou o açúcar com a ponta da língua e o tirou. Os lábios dela brincavam com um sorriso. — Tem certeza de que não quer mais nada, Smallwick?

James ficou olhando.

— Você parece querer pedir algo — ela forçou.

Aparentemente, a senhorita Vyne estava com vontade de flertar com seu criado.

— Nada... no momento, madame.

Ele pensou na cama estreita lá em cima, no quarto de hóspedes. Mal tinha espaço para uma pessoa dormir com cautela, muito menos para dois amantes secretos. Se tinha a intenção de seduzir o infeliz Smallwick, como conseguiria fazê-lo? Pela primeira vez, o problema era de outra pessoa, não seu. Ele sorriu por dentro. Parecia haver vantagens em ser um serviçal. As providências desta noite eram problema dela se quisesse seus

serviços noturnos. Pela expressão enevoada de seus olhos, ela não deixaria que a perda de memória a impedisse. Por que deveria? A mulher era avessa a escrúpulos.

Como Grieves não apareceu com o doutor Salt e começou a anoitecer com a velocidade brutal do inverno, a senhora Cawley disse a James que ele talvez pudesse dormir no sofá. Ele poderia ficar bem confortável com travesseiros e cobertores. Lady Mercy dormiria com Ellie no pequeno quarto de hóspedes lá em cima.

— O que as pessoas vão pensar? — Murmurou a idosa. — Um homem solteiro passando a noite na casa de uma viúva respeitável! Se a taberna de Merryweather tivesse vaga, eu o mandaria para lá, rapaz.

— Obrigado por sua hospitalidade, madame. Fico grato, pois, até a chegada de meu patrão, não tenho lugar onde ficar e seria forçado a passar a noite em um banco de praça se não fosse por sua gentileza.

Ela se virou para sair pegando uma vela no topo da lareira.

— Boa noite, madame — disse ele enquanto afofava seus travesseiros emprestados. — E, mais uma vez, obrigado pelas calças. Foi uma sorte que a senhora as tivesse aqui, nesta casa de uma viúva respeitável.

Ela olhou por cima do ombro e um rubor rosado coloriu seu rosto. — Sim. Eu... guardei um pouco das coisas do capitão quando ele morreu.

James sorriu. Ele se lembrava do capitão Cawley como um sujeito alto e magro. As calças que ela lhe emprestara pertenceram a alguém largo e alto. Enquanto ele arrastava o baú de Ellie até o quarto de hóspedes, mais cedo, ele tivera a chance de olhar pela janela bem na hora em que um sujeito gorducho saía pelo portão dos fundos da casinha do jeito de alguém que preferia não ser visto. Eliza Cawley aparentemente tinha um cavalheiro amigo.



Ellie tinha alguma lembrança de quais degraus rangiam mais ruidosamente, mas isso parecia mudar de acordo com o humor da casa. Portanto, ela foi flagrada antes de chegar ao térreo, quando um rangido horrível irrompeu na paz do corredor escuro. Ela fechou os olhos apertados e esperou, com o pé pronto para pisar no chão do corredor, a mão segurando o corrimão. Não havia som nenhum lá de cima, nem o barulho de algum corpo inquieto se remexendo na cama. Lenta e cuidadosamente, ela desceu o último degrau e pisou no corredor que dava na sala.

Um vulto branco se moveu no canto de seu olho. A porta da cozinha estava aberta e uma silhueta se mexeu na sombra. Ela seguiu descalça pelo corredor, depois parou. A visão fantasmagórica ergueu uma das mãos e silenciosamente destrancou a porta dos fundos.

À medida que seus olhos se ajustaram, ela reconheceu a pequena silhueta com uma longa trança grisalha nas costas. — *Tia Lizzie?*

A mulherzinha deu um salto e virou. — Minha nossa, Ellie! Que susto você me deu.

— Aonde você vai a essa hora da noite? — *De camisola e chinelos*, ela poderia ter acrescentado.

Filetes de luar entravam pela janela acima da porta e iluminavam o rosto ansioso de sua tia. — Eu só vim para... ter certeza de que a porta estava trancada. Por que você está fora da cama?

— Eu? Ah, eu só queria uma coisa. — Ela olhou em volta, finalmente se lembrando que estava na cozinha. — Um copo de água. Tornou-se um hábito ter um copo de água ao lado da cama. Eu me esqueci de levar um comigo lá para cima.

Tia Lizzie apressou-a para voltar ao corredor em direção à escada. — Vá para cama e eu levarei para você.

— Não, não. Eu posso pegar. Vá você para a cama se aquecer.

Por um instante, as duas bloqueavam o caminho uma da outra, ambas claramente em missões diferentes das que haviam confessado. Ellie tinha visto que a tia havia deixado o trinco aberto. Em uma vila como Sydney Dovedale, realmente não havia motivo para trancar a porta, mas a tia era do tipo cauteloso e trancava mesmo assim. Essa noite, depois de ter trancado a porta na frente da sobrinha, ela desceu no escuro para trancá-la outra vez.

— Vou pegar minha água, tia Lizzie. Boa noite. — No pé da escada, ela deu um beijo no rosto macio da senhora. — Volte para a cama.

— Sim... muito bem. Boa noite, minha querida. Você também vai direto para a cama?

— Claro.

— Bom. Bom. — A tia tamborilou o corrimão com os dedos. Ellie sorriu com toda a inocência que pôde mostrar, depois se apressou pelo corredor, voltando à cozinha.

Ela ficou ouvindo os rangidos enquanto a tia subia a escada, seguidos por uma breve pausa e uma batida suave quando ela fechou a porta de seu quarto.

Depois que alguns minutos haviam passado, ela foi sorrateiramente até a porta dos fundos e a trancou novamente. Tia Lizzie só podia estar ficando senil. Ela sacudiu a cabeça, pensando que ainda bem que tinha vindo cuidar da idosa querida. Quando o médico chegasse para examinar James, ela pediria que também desse uma olhada em sua tia.

Capítulo 13



ELE ESTAVA DEITADO OLHANDO os pilares baixos e as rachaduras na massa do teto. Depois do dia cansativo que tivera, James esperava pegar no sono rapidamente, mas, em vez disso, estava bem desperto. O fogo da lareira da sala queimava baixinho com uma tela de arame na frente. O pássaro do capitão estava quieto, sua gaiola coberta por um pano bordado.

James olhou em volta para os badulaques e as lembranças da vida de Eliza Cawley, alguns objetos humildes que não significavam nada para ninguém, exceto para ela. Essa não era uma casa repleta de objetos de arte, nobres telas a óleo, colecionados somente para impressionar os visitantes. Era um lar cheio de lembranças felizes. Muito diferente dos lugares onde ele havia crescido.

Havia cinco retratos em miniatura em pequenos porta-retratos na parede acima de uma pequena espineta, no canto da sala. Eliza Cawley tinha um olho aguçado como retratista e todos eram muito bons. Ele os observara mais cedo e viu que eram de sua anfitriã, de seu falecido marido, o capitão Cawley, e de seus dois irmãos, o almirante Vyne e o desonroso tenente Graedon Vyne. O último retrato era de Catherine Vyne, mãe de Ellie. Deviam ter sido pintados pelo menos vinte anos atrás. Era um belo grupo familiar. James nunca conheceu a mãe de Ellie pessoalmente, mas

agora via que ela possuía muita semelhança com a moça. Estava claro de onde vinham seus olhos incríveis. Um homem podia perder a alma em olhos como aqueles.

O almirante Vyne, na moldura oval ao lado da imagem de Catherine, parecia um tanto medíocre e consideravelmente velho em comparação à bela esposa. Depois vinha o charme paquerador do tenente Graedon Vyne, gravado para a posteridade em uma moldura que pendia ligeiramente torta. James tinha observado aquela imagem por quase o mesmo tempo que olhara a de Catherine. Ele tinha dezesseis anos quando sua mãe fugiu com o jovem tenente atrevido. Depois disso, o pai de James não podia mais olhar para ele, pois dizia que o filho o fazia se lembrar demais da esposa assanhada e infiel. Por isso, quando não estava na escola, James era mandado para morar com a avó. Lá ele viveu reprimido durante anos sem jamais ter permissão para ter amizade com outros garotos de sua idade, caso eles fossem más influências. E não tinha autorização para qualquer tipo de diversão até ter idade suficiente para fugir da casa dela. Sim, o tenente Graedon Vyne tinha muito a dar conta.

Ele sorriu tristemente pensando que a avó teria uma convulsão se visse o que resultara dele e de sua roupa no último dia, desde que ele se transformara em “Smallwick”. Grieves inventara esse nome para ele sabendo, é claro, que James não discutiria, ou teria de admitir que não havia perdido a memória. Grieves era um velhaco astuto.

A porta rangeu. Seu olhar desceu à maçaneta que girava.

Ellie espiou pela porta e, ao vê-lo acordado, entrou.

Ele se sentou, assumindo sua encenação de criado. — Madame. Não deveria estar aqui embaixo.

— Quis ter certeza de que você tem tudo de que precisa, Smallwick. — Ela atravessou a sala descalça, pé ante pé.

Agora tenho, pensou ele. Engraçado como a presença dela deixava seu humor mais leve. Olhando-a com aquela camisola

meticulosamente abotoada, ele ficou impressionado que a notória Ellie Vyne tivesse uma peça de roupa tão inocente. Como é que se dormia com um negócio daquele? Ele sempre dormia nu, embora a maioria das pessoas ficasse escandalizada por isso. Na opinião de sua avó, a nudez não era apropriada para nada, nem para a morte.

— Seu tornozelo está melhor? — Ela perguntou.

— Estou mantendo no alto, madame.

— É melhor você não andar muito amanhã.

Ele tinha trinta e sete anos, conhecera uma porção de mulheres, mas nunca quis tanto uma delas como a queria naquela noite. Naquela casinha aconchegante. Com sua camisola branca de freira, seus cabelos soltos e rebeldes. — Farei qualquer coisa que disser, madame. — Ele jamais diria isso a outra mulher na terra.

— Que bom. — Ela olhou a lareira. — Devo colocar mais uma pá de carvão para você?

— Estou bem aquecido. Obrigado. — Ele parou, depois repetiu. — Não deveria estar aqui embaixo. Sozinha, comigo. Madame.

— Felizmente para você, Smallwick, dou pouca importância a deves e não deves. Se todos fossem bons e virtuosos o tempo todo, será que o valor de ser assim não declinaria rapidamente?

Ele não teve muito a dizer quanto a isso.



Embora “Smallwick” mantivesse o cobertor em volta da cintura, como um escudo para sua honra, Ellie ainda tinha uma visão bastante agradável de seu tórax esculpido sob a luz fraca da lareira. Todos os músculos eram bem definidos. Seus braços, que eram mantidos elevados do sofá, eram potentes de masculinidade, um poder que ia além da mera força física, que podia entrar nela

e arrancar-lhe o desejo, segurá-lo diante de seu rosto, onde ela já não poderia mais negá-lo.

Sem dizer nada, ele olhou-a caminhando ao redor do sofá, e ela deixou que os dedos trilhassem ao longo do encosto.

— Eu poderia lhe tirar as dores. Sei como fazer. Tenho alguma experiência. — Iii, ela não deveria ter dito isso, pois os olhos dele enevoaram e seu maxilar se contraiu. — Trabalhei como acompanhante enfermeira de um cavalheiro idoso — ela explicou — e ele sempre tinha nódulos no pescoço e nos ombros, então aprendi a aliviá-los. Era algo bem inocente.

Sua expressão cética a deixou irritada.

— É verdade, Smallwick. Aprendi a passar unguento nos ombros do duque de Ardleigh. Ele precisava disso, pois nos últimos meses de vida, quando suas pernas não funcionavam mais, ele andava com duas bengalas. Isso deixava seus ombros e braços doloridos.

Ele recostou no braço do sofá. — Eu não sabia que o duque tinha problemas nas pernas.

— Ele tentava esconder. Sua saúde estava bem pior do que ele deixava que as pessoas soubessem.

James estudava o rosto dela. Ela o encarava de volta ousadamente, sabendo que ele devia pensar como os outros, imaginando que ela fosse amante de Ardleigh.

— Deixe-me ver se acredito em você — disse ele. — Mostre-me suas habilidades.

— Não tenho nenhum unguento — ela alertou.

— Então, faça o melhor possível. — Finalmente, ele se lembrou de sua encenação. — Madame.



— Pronto. Não está melhor, Smallwick?

— Sim, madame — murmurou ele com a cabeça apoiada nos braços, de olhos fechados, enquanto ela massageava os músculos doloridos de suas costas. Ela tinha mãos adoráveis e flexíveis, mas ele nunca as apreciara inteiramente até agora. Como ele pôde?

— Você estava muito tenso.

— Hum.

Ela foi até a lateral do sofá, ao lado dele. Ele abriu os olhos.

— Fique deitado quieto, Smallwick. — Ela pressionou as mãos nas costas dele com seus dedos ágeis trabalhando sobre uma porção de pequenos nós. Ele sentia a renda de seu robe roçar na lateral de seu tórax nu. Ela estava se esforçando um bocado por um homem a quem julgava ser seu serviçal.

Ele abriu novamente os olhos e ficou olhando para o braço do sofá. Ela estava aprontando alguma.

Suas mãos se moviam continuamente descendo por suas costas, massageando juntas, tirando a dor e as contraturas. Ocasionalmente, ela vinha ao seu lado, e seu robe deslizava sensualmente junto à pele dele.

Só um minuto. Onde ela estava colocando as mãos agora? Elas deslizaram por baixo do cobertor, abaixo da cintura dele, e desciam com uma confiança chocante.

— Madame — murmurou ele, com a língua grossa.

— Sim, Smallwick. — Ela tocou seu membro.

O sangue quente bombeava em seus ouvidos. — Acho que posso me virar, Smallwick.

O cobertor deslizou por seu corpo e ele ergueu ligeiramente o quadril, deixando que ela acariciasse seu pau. Suas mangas rendadas e os cachos longos soltos passavam na pele de suas costas, nádegas e coxas. Ela fazia devagar. Provocando quase além do suportável. Ele queria virar e agarrá-la, prendê-la sob ele e possuí-la. Sua boca aguava diante da possibilidade do que ela poderia fazer a seguir. E lá veio. Ela montou em seu quadril e quando se inclinou à frente para massagear seus ombros,

novamente roçou os seios em suas costas nuas, os mamilos provocando através do tecido fino. O interior firme de suas coxas se movia junto ao seu quadril, e a camisola — um mero sussurro de linho — tocava a parte de trás das pernas dele. Ela não estava de meias e, como ele desconfiava, nada de calcinha. Ele certamente não vira nada através da camisola quando ela ficou em frente à lareira.

— Bem, essa é a primeira vez para mim — ele suspirou no travesseiro, adoravelmente relaxado, exceto por sua masculinidade que, agora que ele abaixara outra vez, pressionava o sofá com tanta força que chegava quase a doer.

— Primeira vez?

— Uma dama fina como a senhora, senhorita Vyne, tocando-me intimamente...

E, sem nenhum aviso, o ar tenso se dissipou.

Ela lhe deu umas palmadas nas nádegas nuas.

O ardor reverberou acima e o som estalado ecoou por toda a sala. Antes mesmo que ele pudesse reagir, ela se debruçou, com os lábios perto de seu ouvido, deu uma risadinha e disse, baixinho: — Pronto, Hartley. Nessa, eu ganhei de você, não foi? Sempre soube do que você precisava. *De umas belas palmadas.*

O ar ficou preso em seus pulmões e agora saiu em um gemido. Sua pulsação disparou pelas veias como um banda só de bateristas. Ele virou de barriga para cima e agarrou-a pela cintura antes que ela pudesse escapar.



Ela ficou sentada em cima do quadril dele, rindo baixinho, e levou um dedo aos lábios. — Lembre-se de que minha tia está lá em cima. E lady Mercy também está dormindo.

Ele estreitou os olhos. — Quando você soube?

— Sobre o quê?

— Que eu não perdi minha memória.

— Quase na hora.

— Mentirosa.

Contendo um risinho, ela pousou as mãos no peito dele e deslizou pelos sulcos rijos. Ele tinha uma forma esplêndida. — Por que você fingiu?

As mãos dele apertaram em volta da cintura dela. — Eu queria lhe pregar uma peça para variar um pouco. — Ele se mexeu embaixo dela e ela sentiu sua masculinidade ereta. — Podemos terminar de onde paramos ontem à noite, senhorita Vyne? — Os olhos dele estavam em brasa, muito pecaminosos. Ele parecia ter dificuldade para respirar.

— Como estão suas costas agora? — Ela perguntou enquanto passava as pontas dos dedos nos mamilos dele.

Ele inspirou ruidosamente. — Subitamente maravilhosas. Agora me beije, madame.

— Smallwick, você é terrivelmente travesso.

— Não foi por isso que me contratou, madame, para esse serviço de garanhão?

— Hum! — Ela se inclinou à frente e deixou que os lábios tocassem levemente os dele. As mãos dele deixaram a cintura dela e seguraram suas nádegas através da camisola. Quando ela sentou reta novamente, ele se arqueou à frente, tentando um alcance completo de seus lábios. Quando ela negou, como fizera na noite anterior, as narinas dele tremularam e seu olhar faiscou, fixando-se nos lábios dela com um olhar de cobiça. Os traços do rosto dele pareciam mais duros, rústicos.

Ellie sentia a potência de seu desejo, conseguia até sentir o gosto no ar que pairava entre eles.

Eles não deveriam fazer isso na sala inocente e aconchegante de sua tia. No entanto, o peso da imprudência se acumulava no quadril dela, uma chama ainda mais quente de desejo se acendia e

ganhava vida justamente porque eles não deveriam fazê-lo. Porque era a sala distinta de sua tia, onde ela fazia reuniões do Clube de Leitura e tomava chá com o vigário, uma vez por semana, quando ele vinha visitá-la com a esposa.

Tomando uma decisão rápida e negligente, ela tirou a camisola pela cabeça e ouviu James soltar um grunhido de aprovação. Era errado, totalmente. E se sua tia acordasse e descesse a escada por qualquer motivo?

No entanto, agora ela estava nua em pelo. Não tinha como mudar de ideia. Ela queria esse homem que estava deitado sob ela, a luz de seus olhos era puramente carnal, seu corpo estava pronto para possuí-la. Claramente, o desejo dele era tão ardente quanto o seu e havia superado qualquer senso do apropriado. Isso, eles tinham deixado para trás havia muito tempo.



Com os braços ao redor dela, ele rolou para o lado e puxou-a para debaixo dele, no sofá. Dessa vez ele queria o papel dominante. Depois, ela podia brincar quanto quisesse, mas essa primeira vez teria de ser do jeito que ele queria, com ele no controle — da armadora sem princípios e possível cúmplice de chantagem.

Ele a beijou profundamente, esfregando os lábios nos dela. A espera desde a noite anterior o deixara explodindo e agora ele ia se soltar, estava girando em um vórtice de cobiça que a puxaria para ele, a tragaria e os levaria ao inferno, ou ao céu. Talvez para ambos. Possivelmente era fascinação esse desejo destemperado por ela.

Ele parou, a respiração ansiosa ardendo em sua garganta.

Os olhos dela estavam meio fechados, seus lábios se abriram de excitação.

Ele pôs a mão entre os dois corpos e a tocou intimamente, pressionando com investidas lentas e cautelosas, passando as pontas dos dedos. Ela piscava os cílios, depois ergueu o olhar salpicado de pontinhos de luz que explodiam, depois se juntavam, formando novas formas sob a escuridão.

James queria possuí-la com toda a voracidade e toda a intensidade que sentira desde junho, quando ela o beijara e o deixara desejoso. Ele estava selvagem, até meio louco.

Ela ergueu levemente o quadril do sofá reagindo à sua carícia, querendo mais.

— Gosta disso, madame? — Ele ronronava enquanto a acariciava lentamente. — Seu criado lhe agrada?

— Ah, sim, Smallwick.

— Devo continuar?

Ela assentiu e mordeu o lábio.

— Diga que quer mais, senhorita Vyne. Não posso fazer o que não me permitir.

Os olhos dela se arregalaram como a chama do rabo de um cometa. — Eu quero mais, Smallwick. Muito mais.

— Mas e se alguém chegar, madame, e nos vir fazendo essas coisas pecaminosas juntos?

— Não virão — ela resfolegou.

— Por quê? Porque a senhorita não quer? — Isso era a cara dela, pensou ele, achar que podia mandar até nisso.

— Sim — ela confirmou insolente.

Ele abaixou a cabeça até a curva farta de seu seio direito. A respiração dela se acelerou e seus gemidos suaves e desejosos molhavam seus lábios enquanto ela se remexia embaixo dele. James deslizou os dedos trêmulos para dentro de seu refúgio aquecido.

Ela embrenhava os dedos nos cabelos dele. Sua perna esquerda se ergueu nas costas dele.

Ele levou os lábios até o mamilo arrepiado e sugou delicadamente.

Ela gemeu seu nome e exigiu algo que ele não teve certeza de ter entendido corretamente. Afastando a boca por um momento, ele observou seu rosto corado e deslizou os dedos para fora dela.

— O que disse, madame? Certamente não quer que eu...?

Ela se retorcia impaciente e levou a mão até o pau dele.

— É isso que quer, madame?

Não havia engano em sua expressão, mas, só para garantir caso ele estivesse em dúvida, ela disse baixinho, em um sussurro inflamado: — Ande logo com isso, seu maldito. Não vai querer perder seu posto, vai, Smallwick? Por que acha que eu o contratei?

Uma risada rouca irrompeu dele. — Muito bem, madame, aqui vou eu.

Seu corpo ágil e belo se abriu para seus músculos rijos e impetuosos. Suas curvas se remexiam embaixo dele de um jeito tão incrivelmente macias e aquecidas, envolvendo-o, apertando, possessiva, exigente.

Eles se fundiram em um calor devasso até se tornarem líquidos, enroscados um ao outro. Enfim.

Conforme o primeiro clímax se formava em espasmos trêmulos no corpo dele e o suor minava em suas costas, ele pensava no próximo e no próximo.

James fechou os olhos com a cabeça para trás, a mente girando. Ciente das mãos dela em seus braços segurando com força, o corpo igualmente agarrado ao dele pulsando ao seu redor, brilhosa e quente, ele sabia que ela chegara ao ápice no mesmo momento. Foi rápido demais e queria se deleitar nesse instante, mas não havia nada que ele pudesse fazer para retardar sua explosão. Foi uma união cataclísmica, uma sensação de queda de uma altura imensa. Quando ele bateu no chão, ela era uma cama de plumas por baixo dele, moldada ao seu formato, absorvendo a queda.



Mais quatro noites depois dessa. Deveria ser o suficiente, ela pensou, quando o mundo real finalmente se aproximava dela outra vez. James Hartley nunca quis a mesma mulher duas noites seguidas, muito menos cinco.

Ellie, engasgada com as próprias emoções, ficou imaginando se agora ele estava pensando em Sophie — ou em outra mulher qualquer, comparando-a. Ele chegou para o lado tirando seu corpo sólido e pesado de cima dela. O sofá não era muito largo, mas cabiam dois corpos apertados. Os móveis de sua tia não tinham sido feitos para libertinagem. Eram feitos para traseiros delicados sentarem, enquanto seus donos bebiam chá e beliscavam petiscos, pãezinhos com geleia de morango e salgadinhos. Nesta noite, ela era o petisco que James beliscou. Ela devia se envergonhar. Devia.

— Isso foi satisfatório, senhorita Vyne? — Sussurrou ele enquanto passava os dedos em sua coxa.

— Muito, Smallwick. Muito satisfatório. — Não fazia sentido ser pudica. Ela queria dizer que foi terrível e que ele precisava se esforçar mais, mas, dessa vez, nem ela conseguia mentir. — É melhor que eu volte para cama antes... — Sua respiração falhou e ela estremeceu quando a palma da mão dele segurou-lhe o seio. Seu mamilo reagiu instantaneamente, e os lábios dele redescobriram aquele ponto sensível na lateral de seu pescoço.

— Ainda não terminei, milady notória.

— Ah, é?

Ele tinha uma quantidade vasta de resistência e energia. Chocante para um homem de trinta e sete anos.

— Se um trabalho é digno de ser feito, madame, ele é digno de ser bem-feito. Diga-me quando estiver pronta para mim novamente.

E aconteceu de ela estar pronta meia hora depois, quando ele já dava beijinhos em cada parte de seu corpo.

— Eu devo ter o criado mais dedicado de toda a Inglaterra — ela murmurou.

— Eu tenho a amante mais irresistível.

Ela descobriu que gostava muito do som daquela palavra sussurrada em seus lábios antes que ele lhe desse outro beijo na nuca.

Nem mesmo Ellie Vyne conseguia negar que ele era bonito. No entanto aquela noite, sob a luz suave da lareira que ia se apagando, sua beleza ganhou nova nuance. Ela imaginou que vikings deviam ter essa aparência — a cor clara, a altura, os ombros largos. Principalmente a intensidade selvagem que ardia naqueles olhos azuis. Esse homem não capturava prisioneiros; ele era impiedoso.

Ela suavemente passou as pontas dos dedos na pele manchada ao redor do olho dele. — O que aconteceu?

— Uma luta de boxe.

Conforme os dedos deslizaram por seu rosto, ele o virou e beijou-lhe a palma da mão. — Boxe? — Exclamou, chocada.

— É um exercício muito bom, ele me ajuda — abaixou a boca ao punho dela e beijou ali também —, queima — sua língua descia pelo braço — certas — e ele lambeu a parte interna de seu cotovelo, fazendo-a se remexer e rir — energias vitais.

Então isso explicava sua resistência. Quantos rounds ele aguentaria? Pensou, maliciosa.

Ele abaixou novamente a cabeça e passou a ponta da língua por entre seus seios. Um fogo selvagem irrompeu pelo corpo dela com apenas aquele toque molhado. Ela estava mais viva do que nunca. Cada pequeno poro de seu corpo tinha feito amor esta noite e agora estavam todos insaciáveis, mimados, clamando por mais. Até o leve roçar dos pelos das coxas dele, que faziam cócegas nas pernas dela enquanto as abria, jogando mais carvão em

sua fogueira. O toque dele, o peso e o cheiro, o som de sua respiração ofegante, preenchiam seus sentidos, despertavam-na como nada jamais fizera. Ela quase gritou de alívio quando ele finalmente a preencheu novamente, dessa vez lentamente, aos pouquinhos. Ele abafou seus gritos mudos com outro beijo, certamente machucando seus lábios com toda sua fome. James Hartley, malandro cavalheiro, era uma fera bem selvagem quando atiçado.

Ela tentou não pensar em como ele aprimorou suas habilidades em quartos por toda Londres. Em vez disso, Ellie se entregou à paixão gananciosa. Seu corpo se arqueava para encontrar o dele, e suas mãos agarravam os músculos de suas costas enquanto ele suava sobre ela, gemendo seu nome. Ela enlaçou-o com as pernas e forçou James a deitar de costas. Dessa vez, ela cavalgou sobre ele como ele fizera com ela.

Ele pressionava o quadril para cima e ela seguia o movimento frenético, rapidamente caindo em um precipício de abandono feliz. Ele lhe tirava o ar e lá vinha outra vez — *la petite mort*, como os franceses chamavam.

Caindo à frente, perdendo as forças, ela mergulhou o rosto no ombro dele, vermelho-fogo, e deixou que os tremores fluíssem de seu corpo ao dele.

James, no entanto, ainda não tinha gozado de novo. Dessa vez ele esperou, segurando-se para torturá-la ainda mais. Formigando por dentro, com seu âmago ainda mais sensível que antes, ela sentiu outro terremoto se formar. Meu bom Deus, não pode ser mais! Ela nunca soube que tinha isso dentro dela.

Ao longo de tudo, ela estava consciente da porta — destrancada — a apenas alguns palmos do sofá. A qualquer momento eles podiam ser descobertos. Jamais haveria tempo suficiente para esconder o que eles estavam fazendo.

Ela não ligava. Essa noite, ela era inteirinha a criatura libertina como os falsos boatos lhe pintavam.

Seu amante lambia seus seios, tomando os mamilos com beijos brincalhões, chupando, fazendo cócegas, pousando sua boca faminta em cada um deles, dividindo entre eles atenção igual. Que amável. Então ele deslizou as mãos sobre a curva de suas nádegas, segurando-a no lugar enquanto mergulhava dentro dela com mais força.

Ellie gemeu e desmoronou. O suor escorria dela.

Seu coração estava galopando, indiferente e feliz como um cavalo solto a brincar. Esse clímax foi mais rápido e mais forte que os dois primeiros. Ela estava vagamente ciente de suas unhas cravando nos ombros dele com uma força um pouco além da conta, porém, ela precisava se agarrar a algo ou talvez não sobrevivesse. Ela seria levada por uma onda. Até essa imagem pareceu engraçada e a fez querer rir alto.

Quando olhou para baixo, os olhos dele estavam repletos de tons tropicais de azul do mar, tons que nunca se viam na costa inglesa. Ele lentamente cravou duas vezes, com uma força que a fez cerrar os dentes outra vez, contraindo seu pau. Quando ele gozou pela segunda vez naquela noite, foi com força, selvagem.

Ele caiu para trás no sofá. A camada fina de suor que cobria seu corpo reluzia sob a luz da lareira. — Minha cabeça ainda está pregada em meu corpo?

— Sim. — Ela caiu por cima dele, que a enlaçou nos braços. — Mas receio que ainda seja vazia por dentro, Smallwick. Você sabe que isso não foi nada sábio, aqui na sala da minha tia.

Ela sentiu o riso brotando no peito dele. — Imaginei que isso fizesse parte de seu prazer, madame. — Ele deu um tapinha em sua nádega, bem mais suave do que os que ela lhe dera, mais cedo. — O perigo a excita. — Ele parou, depois passou os lábios em sua cabeça, beijando seus cabelos. — Não é por isso que está aqui comigo? Com o homem que você não deveria ter?

Como ele conhecia bem as suas falhas.



Enquanto ela pegava no sono, James saiu cuidadosamente do sofá e vestiu o sobretudo. Ele estava com sede, mas não queria perturbá-la. Ela estava deliciosa com os cílios tremulando sobre as bochechas coradas, os cachos escuros caídos por seus ombros, seus braços macios curvados e as longas pernas esparramadas sobre o sofá de tapeçaria, com total abandono. Ele tinha começado a perceber que ela não fazia ideia de quanto era linda. Ele se lembrou da primeira vez que a viu totalmente crescida, quando tinha dezesseis anos, saindo de seu primeiro baile — que choque tinha sido para seus nervos e que imbecil foi a sua reação.

Subitamente, ele não conseguiu resistir a acordá-la. Deu-lhe um beijo no nariz e ela o franziu. — Eu já volto — sussurrou ele.

— Preciso voltar para a cama.

— Ainda não. Fique. Não ouse se mexer.

— Smallwick, você está dando ordens à sua amante?

— Estou. Se me desafiar, ela será punida.

Ellie sorriu sonolenta e ele aceitou como um sinal de concordância. James prendeu o cobertor ao redor dela, acendeu uma vela na lareira e foi sorrateiramente até a cozinha, no fim do corredor, onde uma busca breve revelou um barril de cerveja na despensa. Ele ficou distraído por um tempo, ocupado demais pensando nas coisas indecentes que ele deixara acontecer naquela sala aconchegante. Pegava canecas e as pousava de novo, seu olhar vagava estupidamente pelas prateleiras com vidros de pickles e seus rótulos, como se tivessem a chave do coração de certa mulher danada e fascinante. Era melhor voltar para ela. Não era sábio deixá-la sem supervisão por muito tempo, porque ela podia escapar.

Contudo, assim que serviu duas canecas de cerveja e caminhou de volta à cozinha, ele ouviu um som raspado. Ratos? Ele pousou as duas canecas cheias na mesa da cozinha ao lado de sua vela e pegou uma frigideira de um gancho da parede. O ruído raspado parou e virou um chocalho. Vinha da porta dos fundos. Franzindo o rosto, James pousou a frigideira, pegou sua vela e foi rapidamente até a porta. O trinco de ferro estava sacudindo. Alguém do outro lado estava tentando soltá-lo. Ele destravou o trinco e abriu a porta.

— Sim? — Perguntou ele, com a vela erguida.

Uma silhueta baixinha estava na entrada com um latão de leite aos seus pés, chapéu na mão. — Ah! Eu esperava a senhora Cawley.

James reconheceu o mesmo sujeito robusto que tinha visto saindo pela porta dos fundos logo que eles chegaram. — No meio da noite, senhor?

— Na verdade, é começo da manhã. — O homem sorriu cordial.

Ah, como o tempo voa quando você está se divertindo.

— Meu nome é Osborne. Vim entregar o leite da senhora Cawley.

Puxando pela memória, James lembrou a conversa de antes durante o chá. Osborne devia ser o fazendeiro local que Eliza Cawley tinha mencionado — um viúvo com uma filha difícil que tinha sido mandada para Bath na esperança de que ela se casasse. — O senhor entrega o leite da senhora Cawley pessoalmente?

O sorriso do cavalheiro aumentou, e seus dedos gorduchos remexiam o chapéu. — Ela é uma cliente muito estimada e valiosa.

— Entendo. Então é melhor trazer para dentro. — Ele deu um passo ao lado, gesticulando com a vela, e o fazendeiro carregou o latão para dentro da cozinha e cuidadosamente o colocou no chão de pedra.

— Parece-me familiar, mas não estou lembrando...

— Smallwick é meu nome. Sou criado emprestado da senhorita Vyne.

— Ah, sim. Ouvei dizer que a senhorita Vyne tinha vindo visitar a tia. Inesperadamente. Smallwick, você disse? É mesmo? — O idoso franziu o rosto. — Achei que já o vira antes, mas eu... — Os olhinhos pequeninos rapidamente varreram a mesa da cozinha e pararam nas duas canecas de cerveja.

— Eu direi à senhora Cawley que o senhor entregou o leite. — James achou ter ouvido a porta da sala sendo aberta. Agora, ele temia que Ellie pudesse aparecer para ver o que ele estava fazendo. O fazendeiro Osborne poderia ser, a qualquer momento, testemunha do encontro noturno secreto.

— Ah. — O homenzinho olhou novamente os dois canecos de cerveja, depois para as pernas nuas de James por baixo do casaco. — Muito bom, Smallwick. Mande minhas lembranças à senhora Cawley.

James deu uma olhada ao corredor. — Farei isso, senhor. Boa noite.

— Bom dia!

— Sim, isso também.

— Você deve ser um sujeito sedento, Smallwick.

— O quê?

— Duas canecas de cerveja?

Os dois homens se encararam sob a luz tremulante da vela. — Sim — respondeu James. — Gosto da minha cerveja à noite tanto quanto a senhora Cawley gosta de seu leite.

Pausa.

— Disse que está emprestado à senhorita Vyne, Smallwick. Pretendem ficar muito tempo no campo?

— Isso depende da senhorita Vyne, senhor. Mas não quero atrapalhar suas... *entregas*, fazendeiro Osborne. Geralmente tenho o sono pesado. Contanto que eu tenha minha cerveja.

Finalmente ele colocou o homem para fora e fechou a porta. Hum. Interessante. Ele olhou o latão e riu baixinho, quase apagando sua vela. Eliza Cawley devia tomar uma quantidade enorme de leite para ser uma cliente tão valorizada a ponto de o fazendeiro entregar seu pedido pessoalmente. E até o que James entendia, independentemente do que o fazendeiro Osborne dissesse, era, sim, o meio da noite. Gente acordada a essa hora da noite geralmente não estava fazendo boa coisa. Incluindo ele próprio.

Sorrindo, ele carregou o latão para dentro da despensa fria.

Capítulo 14



ELLIE LEVANTOU-SE IRRITADA PELO

segundo dia seguido, depois de algumas horas de sono bastante inquieto. Como gostaria de ter ficado com James no sofá! Mesmo no espaço apertado, sua companhia era preferível à de lady Mercy que, embora dormisse profundamente, tinha sonhos agitados, chutando e se virando, enrolando-se na colcha de retalhos e deitando em diagonal na cama estreita, tomando a maior parte do espaço. Chegou o amanhecer e a garota estava roncando em seu travesseiro, esticada e mergulhada em seus sonhos, enquanto Ellie tinha perdido toda esperança de dormir.

Molly Robbins subiu ao quarto assim que ouviu Ellie se movimentando e ofereceu ajuda para desfazer seu baú.

— Estou torcendo para ser dama de companhia um dia, senhorita Vyne — sussurrou a menina, aflita para não acordar lady Mercy — de fato, estavam todos contentes pela paz de agora. — Assim que eu costurar as calças do cavalheiro, posso passar toda sua roupa, costurar furos e lavar quaisquer manchas.

Ela se lembrou de Molly como uma garotinha tímida que corria atrás das outras crianças da vila sempre se escondendo, temendo até a própria sombra. No entanto, ela havia crescido alguns centímetros e se tornara uma menina calma e equilibrada. Seus longos cabelos castanhos estavam amarrados para trás com

um laço, e seu rostinho era bem sério para alguém tão jovem. A família Robbins tinha poucos recursos financeiros e Molly era a caçula de uma família de doze irmãos. Ela havia sido mandada para procurar trabalho assim que foi considerada capaz por seus pais preocupados. Ellie supunha que isso deixaria qualquer pessoa um tanto melancólica.

— Então, boa sorte pra você — ela respondeu, bocejando. — Você ficará de mãos cheias remendando a minha roupa.

A menina da família Robbins imediatamente se pôs a desfazer a bagagem enquanto Ellie terminava de se vestir. Ao observar a menina ocupada e a outra roncando na cama, ocorreu-lhe que elas tinham mais ou menos a mesma idade, no entanto viviam vidas muito diferentes.

— Talvez hoje você possa mostrar a vila a lady Mercy, Molly — ela sugeriu. — Do contrário, ela ficará o dia todo no pé da minha tia até que seu irmão venha.

Molly ergueu a cabeça e seus olhos escuros timidamente observaram o amontoado inconsciente na cama. — Mas o que posso mostrar a ela, senhorita Vyne? Tenho certeza de que ela está acostumada a coisas bem mais nobres do que as que temos em Sydney Dovedale.

— Mas esse é exatamente o objetivo, Molly. É importante descobrir coisas novas.

Molly pareceu hesitante. — Vou tentar, senhorita Vyne. Ela tem roupas muito elegantes, para caminhar pelo campo. — A menina gesticulou para as belas botas caprichosamente colocadas ao pé da cama, com os bicos perfeitamente alinhados, e suas combinações de renda sobre uma cadeira esmeradamente dobradas. Lady Mercy era bem preparada e bem calçada para alguém que tinha fugido. Ela colocara roupas bem bacanas na mala para sua aventura. — Não há muitos lugares limpos ao redor da vila.

— Acho que um pouquinho de sujeira lhe fará bem. — Ela sempre pensara isso sobre James também.

Ellie estava junto à janela do quarto enquanto penteava os cabelos e olhava o céu carregado acima da casinha da tia, como se pudesse despencar sobre a terra a qualquer momento. Ela se sentia estranhamente fora de prumo nesta manhã. Ela sentia seu interior dançar como centelhas de uma fogueira enquanto, por fora, esforçava-se para conter tudo e ser sensata. Já não era mais uma garota tola, que facilmente ficava de cabeça virada, se é que algum dia fora, pensou, sorumbática — e tinha de ser capaz de conduzir esse caso sem fazer papel de tola. E daí que James, seu amante maravilhosamente pecaminoso, estava no andar de baixo, e ela em breve o veria novamente? Certamente eles poderiam se olhar sem que ela virasse uma manteiga derretida. Contudo, ela protelou descer só para ter certeza de que tinha controle de si mesma.

A vila estava quieta, poucas almas saíam e circulavam em um dia tão ruim. Do outro lado do campo, duas garotinhas brincavam com bambolês e os giravam nas poças. Um bando de gansos voou acima, irrompendo na paz com seu coro de gargarejo.

Subitamente, lá estava James, com aquelas calçolas emprestadas, deixando a casinha de sua tia e caminhando pela rua. Ellie parou com a escova embaraçada em um cacho teimoso.

Aonde o diabo estava indo agora? Ela o alertara para descansar o tornozelo hoje. Ele não tinha como caminhar até Morecroft e não havia ninguém em Sydney Dovedale que ele quisesse visitar.

Exceto Sophie.

A percepção chegou como uma bomba igual ao touro do fazendeiro Osborne, que a perseguiu em um verão pelo campo inteiro, cravando os chifres em uma cerca de madeira, tentando pegá-la. Ela teve de subir em uma árvore e ficar esperando por mais de uma hora até aparecer alguém para salvá-la. Agora, ela sentia o mesmo medo de ser cravada por chifres afiados, depois a impotência de se sentir encurralada. Ela não podia sair correndo atrás dele como uma criança, exigindo saber aonde ele estava indo.

Afinal, sua mãe era americana e ela não saía correndo atrás de um homem pela rua.

Seu coração doía por bater tão depressa, com tanta força. Será que a noite passada tinha significado tão pouco para ele que a primeira coisa em que pensou nesta manhã foi em Sophie, sua antiga paixão?

— Ah, senhorita Vyne, mas que lindo vestido.

Ela olhou por cima do ombro. Molly estava ajoelhada ao lado do baú surrado erguendo um antigo vestido de festa. — Isso? Não uso há anos e agora está bem fora de moda. Ela ficou imaginando por que ainda se dava ao trabalho de carregar o vestido com ela. Pelo que se lembrava, ele tinha uma mancha grande de sopa na saia, e a bainha estava rasgada, além de muitas miçangas faltarem em volta da cintura porque ela havia prendido a faixa da cintura em uma maçaneta quando estava fugindo de um rapaz entusiasmado.

Molly ergueu o vestido sob a luz matinal suave. — Mas a musselina ainda está em boas condições, senhorita Vyne.

— Se for útil para você, pode ficar com ele.

— Tem certeza, madame?

Ela assentiu. — É até bom que você o torne útil. E se tiver outras peças de que você goste, pode pegar.

— Eu não poderia, madame.

— Bobagem. Tenho certeza de que há várias irremediavelmente danificadas para que sejam usadas novamente. — Suas irmãs sempre diziam que ela era tão dura com os vestidos quanto com os homens que a cortejavam.

Ao olhar novamente pela janela, ela viu uma silhueta alta e angular e logo reconheceu como a intrometida e indomável amiga de sua tia, a senhora Flick, saindo de sua própria porta, na esquina, e vindo pela via com uma pressa considerável. Sem dúvida, a senhora Flick tinha ouvido falar da chegada de Ellie. Agora, a qualquer minuto ela bateria à porta da casinha.

Tomando rapidamente uma decisão, Ellie desceu correndo a escada, gritou um rápido “bom dia” para a tia, que estava acendendo a lareira da sala, pegou as botas e o casaco e saiu pela porta dos fundos, na cozinha. Apesar de ainda ser cedo, ela visitaria sua amiga Sophie. Só porque a última coisa de que precisava nesta manhã era a bisbilhotice da senhora Flick — não tinha nada a ver com James, pois nem estava ligando para onde ele ia. Nada a ver.

A brisa fresca era uma mudança maravilhosa depois do cheiro tão fedorento do ar de Londres. Ela deu várias inspiradas e rapidamente caminhou se afastando da vila, subindo pela via enlameada e estreita rumo à fazenda onde Sophie morava. Não havia sinal de James, mas ele andava depressa, com passos largos. Talvez estivesse tão ávido para ver seu antigo amor que fora correndo. Pensar nisso a fez rir de histeria até que teve de parar para recuperar o fôlego.

As gotas de chuva caíam sobre sua touca, mas não o suficiente para fazê-la dar meia-volta, apesar da distância considerável que ainda tinha que caminhar. Ela preferia ficar encharcada a encarar a interrogação da senhora Flick durante o café da manhã.

Folhas mortas e úmidas sopravam em seu caminho, algumas colando em sua bainha. Uma fumaça fraca vinha pairando no ar de alguma fogueira pelo campo, causando cócegas em seu nariz e fazendo-a sorrir ao se lembrar das tradições sazonais de sua juventude — sair catando maçãs na noite de All Hallow’s, sua língua quente com as castanhas assadas, colher folhas coloridas quando elas caíam no gramado molhado.

Ellie passou pela antiga escadaria onde uma vez amarrou uma de suas irmãs mais novas pelos cadarços do avental, fingindo que ela era um cavalo para depois esquecê-la por uma ou duas horas. Ali, sob o carvalho, ela uma vez parou para pintar um bigode de tinta no rosto de um jovem que dormia. Ao passar, ela afagou a casca grossa do tronco, cumprimentando a árvore como uma antiga

amiga. Pela primeira vez desde que deixara Londres, ela não se sentia como se estivesse sendo seguida. Aquela sensação ligeiramente ameaçadora que tinha pairado sobre ela por algum tempo hoje não estava mais presente. Ela caminhava com passos mais leves, balançando os braços.

Ela pensou quantas vezes tinha corrido por essa rua tão batida para chamar Sophie Valentine. Embora tivessem cinco anos de diferença, as duas garotas se tornaram próximas graças à curiosidade e às travessuras, e ao prazer compartilhado de observar pessoas. Em várias maneiras, Ellie se sentia mais próxima de Sophie do que de suas duas irmãs caçulas, e suas temporadas de verão com a tia Lizzie eram marcadas pela companhia de Sophie. Até que, claro, James Hartley aparecesse e monopolizasse a atenção da outra garota.

Lá estava ele. Quando ela fez uma curva, sua silhueta alta surgiu à vista, sua aparência cômica, com aquelas calças emprestadas, curtas demais para colocar nas botas de montaria. Ela notou que nesta manhã não havia sinal nenhum de machucado no seu tornozelo. Talvez porque ele achasse que estava sozinho.

Subitamente, ele se virou e deu uma olhada para trás, em direção à estrada. Ellie se escondeu atrás de uma árvore. Um instante depois, ela espiou e o viu caminhando em frente. Mais uma vez, ela foi atrás, repreendendo a si mesma pelo impulso que a fez se esconder. Ela apertou o passo. Com que se importava se ele a ouvisse? Contudo, quando ele parou novamente e se virou, ela mergulhou por cima da cerca viva e aterrissou com um grunhido abafado. Dessa vez, ela perdeu a touca e precisou pegá-la em uma valeta enlameada, embaixo de alguns arbustos espinhosos. Até que ela se recuperasse e estivesse novamente de pé, ele tinha desaparecido em outra curva. Agora, extremamente desgrenhada, ela se apressava pela estrada enquanto arrancava os espinhos de sua touca.

A fazenda dos Kane acabou surgindo à vista, o muro de pedras com portões pretos de ferro, molhados pela chuva. Esquecendo-se do senso de orgulho que a fizera tímida em ser vista, ela correu até ele bem na hora em que abria o velho trinco.

— Você podia ter me falado que vinha vê-la — ela disse ofegante, com a chuva embaçando sua visão.

Ele pareceu intrigado. — Você está com lama no cabelo.

Só um malandro como ele, pensou ela, explodindo de raiva, não daria a menor bola em ter feito amor com uma mulher para depois, na manhã seguinte, sair correndo para visitar outra. Sem sequer uma explicação. Não que ele pudesse ter dado alguma que ela aceitasse. — Suponho que você não quis que eu soubesse aonde você estava indo.

— Eu não lhe devo explicações. E o que lhe importa? Sou apenas o seu garanhão.

— Exatamente! Faça papel de tolo outra vez por causa dela. Mas, desta vez, não vou ficar para assistir.

— E o que vai fazer? Correr de volta para o seu amante, o conde?

— Não é da sua conta aonde eu vou.

Altivo, acima dela, ele de repente perdeu a compostura anterior. — É muito da minha conta.

— Você me questiona, mas eu não posso fazer o mesmo com você?

— Que maldita você, mulher! — Claro, quando estava perdendo uma discussão, ele recorria aos insultos.

— Devo receber sua atenção exclusiva durante essas noites. Esse foi nosso acordo, Hartley.

— Então, assim será.

Entretanto, na presença de Sophie, ela seria novamente insignificante. Era assim. Ellie sentiu o gosto amargo do ressentimento e já estava envergonhada. Ela não queria ser o tipo

de mulher cujo coração sensível se retraía a cada ameaça de ferir-se.

A porta da sede abriu e um garoto veio correndo pelo quintal, com um spaniel ferrugem agitado, pulando ao redor de seus pés.

Uma voz de mulher gritou: — Rafe, você não vai sair na chuva. Traga esse cachorro de volta para dentro. Não demora e vocês dois estarão cobertos de lama e não tenho a menor intenção de... — Sophie surgiu na porta aberta, ainda ralhando com o menino. Quando ela olhou acima e viu os dois no portão, quase derrubou a vasilha de massa de bolo que tinha nos braços.

— Ellie! James? Mas o quê...?

O garoto parou, curioso, e segurou o cão pela coleira.

Ellie ficou instantaneamente arrebatada pelas feições conhecidas do rosto do menino, mas não conseguia se lembrar de onde o teria visto. Ele não podia ser filho de Sophie, pois ela se casara havia apenas dois anos e o garoto tinha pelo menos dez, talvez fosse alguns anos mais velho que isso. Até o que ela sabia, o homem com quem Sophie havia se casado não tinha filhos anteriores, embora o garoto tivesse cabelos negros e cheios como os dele.

— Entrem, não fiquem na chuva — Sophie exclamou. — Eu gostaria de ter sido avisada que você estava vindo. Por que não escreveu?

— Confesso que não pensei nisso. A ideia de fazer uma visita natalina a Sydney Dovedale me ocorreu subitamente e, quando percebi, já estava na metade do caminho para cá. — Os cachos enlameados pendiam atrás de seu pescoço enquanto sua touca pingava chuva. Estranhamente, naquele momento de grande desconforto, sua mente focava exatamente nisso.

— Ah, Ellie! Você nunca muda. — Isso foi dito com um suspiro tempestuoso, como se fosse hora de ela mudar.

Ellie deu uma olhada para James. A expressão dele era resguardada, assim como a de Sophie.

— Olá, James. Você está muito bem. A amiga escondeu seu divertimento pelas calças muito melhor do que Ellie conseguiria. Sophie sempre foi melhor em esconder as coisas — como seus pensamentos e seus sentimentos.

— E você — disse James. — Sua família está passando bem?

— Ah, sim. Muito.

Ellie queria gritar. Estavam todos sendo tão formais, falando frases de personagens de um romance. Como se nunca tivesse havido nada entre eles.

— Por favor, entrem.

O menino e seu cão os seguiram para dentro da casa, onde estava aquecido, com um cheiro delicioso de bolo assando, o que atiçou o estômago de Ellie e a fez lembrar que ela tinha vindo sem tomar café da manhã. Isso foi logo remediado. Sophie, conhecendo o apetite de Ellie, insistiu que ela sentasse à mesa perto da janela enquanto ela fazia chá e servia uma travessa de tortinhas de carne picadinha. Ellie tirou sua touca úmida e as luvas para comer. Ela observou a amiga circulando pela casa com eficiência alegre. O casamento, pensou ela, comparando Sophie com Walter Winthorne, combinava com algumas pessoas mais do que com outras. Sophie, é claro, sempre foi uma beldade. Ela jamais seria vista rolando em uma valeta tentando se esconder.

James estava muito quieto. A raiva emanava dele em ondas e ia direto para ela. Ela jamais deveria tê-lo seguido. Escondendo-se por trás de árvores, pelo amor de Deus! O que ela estava pensando ao confrontá-lo daquele jeito? Ainda bem que Sophie não tinha ouvido.

Um bebê gemeu baixinho em um berço perto da lareira, acima do qual pendia um varal de camisas masculinas recém-lavadas, estendidas para secar. Sobre a pedra da lareira, pousados em meio aos ramos de viscos e azevinhos, havia três desenhos que sem dúvida tinham sido feitos por Sophie; um de seu marido, um do

menino e outro do bebê rechonchudo, logo apresentado como Petruchio.

— Petruchio?

— Era isso, ou Romeo. — Sophie suspirou. — Receio que meu marido tenha começado a ler Shakespeare. — Ellie sabia que Sophie começara a ensinar o marido a ler. Aparentemente, as lições tinham progredido bem. — Pelo menos assim, podemos chamá-lo de Peter — ela acrescentou, com um sorriso. — Não há muito o que fazer com Romeo.

Ao longo dessa conversa, James permaneceu em silêncio, observando o menino de cabelos pretos que, escondido, dava pedacinhos de pão ao cachorro, embaixo da mesa. Sophie, naturalmente, era educada demais para perguntar como ela e James, antes inimigos, estavam viajando juntos.

— Ouvi você dizer que esse é Rafe? — Ellie perguntou.

Por algum motivo, a amiga não tinha apresentado o menino. Agora Sophie remexia o avental ao se juntar a eles, à mesa. Ellie percebeu que parecia haver um clima de grande nervosismo desde sua chegada a Sydney Dovedale. Primeiro sua tia, agora Sophie. Essa vila nunca teve tanta gente ansiosa que não conseguia olhá-la nos olhos.

— Sim — disse sua amiga, finalmente. — Rafe é sobrinho do meu marido.

— Então, quem são vocês? — O menino quis saber.

— Ellie Vyne. — Ela estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, jovem.

O garoto olhou para sua mão, depois novamente para seu rosto.

Ele esfregou a palma grudenta nas calças e apertou a mão dela, cauteloso. Novamente, ela sentiu que o reconhecia, mas passou, sumiu, antes que ela pudesse dar sentido. — Você mora aqui com seus tios? — Ela perguntou, já que Sophie não dissera mais nada.

— Claro que moro — disse o garoto, fazendo voar farelos de açúcar da boca. Então ele parou, soltou seu pedaço de torta e olhou-a fixamente. — O que você está fazendo aqui. Aqui não vêm muitos estranhos. Você não veio para me levar embora, veio?

— Rafe — Sophie exclamou —, não seja tolo. Essa é minha amiga Ellie e ela e o senhor Hartley vieram lá de Londres para nos visitar. Por que ela ia querer levá-lo embora?

O garoto ainda olhava Ellie por baixo da franja de cabelos negros. — Só queria ter certeza. Ela parece encrenca.

James finalmente falou. — Mas que criança perceptiva.

Rafe afastou os cabelos pretos. — O que é isso, senhor?

— Você já analisou a senhorita Vyne.

O menino limpou a boca na manga e olhou para Ellie. — Por que você é encrenca?

Ela sacudiu os ombros sem conseguir responder porque James tinha acabado de colocar a mão sobre a sua, em cima da mesa. Ela não sabia o que fazer a respeito. Será que isso queria dizer que ela estava perdoada? — Não sou, não — ela respondeu. — É só boato e fofoca. A maioria injusta e sem fundamento.

Ao seu lado, James deu uma pequena fungada de deboche que ela ignorou solenemente.

— Ela também diz isso de mim — o garoto disparou. — Que eu sou encrenca.

Sophie lhe deu um guardanapo e pediu a ele que limpasse a boca com ele, não na manga, depois o repreendeu por não ter lavado as mãos antes de vir para a mesa. Relutante, o menino foi até a cozinha para completar a tarefa. O cachorro foi pulando atrás dele.

— Tia Lizzie me disse que seu irmão vendeu sua propriedade.

— Sim, a um sujeito muito nobre de nome sir William Milford, um solteiro que não vem muito para cá, frustrando as esperanças das moças solteiras das redondezas. Embora não se possa condenar o sujeito por não querer morar naquela fortaleza

cheia de correntes de ar. Comenta-se que há grandes planos de reformá-la. — Sophie sacudiu os ombros. — É de pensar o que pode ser feito com um lugar daqueles, e se ele é maluco por assumir o fardo. Mas seus inquilinos e funcionários dizem que ele é gentil e justo. — Ela deu um sorriso torto. — Tia Finn diz que isso é apenas porque ele raramente vem aqui.

— Sua tia está por aqui? — Perguntou Ellie, decepcionada por não ver a idosa em sua habitual cadeira de balanço, perto da lareira. Finnola Valentine era uma pessoa animada com sua porção de passado escandaloso. Sempre era esperado que ela dissesse algo chocante. Ellie tinha grande afeição por ela e vice-versa.

— Tia Finn passa algumas semanas em Norwich com um velho amigo — Sophie respondeu com um rápido sorriso. — Até o que sei, a cidade ainda está de pé. Esperamos que ela volte para o Natal, mas, se estiver se divertindo, acho que não terá pressa em voltar.

— Sim, tenho certeza.

— Você pretende passar o ano-novo, Ellie? — Perguntou Sophie, subitamente com a voz frágil.

— Eu queria uma mudança agradável e Londres está tão...

— Nós estamos noivos — disse James.

O ar ficou preso em sua garganta. — Nós certamente *não* estamos noivos!

Os dedos dele apertaram os dela. — Claro que *estamos*, mulher!

— Ainda não. — Ela sentiu as bochechas esquentando. Estava constrangida diante da amiga, que devia achar que ela tinha ficado maluca. Hoje em dia, noivados a matavam de medo. Ela jamais tivera sorte com eles. Em sua experiência, os homens rapidamente a menosprezavam depois de noivos. — Creio que eu tenha lhe falado claramente que não há noivado. Apenas um acordo. De certa forma.

A pobre Sophie olhava para os dois completamente confusa.

— É apenas um acordo para considerar o casamento — Ellie explicou. — Se as condições forem favoráveis.

— Chame do que você quiser — estrilou James, afastando a mão.

O garoto voltou da cozinha, sentou em sua cadeira e, dessa vez, se dirigiu a James. — Você mora em *Lôndis*, moço?

Irritado, James coçou a lateral do nariz. — Moro. Presentemente.

A pergunta passou a Ellie. — Onde mora, moça?

— Em todo lugar.

— Todo lugar?

James murmurou — Como uma cigana.

Ela tentou explicar. — Às vezes, fico com minhas irmãs em Londres. Às vezes, visito meu pai, ou vou para Brighton, ou Bath, e fico com amigos. — Ela forçava cada palavra, embora sua mente estivesse preocupada.

— É mesmo? Brighton? — James riu asperamente. — Achei que tivesse dito que nunca tinha ido lá na vida.

Em vez de responder, ela deu uma grande garfada na torta.

Depois de pensar no que tinha dito, Rafe exclamou: — Você anda um bocado por aí. Como um trapaceiro que não quer ser pego.

— Rafe!

James sorriu. — Novamente, um entendimento perfeito da senhorita Vyne. Ela não quer ser pega.

O garoto sorriu. — Eu também andava um bocado por aí. Antes de *vim* pra cá.

— Antes de vir — Sophie corrigiu, parecendo estressada.

— Antes de vir pra cá — repetiu o garoto. Ele apontou para Ellie. — Você está com espinhos no cabelo.

Então, Ellie percebeu que havia algo familiar em sua boca. Ela tentou imaginar o menino com uma pele mais clara.

James murmurou: — A senhorita Vyne fica espreitando nas moitas para espionar os outros.

Houve um breve silêncio, até que Sophie encontrou outro assunto e começou a contar das reformas que o marido tinha feito na fazenda. Ellie tentava prestar atenção, mas sua mente não se comportava e ela viu que James, igualmente desatento à conversa, estava fascinado pelo menino. Ele ficou olhando, do outro lado da mesa, até que o marido de Sophie chegou dos estábulos.

O cumprimento entre James e o senhor Kane foi frio e menos confortável que o colchão de um faquir, mas passou sem incidentes. Como a esposa se esqueceu de mencionar, o senhor Kane estendeu-lhes o convite para a festa naquela noite.

Antes que eles saíssem, Sophie levou Ellie até a despensa para lhe dar algumas compotas para levar para a tia. Com a porta parcialmente fechada atrás delas, as mulheres olhavam as prateleiras cheias de compotas até que Sophie subitamente pegou-lhe a mão e sussurrou: — Minha querida amiga, há coisas que você não sabe sobre James.

— É mesmo? Sempre achei que soubesse tudo de tudo.

— Ora, mas seja séria uma vez! James é um homem que tem um... passado.

— E eu sou uma mulher com a mesma coisa.

— Mas há...

A porta abriu e Rafe enfiou a cabeça para dentro. — Do que vocês estão cochichando? Estão cochichando de mim? Estão, não é? Estão com cara de culpadas.

— Não, não estamos, pelo amor de Deus — Sophie estrilou, mais zangada do que o necessário, pareceu para Ellie. — Por que teríamos algo para cochichar de você?

Contudo, a interrupção foi o bastante para dissuadir Sophie do alerta que ela queria dar. Ela parecera dividida entre o que deveria ou não dizer e, com um leve desencorajar, acabou desistindo.

Ellie não forçou. Na verdade, ela não queria ouvir nada de ruim sobre James. Parte dela sentiu-se ofendida porque a amiga sugeriu que havia algo sobre James que ela desconhecia. Pelo amor de Deus, ela conhecia o homem e todas as suas falhas havia dezessete anos.

No entanto, algo perturbou sua amiga durante toda a visita de uma forma tão profunda que o marido de Sophie tocou no assunto, porque ela se esqueceu totalmente de mencionar a festa. Em circunstâncias normais, a festa seria a primeira coisa que as duas fariam. No entanto, hoje, ambas estavam distraídas demais.

Ellie tinha visto Sophie olhar James com olhos assustados, vazios. Se é que olhava para ele. Algo estava muito errado. As dúvidas e os temores de Ellie precisavam de pouco incentivo para se espalhar como erva daninha em sua mente.

Será que o comportamento estranho da amiga era por saber como Ellie e James sempre foram avessos? Será que ela se perguntava como eles teriam superado a rixa? Ou seria simplesmente pelas diferenças que tinham em suas origens?

James Hartley era podre de rico, filho e neto de comerciantes fidalgos. Sua avó era filha de um marquês, sobrinha de um duque e a pessoa mais importante de Morecroft. Diziam que ela tinha um serviçal apenas para segurar seus saís de inalação. Convites para seus eventos sociais eram quase tão concorridos com a elite do interior quanto os convites da corte. James, seu único neto, só conhecera as melhores escolas, os mais finos alfaiates, os chefs mais concorridos. As mais belas mulheres.

Por outro lado, ela era uma inconstante, enteada desviada de um almirante empobrecido e excêntrico. Sua mãe tinha sido uma ninguém — até pior, uma estrangeira. Difamada aonde quer que fosse, Ellie sabia que o mundo a via como uma criatura desajeitada e irreverente, de pouca beleza, charme escasso, nenhum senso de moda, apenas alguma perspicácia para manter distância dos portões da prisão dos devedores.

Que motivo no mundo James tinha para estar com ela?

Capítulo 15



ENTÃO, ISSO ESTAVA LIQUIDADO. James tinha se preocupado em voltar a ver Sophie pensando em qual poderia ser a sensação depois de dois anos, temendo a volta daquelas pontadas conhecidas que ele tinha sentido por tanto tempo. Entretanto, ele meramente sentiu o prazer de rever um velho amigo depois de um período de ausência. Até sua animosidade em relação a seu marido tinha sido silenciada.

Ellie caminhava na frente, saltando as poças — frequentemente aterrissando dentro delas —, enquanto ele contornava cada uma e mantinha uma distância segura.

Essa era exatamente a mesma estrada que ele percorria quando bateu os olhos em Ellie Vyne pela primeira vez. A caminho de uma visita a Sophie, ele seguia em seu coche e tinha confundido a garota com uma cigana. Ela vagueava sozinha pelo caminho com o vestido enlameado, os longos cabelos escuros pendendo nas costas, ornamentados com uma guirlanda de margaridas. Ele virou a cabeça para olhar para ela bem na hora em que as rodas da charrete passaram em uma poça funda e a cobriram de lama dos pés à cabeça. Ele teria parado, mas quando ela o xingou dos piores palavrões, ele não sentiu culpa e seguiu seu caminho.

Se naquela época alguém lhe dissesse que ele um dia pensaria em se casar com a garota, ele só teria rido do absurdo. *Ellie Vyne?*

Ela é feroz, ele teria dito. É claro, naquele tempo, ele não tinha muito tato.

Agora ele se arrependia profundamente de muitas coisas que havia dito no passado quando tentava ser divertido.

— Por que você disse a ela que nós estamos noivos? — Ela olhou por cima do ombro.

— Cedo ou tarde as pessoas terão de saber. — Esse havia sido seu propósito exclusivo ao ver Sophie naquele dia. Ele sentiu que era certo que ela soubesse. De certa forma, ele queria sua aprovação, e se Ellie não o tivesse seguido até lá ele também teria pedido seus conselhos.

— Mas não é realmente verdade. Não é um noivado.

— Isso de novo? — Ele parou de caminhar; ela também. Às vezes, ele se perguntava se ela realmente pretendia se casar com ele. Ela parecia temer o compromisso sempre evitando qualquer conversa séria sobre o assunto. Também havia seu histórico de noivados rompidos, uma série de romances desastrosos e desaconselháveis. Seria ele apenas mais uma casualidade de sua atenção inquieta, outro tolo enfeitiçado e jogado de lado, quando deixasse de ser útil e perdesse seu valor de distração?

— Você disse isso só para provocar Sophie? — Ela perguntou.

— Por que eu ia querer fazer isso, me diga?

Ela inspirou profundamente e afastou um cacho solto sob a aba murcha de sua touca encharcada pela chuva. — Você era apaixonado por ela, que o abandonou por outro homem.

James olhou para seus dedinhos miúdos e encrenqueiros. Estavam ficando azulados porque ela perdera suas luvas novamente.

— Eu era apaixonado por ela?

— Todos dizem que sim.

— Então, deve ser verdade. Quer minhas luvas? Você está com frio.

— Não. Obrigada. — Sua expressão era contrariada. — E não ligo para a palavra *noivado*. Nunca me trouxe muita sorte, só mais

escândalo.

Ele olhou para a boca teimosa e mandona. Ele queria sua mão, mas não parava quieta. — E quanto à palavra casamento, senhorita Vyne? Essa palavra também a incomoda?

— Nós só nos casaremos se essas cinco noites forem frutíferas.

Ela estava particularmente bonita nesse estado varrido pelo vento. Muito tentadora.

— Esse foi o acordo, James. — Ela começou a recuar; algo na expressão dele aparentemente a deixava ansiosa.

— Smallwick — ele corrigiu com um sorriso e caminhou em sua direção.

Para seu alívio, uma pequena curva surgiu nos cantos dos lábios dela, que parou de repente, de costas para o carvalho. — Então, posso ficar um pouco mais com Smallwick?

— Sim. — Ele ergueu a mão até o rosto dela e lentamente envolveu sua bochecha direita, deixando que a mão enluvada deslizesse para baixo devagar. — Se ele estiver sendo de bom uso.

— Ah, ele está. — Ela sorriu.

— Então, ele é seu.

Ele curvou a cabeça, mas quando esperava dar-lhe um beijo, ela se esquivou e continuou caminhando. Suspirando profundamente, ele se endireitou e foi atrás. — Até que Grieves venha com o doutor Salt — ela disse. — O que pode estar fazendo com que demorem tanto?

James se retraiu. — Sem dúvida, Grieves está desfrutando de sua liberdade de me servir e está de pernas para o ar em Morecroft. — Ele não descartaria que o mordomo tivesse ido passar férias em outro lugar. Grieves era um sujeito astuto e provavelmente sabia que isso era um golpe.

Com os passos que vinham correndo atrás, ambos se viraram. Rafe, o garoto, voava na direção deles, acenando com as luvas gastas de couro.

— Moça, a senhora esqueceu isso!

— Quantas luvas você já perdeu? — Ele murmurou à mulher ao seu lado. Quantos homens as devolveram a você? Ele poderia ter acrescentado se quisesse arranjar outra discussão.

— Minhas irmãs dizem que devo andar com elas amarradas por uma cordinha, como fazia quando era criança.

O garoto trombou neles, de rosto vermelho. James foi arrebatado pela lembrança de outra criatura de cabelos negros semelhantes, olhando para ele e sorrindo. *Ah, senhor, esqueceu-se de seu chapéu, senhor.* Uma jovem empregada viera correndo atrás dele quando ele deixou uma festa. Foi a primeira vez que ele a notara e depois disso eles desfrutaram de um caso rápido. Não durou mais que uma semana. Ele era um jovem sensual e ela estava ávida, disponível, favorecendo. Uma garota adorável, de olhos escuros e voz suave. Ela era a empregada que ele conhecera há mais de dez anos — a jovem que mandara chamá-lo tarde demais e morreu. Supostamente, com seu filho.

Filho dele.

Os olhos do menino eram azuis, impressionantes, uma combinação incomum com cabelos negros.

Na sede da fazenda, ele se concentrara em contar as novidades que estavam lhe queimando a língua. O que Sophie dissera sobre o garoto não tinha sido inteiramente assimilado. Agora, sim. Rafe era sobrinho de Russ Kane, segundo ela dissera. Dois anos antes, quando ela acusou James de ter deixado a mulher e a criança morrerem, ela dera a entender que a mulher morta era irmã de Kane, motivo pelo qual ela soubera a respeito. Se a empregada era irmã de Kane e esse menino era sobrinho de Kane...

Ele se esforçava para se lembrar da conversa que tivera com Sophie dois anos antes, na noite em que ela correu dele para se casar com Kane. Ela decididamente lhe dissera que a empregada — Rebecca — tinha morrido. O que ela disse sobre a criança? A lembrança estava nublada e ele tinha tomado conhaque na ocasião, mas tinha certeza de que ela lhe dissera que a criança também

havia morrido. Se ela tivesse dito outra coisa, ele teria perguntado sobre a criança, iria querer vê-la, pagar por sua educação.

Ellie pegou as luvas, agradeceu ao menino e, com uma expressão pensativa, observou-o correr de volta rumo aos portões da fazenda.

James também ficou olhando o menino voltar, estreitando os olhos.

Seu filho? Seria possível que o filho de Rebecca tivesse sobrevivido? O menino certamente tinha idade para isso. Ele engoliu com força e ficou olhando a estrada até que sua visão ficou embaçada. Um peso esmagador se instalou em seu peito. À distância, o portão da fazenda tilintou ao ser fechado.

Talvez fosse só uma coincidência. Afinal, ele sabia muito pouco sobre o passado de Kane, e ele podia ter muitos irmãos, muitos sobrinhos.

Ele fechou os olhos.

Respire.

Ele tinha um filho. Meu bom Deus. Ele tinha um filho? Se Rafe fosse seu, Sophie lhe escondera a verdade por dois anos. Imperdoável.

— Olhe — disse Ellie.

Ele abriu os olhos. Ela estava apontando para o céu pesado.

— Já dá quase para sentir o gosto da neve. Não será maravilhoso se nevar no Natal?

Ele olhou novamente a estrada, na direção da sede da fazenda, cercada por seu muro de pedras. O rosto do menino o assombrava, não o deixava descansar.

Seu filho. *Seu filho?*

Quanto mais ele pensava, mais convencido ele ficava.

— Espero que Molly Robins tenha remendado suas calças — exclamou Ellie. — Você está ridículo com essas, emprestadas da minha tia. — Ela deu uma risadinha, depois cobriu a boca, fingindo se desculpar.

Ele endireitou os ombros e ergueu o queixo. — Não posso fazer nada se o amante de sua tia é mais baixo e mais gordo.

— O *que* da minha tia?

Contente ao finalmente ver que a expressão divertida tinha sumido de seu rosto, ele falou de sua desconfiança sobre a entrega matinal do leite da tia.

— Como se atreve a sugerir tal coisa, James Hartley? Isso é certamente uma inverdade.

— Eu vi o fazendeiro Osborne com meus dois olhos, saindo escondido da casinha ontem, depois que nós chegamos. E ontem à noite, ele estava tentando entrar pela porta dos fundos, claramente surpreso ao encontrá-la trancada.

— Minha tia é uma senhora distinta e é devotada à memória do capitão!

— Estou lhe dizendo, mulher, sei o que vi. — Ele gesticulou para suas calças. — E de que outra maneira você explica isso?

Ao ser lembrada das calças, ela deu outra gargalhada, colocando as duas mãos sobre a boca sem conseguir esconder a malícia nos olhos.

— Parece-me — acrescentou ele —, que o fazendeiro Osborne tem mais de um motivo para mandar a filha para Bath e tirá-la do caminho.

— James! Minha tia e o fazendeiro Osborne, não! Jamais daria para conhecer duas pessoas mais respeitadas.

De cabeça erguida, James seguiu caminhando, aumentando o passo e deixando-a para trás.

— Seu tornozelo deve ter melhorado muito, Smallwick — ela gritou, debochada.

Então, ele mancou acentuadamente. Ela soltou outra gargalhada.

Como é que uma pessoa podia ter tanto riso por dentro esperando para sair com a menor provocação?

— Aparentemente, todos nessa maldita vila estão guardando um segredo — murmurou ele, pensando não somente em Eliza Cawley e seu visitante clandestino, mas em Sophie e no garoto bochechudo, de cabelos cor de corvo.



Ellie viu seu reflexo no espelho do corredor conforme eles passaram pela porta da frente. Ela notou, ligeiramente aflita, as bochechas coradas e os cachos esvoaçados pelo vento. Não era de admirar que James a olhasse de forma estranha. Ela devia ser a mulher mais esculhambada com quem ele já tinha sido visto. Pensando em correr lá para cima e se arrumar, ela foi impedida pela tia, que a cumprimentou no corredor, novamente agitada.

— Ellie, graças a Deus. — Ela abaixou o tom de voz. — Lorde Shale está aqui com o filho. Não estou acostumada a ter visitantes nobres e não conseguia pensar em uma forma de entretê-los. — Talvez, vendo novamente sua intenção de sair correndo, a tia rapidamente segurou seu casaco, apertando-o nos braços. — Você não pode deixá-los em minha sala. Vá! — Ela foi levando a sobrinha pelo corredor, afastando-a da porta. — Entre. Eles estão aqui por sua causa, não por mim, e lady Mercy já cantou várias canções na espineta.

— Bom. Deixe que lady Mercy entretenha os Shale.

— Mas, minha querida Ellie, as canções dela não são muito elegantes para uma moça. Alguém a ensinou as letras erradas, só por malícia. Não me atrevi a dizer nada, mas lorde Shale está vermelho como um pimentão. Além disso, embora a mocinha seja bem despachada e não possa ser descrita como uma violeta acanhada, receio que ela seja jovem demais para ser tão “dada”. Ela me diz que só tem doze anos, Ellie. No entanto, insistiu em sentar na espineta e nada a dissuadiu.

— Nem posso imaginar.

— Mas certamente ela não é tão “dada”, ainda tão jovem.

— Creio que sua criação tenha sido um tanto incomum, tia Lizzie. Ela tem pouquíssima supervisão.

— Então, por que você não se incumbe dela — James interrompeu. — Gosta de estar na incumbência, senhorita Vyne. Dando ordens às pessoas.

— Não gosto, não.

— Nunca conheci alguém que gostasse tanto de impor as regras, madame. A senhorita faz isso muito bem. — Então ele entrou marchando na cozinha para procurar suas calças remendadas.

Pisando duro, ela entrou na sala. Lorde Shale levantou-se para cumprimentá-la e o filho acabou fazendo o mesmo. Para o horror de Ellie, a senhora Flick ainda estava lá, estendendo sua visita matinal provavelmente para angariar o máximo possível de fofoca. A chegada dos Shale teria sido um bônus. Seus olhinhos se fixaram em Ellie do outro lado da sala.

— Então aí está você, finalmente. Sua tia disse que você tinha saído para caminhar. Nesse clima. E sozinha. Realmente, vocês, garotas jovens, são tão negligentes com a saúde. Sou uma defensora do exercício dentro de casa. Ao ar livre, a tendência é se esforçar demais. Dentro de casa, não há perigo de se engasgar com insetos, nem de pegar sol demais.

— Acredito que o ar fresco melhora a saúde, madame — respondeu Ellie. — No campo, pego o máximo que posso.

Embora ela sorrisse para a senhora Flick, o gesto não foi retribuído. Até a roupa da mulher mostrava rancor — eram totalmente abotoadas e quase sem adorno.

— Os benefícios são evidentes, senhorita Vyne. A senhorita está o retrato da boa saúde — Lorde Shale garantiu. — Sempre digo que uma rápida caminhada pode ser muito benéfica. Trenton adora caminhar. Não é, Trenton?

O filho, que já despencara de volta no sofá, examinava seu relógio de bolso. Ninguém jamais pareceu uma pessoa menos inclinada a caminhar.

— E o que o traz a Sydney Dovedale tão subitamente? — Perguntou a senhora Flick, gritando para ser ouvida acima da mão pesada de lady Mercy no instrumento.

— Estou visitando a minha tia pelo Natal — respondeu Ellie, indo até a espineta. — Eu tinha ouvido dizer que ela andava meio adoentada. Vim na esperança de animá-la.

A senhora Flick fez um som de bufada, como se a presença de Ellie para agradar alguém fosse ridícula. — Foi só um pequeno resfriado e agora ela já se recuperou bem. Graças ao meu remédio. Ouso dizer que ela poderia ter ficado muito doente se não tivesse me dado ouvidos quanto à banha de ganso e à pata de bezerro. Tenho certeza de que não havia necessidade de que você atravessasse o país.

Quando a tia de Ellie adentrou a sala, atrás dela, a senhora Flick elevou um pouquinho o tom de voz. — Não é verdade, Eliza, que meu remédio foi tudo de que você precisou?

— Ah, sim, foi mesmo.

Ellie se debruçou acima da espineta e fechou a partitura que lady Mercy estava acompanhando. — Creio que Molly Robbins estava querendo levá-la para conhecer a vila, milady. Agora, a chuva parou e vocês podem aproveitar.

— Ela está costurando na cozinha.

— Mas tenho certeza de que agora ela já acabou. Podem ir.

— Eu não quero. Ela é uma garota chata e comum.

Ellie cerrou os dentes, dando outro sorriso. — Mas você quer ir à festa esta noite, não?

Chantagem a criança entendia. Ela desceu da banquetta, cumprimentou os convidados e deixou que Ellie a levasse para fora da sala.

— E que história é essa que ouvi sobre um homem serviçal?
— Exclamou a senhora Flick com sua boquinha contornada por pequenas rugas de uma vida de decepção quanto ao comportamento alheio. Quando ela fechava a boca era como se um cadarço de bolsa feminino tivesse sido puxado.

Todos olharam para Ellie quando ela se sentou ao lado da tia.
— Ah, é algo bem novo em meio às jovens da cidade, madame.

Os olhos da senhora Flick se apertaram, transformando-se em filetes finos.

— Eles são muito úteis para carregar caixas e erguer coisas pesadas. Para abrir portas emperradas e garrafas. Esse tipo de coisa. Muito bom para uma mulher que carece de um marido. — Ellie estava mergulhando em sua história. — Ouvi dizer que a princesa Sophie tem um. Um criado particular, é o termo correto.

Todos os olhos ainda estavam sobre ela. O olhar da senhora Flick se arregalou apenas ligeiramente. — Um criado particular? Nunca ouvi falar nisso.

— Posso lhe assegurar, madame, eles estão na última moda. Na cidade.

Houve uma pausa. Tia Lizzie assoou o nariz em seu lenço de renda e lorde Shale deu uma batidinha com a bengala no sapato. Em sua gaiola, o papagaio do capitão deu um grasnido baixinho. — Oooh... Smallwick! Small...wick!

Ellie olhou para baixo, para a saia, escondendo um sorriso.

— Como tem passado sem Mary Wills? — Perguntou a senhora Flick ao virar sua atenção crítica para tia Lizzie. — Não sei por que você abriu mão dela, e agora você tem convidados. Você vai amaldiçoar o dia em que a deixou partir. Convidados fazem uma bagunça terrível, principalmente quando chegam a uma casa sem avisar e trazem pessoinhas a tiracolo.

Tia Lizzie engoliu temerosa, com os dedos remexendo os babados de sua saia.

— Se Mary comia demais — prosseguiu a outra mulher —, você poderia ter arranjado uma garota de menos apetite, e bem menos peso, lá no orfanato. Uma garota mais jovem, grata por um teto sobre sua cabeça, que só consome um pouquinho de ar. Mary Wills tinha uma tendência a preencher os espaços, e esta é uma casa pequena, com cômodos estreitos.

— Mas até que estou me saindo bem sem empregada — arriscou tia Lizzie. — Principalmente agora que tenho Ellie aqui, para ajudar.

A senhora Flick deu um solavanco para trás, com a cabeça. — Posso imaginar quanta ajuda ela lhe dá. De um lado para o outro, em qualquer clima. Como a maioria das jovens, nunca está presente quando é necessária.

Lorde Shale limpou a garganta. — Se a chuva parou, senhorita Vyne, e se a senhorita não estiver muito cansada de sua caminhada, tenho certeza de que Trenton gostaria muito de dar uma volta no jardim de sua tia.

Dos males, o menor. Pelo menos, ela pegaria um ar fresco. Então, ela forçou um sorriso mais animado e deixou que o rapaz desagradável a conduzisse pelas portas duplas rumo ao pequeno jardim atrás da casinha.

Ela sabia que a senhora Flick estava de olho neles através dos vidros góticos da porta. Sem dúvida, ela já começara a preparar a próxima hora de fofoca para contar mais tarde às pessoas da vila. Ainda bem que James não tinha se juntado a eles na sala, pois a senhora Flick o teria reconhecido imediatamente, e ela não era do tipo que engrena uma encenação.



James encontrou suas calças remendadas com tanta habilidade que nem dava para ver os pontos. A garota Robbins tinha mesmo

muita paciência e uma mão firme.

— Soltei um pouquinho a costura para o senhor — disse ela, corando ligeiramente, desviando os olhos. — Então, devem ficar mais confortáveis.

— Sim, estou vendo. — Ele limpou a garganta. — Obrigado. — Ela fizera um trabalho melhor do que o elegante alfaiate francês, pensou ele, sinistramente.

Lady Mercy Danforth entrou na cozinha feito um raio com o rosto sardento parecendo uma nuvem de temporal. — Ela disse que você vai me levar para conhecer essa vila imbecil, Robbins. Estou proibida de tocar a espineta ou falar com os adultos. Devo ficar contente com sua companhia monótona.

— Mas eu estava no meio das costuras, lady Mercy.

— Não me interessa. É para você me levar de uma vez. Foi ideia dela, não minha. — Ela encarou James. — Eu a detesto, aquela mulher mandona.

— Sim — disse James —, ela é difícil de gostar.

A garota Robbins espetou a agulha na tampa acolchoada da caixinha de costura de Eliza Cawley. — Muito bem, milady. Só vou pegar meu casaco.

— Bem, ande logo.

James olhou para baixo, para a criatura imperiosa. Lady Mercy já estava sem pai havia anos e seu irmão claramente não estava apto à tarefa de orientá-la. Como James pretendia assumir a paternidade, talvez agora fosse um bom momento de praticar. Afinal, tornar-se pai exigia muito mais do que apenas doar a semente, independentemente do que a senhorita Vyne pensasse. Ele sabia disso por sua própria experiência como filho.

Quando a menina Robbins disparou pelo corredor, James abaixou sobre a petulante lady Mercy e sussurrou em seu ouvido. — Aquela garotinha é da sua idade e tem onze irmãos. A família dela é tão pobre que eles precisaram mandá-la para rua, para trabalhar. Ouso dizer que ela tem muitas outras coisas que

preferiria fazer com seu tempo a lhe fazer companhia por aí. O mínimo que pode fazer é ser educada com ela. — Ele parou. Ela finalmente ergueu os olhos para ele, mordendo o lábio com força. — Vejo que seu irmão não lhe ensinou boas maneiras, mas ninguém, lady Mercy, jamais gostará de você se não as tiver. Um dia, as pessoas com quem você talvez queira fazer amizade vão procurar desculpas para se livrar de sua companhia, então você se arrependerá de muitas coisas que disse no passado. Eu lhe sugiro que acrescente algumas palavras ao seu vocabulário. Palavras como por favor e obrigada serão um começo. Estamos claros?

Ela só ficou em silêncio, teimosa.

— Estamos claros? — Ele repetiu.

— Ah... muito bem.

— Que bom. Não quero mais vê-la sendo rude com ela. Agora vá. Seja criança uma vez na vida e brinque com crianças de sua idade. Faça amigos. Não tenha tanta pressa em crescer.



O jardim de sua tia era uma colcha de retalhos de canteiros de flores divididos em fileiras de grama e um caminho de cascalho que conduzia a um caramanchão com galhos de salgueiro. Ellie rumou em frente um pouco veloz para acabar logo com aquilo, mas Trenton arrastava os pés, parando totalmente quando eles fizeram a curva do caminho, e ficou atrás de uma cerca viva que tampava a visão da casinha.

— Senhorita Vyne — disse ele, bruscamente. — Gostaria de lhe fazer uma proposta de casamento.

Perplexa, ela quase tropeçou ao lado na cerca do caramanchão. — Perdão?

— Já faz alguns anos que a senhorita deve saber que eu...

— Trenton Shale, o seu pai o colocou nisso?

Ele hesitou. Suas bochechas finas empalideceram. — Ele está muito ansioso pela união.

— Mas eu não tenho...

— Ele diz que preciso salvá-la dos escândalos em que a senhorita se mete. — Quando o jovem fez menção de ajoelhar no cascalho, ela agarrou suas mangas e o forçou a ficar de pé.

— Componha-se, Trenton. Você não quer se casar comigo. Por que não disse isso ao seu pai?

Ele pareceu que ia discutir, mas quando ela cruzou os braços e bateu o pé, ele viu que não ia aceitar desculpas. Suspirando profundamente, ele recolocou o chapéu e olhou o arbusto com olhos tristes. — Ele discutiu o assunto com seu padrasto, senhorita Vyne. O almirante lhe deu permissão — na verdade, até o incentivou.

Ela ficou olhando.

— O almirante Vyne não lhe escreveu para dizer? — Perguntou ele, queixoso.

— Não, ele não escreveu. — Seu padrasto não escrevia para ela havia muitos anos, exceto para pedir ajuda, como credora. *Bem, nunca sei onde você estará de um dia para o outro, Mariella*, era sempre sua desculpa para a falta de correspondência, embora suas mensagens não tivessem dificuldade de encontrá-la quando ele precisava de uma conta importante paga.

O almirante era sempre distraído. Ainda assim, era difícil acreditar que ele tivesse se esquecido de lhe escrever para contar essa pérola. Então, ele tinha desistido de esperar que ela encontrasse um marido e arranjou-lhe um.

— Posso lhe perguntar quando lorde Shale se encontrou com meu padrasto?

— Foi no mês passado, senhorita Vyne. Depois que deixei Cambridge. O papai decidiu que era hora de me casar.

Ela ouvira que o pai o tirara da faculdade porque ele estava sob más influências. Lorde Shale era muito protetor com Trenton,

seu único filho e herdeiro.

— Ele achou que o almirante Vyne estivesse desesperado o suficiente para deixá-la se casar comigo — prosseguiu o jovem. — No fim das contas, ele estava certo. O almirante é da opinião de que, em sua idade, suas chances de se casar são poucas. Eu não sou chegado a garotas, senhorita Vyne, nunca fui.

Pela primeira vez desde que conhecera Trenton Shale, ela sentiu pena dele. Quase podia perdoá-lo por ter roubado seus ovos de páscoa na caçada. Quase.

Ela observava os galhos retorcidos do caramanchão de salgueiro, tentando aquietar os pensamentos depois da dança embaralhada que eles faziam pela surpresa. — Lamento, Trenton, mas não posso me casar com você.

Ele abaixou a cabeça. — Nem por um momento achei que casaria. Mas eu tinha de perguntar. Meu pai insistiu.

Ainda impressionada com tudo isso, ela exclamou: — Depois de todos esses anos, eu me pergunto como ele se fixou em mim como sua noiva.

— Meu pai acredita que você pode prover-lhe um neto forte e saudável. Você é uma “boa reprodutora”, foi o termo que ele usou.

Ela acabara de prender a saia no galho da cerca e estava soltando. Levou um instante para assimilar as palavras. — Uma boa...? — Quando ela se soltou do salgueiro, a força a lançou cambaleando na direção de Trenton e ele a amparou, segurando-a pelos braços.

— E o conde de Bonneville nos disse que você viria para o interior. Nós a seguimos ontem, na estrada, sabe. Não foi coincidência. Eu disse ao meu pai que ele estava perdendo tempo, mas ele foi inflexível para que eu tentasse.

— O conde de Bonneville? — Certamente, ele estava se referindo a outra pessoa, ela pensou.

— Sim. Eu me tornei conhecido do cavalheiro recentemente.
— Trenton remexeu os pés inquieto no caminho de cascalho.

— O conde de Bonneville? — Disse ela outra vez.

— Isso mesmo.

Ellie olhava a cerca viva, a mente se esforçando para dar sentido àquilo. — Posso perguntar onde conheceu o conde?

— Em Bath, na última primavera, e em Brighton, neste verão. Perdi uma soma considerável para ele.

Quem diabo estava por aí fingindo ser o conde de Bonneville? E nos mesmos lugares por onde ela havia viajado, na mesma época. Ela pensou na sombra que a seguia ultimamente. Agora ela sabia que sempre esteve certa em sentir o perigo.

— Senhorita Vyne, parece muito pálida. Está passando mal?

Ela passou os dedos na nuca, onde os cabelos tinham começado a eriçar novamente, provocando um arrepio que percorreu toda a espinha. — De forma nenhuma, Trenton. — Será que suas palhaçadas iam pegá-la logo quando ela tinha esperanças de deixar tudo para trás?

— O que devo dizer ao meu pai? Nunca consigo fazer nada para agradá-lo. Como seu único filho, sou uma grande decepção.

Ah, aprovação. Era o que todos queriam das pessoas com quem se importavam. Ela costumava pensar que isso não importava para ela. Achou que pudesse passar a vida agradando somente a si mesma. Contudo, não era verdade. Agora ela sabia. O mundo era um lugar frio quando se está sempre do lado de fora, sem pertencer a lugar nenhum. Apenas uma vez ela gostaria de ser terna, sentir-se amada por ser quem ela realmente era, com suas falhas e tudo o mais. De pertencer a algum lugar, nos braços de alguém.

Pensando profundamente, ela encarava a cerca viva mais uma vez, acima do ombro de Trenton, depois conseguiu dar um sorriso retraído. — Não diga nada a seu pai. Acabamos de desfrutar de um agradável passeio pelo jardim. Não há necessidade de que ele

saiba nada além disso. Ele não pode esperar que você me conquiste com uma conversa.

— Acho que não — disse ele, duvidoso.

Ela pegou braço do rapaz e eles continuaram andando.

Alguém estava se passando pelo conde por seus próprios motivos desonestos. Ellie não sabia o que pensar disso, mas os dedos frios do medo subitamente agarraram com firmeza seu coração.

Capítulo 16



QUANDO OS SHALE PARTIRAM, ela subiu ao quarto de hóspedes e encontrou James experimentando as calças remendadas. Ele estava sob a luz do batente da janela e examinava seu reflexo no espelho móvel.

— Essa menina Robbins é uma costureira talentosa — ele murmurou.

— Sim, nós, pobres garotas do interior, temos vários talentos ocultos.

Ele deu uma olhada para ela. — Pobres garotas do interior?

— É isso que eu sou. Não se esqueça.

Ele despencou na cadeira perto da pequena escrivaninha torta. — Então venha cá, minha garota do interior. Tenho um desejo ardente pelos seus talentos ocultos.

No entanto, ela hesitou. — Smallwick — ela começou, cautelosamente —, você sabe que eu não tenho um centavo como dote, não sabe? — A maioria dos homens se casa para aumentar sua fortuna, não para diminuí-la. — O almirante não pode custear...

— Não tenho nenhuma intenção de pedir nada ao almirante Vyne. Exceto sua mão, é claro. Estou me casando com você porque você precisa do *meu* dinheiro. E porque você tem o coração duro demais para se apaixonar por mim e fazer cenas

desnecessárias. Preciso de uma esposa e você precisa de dinheiro. É uma troca simples.

Sim, ele a escolhera puramente por razões de conveniência. Ela jamais deveria interpretar algo além disso.

— Por que, agora, esse súbito lembrete de sua situação financeira? — Uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas. — Não está tentando deixar de pagar meus honorários, está, madame?

— Honorários? Nós nunca discutimos honorários.

Ele deu um tapinha na coxa musculosa. — Venha até aqui, minha garota do interior.

Ellie se aproximou lentamente até chegar entre os joelhos dele. Ele pôs as mãos ao redor da cintura dela. — Monte em mim, senhorita Vyne, e vou ter meus honorários que me deve em espécie.

— Você é terrivelmente ousado para um serviçal, Smallwick.

— As damas que me empregam geralmente não reclamam. Monte em mim.

— Então muito bem. Você tem mais tentativas para ganhar essa esposa de conveniência, da qual precisa.

Agora ele ergueu os olhos, olhando-a fixamente com seu olhar azul. — Quatro.

Para sorte dele, ela não estava com vontade de discutir agora. Sua presença animava o quartinho apertado. A luz de fora era cinzenta e lúgubre, mas se tornava ensolarada no local que entrava pela janela e banhava seus cabelos, fazendo-a se lembrar de estações melhores, mais suaves.

— Quanto tempo vai demorar até sabermos? — Perguntou ele.

Ela ficou confusa, ocupada demais observando o dourado dos cabelos dele e como se transformava sob a luz de inverno, tornando-a mais alegre.

— Se desempenhei minha tarefa. — Ele pressionou.

— Tarefa?

— Sua menstruação? Quando devemos esperar?

Não era delicado mencionar coisas assim, ou, pelo menos, suas irmãs lhe diziam. E o fato de James Hartley sequer notar o ciclo menstrual de uma mulher era francamente chocante. — Duas semanas e pouco — ela murmurou.

— Bom. — Ele sorriu para ela como um leopardo faminto. — Então ainda não precisamos nos preocupar com isso. Não temos nada para nos interromper.

— Não. — Meu bom Deus, ela torcia para não estar corando como uma tolinha.

— Onde está sua tia? — Disse ele enquanto suas mãos lentamente erguiam-lhe a saia.

— Ela saiu para visitar uma amiga.

— O cavalheiro amigo?

Ela fez uma cara feia ainda se recusando a acreditar que sua tia reservada fosse capaz disso. — Apenas saiu.

— E lady Mercy?

— Ainda está com Molly Robbins. Tomara que esteja perdendo um pouco daquela impertinência com as crianças da vila.

Ele a sentou em seu colo. — Grieves pode estar aqui em breve. A qualquer minuto. — Ele piscou, abrandou a boca, lambeu os lábios. — E nós estamos sozinhos nesta casa.

Ela olhou para fora, por cima da cabeça dele, observando a estrada vazia. Um bando de cisnes se aventurava no campo vindo de trás da taberna, onde um pedaço de terra se tornara, ao longo dos anos, um local otimistamente chamado de lago pelos moradores locais. O caminho era perfilado por castanheiras, agora sem folhagem, que esperavam novamente pela primavera. No auge do verão, a torre parecia nascer do topo daquelas árvores, porém, no inverno, a igreja de pedras cinzentas ficava visível através dos galhos e não havia a ilusão de ótica.

— E se minha tia chegar logo? — Ela esticou a mão ao corpo dele e encontrou seu pênis ereto, pronto, esperando. Ele era um

parceiro maravilhoso, e esses jogos com eram uma forma esplêndida de afastar sua mente dos temores.

— Vamos ficar de olho na janela — ele respondeu com a voz mais grave.

Ele a tocou no meio das coxas sem esperar que ela concordasse. — Mas alguém pode ver — ela resfolegou.

— Os cisnes?

— Seja sensível.

— Não consigo. Desculpe-me. — Os dedos dele deslizavam por suas dobras dentro da calcinha de linho. — Ah. Você está tão ávida quanto eu, madame — ele ronronou, passando as pontas dos dedos em sua pele sensível, sabendo exatamente a pressão a fazer, onde tocá-la e quando recuar. Deixando-a sem ar. — Esteve ansiando pelo próximo serviço, pelo eternamente atencioso Smallwick, pelo que estou vendo.

Ela sacudiu a cabeça sem palavras, transbordando de desejo.

— Bem, tenho certeza de que não foi o jovem Trenton Shale que a deixou nesse estado, madame.

Ela subitamente percebeu que sua hombridade já estava de fora, ereta, atenta. Quando foi que ele abriu a roupa? O homem tinha prática demais. — Agora, prepare-se, madame. Aqui vou eu. — Ele a ergueu, depois abaixou novamente, gemendo ao entrar pelo vão da calcinha.

Ela deu um gritinho de desejo e deleite. Enquanto o segurava pelos cabelos, ela trouxe seu rosto para junto do peito, e os lábios mornos mergulharam em suas curvas fartas, sua língua lambendo através do tecido. Ela estremeceu com a cabeça jogada para trás, cavalgando lentamente em seu colo, tentando fazer demorar, mantendo as preocupações afastadas por mais um tempo.



Ele puxou-lhe as mangas para baixo, arrebatando alguns colchetes com sua pressa. As alças de renda de sua combinação vieram em seguida e seus seios ficaram à mostra. Enquanto seus olhos estavam fechados e ela se preocupava com a onda do primeiro clímax, James observava seu corpo avidamente; uma corrente de deleite percorria as veias dele. As curvas dela se encaixavam a ele perfeitamente. Era uma matemática sem precedências em sua experiência.

Mais cedo, quando olhou o jardim, ele a vira com Trenton Shale — o magricela a segurava nos braços, mantendo-a parcialmente escondida da visão da janela da sala, atrás da cerca viva. James, em um ponto vantajoso da janelinha, no alto da escada, via tudo. Primeiro ele ficou furioso, queria a cabeça do jovem Shale em um prato. Depois caiu em si. Ela lhe devia seu tempo e ele não a deixaria renegar o acordo.

Ele pensou de novo nas muitas vezes em que a vira dançando com outros homens, que a vira rindo e conversando amigavelmente com eles quando mal lhe dirigia uma palavra.

No entanto, essa mulher inquietante seria seu brinquedo e de mais ninguém. Sua. Ele segurou com mais força em suas nádegas, fazendo-a saltar em seu colo com força, para cima e para baixo, em seu pau, olhando seus seios balançar a centímetros de seus lábios, os mamilos excitados sob seu olhar fixo.

Finalmente, sem conseguir resistir, ele abriu os lábios, abocanhando a doçura do bico rosado.



Os olhos de Ellie se abriram bem na hora de ver a senhora Flick atravessando o gramado com passos apressados para fugir dos cisnes, que tinham uma reputação de comportamento violento quando lhes dava na telha. Ela se lembrou de que eles nunca

foram muito afeiçoados à senhora Flick. Talvez fosse seu rosto ranzinza ou o tafetá preto e sombrio que ela vestia.

Oh, senhora Flick, pensou ela, se a senhora pudesse me ver agora. Estou fazendo meu exercício dentro de casa, com meu criado particular.

Ela deu uma risadinha e ficou tentada a abrir a janela e gritar bom dia.

Contudo, havia um limite de escândalo ao qual até mesmo ela poderia sobreviver.



Rindo juntos, eles correram lá para baixo, até o lavatório. Ele segurava a bacia enquanto ela bombeava a água.

— Ande logo antes que sua tia volte para casa, senhorita Vyne.
— A água fria espirrou por cima da beirada e molhou os braços dele, e a porta também. — Olhe a bagunça que você está fazendo.

— Talvez ajude, Smallwick, se você ficar com a bacia parada!

Brincando, eles mal podiam esperar para tocar um no outro novamente. Com a bacia balançando nos braços, eles subiram apressados e lá, no quarto dela, eles lavaram um ao outro. Depois fizeram amor novamente, dessa vez na cama, sob as vigas tortas e baixas.

Ninguém falou nada quanto ao tempo que ainda restava. Nenhum dos dois estava mais contando.

Capítulo 17



A CASA SEDE DA fazenda Kane estava decorada por dentro e por fora com belas folhagens de sempre-vivas salpicadas por frutinhas vermelhas de azevinho. Velas abundantes reluziam uma luz âmbar através de todas as janelas e uma pequena banda de músicos tocava em um canto, ao lado da lareira. Não havia mais que vinte e cinco adultos convidados e as crianças eram mais da metade. Na sociedade londrina, isso seria chamado de reunião íntima, porém, para Sydney Dovedale, era uma ocasião nobre.

Um grande punhado de visco pendia sobre a porta de entrada amarrado por um laço, e quando eles passaram o degrau James pegou o braço de sua dama, inclinando-se para baixo para roubar um beijo. Ellie se retraiu.

— Smallwick! Comporte-se. A temporada festiva não é ocasião para se esquecer de seu lugar.

Aparentemente, ela gostava muito de interpretar o papel para ter de abandoná-lo. A maioria das pessoas da festa devia reconhecê-lo como James Hartley, porém ela insistia em tratá-lo como seu criado só para confundir todo mundo. Provavelmente também para evitar comentários sobre a rixa ou quaisquer perguntas sérias.

Como sua tia não tinha carruagem nem cavalos próprios, o fazendeiro Osborne ofereceu uma carona a todos em sua

carruagem. Ellie demonstrou desejo de caminhar, mas James, lembrando-se de que estava escuro, frio e provavelmente nevaria, a persuadiu a ir na carruagem.

Ao observar a tia dela com o fazendeiro viúvo ficou claro para ele que os dois eram realmente amantes; mas Ellie, teimosa como sempre, recusava-se a ver.

— Ele é apenas um cavalheiro gentil e prestativo — ela sussurrara em seu ouvido quando ele lançou um olhar de *eu te disse*. Entretanto, conforme eles seguiam pela estrada, na carruagem que sacudia de um lado para o outro, ela deve ter observado o casal sentado junto, deixando que essa desconfiança se demorasse em sua mente. — Minha tia está com mais de cinquenta anos, pelo amor de Deus. Por que passar por tudo isso outra vez?

James riu. — Você acha que as pessoas algum dia ficam velhas demais para *tudo isso*?

— Ela já teve uma vez com o capitão Cawley.

Olhando para baixo, para seu rosto atrevido e determinado, ele disse: — E ninguém jamais merece uma segunda chance no amor? — Uma onda quente de desejo irrompeu nele ao olhar para aqueles lábios.

Suas palavras ficaram pairando entre eles com muito mais gravidade do que ela já estava acostumada. Ele sempre havia pensado que Ellie Vyne nunca realmente ouvia algo que ele dizia. Geralmente, ela só ouvia o que queria e ria debochando do restante.

Ele nunca conhecera uma mulher com tanto medo de apegos do coração. Exceto sua própria avó, que devia ter um coração pulsando em algum lugar sob toda aquela armadura. Contudo, depois dos próprios casos desastrosos com mulheres, ele também deveria ser mais cético. Antes de Brighton, ele estava pronto para desistir de encontrar alguém especial. Pelo menos era isso o que ele dizia a si mesmo. Depois, lá veio aquela criatura que invadiu sua vida, deixando-o confuso, fazendo com que ele olhasse em seus

olhos quando ele havia resistido por tanto tempo. Às vezes, James se sentia como se ainda estivesse lutando para encontrar a saída daquele labirinto.

Quando eles entraram, a casa aquecida já estava cheia. Ele viu Rafe, o menino, reclamando e se remexendo em um canto enquanto Sophie Kane tentava alisar seus cabelos pretos rebeldes com um pano molhado. Nesta noite, ele estava com roupas mais arrumadas e limpas, como se alguém — sem dúvida, Sophie — realmente tivesse se esforçado para deixá-lo com sua melhor aparência. Molly Robbins estava reclamando, dizendo que ele tinha propositalmente derramado *eggnog* em seu vestido enquanto Rafe protestava, dizendo que ela havia tentado beijá-lo embaixo do visco. Sophie tentava apaziguar. James olhou buscando o marido dela e o encontrou passeando pela festa, carregando seu bebê, exibindo-se. Um pai orgulhoso estampado.

Algo que havia sido negado a *ele*. Novamente, ele sentiu uma onda de raiva dessas pessoas que tinham mantido segredo quanto a Rafe ter sobrevivido. Ele olhou para o menino agora certo da semelhança tanto de Rebecca quanto de si mesmo. Com mãos nervosas, ele alisou os próprios cabelos, depois o colete. O que ele poderia dizer ao filho? Como alguém se apresentava a um filho de doze anos? De qualquer forma, agora teria de esperar. Finalmente livre de Sophie e seu paninho molhado, o garoto saiu correndo seguido por Molly Robbins, e eles rapidamente sumiram em meio aos outros convidados.

O piso térreo da casa consistia em um cômodo grande e uma despensa e cozinha adjacentes. Nesta noite, com todos os móveis afastados para as laterais, a abertura do espaço era perfeita para dançar. Um grupo de jovens já estava formando um conjunto de jiga.

Lady Mercy abriu espaço entre Ellie e James. Para a festa, ela usava um belo vestido bordô de cetim com gola alta, estilo militar, e estava parecendo uma mocinha da moda. Com as mãos dentro

do aquecedor de mãos que combinava, ela tranquilamente observava o interior da casa e proclamou: — Humilde e arejada, mas rústica e pitoresca em um jeito interiorano. — Depois seus olhos procuraram Molly Robbins. Aparentemente, durante a tarde que passaram juntas, as meninas tinham formado uma amizade experimental — ou algo próximo do que se podia ter em um espaço tão curto de tempo entre dois opostos completos. No fim das contas, lady Mercy gostava de “projetos” e a meiga e comum Molly Robbins era seu projeto mais recente, independentemente de esta última querer ou não.

— Lá está aquela menina Robbins. Eu lhe emprestei as flores *coquelicot* para os cabelos. — Lady Mercy parecia surpresa porque a outra menina estava, de fato, usando. — Ela está quase bonita esta noite. As flores realçam seus traços. Eu disse isso a ela.

James sugeriu que ela fosse conversar com sua nova amiga.

— Mas está dançando com aquele menino comum e horrendo! — Lady Mercy estremeceu e segurou seu aquecedor de mãos mais junto ao corpo. — Eu não falaria com ele nem se ele fosse o último menino da terra. — Evidentemente, ela e Rafe tinham se conhecido naquela tarde e as coisas não foram muito bem.

Aquele menino comum e horrendo é meu filho, ele quis dizer. No entanto, melhor não. Ele ainda tinha de contar a Ellie e ela precisava ser a primeira a saber que ele tinha um filho ilegítimo. Uma onda de ar frio subitamente passou em seus tornozelos. James virou instintivamente para ver quem havia entrado na casa e viu Grieves com o doutor Salt.

Ellie também os viu. — Imagino que agora você tenha de ir — ela sorriu, triste —, Smallwick.

— Ainda não. — Ele não queria deixar Smallwick para trás. — Talvez possa dançar comigo, madame. — Ele piscou e estendeu a mão. — Afinal, é Natal.

— Ainda não — foi sua resposta esperta.

— Está bem perto.

Olhando em volta, ela indicou uma jovem sozinha perto de pilares de madeira. — Dance com ela — Ellie pediu. — É uma das irmãs mais velhas de Molly Robbins e tenho certeza de que ela vai adorar dançar com você. Isso vai deixar o filho do marceneiro com ciúme.

Houve um tempo em que James Hartley teria se recusado a dançar com qualquer pessoa que não conhecesse em uma festa. Contudo, também houve uma época em que ele se achava nobre demais para uma festa de vilarejo como aquela. Então, para mostrar que era um homem mudado, James seguiu em meio à aglomeração até a jovem quietinha e demonstrou seus modos mais garbosos.



— Minha amiga querida, é maravilhoso tê-la aqui. — Nesta noite, Sophie abraçou-a ternamente, um pouco corada talvez por conta de bastante *eggnog*. — Tenho de confessar que sua notícia me surpreendeu e depois que você foi embora percebi que não os cumprimentei apropriadamente, você e James.

Ellie sorriu inquieta. — Você pareceu preocupada.

Sophie pegou as mãos dela. — Foi errado da minha parte duvidar de sua decisão. Claro que isso não é da minha conta e tenho certeza de que vocês serão muito felizes. — Ela suspirou pensativa enquanto seus belos olhos verdes vagavam acima do ombro de Ellie. — Você certamente será muito rica.

Parecia que até sua melhor amiga achava que ela estava com James por dinheiro.

— Só fiquei preocupada porque... bem... — Sophie olhou para baixo, para as próprias mãos, os dedos entrelaçados aos de Ellie. — Porque sei como você gosta de rir, de fazer tolices e fingir

que não liga. E eu queria que você realmente pensasse sobre esse casamento.

— Você quer dizer, ao contrário dos meus outros noivados? — Ellie conteve o riso, já que sua amiga estava tão séria.

Quero que vocês dois encontrem a felicidade, Ellie. Vocês dois são amigos queridos para mim.

— E você acha que seria melhor encontrarmos essa felicidade com outras pessoas?

Embora a resposta de Sophie fosse firme, também foi evasiva. — Só quero que ambos tenham certeza. Não quero que nenhum dos dois se magoe. Espero que isso não seja outra de suas brincadeiras.

Ellie entendia que Sophie estava mais preocupada por James. — Ele não teve sorte com sua escolha anterior e demorou para sarar. Sophie realmente ainda se importava com ele e devia ter receio que ele se magoasse outra vez porque Ellie nunca levou nada a sério. Pelo menos até agora. No começo, seu plano parecia simples — dar a James o casamento de conveniência de que ele precisava, contanto que ela concebesse o filho que desejava. Ao longo dos últimos dias, porém, em algum momento, passou a ser muito mais que isso. Já não era mais uma simples troca sem riscos, sem um envolvimento mais profundo.

— Eu lhe juro, Sophie, estou finalmente crescendo. Em minha idade, decido que é hora de me redimir de todos os meus pecados e ser uma boa garota. E não me olhe assim. Você andou tendo aulas com as minhas irmãs?

Sophie finalmente sorriu e abraçou-a novamente. — Então, não direi mais nada e deixarei por sua conta. — Quando o sorriso dela ganhou força, Ellie ficou aliviada em ver novamente a velha Sophie. O brilho igual ao que ela se lembrava. — Agora — ela deu o braço a Ellie e a puxou para um cochicho —, deixe-me lhe contar todas as novidades de Sydney Dovedale. As novidades que eu não podia dizer enquanto os homens ouviam.

Embora ela já tivesse ouvido boa parte da tia, ela assentiu avidamente e deixou que a velha amiga contasse, pois Sophie sempre tinha detalhes mais substanciais para acrescentar. As novidades da tia Lizzie giravam em torno de doença, morte, nascimento, casamento, luto, sem muito além disso. Sophie e Ellie sabiam que o que acontecia nas entrelinhas era igualmente importante e muito mais divertido. Logo estariam de volta ao normal, rindo juntas, lembrando-se de outras festas de tempos atrás, falando de dias menos complicados. Agora, no entanto, ambas eram mais velhas e sábias, as duas ingressavam em novos capítulos.



James finalmente encontrou Ellie outra vez. — Agora você tem de dançar comigo — ele exigiu. — Fiz por merecer, madame.

— Mas é um minueto. As pessoas vão pensar que estamos apaixonados, Smallwick.

— Eles nos conhecem melhor que isso, madame. — Ele a pegou pela mão e conduziu para a dança. — Jante comigo amanhã, em Morecroft. Acho que é hora de darmos a notícia à minha avó.

Quando ela ergueu o olhar para James, seus olhos pareciam refletir todas as velas do salão. Por um instante, ele ficou fascinado. — Mas ainda não sabemos se haverá casamento. Por que não dizemos apenas quando precisarmos? Isso tudo pode ser por nada, você sabe.

— Está duvidando de minhas habilidades de garanhão, madame?

— Não fale tão alto, Smallwick. Quer que a vila inteira saiba?

James nem tentou abaixar o tom de voz. — Estou bem certo de que o trabalho para o qual fui contratado foi feito, madame.

Muito bem-feito.

Ela apertou os lábios, querendo fazer bico, mas depois hesitou, quase rindo.

— Até o Ano-Novo você será minha esposa, Vyne. Minha. — Ele afagava-lhe os nós dos dedos com o polegar da mão enluvada. — A criança em seu útero já a torna minha.

— Você tem poderes mágicos para já dizer meu estado, Hartley?

— Sim — foi sua resposta concisa. — Aconteceu nesta tarde. Eu senti.

O rosto dela corou e seus cílios tremularam. James achou divertido. Ela nunca tinha sido o tipo tímido nem acanhado. Quando isso tinha começado? Ele não queria que ela mudasse tanto de repente. Acostumado à sua perspicácia, ele tinha passado a esperá-la, desfrutá-la.

Quando a música chegou ao fim, James seguiu seu olhar, observando a tia encher um copo de *eggnog* para o fazendeiro Osborne. O casal mais velho conversava intimamente, sorrindo e feliz.

— Agora sei por que ela estava tão ansiosa quando cheguei. — Os ombros de Ellie caíram. — Ela estava com medo que eu descobrisse. De certa forma, minha vinda para cá atrapalhou, não foi, Smallwick?

— Receio que sim, madame.

Ela suspirou suavemente. — Frequentemente acontece.

— O quê?

— Eu. Atrapalho.

James era solidário com aquilo. — Quando se trata da minha família, eu também frequentemente atrapalho. — Ele era a irritação com que tinham de lidar, primeiro pela mãe, que sofrera em um casamento sem amor e o deixava por conta das babás, depois por um pai desertor e humilhado, que não conseguia suportar sua presença uma vez que ele o lembrava de seu

casamento fracassado. Finalmente, restara sua avó, para lidar com o fato de criar James. — Talvez — ele disse a Ellie — nós tenhamos mais em comum do que notamos.

— Tenho sido um tanto egoísta — ela disse. — Eu me esqueci de que outras pessoas também têm vida. Elas não podem sempre parar tudo quando apareço à sua porta, exigindo atenção.

— Verdade. O que a senhora precisa, madame, é de um lar. Em um lugar. — Ele sorriu. — Então, pode ter aquele cachorro que deseja.

A surpresa brilhou nos olhos dela.

— Achou que eu não fosse me lembrar?

— Achei que não estivesse ouvindo naquela noite, Smallwick. Você estava bem altinho.

No entanto, suas palavras, ditas de maneira suave sob as estrelas, em Brighton, permaneciam ternamente em sua memória. Com seu beijo gostoso e a maneira como se deixou trair pela vulnerabilidade.

— Venha até lá fora comigo um instante, senhorita Vyne. — Era agradável conversar com essa mulher e não brigar. Ele queria passar mais tempo sozinho com ela antes de enfrentar o confronto com Sophie em relação ao seu filho. Era um assunto que tinha de ser discutido nesta noite, depois ele poderia contar a Ellie. Primeiro, porém, ele precisava de um último momento descomplicado. Ele não fazia ideia de como ela ia encarar a notícia de seu filho ilegítimo, ou como isso talvez mudasse as coisas entre eles. Embora ele agora conhecesse a verdadeira Ellie bem melhor, seus humores eram mutáveis e, no fim das contas, ela recentemente batera em sua cabeça com uma peça de porcelana.

— Smallwick, está frio lá fora.

— Eu a mantereí aquecida, madame.

Ela deu uma olhada rápida ao redor da sala para ter certeza de que não tinha ninguém vendo e acabou concordando, deixando

que ele a levasse para longe dos outros dançarinos rumo ao ar fresco lá de fora.

Ele pegou uma lamparina de óleo no gancho acima da porta, e a conduziu até o celeiro, do outro lado do pátio. Havia três cavalos, um jumento e duas cabras que ergueram os olhos com o primeiro ranger da porta de madeira, mas voltaram a comer em seus alimentadores sem se impressionar muito com os visitantes. O cheiro aquecido dos bichos e do feno preencheu as narinas dele e o fez lembrar-se dos verões em que ele ia para lá, para cortejar Sophie, arrastando para longe de suas tarefas. Tudo isso há muito tempo. Ele pousou a lamparina em uma viga alta e segura, e levou Ellie até uma baia vazia.

— O que estamos fazendo, Smallwick? — Ela perguntou.

— Eu queria ficar a sós um pouco, madame. Eu me vejo possessivo por sua companhia.

— Qualquer um pode vir olhar os animais principalmente se virem a luz da lamparina.

— Estão todos ocupados dançando e farreando. Agora me beije, madame. — Com um floreio, ele mostrou um punhado de visco, que tirou da porta da casa. Foi espontâneo, nada parecido com Hartley, mas esta noite ele estava no clima de brincadeira. Ele pensou que ela fazia brotar o diabo que havia nele impressionado pelo fato de que pensara em uma esposa como parte de sua modificação, no entanto justamente a mulher de que precisava para preencher esse papel despertava esses efeitos nele. Estranhamente, essa mulher a quem ele sempre criticou para quem ouvisse acabou se tornando a parceira perfeita para James. Será que a vida podia ser mais estranha que isso? Poderia trazer mais surpresas?

Ela recuou ao canto escuro do estábulo e ele a seguiu, aproximando-se.

— Já faz várias horas que não tenho seus lábios nos meus — disse ele com a voz rouca enquanto segurava o visco acima da

cabeça dela.

— Smallwick, você é incorrigível.

— Sim, madame.

Incapaz de esperar por ela, ele recostou e a beijou nos lábios, aquecendo-os. As mãos de Ellie rapidamente subiram aos seus ombros, depois envolveram sua nuca. Apesar de sua relutância fingida em entrar no celeiro com ele, ela reagiu faminta ao beijo. Em breve, uma das mãos dela deslizava por seu peito e descia até suas calças.

— Smallwick, nunca perguntei de onde veio seu nome. — Ela passava os dedos pela protuberância que crescia rapidamente. — Não é muito apropriado.

— Acredito que tenha sido um dos gracejos do senhor Grieves, madame.

— Ah.

— Ele gosta de gracejos.

— Smallwick, esses serviços de garanhão não precisam ser desempenhados de uma só vez. Você pode descansar.

— Não preciso de descanso, madame.

— Estou vendo.

Ele parou. — A madame precisa?

Os olhos dela cintilaram e ela mordeu o lábio inferior. Uma covinha surgiu em sua bochecha esquerda. — Meu bom Deus, não, Smallwick. Você terá de trabalhar com muito mais afinco para me exaurir.

Erguendo-a até que suas pernas enlaçassem a cintura dele, ele murmurava contente: — Excelente, madame, porque tenho a intenção de fazer com que cada momento que tenhamos sozinhos conte.



As ripas de madeira atrás das costas dela rangiam e estalavam. O cavalo no estábulo ao lado fez um ruído baixinho e sacudiu a crina.

— Ai, Smallwick — murmurou ela. — Tenha cuidado ou meu cabelo vai ficar desarrumado.

James mergulhou nela antes que ela terminasse a frase, dobrando as pernas e investindo acima com força total de seu corpo. Ele gemeu. — Seus cabelos não serão a única coisa desarrumada, madame.

Foi uma transa rápida e selvagem. Muito apropriada para um estábulo, ela pensou.

Ela deveria ter declinado sua oferta para o conluio, jamais deveria ter deixado a festa com ele, saindo sorrateiramente, fazendo diabruras no feno. Contudo, não conseguia tirar as mãos dele e ele parecia sofrer da mesma condição. Era irreprimível. Era de pensar que ele tinha algum demônio a exorcizar essa noite, algo que ardia dentro dele, e precisava ser libertado.

Ele estremeceu e a segurou junto à divisória de madeira, sua boca colada à lateral do pescoço dela. Seu cheiro forte de macho misturava-se a doçura do feno e do óleo da lamparina. Ela fechou os olhos, tragando tudo, deleitando-se naquele momento, agarrando-se a ele com todos os seus sentidos, guardando em sua memória para sempre. Como se essa fosse a última vez. Seu coração quase parou diante desse pensamento, e seus olhos se abriram subitamente.

Ele acabou pousando seus pés de volta no chão e, como um criado dedicado, arrumou a roupa e os cabelos dela. Ele não falou nada. Ela o conhecia há muitos anos e, para Ellie, ele parecia ter algo na cabeça. Estava pensando em algum problema. Ela queria ajudar, mas, como ele não compartilhou, ela não tinha o que fazer. Do mesmo modo que ela, ele estava acostumado a guardar seus pensamentos perturbadores, escondê-los por trás de um sorriso e de algum comentário de língua afiada.



Ao reingressarem na casa, ele guardou o visco no bolso de seu casaco.

— Ninguém mais deve ser tentado a beijá-la — disse ele.

Ela parecia distante, sem ouvir. — Preciso falar com minha tia.

James pressionou um beijo terno em sua mão e observou-a se distanciar por entre a aglomeração alegre. Ela estava com um fiapo de feno nos cabelos, mas era tarde demais para chamá-la de volta e tirar.

Agora, ele próprio tinha uma conversa importante a enfrentar. Dando meia-volta, ele procurou por Sophie. Para sua surpresa, ela também estava procurando por ele. Seus olhares se encontraram e um sinal silencioso passou entre eles. Ela sabia que ele ia perguntar por Rafe. Aparentemente, ela estava pronta para explicar.

Capítulo 18



— **ELLIE, QUERIDA, EU NÃO** queria esconder de você, mas não sabia o que você diria. — A tia olhou para os pés. — Você deve achar que em minha idade é um absurdo casar novamente. Mas já sou viúva há mais de vinte anos e se torna muito solitário.

— Tia Lizzie, estou contentíssima que tenha encontrado o amor novamente. Não há nada que eu queira mais para você. — Ela delicadamente beijou o rosto macio da tia. — Eu queria que tivesse me contado quando cheguei. Achei que você tivesse algum segredo horrendo. Minha imaginação estava trabalhando em todo tipo de pensamento terrível. — Ellie parou quando lentamente percebeu outra coisa. — Foi por isso que deixou Mary Will ir embora!

— Foi uma das razões, Ellie, querida. É verdade que não posso mais pagá-la, mas Mary era terrivelmente fofqueira e ela gostava de bisbilhotar.

— Depois eu cheguei!

— Você é sempre bem-vinda. — A tia afagou-lhe a mão. — Mas o que quer que faça, não diga nada a senhora Flick. Ainda não criei coragem para contar a ela.

Elas riram juntas.

Subitamente, Ellie decidiu ser corajosa. — Agora, também tenho novidades para você. Prepare-se, querida tia, para um choque monstruoso. Eu me entendi com James Hartley.

A tia tirou os óculos, limpou em seu lenço de renda e colocou de volta. — Espero que sim. Já não era sem tempo.

— Tia Lizzie! Você não está surpresa?

— Por que estaria, querida? Você é apaixonada por ele desde que tinha dez anos.

Ellie engoliu com força. Lágrimas de constrangimento ameaçavam cair, e ela nunca foi inclinada à histeria.

— Acha que sou cega, Ellie? Já vi muitos olhares apaixonados em meu salão ao longo dos anos. Já presenciei amor e amor desviado, angústia, paixão e negação. Ah, sim. Tudo isso acontece aqui em Sydney Dovedale. — A tia estendeu o braço para tirar um fiapo de feno dos cabelos de Ellie. — Não se engane com a imagem sonolenta.

Ansiosa para se ocupar, Ellie se serviu de um copo de *eggnog*. Tia Lizzie era uma romântica e tanto, pensou. Apaixonada por James por todos esses anos? Rá! Ridículo. O acordo entre eles era de conveniência mútua originado por compartilharem o prazer de uma discussão. Só isso.

No entanto, se agradava sua tia pensar que era amor... Bem, ela não ia discutir. Por que estragar a ideia da doce tia Lizzie?

Ela deu uma olhada sorrateira na sala e ficou aliviada em não encontrar olhares sobre ela naquele momento porque ela sentia o espírito natalino já subindo à sua cabeça. Confessar sobre James para sua tia tirou-lhe um fardo dos ombros. Um entendimento. Sim, ela podia chamar dessa forma sem sentir a pontada de medo produzida pela menção de um noivado. Um noivado soava planejado demais, formal demais. Um “entendimento” sugeria um encontro de mentes e ideias.

Nesta noite, porém, ele a olhara com tanta ternura que ela podia quase...

Ah, ela estava sendo uma tola.

Costumava achar que James era um sujeito descomplicado, que tinha sua personalidade caprichosamente esmiuçada. Durante os últimos dias, no entanto, ele parecia ser mais Smallwick do que Hartley. Ellie não gostava de pensar que estivera errada todos esses anos quando passou a convencer a todos que o desprezava.

Sua tia ainda estava falando. — Meu irmão, por exemplo. Ele era tão apaixonado por Catherine, sua mãe. Ela o arrebatou como nenhuma mulher jamais fez. E ele conheceu muitas mulheres. Aconteceu no instante em que colocou os olhos nela. Estava ali. Eu vi.

— É mesmo? É estranho como o almirante nunca fala da minha mãe com muita afeição. Ele diz que ela estava sempre ralhando e que nunca deveria ter se casado com ela.

A tia virou, sorrindo, inclinando a cabeça. — Não estou me referindo ao seu padrasto, querida. Estou falando de meu irmão caçula, de Graedon. Ele era desesperadamente apaixonado por Catherine. Completamente enamorado. Acredito que ela se sentia da mesma forma por ele, mas não havia nada que eles pudessem fazer a respeito porque ela já havia se casado com seu irmão mais velho.

O *eggnog* desceu muito depressa garganta abaixo e Ellie tossiu.

— Quando Grae partiu com a mãe de James Hartley, eu sabia que ele estava tentando esquecer Catherine. A mulher Hartley era infeliz em seu casamento e usou Grae para fugir dele. Também vi isso. O caso deles foi uma conveniência temporária, uma cobiça transitória, não amor. Infelizmente, magoou tanta gente inocente.

Todas essas notícias eram assimiladas lentamente. Ellie olhou o outro lado do salão e viu James conversando com Sophie. Ele parecia muito rijo, zangado. Sophie parecia... culpada. Do que estariam falando? Será que ela estava sendo uma tola em pensar que ele algum dia poderia gostar dela como tinha gostado de sua

amiga? Sua tia estava tão certa — todos esses segredos, todo esse ciúme.

Ela pensou em seu tio Grae. Em suas lembranças de infância, ele era alto, esguio, um sujeito bonito com uma risada risonha que a colocava no colo para ensinar truques de cartas. Ele sempre vinha a Lark Hollow e ela presumia que naturalmente fosse para visitar seu irmão, o almirante. Ela fechou os olhos e o imaginou, uma presença forte entrando na sala de estar, preenchendo-a com suas piadas e seu riso. Ele sempre ia diretamente à cadeira onde sua mãe estava sentada para beijar sua mão antes de cumprimentar qualquer outra pessoa.

Ellie se lembrava de seus modos garbosos, da forma como ele piscava os cílios antes mesmo de terminar de beijar a mão de sua mãe. Uma expressão que passava entre os adultos. Uma expressão que ela era pequena demais para entender.

— Quando Grae partiu para a Inglaterra, eu lhe dei um retrato que tinha pintado de Catherine. Ela queria que fosse dele e foi um meio para que eu lhe dissesse que eu sabia, que compreendia. Eu o perdoei pelo escândalo Hartley, mas meu irmão mais velho nunca conseguiu perdoar. Então, apenas dois anos depois que Grae partiu para a Inglaterra, Catherine estava morta, claro. Pobre Grae. Ele deve ter ficado novamente de coração partido por não poder sequer vir ao enterro.

Será que James se casaria com ela e secretamente, sempre... ou não tão secretamente continuaria apaixonado por Sophie? Mais uma vez, ela tentou fingir que não importava. Entretanto, importava. Sempre importaria.

Ela estava apaixonada por ele? Tinha tentado não ficar. Desde que o ouvira debochando dela quando ela só tinha dezesseis anos e era rechonchuda, terrivelmente desastrada e extremamente constrangida. Ela tentara detestá-lo com todo o seu ser; mas até uma pedra pode ser furada por uma goteira. Que esperança tinha o seu coração?



Sophie tinha claramente se preparado para isso. Enquanto o conduzia até a cozinha, onde eles podiam conversar a sós, ela manteve a cabeça erguida, as mãos enlaçadas. Embora sua pose fosse calma, ele via o rodado de emoção em seus olhos verdes pontilhados de dourado.

— Eu não deveria tê-lo guardado de você, James — confessou —, mas eu tentava garantir a mim mesma que era melhor para todos que você não soubesse. Você tinha sua vida ocupada em Londres. Como poderia criar uma criança? Temi que você talvez o mandasse morar com sua avó. — Ela estremeceu. — Eu podia criá-lo aqui, na casa do tio, onde ele seria amado e cuidado. Achei que também seria melhor para meu marido que ele não soubesse. Então, eu... — ela engoliu. — Eu nunca disse a ele que você é pai de Rafe. Ele nunca soube o nome do cavalheiro que abandonou sua irmã grávida.

James sentiu seu temperamento esquentando. — Eu não abandonei Rebecca. Foi um caso rápido. Ela deixou a casa e eu nunca soube o motivo. Quando recebi sua carta para pedir ajuda, era tarde demais. Voltei para Londres assim que pude, porém, ela já tinha partido.

Ela observou seu rosto cautelosa, temerosa.

— Pelos dois últimos anos, Sophie, acreditei que a criança estivesse morta.

— Eu não disse que ele morreu — disse ela.

— No entanto, você me deixou pensar isso.

Sophie levou as mãos ao rosto e ele viu que ela segurava um lenço. — Ele adora aqui. Está florescendo aqui. Não o tire de nós.

A garganta dele ardia de raiva. — Você quer dizer para não tirá-lo de você como você o tirou de mim, seu pai?

As primeiras lágrimas surgiram em seus cílios. James respirou fundo e esfregou as sobrancelhas com uma das mãos, tentando afastar a cara feia.

— Vejo que você se afeiçãoou a ele — ele conseguiu dizer, retraído.

Ela assentiu com os lábios apertados.

— Não vou estragar o Natal de todo mundo — ele estrilou. — Não há necessidade de falar desse assunto nesta noite, mas ele é meu filho e deve saber quem é.

Ela assoou o nariz no lenço e murmurou concordando.

— E a escolha de onde morar deve ser dele — James acrescentou, firmemente. — Posso não ter tido contato direto com seu marido no passado, mas acredito que até ele concordaria comigo quanto a isso. Nós discutiremos o que vai acontecer no ano-novo.

— Sim.

Ele suspirou, sacudindo a cabeça. — Ele deveria estar na escola.

— Ele está. — Ela afastou o lenço do rosto úmido pelo tempo suficiente para exclamar. — Ele vem à minha escola todos os dias, exceto durante a colheita, e tem progredido muito.

James sabia que Sophie tinha uma escolinha na vila, porém, em sua opinião, um menino de doze anos precisava de uma educação mais completa. Entretanto, ele não disse isso, pois a deixaria magoada.

Mortificado, ele percebeu quanto tinha mudado nesses últimos anos.

— Você não vai mandá-lo para o colégio interno? — Ela perguntou, com o rosto pálido.

— Vamos discutir esse assunto no ano-novo. Todos nós, incluindo Rafe.

Ela secou novamente os olhos. James estava desconcertado pela força de suas lágrimas, por um menino que nem era seu filho. Ainda bem que eles não se casaram, pois ele não saberia lidar com tantas lágrimas.

— Você deve se orgulhar dele, James — ela disse antes de franzir o rosto e cair em prantos outra vez. — Ele é um bom menino — ela dizia, chorando. — É sempre tão paciente com os animais da fazenda e leva todas as tarefas a sério. Às vezes fala demais, mas trabalha muito duro! Você deveria tê-lo visto na colheita deste ano...

James se retraiu quando ela cobriu o rosto com o lenço e choramingou, fazendo um som não muito diferente de gatos ao brigar. Ele se encolheu, estendeu a mão e afagou seu braço, meio sem jeito. — Pronto, pronto. Não fique aflita. Tenho certeza de que no fim tudo vai dar certo. — Novamente a mulher caiu em prantos em sua presença. Dessa vez, ela parecia estar chorando por ele, não por ela. Ele realmente estava ficando velho se até Sophie estava chorando por ele.

Ela se aproximou mais dois passos e pousou a cabeça no ombro dele, ainda chorando. — Desculpe-me, James. Eu não deveria ter escondido seu filho de você. Agora que vejo como meu marido ama nosso filho, sei que fui errada. Você pode me perdoar?

— É claro, Sophie. — O que mais ele poderia fazer? Guardar rancor? Já houvera o suficiente disso. Ele sabia que era tarde demais para se preocupar com o que deveria ter sido feito. O bom é que seu filho, Rafe, estava vivo e saudável. Eles tinham de olhar para o futuro e acertar as coisas. Isso era algo que Sophie gostava de dizer. Ele finalmente entendia o significado.



A dança parou um tempo para que os músicos descansassem. Ellie tinha procurado James pela casa inteira, depois viu a porta da cozinha entreaberta, uma luz branda lá dentro. Ela se aproximou silenciosamente e olhou lá dentro. James estava abraçado à Sophie, consolando-a.

O choque da imagem fez com que Ellie desviasse tão depressa que ela quase derrubou um prato de pão de gergelim da mão do fazendeiro Osborne.

— Você está bem, minha querida? Parece ter visto um fantasma.

Sim, o fantasma de um velho romance. — Eu estava apenas procurando... por uma coisa...

O cavalheiro gentil ergueu as sobrancelhas e ofereceu o pão de gergelim. Ela declinou, sentindo-se arrasada. Pensou em virar e sair correndo até a casa de sua tia. Depois pensou em irromper na cozinha e confrontar os dois, mas se controlou e conteve os dois ímpetos. Sua pulsação foi lentamente acalmando, assim como sua mente.

Tem de haver alguma explicação perfeitamente razoável para o abraço. Sophie era uma amiga honesta e verdadeira, contente com seu casamento e jamais enganaria alguém. Era totalmente ridículo desconfiar de Sophie ser cúmplice em qualquer coisa dessa natureza.

No entanto, que segredo eles tinham que causava tanta sensibilidade depois de todo esse tempo?

Subitamente, ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo como se ela estivesse vestindo a roupa mais fina de verão sem ligar para a estação. Ela terminou seu *eggnog* em uma golada nada elegante. Ah, melhor agora. Isso trouxe um pouquinho do calor de volta.

Pelo amor de Deus, que diferença fazia? Ela sabia no que estava se metendo quando concordou com esse acordo. Ellie concluiu que a história de sua tia sobre um triângulo amoroso trágico tinha penetrado sua cabeça como a serpente que tentara

Eva com a maçã. Ela por alguns instantes se permitira esperanças que jamais deveria ter admitido.

Um caso de conveniência temporária e cobiça passageira, não amor. Sua tia podia até estar descrevendo esse “acordo” que tinha com James. Não havia motivo para esperar mais dele. Infelizmente, enquanto ele foi o cordato e amoroso “Smallwick” foi fácil demais esquecer a realidade.

Ela deu uma olhada para seu copo vazio e sacudiu a cabeça. Chega de *eggnog* para ela ou talvez acabasse dizendo algo constrangedor para James, algo que detestaria admitir quando recobrasse a sanidade.

Ela estampou um sorriso alegre no rosto e voltou à festa. Quando o casal sumido reapareceu, pouco depois, James veio imediatamente até seu lado, porém ela estava inquieta demais para olhar para ele. Ela não estava zangada. Era o que ficava repetindo para si mesma.

Mas é um minueto. As pessoas vão pensar que estamos apaixonados.

Bobagem. Eles nos conhecem melhor que isso, madame.

— O que é isso? — Ele perguntou quando viu o marido de Sophie carregando um monte de farinha de trigo até a mesa, colocando com cuidado, depois equilibrar uma bala em cima.

Ellie se forçou a responder. A maneira mais fácil de mascarar qualquer hesitação era um tom irritado. — É pudim de bala. Os Hartley não fazem esses jogos no Natal?

— Não, nós...

— Imagino que vocês só fiquem sentados, sendo nobres e desprezando as outras pessoas.

— O que houve, senhorita Vyne?

— *Não me venha com senhorita Vyne* — ela estrilou.

Como não tinha a menor ideia do que dizer diante disso, ele ficou quieto.

— O objetivo do jogo — ela explicou, grosseira — é que cada pessoa pegue um pedaço. Se a bala cair em cima, a pessoa que

estiver cortando a fatia tem de colocar as mãos para trás e tirar a bala da farinha.

— Sem usar as mãos?

— Somente com a boca, é claro.

— Mas não vai ficar com farinha por todo lado?

— Esse, Hartley, é o objetivo. É para ficar todo enfarinhado e ridículo. É divertido. — Ela cruzou os braços. — Não que você, Precioso e Mimado Príncipe James, possa entender o conceito.

O vinho e o *eggnog* tinham sido servidos livremente durante a noite, portanto já estavam todos alegres quando o jogo começou, mas Ellie só sentia confusão e tristeza. Ela deveria ter se juntado ao frenesi, pois esse já tinha sido um de seus jogos favoritos, e ela geralmente era a primeira a ficar com o rosto coberto de farinha. No entanto, nesta noite, seu coração não estava no jogo.

Ela deu um sermão em si mesma. James nunca lhe jurou amor. Ele tinha sido bem franco sobre duas coisas — sua necessidade de uma esposa apenas para impedir que sua avó ditadora ficasse lhe forçando candidatas e sobre a compatibilidade de Ellie, porque ela não se apaixonaria por ele nem teria expectativas românticas quanto ao casamento. Era errado querer mais, mudar as regras de repente, depois que ambos haviam concordado com as condições.

Se ela estava correndo perigo de sentir mais profundamente, de se magoar, era melhor recuar alguns passos e se salvar. Era claro que ela o deixara se aproximar demais.

Ao virar o rosto para a janela, ela viu que tinha começado a nevar. Flocos gordos desciam flutuando lentamente e em sua visão reluziam como diamantes porque suas lágrimas estavam presas aos seus cílios.

Logo que James estava com a boca e o nariz cobertos de farinha, ela se obrigou a rir, e ele pareceu acreditar. Depois disso, ele passou boa parte da noite com Rafe Adamson, discutindo sobre o spaniel que o menino tinha treinado para caçar coelhos. Ela

nunca o vira tão falante e amistoso a menos que fosse com alguma mulher que estivesse tentando encantar. Em vez disso, essa noite, ele se empenhou em ganhar o garoto.

Até a hora em que eles voltaram para casa, na carruagem do fazendeiro Osborne, já havia uma camada de dois centímetros de neve emoldurando os galhos das árvores de branco e abafando o barulho dos cascos dos cavalos. Eles estavam bem juntos sob cobertas de lã na traseira da carruagem. Lady Mercy era a única ainda com fôlego para tagarelar — algo que ela fez quase sem parar durante a maior parte da jornada. Sorte de Molly Robbins que sua nova amiga lhe emprestara um par de protetores de orelha de pele, ou ela teria suportado a carga maior daquela conversa entusiástica de apenas uma pessoa.

Sua tia tentou organizar as cantigas natalinas, entretanto, ela talvez fosse a única suficientemente absorvida para pensar que essa fosse uma boa ideia. Lady Mercy estava disposta, mas não sabia a letra certa para nenhuma, então o plano logo foi para escanteio. Em vez disso, eles começaram um jogo de “Faço a mala e ponho...”; todas as coisas colocadas na mala eram muito tolas e nada práticas, como ornitorrinco, botões de cobre e pepino.

Grievés e o doutor Salt vinham atrás, na carruagem consertada de James. Ellie esperava que lady Mercy fosse preferir voltar para casa na carruagem mais confortável, porém ela preferiu o veículo aberto. Quando tia Lizzie lhe perguntou o motivo, a criança respondeu que queria que todos vissem seu chapéu. Contudo, Ellie ficou imaginando se a menina não estava simplesmente se divertindo pela primeira vez, seguindo o clima do momento, experimentando a vida como todo mundo.

James deu um leve apertão em sua cintura. Uma pequena nuvem de vapor evaporou ao redor dos lábios dele. — Sentirei sua falta nesta noite, madame.

No entanto, depois que regressasse aos seus luxos habituais, naquela imensa cama aquecida na residência Hartley, ele não

sofreria muito. Claro que ela jamais vira sua cama, mas tinha uma imagem em sua mente — uma monstruosidade que passava de geração em geração, com quatro hastes horrendas e cortinas melancólicas que cheiravam a mofo e provavelmente teriam presenciado o deflorar de muitas distintas noivas Hartley, bem relacionadas, de comportamento perfeito, em suas noites de núpcias.

De volta à casinha, eles se despediram apropriadamente com muita civilidade, como seria esperado de uma dama e seu criado. Ellie ficou olhando a carruagem levá-lo de volta ao seu mundo e sentiu um frio profundo se instalar em seus ossos, agora que ele já não estava mais lá para aquecê-la.

Sim, ainda bem que ela havia acordado para os perigos naquela noite. Tinha começado a ficar inteiramente negligente e se esquecer das condições da barganha.

Apenas alguns dias antes, na festa de lady Clegg-Foster, ele dissera: *Não quero ser culpado por partir um coração delicado, mas sei que na há esse perigo com você.*

Esse, afinal, era o motivo para que ele a tivesse escolhido, e era bom que ela se lembrasse disso.

Capítulo 19



— NOIVO? NOIVO? DAQUELA RAMEIRA?

Ele nem conseguiu passar pela porta da sala sem ser visto. Ela estava à espreita em sua toca, esperando por ele. O tom estridente de sua avó ecoava pelas paredes da residência Hartley descolando a massa de pontos mais antigos da edificação.

— Venha aqui agora e explique-se! Lady Clegg-Foster me informou, por carta, que seu noivado com aquela sirigaita infame já é abertamente sabido em Londres. No entanto, é estranho que eu esteja desinformada sobre o assunto. O que pode significar isso?

Ele não tinha a intenção de contar a ela tão depressa, mas ali estava. Já havia sido falado por lady Clegg-Foster, que lhe poupou o trabalho. James respirou fundo, ergueu os ombros e caminhou em frente, entrando na sala da avó.

— Meu bom Deus — ela exclamou no instante em que o rosto dele sentiu o reluzir das velas. — O que foi que ela fez com você?

Ele quase se esquecera do olho roxo e dos pequenos cortes na sobrancelha — um, da peça de porcelana quebrada em sua cabeça algumas noites antes, e o outro, de uma armadura que caiu em cima dele. — O que quem fez comigo?

— Mariella Vyne — ela exclamou, sacudindo a carta de lady Clegg-Foster. — Mais uma vez, sou a última a saber das intenções de meu neto. E de tantas mulheres que você poderia ter escolhido! Mesmo assim... quantas vezes ela já foi noiva? Sem dúvida, não vai durar. Ela estava deitada em sua chaise, em esplendor solitário, sua única companhia era um pequeno pug aninhado em seu colo.

Nessa noite, depois de se divertir tanto na casa da fazenda dos Kane, o vazio dessa sala imensa, com suas pilastras coríntias e nichos opulentos, ficava mais evidente que nunca. A elegante disposição dos artefatos sem vida e das alcovas com ornamentos Wedgewood não podia ser tocada, meramente admirada a distância. Convidados da residência Hartley deveriam ficar admirados e não se sentir confortáveis.

James se curvou para dar-lhe um beijo no rosto. — Achei que fosse ficar contente em me ver, vovó. — Claro que ele estava brincando. Havia anos ela não ficava contente em vê-lo, desde que ele ficou alto demais para se intimidar com ela e parou de aceitar sua opinião como um fato absoluto.

— Tome cuidado, James. Não se debruce por cima de mim. — Seu pequeno pug deu um pulo, mostrando os dentes e rosnando baixinho com uma ressonância impressionante para uma criatura tão pequena. — Isso é farinha em seus cabelos?

— Sim, vovó, estive em uma festa.

Ela recuou, franzindo o nariz. — Estou sentindo cheiro de vinho em seu hálito.

— Pelo menos eu ainda estou de pé.

— Mal e mal.

Ele ficou imaginando como ela receberia a notícia quando ele lhe contasse que ela tem um neto de doze anos. Talvez fosse melhor dar um choque de cada vez. — Quanto a esses boatos do noivado, vovó, receio que sejam verdade.

Ela recostou no braço da chaise. — Suponho que isso seja uma de suas rebeldias tolas, James.

— Certamente. Eu a convidei para vir jantar amanhã. Então poderá nos cumprimentar, como tenho certeza de que vai querer fazer. — Ele só podia culpar a festa por seu clima tão despreocupado.

— Aqui? — O pug de sua avó pulou de seu colo e avançou nas botas dele. — Você convidou aquela insossa para vir aqui? Uma Vyne? Esqueceu-se de como o tio dela fugiu com sua mãe, causando um escândalo do qual tivemos sorte de nos recuperar? Agora você quer trazer outro deles para dentro de minha casa? Deixar que sente em meus móveis?

Na verdade, os móveis eram dele, ele poderia ter dito. A casa e seu conteúdo tinham sido deixados para ele no testamento de seu pai, há vinte anos. Ele deixou que a avó morasse ali e administrasse o local como quisesse porque ele ultimamente ficava mais em Londres, e também porque ele preferia lidar com uma casa menor, com menos empregados. Ele havia evitado as responsabilidades. Por tempo demais.

— Prometo que a senhorita Vyne se comportará, vovó. — Ele tentava tirar o pé das mandíbulas do pug. — Devemos manter o estrago o menor possível se formos vigilantes.

— Eu proíbo!

— Mas o noivado não poderá ser desfeito, ou ela sem dúvida reclamará para todos e difamará mais uma vez o nome Hartley. — Ele finalmente foi bem-sucedido em subornar o pug com um bombom em um console próximo.

A avó tocou uma sineta ao lado da chaise. — Uma Vyne. Jamais imaginei que veria o dia em que alguém daquela gente entraria nesta casa. Uma atrocidade! Você claramente está fora de seu juízo. Agora que está aqui novamente espero que volte ao bom senso.

Quando a empregada, Braithwaite, chegou para atender à campainha, lady Hartley caiu em si o suficiente para ordenar que os objetos de valor da casa fossem tirados de vista antes do jantar da noite seguinte.

James assistiu à comédia a uma distância segura. Às vezes, era melhor deixar que a tempestade passasse antes de fazer qualquer tentativa de consertar o estrago. Ele caminhou até a janela e olhou para fora, vendo a melhor rua de Morecroft. Do outro lado da rua pavimentada, iluminada por lamparinas a óleo, havia um belo parque margeado por grades pretas de ferro. Quando criança, sempre que ele visitava a avó e bem antes de vir morar ali permanentemente, ele ficava nessa mesma janela olhando os outros meninos que corriam pelo parque, ruidosamente passando varetas nas cercas, correndo uns atrás dos outros e fazendo bagunça. James não tinha permissão de se juntar a eles, pois tinha de manter sua roupa limpa e arrumada. Essa era uma regra que o impediu de ter muitos amigos durante anos. Até que se tornasse um jovem e encontrasse coragem para testar algumas das regras da avó, e seu romance com Sophie Valentine tinha sido uma rebeldia. Então, quando cortejava Sophie, ele caminhava pelo parque com ela, passeando em círculos, enquanto a avó o observava dessas janelas, a reprovação exalava pelos poros. Tinha sido uma pequena vitória contra sua tirania.

Agora, ela foi rápida em presumir que Ellie Vyne era outro ataque contra ela.

— Eu deveria saber que você faria algo assim, James Julius Hartley! Essa é sua ideia de esporte, às minhas custas, naturalmente. Bem, você já se divertiu. Temos de acabar com essa brincadeira de uma vez e cortar a fofoca pela raiz.

Brincadeira. Talvez tivesse começado assim, mas a aquisição do colar Hartley por Ellie tinha finalmente colocado os dois em uma grande encrenca da qual não podiam sair. Ao menos ele não

queria sair, embora o comportamento dela parecesse ter esfriado quando ele deixou sua companhia esta noite.

Atrás dele, a avó reclamava sem parar. — Se você se casar com aquela criatura ousada e malcriada jamais será bem-vindo às melhores salas da sociedade. Você sabe como uma vez ela insultou Sua Majestade. Ele jamais esquece um menosprezo. Se você se casar com ela jamais receberá a ordem de cavaleiro.

— É uma decepção que terei de lutar para suportar — murmurou ele.

— Seu avô lutou muito para elevar o status da família. E o pai dele também. Agora você arrisca tudo o que seus ascendentes trabalharam para ganhar ao escolher uma noiva dessas? O que você precisa, James, é de uma esposa de alto gabarito e grande fortuna. Ou ambos. A senhorita Vyne, nem precisa dizer...

— Mas será ela, mesmo assim.

— ... não tem nenhuma das duas coisas.

James limpou a garganta. — Infelizmente, eu a comprei por mil libras e ela não pode ser devolvida. Uma compra impulsiva e lamentável, admito, mas agora precisamos dar um jeito.

A avó estendeu a mão para pegar no braço da chaise, aparentemente achando que fosse desmaiar. No entanto não aconteceu, pois tinha o sangue mais corajoso do que imaginava. — Você a *comprou* por mil libras?

— Comprei, vovó.

Pela primeira vez que ele se lembrasse, ela silenciou.

— A propósito, pretendo passar a ter mais interesse pelos negócios da família — acrescentou ele. — De agora em diante, deverei ter um papel mais ativo na empresa. Recentemente me foi dito que tenho raciocínio e quatro membros. É melhor que eu faça algo que valha a pena com eles. Então, é hora de ir trabalhar, não acha?

Ela ficou boquiaberta e com os olhos arregalados.

— Com licença. Preciso ir para cama dormir um pouco. Não dormi nada esta noite. — Sorrindo, James deixou a sala para que ela digerisse as notícias estarrecedoras.

Uma escadaria ostentosa levava ao segundo andar da casa, ladeada por um corrimão entalhado que tinha uma curva acentuada, perfeita para descer escorregando. Ele sempre pensava nisso, mas nunca se atreveu a tentar. Ele subiu os degraus de três em três — algo que não fazia havia dez anos — passando a mão no corrimão liso. Lá no alto, ele parou e olhou para baixo. Estava morrendo de vontade de deslizar, mas, em sua idade, ele provavelmente teria algum dano irreparável e precisava de tudo intacto para a senhorita Vyne.

Portanto... talvez outra hora.

Ele fez um afago afetuoso no corrimão e seguiu apressado ao seu quarto, na ala leste da casa, onde irrompeu porta adentro com tanta força que as velas quase se apagaram, e Grieves, ocupado organizando o armário, bateu a cabeça em uma prateleira. — Alguém está em perigo, senhor?

— Ainda não, Grieves. Possivelmente, na noite do meu casamento. — Ele deu um sorrisinho, olhou para sua cama e uma onda de empolgação percorreu suas veias quando imaginou Ellie Vyne deitada ali.

O mordomo olhava-o de forma circunspecta. — Então sua cabeça voltou ao normal, senhor.

— Ah, sim. — Ele acenou com a mão. — O doutor Salt não encontrou nada errado.

— E sua memória retornou inteiramente.

— Sim. As coisas voltaram ao normal.

Grieves lançou um olhar arqueado. — Voltaram, senhor?

Ele riu, despencando na cama. — Talvez não completamente. E onde, diga-me, você se meteu, Grieves?

— Peguei um quarto no Red Lion Inn, senhor, aqui em Morecroft.

— Bem, por que diabos...?

— Eu sabia que o senhor estava em seu juízo perfeito e imaginei suas intenções com a senhorita Vyne.

James franziu o rosto e se apoiou nos cotovelos.

O mordomo acrescentou com um meio sorriso. — De vez em quando, posso me esquecer de fazer torradas para seus ovos quentes, mas não sou totalmente inútil. Tenho visto os altos e baixos de seus inúmeros relacionamentos com as jovens e reparei em todos os sinais.

— Felizmente para você, eu não me feri gravemente, mas...

— E em minha chegada em Morecroft com a carruagem consertada, por acaso vi um rosto que reconheci.

— Hum? — James quase não estava ouvindo, porque estava ocupado demais pensando nos planos de sua noite de núpcias.

— O cavalheiro de peruca, senhor, que veio à sua casa de Londres na mesma manhã em que partimos apressadamente atrás da senhorita Vyne.

James sentou-se totalmente ereto. — O conde? Em Morecroft? Você tem certeza?

— Ele se instalou no Red Lion Inn, senhor. — Grieves terminou de dobrar um traje brocado que tinha tirado do baú e o deixou no pé da cama. — Aluguei um quarto lá, senhor, ontem à noite somente para observar seus movimentos. Eu não queria alarmá-lo sem motivo, caso sua presença fosse inocente. Tenho certeza de que o senhor já está com a cabeça cheia.

— O que ele está fazendo aqui?

— Ele participou de inúmeros jogos de cartas na hospedaria e no clube, em Morecroft.

— Eles o deixaram entrar?

— Parece que ele ganhou o ingresso com lorde Shale e o filho. — Ele parou, curvou a cabeça grisalha. Se me permite dizer, senhor, receio que a presença do conde aqui não pode ter boa finalidade para o senhor e a senhorita Vyne.

James pensou a respeito. Será que o homem esperava tirar mais dinheiro dele? Ele era um chantagista, seria capaz de qualquer coisa. Por que os Shale estariam envolvidos com aquele sujeito?

O jovem Shale perdeu somas consideráveis para o conde. Descobri isso quando fiz perguntas no Clube de Cavalheiros. Lorde Shale é membro.

— Entendo. Eu não sabia que o clube tinha filiais até mesmo em Morecroft.

— Ah, sim, senhor. Estamos por toda parte e nossa associação é muito leal. É bom ter contatos e pouca gente sabe tantos segredos quanto um mordomo. O empregado de lorde Shale está um tanto perturbado com a situação. E lorde Shale não é o único cavalheiro a ser incomodado pelo conde de Bonneville.

James caminhou ao outro lado do quarto pousando a mão na pedra acima da lareira.

— Devo alertá-lo ainda, senhor, que lady Ophelia Southwold também chegou a Morecroft e alugou um quarto no Red Lion.

— Meu bom Deus!

— Verdade. Tive o desprazer de trombar com ela lá, e ela exigiu saber onde o senhor estava. Parece que ela o seguiu de Londres para cá.

Ele gemeu. — O que disse a ela?

— Informei à senhoria que eu não podia divulgar seu paradeiro, que o senhor estava em uma missão de grande importância e profundo sigilo. — Grieves riu. — Agora ela está convencida que o senhor é um espião de Sua Majestade e está no rastro daquele francês, o conde de Bonneville. — O mordomo ficou sério outra vez. — Ela chegou a essa conclusão sozinha. Como o senhor vê, eu disse bem pouco, e sua cabecinha imaginou o restante.

— Mas você não a dissuadiu disso.

— Claro que não, senhor. Protestar certamente aumentaria sua certeza.

James estava intrigado, mas tinha outras coisas na cabeça.

— Lady Hartley está com um humor irritável, senhor — disse Grieves. — Imagino que ela tenha ouvido falar de seu noivado.

Enquanto ele olhava para baixo, James estava distraído. — O quê? Sim. Ah, sim. — Ele estava pensando em Ellie. Em como ela havia agido de forma estranha esta noite. Ele conhecia seu jeito de rir — a ouvira rindo à sua custa muitas vezes —, e na segunda metade da festa ela não estava rindo, só fingindo.

Estaria ficando entediada dele como ficara de seus outros noivos?

Ele girou, estendendo a mão para mostrar a Grieves. — Olhe para mim. Estou uma pilha de nervos. Devo estar adoecendo com alguma coisa.

Cautelosamente observando a mão imóvel por um instante, o criado perguntou: — Devo mandar chamar o doutor Salt de novo, senhor?

James respirou profundamente. Seus olhos pararam de percorrer todo lado em busca de alguém para escarpelar e pararam em um ponto logo acima da cabeça de Grieves. — Sei que ela é a mulher errada para mim. Ela é extremamente irritante, gosta de discutir e contrariar — tem o hábito de mostrar os tornozelos em cada oportunidade, depois me culpa por admirá-los. Ela se misturou com algum trapaceiro que não vale nada e muito possivelmente ainda está de conchavo com ele para me tirar cada centavo. Sua intenção — disse ele, calmamente — é me usar como um cavalo garanhão sem nenhuma consideração por meus sentimentos. E, no entanto... — Ele não conseguiu terminar a frase. As palavras travaram em sua língua. Frustrado, ele voltou até a cama e sentou com os cotovelos apoiados nas coxas, dedos entrelaçados, cabeça baixa. *Pobre garota do interior, pois sim!*



No dia seguinte, quando ele ligou para o Red Lion Inn, o conde já não estava mais lá. Segundo a senhoria, o “cavalheiro francês encantador” tinha partido logo cedo naquela manhã.

Ao regressar à residência Hartley, James encontrou a avó — que ficara na cama até tarde naquela manhã, reclamando de alguma doença inespecífica que ele lhe causara — finalmente de pé, insistindo para que ele a acompanhasse para um chá, na sala. Ele esperava encontrá-la sozinha e pronta para repreendê-lo outra vez, mas, em vez disso, ele a encontrou sentada em sua chaise novamente corada graças à aplicação de ruge e pó compacto. E em companhia de visitantes.

Ele tropeçou e parou.

Ophelia Southwold estava empoleirada em uma cadeira de frente para sua avó e, ao seu lado, havia um cavalheiro mais baixo e rechonchudo e uma mulher mais velha que no momento estava travando uma batalha discreta com o pug. Ele imediatamente pensou em voltar, mas Braithwaite bloqueou seu caminho com um carrinho de chá enfeitado, de rodinhas.

— James, sente-se e não atrapalhe o caminho — sua avó exclamou. — Venha entreter lady Ophelia Southwold e sua amiga, a senhorita Bicknell. Conhece lady Ophelia?

— Sim — ele murmurou relutante, dando-lhe uma rápida olhada.

— James e eu somos velhos conhecidos — ela ronronou.

A senhorita Bicknell não disse nada. Ela estava ocupada demais lutando com o pug, que tinha atracado a bainha de seu vestido e sacudia como se fosse um coelho morto.

A bandeja de chá o forçou a retroceder pelo tapete até que a parte de trás de seus joelhos colidiram com uma poltrona. Ele

sentou com brusquidão e o cheiro forte de perfume floral entranhou desagradavelmente em sua garganta. — Eu não sabia que estava no campo, lady Ophelia — ele conseguiu dizer retraído, mentindo descaradamente.

— Foi uma viagem feita no último minuto. — Ela também mentiu, é claro. Ela piscava os cílios sem parar e o sorriso treinado nunca deixava seu rosto. — Londres é muito cinza e cansativa nesta época do ano. Decidi visitar a senhorita Bicknell, minha antiga governanta. Imagine minha surpresa quando vim procurar lady Hartley, nesta manhã, e ouvi dizer que você também estava no campo.

James sabia que a viagem dela a Morecroft não tinha nada a ver com a senhorita Bicknell, cuja residência na cidade servia apenas como desculpa. Ele desconfiava que a senhorita Bicknell também soubesse disso, pois a mulher mais velha lançou um olhar de esguelha à antiga patroa, depois retomou a luta com o pug mal-humorado.

O silêncio que veio a seguir foi bruscamente rompido por sua avó. — Convidei lady Ophelia para jantar conosco esta noite.

Quando James olhou-a fulminantemente, ela fingiu tossir em um lenço de renda e as duas damas expressaram uma preocupação elegante por sua saúde.

— Não é nada — resfolegou sua avó, passando o lenço nos lábios sem conseguir tirar a cor vermelha que havia neles. — A surpresa da chegada do meu neto, à meia-noite, atacou um bocado os meus nervos, só isso. Eu não o esperava até o final do mês. Em minha idade, surpresas desse tipo podem ser muito estressantes. No entanto, agora, aqui está você Ophelia, talvez você possa entreter meu neto para mim, mantê-lo fora de encrencas e me poupar dessa tarefa.

James não disse nada. Lady Ophelia observou-o com uma expressão presunçosa e vencedora. O segundo silêncio pesado só

foi interrompido pelo som rasgado, quando o pug de sua avó conseguiu arrancar um pedaço do vestido da senhorita Bicknell.

Ele não conseguia pensar como, algum dia, divertia-se com mulheres do tipo de Ophelia. James imaginava que *deveria* gostar de sua companhia, mas nunca foi satisfatória e ele ficava com uma sensação de vazio e frustração. Ele olhou os petiscos cuidadosamente arrumados na bandeja de porcelana da avó e percebeu que Ophelia era muito parecida com as iguarias. Só decoração, nada de substancial. Depois que ele mordida, sabia que o gosto não seria mais atraente que serragem. Agora a única iguaria de seu gosto era a senhorita Ellie Vyne, e isso estava ficando mais evidente a cada hora, pois esperar tantas horas sem petiscar estava fora de questão.



Depois do almoço, Ellie foi com a tia e lady Mercy procurar alguns presentes natalinos de última hora na única loja de Sydney Dovedale — a Hodson's, um empório de deleites pelo qual não se podia passar sem entrar. Quando criança, Ellie passava horas ali examinando as inúmeras prateleiras e vitrines envidraçadas com seus trocados ficando suados na mão. A janela em arco dava para a principal via pública da vila e o próprio senhor Hodson se certificava de que ninguém passasse sem trocar algumas palavras com ele. Ele podia ser encontrado a qualquer hora, varrendo os degraus da frente e polindo o batedor de bronze na porta, olhando por cima do ombro diante do primeiro som de um possível cliente que se aproximasse.

Hoje, ao ver as três mulheres vindo em sua direção, ele quase caiu por cima da vassoura de tanta pressa para acompanhá-las para dentro. Ellie ficou sabendo que ele tivera uma experiência com lady Mercy e seus hábitos de gastos em uma visita no dia

anterior. Enquanto lady Mercy mantinha Hodson ocupado desenrolando as fitas para sua apreciação, Ellie e a tia perambulavam mais para dentro da loja. Havia alguns outros clientes, mas como Ellie não tinha notado muito — sua atenção estava em um par de luvas de pelica — a chegada repentina de Jane Osborne junto ao seu ombro foi um susto.

— Senhorita Vyne, veja só, que bom vê-la aqui nesta época do ano — exclamou a jovem dentuça.

— Senhorita Osborne — respondeu ela ainda admirando as luvas. — Você não estava na festa dos Kane ontem à noite.

— Minha nossa, não! Não me associo a gente como eles.

— Ah, é?

— Eu disse ao meu pai que ele não deveria ir. Mas ele nunca liga para nosso status na sociedade.

— Os Kane são gente muito boa.

— Mas não são nosso tipo de gente.

— O que quer dizer com isso?

— Ora, vamos, senhorita Vyne. Lazarus Kane é um homem comum, sem estirpe. Sophie Valentine decaiu consideravelmente ao se casar com ele. — Jane abaixou ligeiramente o tom de voz. — Atrevo-me a dizer que ela frequentemente se arrepende agora, pois isso a cortou totalmente da boa sociedade, mas só pode culpar a si mesma.

Ellie sabia que Jane Osborne já quisera o marido de Sophie para si. A inveja era um sentimento terrível e podia transformar qualquer mulher em uma idiota. Ela própria devia saber. — Os Kane parecem muito felizes — respondeu com a voz sucinta.

Como a senhorita Osborne não tinha interesse na felicidade de ninguém, exceto na sua, ela rapidamente mudou o assunto para outra direção. — Regressei recentemente de Bath, sabia?

— Minha tia mencionou alguma coisa.

— Pretendo voltar na primavera. A diversão é muito superior lá, é claro, e a moda está muito à frente de qualquer coisa daqui.

Tem gente que diz que Bath já não é a atração que foi um dia, mas discordo inteiramente. Imagino que vá frequentemente a Bath, senhorita Vyne.

— Frequentemente, não.

— Ainda agora eu estava falando com o conde sobre Bath. Conhece o conde de Bonneville, senhorita Vyne? Ele me disse que vocês já se conheceram.

Ela quase deixou cair as luvas que estava olhando.

Um homem se aproximou quando Jane Osborne gesticulou chamando, enquanto alegremente papeava contando tê-lo conhecido em Bath, e depois de esbarrar com ele em Morecroft no dia anterior. Ellie olhava e o homem encarava de volta com um par de astutos olhos escuros. Ele se curvou. — Mademoiselle Vyne.

Ela não conseguia pensar em uma única palavra a dizer. O conde de Bonneville — um personagem que ela sabia ser apenas invenção — estava em pé, diante dela, com sua antiga peruca branca e um traje que, apesar de sua postura orgulhosa, tivera dias melhores. Havia uma linha pendurada em seu casaco de onde devia ter caído um botão. Jane Osborne, nunca uma pessoa muito observadora, aparentemente não notou o botão que faltava. A mulher estava claramente admirada com seu novo amigo aristocrata e ávida para exibi-lo como um troféu, ganho na feira rural, pela melhor geleia caseira.

— O conde vai jantar comigo e com o papai nesta noite. Talvez queira nos acompanhar, senhorita Vyne?

— Desculpe... não. Vou jantar em Morecroft com os Hartley.

— Mas que pena — entoou o “conde”, sério, com um sotaque francês pesado. — Vou torcer para vê-la novamente enquanto estou no campo, mademoiselle Vyne.

Ela abaixou o olhar até onde Jane Osborne deu o braço ao homem. — Sim — Ellie murmurou, sem jeito. — Tenho certeza de que nos encontraremos novamente.

Ele deu um sorriso malicioso. — Não tenho dúvidas.

O medo acelerou seu coração e sacudiu seu pulso até voltar a bater. Quem quer que fosse esse homem, só podia ser problema. Seus olhos não piscaram uma única vez enquanto olhavam seu rosto. Ele parecia se divertir com seu estado petrificado — quase se deleitar com isso.

Ela recorreu à sua famosa coragem arrancando-a de dentro, contendo as lágrimas pela irritação do choque súbito de ter ficado cara a cara com a criação de faz de conta. Um homem que poderia expor suas façanhas passadas e arruinar qualquer chance que ela pudesse ter de deixar tudo para trás.

O estranho casal logo deixou a loja e sua tia sussurrou: — Ele deve ter idade suficiente para ser pai dela.

— Há quanto tempo ela conhece esse homem?

— Desde que estive em Bath, parece. Se bem que, por tudo que seu pai me contou, parece que o sujeito nunca manteve contato. Acho que ela o reencontrou por acidente em Morecroft e ele não teve como escapar. — Tia Lizzie suspirou, sacudindo a cabeça. — Para um conde, ele usa calçados bem sujos.

— Receio que ele não seja o homem que finge ser.

— Você conhece o conde?

Ellie observou através da janela em arco enquanto eles atravessavam a rua. — Eu conheço um conde de Bonneville, mas não é a mesma pessoa.

— Você tem certeza? Minha nossa! Espero que ele não engane a pobre Jane por algum motivo maldoso.

— Eu avisaria o fazendeiro Osborne para que ficasse atento a esse cavalheiro, tia Lizzie. — Era preocupante ouvir que o impostor ia jantar com os Osborne naquela noite. Mesmo que, como sua tia mencionou, ele tivesse tentado fugir de maiores envolvimento com Jane, agora ele estava pronto para se entrosar. O fazendeiro Osborne vivia de forma bastante confortável, Jane era sua única filha e o sujeito generoso não julgara necessário alienar seu patrimônio pelo bem de algum parente distante. Todos sabiam

que ele mimava Jane. A probabilidade de que isso a transformasse em alvo de caçadores de fortuna parecia mínima à luz de sua antipatia e irritabilidade, que podiam transformar o maior galanteio em um bloco de gelo, mas também por seu próprio senso de superioridade.

Agora ela encontrara alguém que a aturava e um homem a quem ela julgava digno. Certamente era uma combinação improvável.

— Ai, meu Deus! Ela é uma menina muito teimosa — disse tia Lizzie. — Seu pai tem muita dificuldade. Temo que ela não dê a menor atenção aos seus alertas.

Passos pesados fizeram ranger as tábuas corridas do piso da loja, e o tom nada suave da senhora Flick ecoou ruidosamente. — Achei que a garota Osborne tinha encontrado um daqueles criados particulares. Mas, aparentemente, ele é um conde francês. Eu sempre soube que seu pai estava desesperado para se livrar dela, mas logo um francês! E ele é muito mal-educado. Nem segurou a porta para mim. Eu podia jurar que ele estava cheirando a conhaque. Disseram-me que ele é seu conhecido, mocinha. — Ela olhou Ellie de cima a baixo e disse: — Sydney Dovedale vai virar de ponta-cabeça antes que o ano termine. Com todo esse pessoal vindo para cá, espalhando essas ideias estranhas. Trazendo seus amigos estrangeiros desagradáveis e criados particulares.

Naturalmente, era culpa de Ellie; sua presença ali causou confusão na vila tranquila.

— Acho que descobrirá, querida senhora Flick, que havia muitas coisas estranhas se passando por trás de cortinas de Sydney Dovedale muito antes que eu voltasse.

A mulher fungou e seus ombros engomados estalaram. — E por trás das cortinas é onde devem continuar. Não no meio da rua, para que todos vejam.

Ela ficou olhando a senhora Flick sair andando pela loja. Talvez essa velha ranheta estivesse certa — talvez fosse melhor

manter as coisas escondidas e fingir que elas não existem. Ao expor esse “conde” como impostor, arriscaria expor-se também. Contudo, não fazer nada deixava Jane Osborne à mercê dos motivos do “conde”, que não podiam ser bons nem amigáveis, e possivelmente causariam grandes problemas ao fazendeiro Osborne e também à adorada tia de Ellie.

A voz afiada do senhor Hodson irrompeu em seus pensamentos. — Tem a intenção de comprar as luvas, senhorita Vyne?

Ela rapidamente devolveu as belas luvas, e ele as colocou fora de alcance, na vitrine envidraçada, onde suas mãos indignas não podiam mais remexer nelas com tanto anseio.

Capítulo 20



QUANDO VOLTARAM PARA A casinha, dois recados as aguardavam. O primeiro era para lady Mercy, cujo irmão, o conde de Everscham, tinha chegado a Morecroft, nada feliz em ser arrancado de seus prazeres em outros lugares. Segundo o bilhete, ele esperava a irmã na residência Hartley naquela noite. Claro que ele nem consideraria visitar uma casinha em Sydney Dovedale para pegar a irmã caçula. Ele preferia o ambiente mais opulento da residência Hartley.

Ellie já decidira que não gostava muito do irmão de lady Mercy. O restante da vila era da mesma opinião, principalmente desde que lady Mercy contou a todos da festa de ontem que o irmão mais velho batia nela com seu sapato sempre que tinha chance. Isso não combinava muito com o que a mocinha dissera anteriormente sobre o irmão, mas Ellie agora estava com humor para culpar todos os homens por alguma coisa. Ela se recusava a pensar no que a deixara nesse humor briguento e oscilante. Como sempre, ela dirigia sua raiva para todas as direções buscando um culpado que não fosse ela.

O segundo bilhete era para ela.

— O que é? — Lady Mercy queria saber, pulando nas pontas dos pés para tentar ler a única frase que estava escrita no papel.

Ellie rapidamente o guardou no bolso.

— Mas Ellie, você não pode sair de novo — exclamou a tia vendo que ela estava deixando os pacotes e seguia para a porta, ainda de touca e casaco. — Começou a nevar.

— Não vou demorar, tia Lizzie. Só tem mais uma coisa de que eu me esqueci.

Ela atravessou o campo apressada, esquivando-se dos cisnes e dos gansos. Flocos de neve preenchiam o ar. Como penas de ganso em uma briga de travesseiros, levavam um bom tempo até cair e eram leves demais para fazer uma camada no chão. Ao passar pelo portão da igreja, um pássaro voou acima de sua cabeça, assustando-a. Ela estava nervosa demais. Assim não dava. Não fazia sentido encarar esse homem, quem quer que ele fosse, mostrando medo. Ele claramente estava mal-intencionado e ela precisava ser cautelosa em sua abordagem, sem demonstrar fraqueza.

Seus dedos estavam congelados. Novamente, ela deixara as luvas depois que as tirou antes de abrir os bilhetes. Ela caminhava mais depressa, virou a esquina da igreja e o viu ali, recostado em uma lápide. O impostor.

— Ah, que bom que você veio, minha querida. Fiquei com receio de que você talvez ignorasse meu bilhete. — Nem sinal de sotaque francês agora, mas um tom presunçoso pontuado por outra coisa. Uma voz raramente capaz de muitas identidades. — Pedi à moça da taberna para escrever o bilhete para mim. E me cobrou um centavo, a pão-dura.

— O que quer de mim, senhor?

Os lábios dele se abriram em um sorriso largo. — Já faz tempo que tento pegá-la sozinha, mas alguém sempre atrapalha.

Ellie bufou rapidamente e o ar gélido fez uma nuvem ao redor de sua boca. — Novamente, senhor, quem é o senhor e o que quer de mim?

Ele passou a língua nos lábios secos. — Meu nome é Josiah Jankyn, minha querida. E achei que já era hora de nos

conhecermos.

Ela não conseguia respirar, como se subitamente seu corpete estivesse apertado demais. Sentia-se leve, tonta.

As palavras dele saíram calmamente como se alheias ao tumulto que causaram. Ou, pelo menos, como se ele não ligasse.

— Eu sou seu pai.



James deixou Morecroft pouco antes de começar a nevar e como estava com a cabeça em outras questões nem deu atenção ao clima, mas conduzia sua carruagem aberta pela estrada como se fosse um dia de verão. Somente quando passou por carruagens de alguns fazendeiros e todos o olharam de forma estranha, ele percebeu que foi tolice escolher um veículo aberto para seguir pela estrada em dezembro. Até chegar a Sydney Dovedale, seu rosto estava congelado, bem como seus pés e as pontas de seus dedos.

Então a neve começou a cair. Os galhos nus ficaram cobertos de branco e tudo pareceu parar no campo. O ritmo dos cascos dos cavalos passou a ser uma suave cantiga. A distância, viam-se filetes de fumaça cinza saindo das chaminés das casinhas e lá estava a torre da igreja, com a neve colada à face do relógio. Quase chegando e na expectativa de ver Ellie Vyne, ele já se sentia mais aquecido.



Naturalmente, sua primeira sensação foi descrença. — Meu pai está morto, senhor. Ele morreu antes que eu nascesse.

— Receio que não, querida. Aqui estou eu. Como você pode ver, com seus próprios olhos. Em carne e osso. Vivinho da Silva.

Com os dedos enlaçados em uma vã tentativa de mantê-los aquecidos, ela olhava o homem à sua frente. Ele tinha cinquenta e poucos anos, era alto, rústico, meio acabado. Havia sinais de ter tido um belo rosto um dia, mas agora estava bem abatido e flácido ao redor da boca. Seus olhos eram bem escuros e seu olhar sondava profundamente. A neve se acumulava em sua peruca até que ele a tirou e sacudiu. Por baixo, os cabelos eram castanhos, ligeiramente grisalhos.

— Era você — ela gaguejou. — Você anda me seguindo há meses. — Um fantasma, certamente era o que ele era. Uma aparição.

— Ah, sim. — Ele sugou por entre os dentes fazendo o chiado. — No instante em que a vi, reconheci que você era a garota da minha Jenny. Você é praticamente a imagem dela. Depois eu a vi usando essas pérolas que ela roubou de mim.

Os flocos de neve colavam na borda de sua touca e nos cadarços lilases sob seu queixo. — Eu não entendo. Quem é Jenny?

Ele se aproximou sobre a grama esbranquiçada. — Jenny era minha esposa. Minha parceira de crime. Minha linda pombinha. — Então seu sorriso sumiu. — Até fugir e me abandonar. Decidiu que podia se dar melhor. Partiu com uma caixa cheia de joias, subiu em um barco que acabou afundando. — Ele parou e, como Ellie não disse nada, acrescentou: — Ela era sua mãe, querida.

— Minha... minha mãe? Mas seu nome era Catherine. Ela era viúva...

— Sim, ouvi essa história de conto de fadas. Pobre viúva resgatada de uma tempestade ao mar pelo almirante Vyne, casou-se e se estabeleceu como uma dama apropriada. Teve alguns bebês. Teve uma vida de mentiras enquanto seu verdadeiro marido acha que ela se afogou. — Ele estalou os dedos grossos e calejados a centímetros do rosto dela. — Morta. A assanhada ingrata. Durante anos achei que ela estivesse morta. — Ele virou

e contornou a lápide com as mãos para trás. — Então um dia, lá estou eu em Jamaica, sentado em uma taberna perto das docas passando por alguns bolsos desatentos esperando meu barco partir, e o que vejo na parede, bem acima de todas as garrafas de rum, cobrindo um buraco na massa? — Ele olhou novamente para ela por cima do ombro coberto de neve. — Adivinhe, Mariella, minha garota. O que vejo?

Ela não conseguia pensar. Suas mãos estavam dormentes de frio bem como sua mente.

— Minha Jenny em uma pintura. Grande como a vida. Eu não poderia me esquecer daqueles olhos, não é? E você também os tem, minha querida.

Agora Ellie fechava os olhos para protegê-los do dedo dele que apontava, acusador. — Então fui perguntar ao proprietário do local — um inglês exilado — e ele me contou a história da adorada viúva chamada Catherine. Salva no mar e agora sua cunhada. Casada com ninguém menos que o almirante Vyne e que curtiá pelo interior, bancando a dama fina que ela não é.

Então ele estava falando do retrato pintado que sua tia deu ao tio Grae quando ele deixou a Inglaterra, em desgraça.

— Foi daí que soube que ela me enganara, não é? Decidi vir até aqui e pegar a safada de volta. Mas quando cheguei, ela estava morta. De novo. — Ele deu uma risada fria. — Dessa vez fui olhar o túmulo, para ter certeza.

Ela reabriu os olhos e olhou para ele. Agora ela sabia que ele era de carne e osso, não tinha nada de fantasma. O pai que ela achou que estivesse morto todos esses anos estava ali, à sua frente.

Josiah se endireitou, as mãos rudes arrumaram as lapelas do casaco. — A esposa do vigário me mostrou o túmulo. *E o que diz*, eu perguntei a ela, e ela me disse. — Ele elevou a voz, com um tom arrogante. — *Aqui jaz Catherine Vanderlilly Vyne, esposa e mãe dedicada.* Catherine, pois sim. Que nada! Jenny Jankyn é que jaz aqui. Piranha traidora. Era isso que a lápide deveria dizer.

— Não fale assim da minha mãe!

— É o que ela era, minha querida. É melhor você enfrentar a verdade.

Independentemente do que sua mãe tivesse sido um dia, ela tentou mudar sua vida não somente por ela mesma, mas pelo filho que sabia que carregava. Quando naufragou, ela deve ter visto a oportunidade de se reinventar e agarrou a chance de redenção. Ellie sabia como era o desejo de paz.

Seu olhar desviou à direita e capturou a senhora Flick passando do outro lado do muro da igreja. A velha enxerida não podia ouvir a conversa, mas encarava abertamente, notando cada detalhe. Josiah Jankyn acenou cumprimentando-a, e a senhora Flick caminhou apressada.

— Curioso esse pessoal de Sydney Dovedale, hein? — Ele fungou e limpou o nariz na manga. — Esse é o problema com vilas desse tamanho. Logo terão algo para falar, não é?

— Terão?

— Quando você anunciar o regresso de seu pai, há tanto tempo perdido, voltando bem na hora — ele sorriu — de entrar com você na igreja. — Um vento repentino soprou um punhado de neve dos galhos acima, e, por um momento, ele desapareceu de sua visão, ocultado pelo branco. Entretanto, ele ainda estava ali. — A menos, é claro, que você prefira que não. Posso compreender como isso pode ser, minha querida. Um velho trapaceiro como eu como seu pai... e o fato de que sua mãe era uma ladra, mentirosa e piranha. — Ele coçou o queixo com o olhar fixo no rosto dela. Então ele acrescentou lenta e cuidadosamente: — Sua mãe ainda era casada comigo quando aceitou o almirante como marido.

Os flocos de neve foram diminuindo e ela viu o dedo enluvado sobre seus lábios finos.

— Isso não parece muito dentro da lei, não acha, Mariella, casar-se com dois homens ao mesmo tempo?

Ela tentou engolir, mas sua língua tinha inchado e sua garganta estava seca.

— Acho que chamam isso de *bigamia*. Não é assim que chamam? Isso torna aquelas suas irmãs bacanas... ah... qual é mesmo a palavra? *Bastardas*. — Ele cuspiu a palavra, meio rindo. — É, isso mesmo. — Aquelas suas irmãs pretensiosas e bacanas estão prestes a descobrir que são filhas bastardas de uma prostituta mentirosa e ladra. Não vai pegar muito bem para elas, não é?

Assim, lentamente, ele foi revelando o tamanho do estrago que ele podia causar às pessoas com quem ela se importava e de quem cuidou por tantos anos. Todo seu trabalho duro para fazer com que as meias-irmãs se casassem bem para nada, se esse homem soltasse essa notícia em cima delas. Ela talvez sobrevivesse ao escândalo — talvez —, mas seu padrasto e as irmãs jamais conseguiriam. E James?

Como se lesse seus pensamentos, Josiah prosseguiu: — Bem, minha querida, aqui está você prestes a se casar com aquele cara rico. O que ele dirá, eu me pergunto, se descobrir que sou seu sogro? Será que a avó dele vai me dar as boas-vindas à residência Hartley de braços abertos? — Ele riu. — Não. Melhor eu ficar fora de vista. Você vai ficar com vergonha do seu velho pai.

Subitamente, ela voltou a ver os rostos daquelas mulheres da festa de lady Clegg-Foster debochando dela enquanto ela tentava se esconder atrás do vaso da palmeira, com glacê no traseiro, e depois James vindo salvá-la. Desta vez, ele não poderia salvá-la.

— Espero que esse pessoal fino nunca descubra esses truques que você andou aplicando, minha querida. Correndo por aí de calças masculinas, aproveitando-se de alguns sujeitos ricos que não conseguem controlar a bebida. Roubando nas cartas, até jogando em clubes onde damas não são permitidas. Você é o bom e velho *conde*. — Ele esfregou as mãos sem luvas. — Talvez agora, que estamos reunidos enquanto estou aqui no interior, você encontre o caminho livre para ajudar seu velho pai.

— Imagino que esteja se referindo financeiramente, senhor.

— Nossa, como fala chique, hein? Estou vendo que o almirante a criou para ser uma dama. Isso até me deixa com lágrimas nos olhos, Mariella. É, financeiramente. E não aperte os lábios para mim, minha garota. Você ia preferir que eu fosse para a casa de correção? Só estou pedindo uma pequena ajuda de um parente, minha própria filha querida. Certamente você pode ajudar seu pai com um trocado para comida e abrigo neste clima amargo, não?

— Onde está ficando?

Ele gesticulou com o chapéu. — Lá naquela taberna, perto do campo. O quarto é pequeno e venta, e o telhado quase não abriga da chuva, mas protege. Já fiquei em lugares piores.

Não havia nada a fazer, além de ajudá-lo. Afinal, ela passara anos ajudando sua família adotada e esse homem era de seu sangue. Ela enfiou os dedos gélidos na bolsinha pendurada em seu pulso e entregou-lhe algumas moedas. — Aqui, isso deve ser o suficiente. Não posso imaginar que Merryweather cobre muito por seus quartos. — Ela se recusava a dar mais dinheiro caso ele gastasse com bebida. A última coisa que ela precisava era de um pai bêbado, despejando todos os seus segredos em uma taberna.

Ele olhou para as moedas que ela soltou na palma de sua mão. — Você é uma boa garota, Mariella.

— Isso é tudo que posso lhe dar — ela alertou. — Não tenho muito dinheiro e você certamente sabe disso, já que anda me seguindo.

Seu pai não negou. — É, e quanto à questão financeira, minha garota, espero que me permita guiá-la de agora em diante, pois esse é meu dever de pai.

— Seu dever de pai? Não está um pouquinho tarde para...?

— Eu não ia querer que você colocasse todos os seus ovos em um único cesto, Mariella. E se seu rapaz bacana mudar de ideia? Aquela bruxa velha, a Hartley, ainda pode frear o neto. Agora,

aquela sirigaita da alta, a Ophelia Southwold, veio correndo atrás dele aqui no interior e me atrevo a dizer que ele logo vai se esquecer de você.

Ellie inspirou rapidamente em uma golfada assustada de ar gélido.

— Gente daquele tipo sempre acaba ficando com os seus. Ah, enquanto isso, ele vai se divertir com você, e você, minha garota — ele sacudiu um dedo em seu rosto —, tem de tirar dele o que puder enquanto as coisas ainda estiverem boas. Quando o caldo entornar, no entanto, ele vai largar você para ficar com a riqueza e uma safada que tenha um título. Ele parou e estreitou os olhos para ela. — Não fique triste, garota. Tem sempre outro rico idiota virando a esquina. Você vai se dar bem se ficar de olho nos Shale e, se eu fosse você, ficaria com o velho, já que ele não vai viver muito. Ao contrário do seu senhor Hartley, eles não podem escolher tanto. É sempre bom ter um plano de contingência.

Ela enfiou as mãos trêmulas de volta nos bolsos. — Obrigada pela oferta de me guiar, mas cuidado da minha própria vida. Sempre cuidei.

Ele fungou e fechou as mãos com as moedas. — Entendo. Você se virou bem somente com sua perspicácia, filha. Isso deixa seu velho pai orgulhoso. Filha de peixe, peixinho é. Mas não faria mal nenhum ouvir seu pai agora que ele veio por todo esse caminho para encontrá-la.

Ellie ficou imaginando se ele esperava ser convidado para o chá. Parecia não haver uma etiqueta adequada para lidar com um pai que regressava dos mortos.

Enquanto ela ainda estava pensando nessa situação estranha, ele disse: — Seu senhor Hartley é tão rico quanto um rei pelo que ouvi dizer. Deve ter de sobra para compartilhar.

Ah, não. — Não arranje nenhuma ideia nesse caminho, senhor.

— Só pensei, minha querida.

— Não vou pedir dinheiro a ele — ela respondeu tensa.

— Talvez você preferisse que eu lhe fizesse uma visita e eu mesmo pedisse? Ele está fazendo o que quer com a minha filha. Eu devia ganhar algo por isso. Tenho de recolher o que me é devido.

Ela estava horrorizada. — Não chegue perto dele.

— Chiii. Acho que está com vergonha de mim.

Ellie não disse nada.

— Ah, foi o que pensei, você está com vergonha. Por ter achado seu pai, depois de todos esses anos, e saber que ele não é nada além de um sujeito pobre e sem amigos, que tem de se virar para viver.

— Não. Fico triste, senhor, por conhecer meu pai depois de todos esses anos, e a primeira coisa que ele me pede é dinheiro.

Ele ergueu as pálpebras pesadas com uma expressão pesarosa, agora o sorriso escondido, embora ela desconfiasse que não era por muito tempo. — Sem dinheiro, um homem é obrigado a invadir a propriedade alheia para comer e arrombar casas para ter um lugar aquecido para dormir. Você ia querer isso para seu pai?

Não, ela não ia. E queria isso muito menos aqui, na paz de Sydney Dovedale.

Ele inclinou a cabeça para trás e aspirou o ar sentindo o cheiro da neve que caía. — Eu gosto deste lugar. Talvez fique um tempo.

— Faça como quiser.

Ele olhou para ela e riu. — Já que você vai jantar na residência Hartley esta noite, terá muita oportunidade para pedir ao seu cavalheiro algumas libras para uma roupa nova ou algo assim. Ele não parece que lhe negaria nada, querida. Por enquanto. — Ele estendeu o braço e deu-lhe tapinha com dois dedos no rosto gélido. — Para um sujeito como aquele, uma bolsa de dinheiro nunca faz falta. É meramente uma gota no oceano. E a culpa pelo sumiço de alguns badulaques espalhados pela casa

sempre pode ser colocada nos criados. Eles sem dúvida comem com talheres de prata, nada daqueles pratos Sheffield?

— Senhor, está enganado se acha que eu...

— Ora, ora, Mariella. — Ele riu e se balançou nos calcanhares. Seu velho pai só estava especulando, fazendo um gracejo. Não fique de cara feia. Pense em mim nesta noite, virando-me como posso, enquanto você janta naquela mesa elegante com gente que nem sabe o que fazer com o dinheiro. Mais do que podem precisar.

— Achei que você tivesse sido convidado para jantar com os Osborne.

— Ah, sim. — Ele sacudiu os ombros. — A moça dentuça é herdeira de uma soma considerável pelo que ouvi dizer. Eu não sabia quando a conheci em Bath. — Levando os dedos ásperos ao queixo, ele coçou a barba por fazer, pensativo. — A sorte estava do meu lado quando trombei novamente com ela, não é?

Ellie sacudiu a cabeça. — Eu o aconselho a não buscar a senhorita Jane Osborne na esperança de pôr as mãos na fortuna de seu pai. O fazendeiro Osborne está em ótima saúde e, de qualquer jeito, é provável que ele se case novamente, em breve. — Não havia necessidade de explicar. Ele que pensasse que o bom fazendeiro estava prestes a assumir uma noiva jovem para ter mais herdeiros.

— Boa tarde, senhor — ela acrescentou, apressadamente.

— Um beijinho no rosto de seu pai? É pedir muito?

Ela hesitou. O vento e a neve chicoteavam em volta de seus pés e pareciam entrar em suas botas.

— Você reclamou quando eu lhe pedi dinheiro e empina o nariz para um beijo. Que bela filha, você é.

— Que belo pai, você é.

Em vez de se ofender, como Ellie imaginou, ele pareceu confuso. — Parece que nós dois precisamos de tempo para nos acostumarmos à ideia.

Mostrando a expressão mais calma que pôde, Ellie se ergueu na ponta dos pés e beijou seu rosto rude. — Assim é melhor. — Os olhos dele brilharam. — Bem, estarei lá às nove da manhã, filha querida, se quiser me ver e me trazer um pouquinho de café da manhã.

— Tenho certeza de que Merryweather pode lhe dar...

— É, mas é pão duro, pode até quebrar o dente de um homem, e o ensopado que a esposa fez ontem à noite dá até indigestão. Em minha idade, um homem precisa estimar seu interior.

Ela revirou os olhos. — Muito bem. Vou levar o que puder.

— Boa garota. Agora vá e fique bem bonita para seu cavalheiro elegante, e enquanto ainda tem o interesse dele, se puder encontrar o caminho de seus bolsos...

Ellie fez uma cara feia.

— Brincadeira, Mariella! Como você é séria, igual à sua mãe.

Ninguém jamais lhe dissera que ela era séria demais. Contudo, Ellie finalmente se via em uma situação que não melhoraria rindo.



James ficou olhando em meio à neve. Agora caía mais forte, com flocos mais gordos. Ele estava quase cego por ela. Preferia estar.

Ele fez seus cavalos pararem no instante em que reconheceu as fitas lilases da touca de Ellie. O que ela estava fazendo em pé no cemitério, nesse tempo, falando com um homem? A neve que caía tinha abafado o som dos cavalos e ele parou a uma distância suficiente que ela não notaria. Enquanto ele a observava conversando intimamente com o conde, depois beijando o homem no rosto, ele sentiu seu humor feliz rapidamente sumindo até virar pó.



Ela correu para a casinha da tia de cabeça baixa contra a neve, o olhar lacrimoso voltado para baixo, enquanto o chão voava sob suas botas.

Seu pai estava vivo.

Parte dela queria comemorar o fato de que tinha um parente de sangue. Parecia apenas natural que ela sentisse alguma alegria. No entanto, que prazer ela poderia ter com esse desfecho dos acontecimentos? Ele só viera procurá-la quando achou que podia usá-la para tirar vantagem. Deve tê-la seguido durante meses, visto o que ela fez como conde, depois decidiu que ele deveria ter a sua cota.

Se James soubesse ficaria horrorizado e se distanciaria dela assim que possível. Ellie não sabia como tivera sua atenção por tanto tempo, pois ele estava acostumado à companhia de damas finas, com modos elegantes — moças que não corriam atrás dele pelas estradas rurais se exibindo, lançando a discrição e o orgulho ao vento.



A estrada nevada passava depressa sob as patas dos cavalos. Ele tinha viajado todo esse trajeto para surpreendê-la e ele é que foi surpreendido. Sua intenção era voltar com ela para Morecroft para o jantar, mas agora ele sabia que precisava de tempo para controlar seu temperamento. Mandaria a carruagem buscá-la e esperaria por ela em seu próprio território. Desta vez, ela que viesse até ele.

Traidora! Sirigaita! Será que todas as palavras que saíram de seus lábios eram mentira?

E pensar que ele tinha começado a confiar nela, começado a imaginar...

Ele viu o menino bem na hora. Os cavalos desviaram e a roda subiu na margem nevada.

— Ei! Moço, olhe por onde anda!

Rafe Adamson tinha atravessado a estrada correndo, segurando um pato morto, meio escondido embaixo do casaco.

James xingou. Suas mãos estavam tremendo. — Você que tem de olhar por onde anda, garoto! Eu quase o atropeliei. — Ele puxou as rédeas dos cavalos freando a carruagem e manobrando de volta à estrada. — Mas que droga, garoto! Você poderia estar morto. — Essas palavras ecoaram em sua cabeça dolorida, estilhaçando ainda mais os seus nervos.

— Bem, eu não estou, não é? — O garoto respondeu alegremente, olhando para cima, por baixo da franja nevada. — Não precisa ficar todo nervoso. — Ele orgulhosamente exibiu a ave morta embaixo do casaco. — Olha o que eu tenho, moço.

James engoliu seco e sua fúria foi lentamente passando. O menino estava certo. Ele não estava morto, estava? Estava vivo, com o sangue correndo nas veias. James que lhe dera essa vida.

— Você roubou esse pássaro, Rafe Adamson?

— Não! Claro que não. *Me deram*, tudo direitinho.

Ele não acreditou em uma palavra. — Está indo para casa?

O garoto assentiu.

— Posso levá-lo até o portão da fazenda. Quer uma carona?

O garoto assentiu novamente, mais ávido. Seus olhos brilhavam com uma admiração explícita pela carruagem e por seus belos cavalos. James se curvou, oferecendo-lhe a mão. O garoto jogou o pássaro morto no colo de James antes de subir na roda e pular, empolgado, no banco ao lado dele.

— Ah, vai! — O garoto sorriu abertamente, de um modo encantador. — Dê um pouquinho de alegria a um menino pobre, não custa nada.

Ele sacudiu a cabeça e passou as rédeas ao garoto. — Mas vá com cuidado, não...

Eles saíram a toda velocidade, sacudindo pela estrada nevada, e James foi obrigado a se segurar. Pelo menos isso lhe deu algo para parar de pensar em Ellie Vyne e seu amante anterior.

O menino estava rindo, com a cabeça para trás, e seus impressionantes olhos azuis refletiam um deleite puro e descomplicado. Suas bochechas estavam vermelhas por conta do vento frio, mas ele nem ligava.

Exatamente como James fora um dia percorrendo essas mesmas estradas.

O riso de Rafe era contagiante e logo James estava rindo também, até gritando para que o condutor negligente tivesse cuidado.

O destino lhe dera uma segunda chance com esse menino; talvez ele pudesse dar a Ellie o mesmo. Ele percebeu que não deveria ter saído correndo daquele jeito sem dar a ela uma chance de se explicar. No entanto, ele a veria esta noite, no jantar. Não ficaria zangado e grosseiro. Nada disso. Seria civilizado e bem calmo. Deixaria a maliciosa malvada e ingrata inventar suas desculpas. Se ela conseguisse.



O mordomo lhe trouxe um copo de conhaque, atravessando o tapete com sua graça habitual, equilibrando a bandejinha de prata em uma das mãos.

— Achei que precisaria, senhor. O clima lá fora está assustador.

— Sim, obrigado, Grieves. — Ele pegou o copo enquanto se amuava em uma poltrona ao lado da lareira, ainda vestindo o casaco. Seus nervos certamente ficaram chocados — primeiro, com a visão daquele salafrário do Bonneville com Ellie, depois pelo trajeto na carruagem, desafiando a morte com seu filho.

— Saiu com muita pressa essa tarde, senhor. Espero que não tenha sido uma missão desagradável.

Essa era a forma de Grieves perguntar onde ele estivera, é claro, enquanto matinha a distância cortês esperada. James se retraiu. — Fui a Sydney Dovedale.

— Entendo, senhor. Uma empreitada e tanto em uma carruagem aberta. Na neve.

— Hum.

— Algo muito importante deve tê-lo levado a isso.

James tossiu ao engolir o conhaque depressa demais.

Ele rapidamente concluiu que era culpa dela. Ellie Vyne o deixara tão atado aos cadarços lilases de seu corpete que ele se sentia pressionado ao tomar uma decisão prática. Dessa forma, saiu correndo para vê-la sem pensar no próprio conforto.

Grieves prendeu a bandejinha de prata embaixo do braço, mas, em vez de se afastar, ele continuou em pé ao lado da poltrona de James.

— Você está rodeando, Grieves. Há algo que queira dizer?

O mordomo limpou a garganta. — Sim, senhor. Se me permite.

Cauteloso, James acenou a mão. — Prossiga. — Era melhor acabar logo com isso, pensou ele. Provavelmente algum sermão sobre ele ter arriscado a saúde cavalgando na neve por uma maldita mulher.

No entanto, Grieves subitamente disse: — Quando eu trabalhava para o meu empregador anterior, o conde de Leighton, a condessa deu a todos os criados um dia de folga e uma viagem ao mar para comemorar nossa vitória na Batalha de Waterloo.

Estava um dia nublado e eu, por ter sido alertado quanto à areia em meus sapatos, fiquei na calçada.

James quase não estava ouvindo, sentindo pena de si mesmo. — Hum.

— Havia uma camareira chamada Hetty. Eu tinha muita afeição por ela, mas não se podia fazer nada a respeito. A condessa era terminantemente contra romances entre empregados e estava certa, claro.

Ele viu uma mecha de cabelos grisalhos do mordomo ficar de pé por causa do vento.

— Querida Hetty — disse Grieves. — Tinha os olhos azuis mais lindos. Usava uma touca com flores azuis naquele dia, perto do mar, e eu... — ele parou, com o rosto vermelho. — Eu tirei uma flor da touca para guardar dentro das páginas da minha bíblia.

— Acho difícil acreditar que você tenha sido capaz de uma vilania dessas, Grieves.

— Eu era jovem naquela época, senhor, e impulsivo. E adorava a cor azul.

— Eu realmente espero que você vá ao ponto, Grieves. Se tiver um. Ou acabei de desperdiçar momentos preciosos da minha vida?

— A questão é, senhor, que Hetty caminhou pela areia e eu fiquei receoso demais para segui-la, por ter sido alertado do inconveniente de ter areia nos sapatos. Logo depois daquele passeio, Hetty nos deixou para cuidar de uma tia doente, em Northampton. Febre escarlata, eu creio que era.

— E no que deu a tal Hetty e seus olhos azuis?

— Ela morreu, senhor. Pegou a mesma febre que a tia.

— Ah. — Ele se encolheu. — Lamento.

— Sabe, senhor, acho que a questão é que eu deveria ter aproveitado o momento, aquela chance, e ter caminhado na areia. Nunca sabemos quanto tempo teremos, não é? — O criado ergueu

uma das mãos para alisar a mecha rebelde. — Ainda tenho a flor que tirei da touca de Hetty, mas agora está toda quebradiça. A cor que um dia foi vibrante desbotou. Cedo ou tarde, o tempo nos tira tudo. Mas eu nunca mais senti por outra mulher o que senti naquele dia por Hetty. Foi quase extraordinário. Como se eu soubesse que ela estava destinada a mim, como se eu tivesse reconhecido minha alma gêmea. O amor é algo muito estranho e desafiador, senhor. Fui covarde demais para aceitá-lo pelo que ele é.

James ficou olhando seu copo de conhaque. Amor? Será que ele estava apaixonado por aquela mulher vilã e traidora? Ele se achara apaixonado antes, por Sophie, e olhe no que deu! No entanto, ele queria agradar Ellie e protegê-la. Ele queria fazê-la feliz. Parecia algo tão simples, mas evidentemente ninguém conseguira fazê-lo. Para alguém que ria tanto, ela era triste por dentro. Ele tinha notado isso quando ela sentou-se ao seu lado naquele banquinho, em Brighton, e eles fingiram ser outras pessoas. Ou, talvez, *não* fingiram ser outras pessoas.

— Claro, senhor, eu não tive a intenção de sugerir que o senhor seja capaz de um sentimento como amor — Grieves continuou enquanto dava as costas para sair. — A condessa costumava dizer que o amor era uma fraqueza das classes inferiores. Eu me atrevo a dizer que ela estava certa quanto a isso, tanto quanto em relação às outras coisas, mesmo nas que ela não tinha experiência.

James tamborilou os dedos na curva agradável do copo de conhaque e se pegou pensando em outras curvas agradáveis.

Com tantas criaturas por quem se apaixonar. Essa era sua sorte, que ela tinha de ser maliciosa, selvagem e terrivelmente difícil de capturar.

Capítulo 21



NAQUELA TARDE, ELLIE ESTAVA ansiosa demais para ficar sentada com a tia, por isso subiu cedo para se vestir. Ela flertava com a ideia de ficar doente para fugir do jantar na residência Hartley, mas depois decidiu ser corajosa. Alguém precisava levar lady Mercy de volta ao irmão e ela tinha de enfrentar James corajosamente, sem acanhamento, devolver-lhe os diamantes e dizer que tudo tinha terminado. Não era o tipo de coisa que se pudesse dizer em uma carta. Pelo menos, ela não. Mesmo nos melhores momentos, sua escrita era cheia de borrões e palavras escritas erradas. Ela não podia correr o risco de nenhum mal-entendido. A ligação tinha de ser rompida agora. Tinha sido um jogo divertido enquanto durou. Sim, foi isso. Com riso alegre, ela lhe diria quanto tinha sido divertido.

Não adiantava hesitar, disse ela, repreendendo seriamente o seu reflexo no espelho. James não ia querê-la com Josiah a tiracolo. Enquanto a história por trás de seu nascimento continuasse um mistério intrigante, ela poderia se safar. Ninguém realmente sabia onde era seu lugar, então ela se deslocava livremente entre as classes. Quem teria objeção? Ela fizera sua história de acordo com o lugar onde desejasse estar, o que sua imaginação pudesse criar. Agora, porém, que Josiah Jankyn surgira em sua vida não podia mais haver fantasia.

Molly Robbins tinha feito um trabalho excelente com o melhor vestido forrado de Ellie, costurando a bainha caída e remendando um rasgo no ombro. Apesar disso, Ellie receava não estar nem perto de nobre o bastante para a residência Hartley. Seu estilo de vida transitório e a falta de recursos dificultavam que ela se mantivesse no auge da moda. Suas melhores roupas eram peças que o duque havia comprado há mais de dois anos. Ainda bem que nesta noite ela não estava indo em busca da aprovação de lady Hartley, ela pensou, com tristeza.

— Está adorável, senhorita Vyne — exclamou Molly em pé, atrás dela, já alta o suficiente aos treze anos para olhar por cima do ombro de Ellie.

— Obrigada, Molly. — Contudo, ela estava pronta cedo. E agora? Ela ficaria andando de um lado para o outro, cada vez mais nervosa, suando, indelicadamente. O tempo todo convencendo a si mesma de que não tinha vergonha do próprio pai, não se lamentava por ele ter vindo encontrá-la.

Ah! Os diamantes Hartley. Ela não podia se esquecer deles. Ela não queria mais nada que a prendesse a James, pelo bem dele. Ela se apressou até o baú, ao pé da cama, abriu a tampa quebrada e se ajoelhou para remexer dentro. Bem, onde mesmo ela tinha posto aqueles diamantes, que começaram tudo isso? Eles que tinham começado e agora marcariam o fim de tudo. Aqui, sim, certamente foi aqui que ela os colocou, embaixo do forro rasgado.

Não. Não foi ali.

Ela deslizou a mão de um lado para o outro através do rasgo, mas a echarpe de seda com o conteúdo inestimável tinha sumido.

Entrando em pânico, ela buscava no baú. Os diamantes haviam sumido. Ela os perdera. James ficaria lívido. Ela já podia ouvi-lo culpando-a pela perda. Ou novamente a acusando de ser uma ladra.

Ela sentou nos calcanhares segurando na borda do baú, pensando nas possibilidades. *Agora seja sensata.* Eles tinham de estar

ali, em algum lugar. Quando foi a última vez que ela os vira? Antes de deixar a casa da irmã, em Londres. Desde então, ela não olhara mais nenhuma vez. No entanto, seu baú havia sido arremessado no ar, caído, foi dando trombadas, foi aberto e fechado muitas vezes ao longo dos últimos dias.

Molly Robbins tinha tirado tudo dali de dentro na manhã anterior. Ela devia ter visto os diamantes. Era estranho que não os tivesse mencionado. Será que Molly tinha pegado os diamantes? Não, isso não era possível. Ellie lhe oferecera qualquer coisa que ela quisesse do baú, mas estava se referindo às roupas. A menina entendeu, com certeza. Ela não era nenhuma tola.

— O que foi, senhorita Vyne? — Molly se aproximou, vendo sua aflição evidente. Era muito estranho. Ela precisava perguntar à menina sem parecer estar acusando-a de roubo. Ela fechou a tampa. Ouvia cavalos e a carruagem chegando na estrada, lá fora. A carruagem chegara para buscá-la.

O coração de Ellie não disparou. Ele voou feito um pássaro.

— Molly, quando você olhou as coisas no meu baú, ontem de manhã, viu um lenço rosa de seda amarrado com um nó?

— Não, senhorita Vyne.

— Você tem certeza, Molly? Pense bem, pois havia algo de muito valor naquele lenço.

Molly agora parecia assustada e remexia os dedos na ponta da trança comprida. — Eu... eu não sei... não, eu...

— Molly?

— Ah, senhorita Vyne, eu lamento. Tirei do baú e abri.

Graças a Deus! Pelo menos agora ela sabia onde eles estavam. Então, a menina acrescentou: — Eu os coloquei de volta, onde encontrei. Olhei para eles só um pouquinho, senhorita Vyne.

Nossa, mas como o alívio sumiu depressa!

— Tem certeza de que os colocou de volta, Molly?

— Sim, senhorita Vyne.

— Então por que não estão aqui? — A ansiedade deixava seu tom de voz elevado e irritado. Ela precisava devolver aqueles diamantes para James essa noite. Não podia mais haver ligação — nada que o fizesse segui-la outra vez quando ela partisse. — Você pegou os diamantes? Diga a verdade, Molly Robbins.

Molly se encolheu como se fosse chorar. — Eu os coloquei de volta no baú, no mesmo lugar onde os encontrei. Eu juro.

Lá embaixo, sua tia estava lhe chamando. Ela e lady Mercy.

Ela levantou lentamente. — Agora preciso ir para o jantar. — Terrivelmente atormentada, ela deu outra olhada ao redor do quarto com as mãos na cintura. Ela certamente queria acreditar nos protestos de inocência de Molly, mas não podia pensar em quem mais...

Ou podia?

Agora ela se juntou aos chamados por Mercy Danforth.

Quinze minutos depois, eles ainda estavam gritando o nome dela porque a pequena fugitiva não estava em lugar nenhum na casa.



Um grupo de busca foi rapidamente organizado, mas estava fazendo uma noite gélida, a lua era um filete prateado e, como nevava e parava ao longo do dia, uma camada branca se instalara sobre as trilhas. Depois de uma hora de buscas com tochas ao redor da vila, nada havia mudado. Até Rafe Adamson, que de cara não havia gostado da menina arrogante, trouxera seu spaniel para ajudar na busca, embora Ellie desconfiasse que ele só estivesse ansioso para se juntar à atividade sem ligar muito se a menina mimada fosse encontrada. Ele solenemente proclamou a Molly Robbins era bem possível que sua nova amiga estivesse morta em alguma valeta, com raposas mastigando seus ossos nobres.

— Seu irmão, o conde, tem de saber, Ellie — exclamou tia Lizzie. — Ele deve vir para cá e ajudar a encontrar a irmã.

Ellie tinha esperanças de que a menina pudesse ser encontrada antes que o conde sequer soubesse que ela sumira outra vez, mas percebeu que sua tia tinha razão. Sem querer adiar sua própria busca, ela mandou Molly Robbins para Morecroft na carruagem de James.



— Eu lhe disse, James, que aquela menina Vyne é frívola. Eu sabia que ela mudaria de ideia. Ela não virá. Não se atreve a mostrar o rosto nesta casa.

Ele checkou novamente o relógio em cima da lareira. Eram quase sete e meia. A essa altura, a carruagem já deveria ter voltado com Ellie, principalmente na velocidade com que Jasper conduzia. Alguma coisa estava errada. Ele próprio deveria ter ido buscá-la. Não deveria ter ido embora com tanta pressa naquela tarde, mas ficou estupefato, paralisado de ciúme quando a viu com o conde no pátio da igreja. Ele não tinha lidado muito bem com aquilo. Durante aqueles instantes horrendos, ele tinha visto uma mulher sendo-lhe tirada, abandonando-o por outro homem, de novo. Exatamente como acontecera com Sophie dois anos antes.

Agora, ali estava ele, esperando, temendo que Ellie não viesse. Talvez sua avó estivesse certa e ele não merecesse confiança para encontrar sua própria mulher. Ou mantê-la.

Um instante depois, eles ouviram a campainha e seus ombros relaxaram ligeiramente.

O conde de Everscham levantou-se, pronto para repreender a irmã travessa por fazê-lo — segundo ele dissera, mais cedo — flunar pela maldita e imunda zona rural, procurando pela garota mimada e vilã ingrata.

O cocheiro acompanhou os convidados para dentro. Eram os Shale. O coração de James quase parou.

Sua avó olhou triunfante. — Cheguei a mencionar que convidei os Shale, James?

— Não, não mencionou.

— Eu queria ter mais gente à mesa e nós precisamos de algumas pessoas de qualidade para conversar com o conde. Ainda bem que os Shale estavam por perto.

Lorde Shale nunca tinha visto James em sua verdadeira identidade e, diante da apresentação, a primeira palavra que se formou em seus lábios foi *Smallwick*?

James fingiu não saber do criado de nome curioso, mas nem os Shale nem a avó acreditaram em uma palavra sequer. Felizmente, não houve tempo para discutir a questão, pois Ophelia Southwold e a senhorita Bicknell chegaram naquele momento.

Ophelia imediatamente atravessou a sala em direção a James, reivindicando o que procurava de um modo bem óbvio. Lorde Shale pareceu aliviado.

— Querido James — ela sussurrou —, estou ansiosa para saber de tudo.

— Tudo? — Ele franziu o rosto para ela, perplexo.

Ophelia deu uma rápida olhada nos outros convidados, certificando-se de que estavam todos ocupados em outras conversas, e sussurrou: — Sobre aquele vigarista terrível, o conde de Bonneville. Seu criado, Grieves, explicou que você está em uma missão para rastreá-lo. Fiquei um tanto aflita ao ser trancada naquele quatinho em Barley Mow, mas agora sei que foi para minha própria segurança. Sua busca por aquela tal Vyne é totalmente perdoável, uma vez que era tudo com a finalidade de capturar o conde. Tudo pelo bem do Rei e do País.

Ele virou para dentro o seu xerez e se retraiu com o gosto doce.

— Sua pobre avó — disse ela, com uma risadinha. — Ela realmente acredita nos boatos de seu noivado. É cruel de sua parte não contar a ela esse segredo, mas entendo a necessidade.

James forçou um sorriso.

— Agora estou aqui para cuidar de você. Se ao menos eu pudesse ajudar em sua missão de alguma maneira.

Ele não conseguia mais suportar. A ansiedade de esperar por Ellie tinha deixado seus nervos à flor da pele até que ele perdeu a compostura. — Ophelia, se você quer ajudar com alguma coisa, sugiro que volte para Londres.

Isso a fez parar de rir. As sobrancelhas finas se ergueram com a surpresa que não pôde esconder sob a máscara habitual de indiferença.

— Para seu próprio bem — ele acrescentou rapidamente, não querendo uma briga com ela ali, naquela hora.

A voz de sua avó ecoava como uma campainha através de todas as outras conversas. — Meu neto chegou ontem, inesperadamente, e antes que fosse desejado — ela explicava a lorde Shale. — Ele não deveria vir até a noite de Ano-Novo para o meu baile.

James usou a desculpa de ingressar na conversa para escapar de Ophelia. — Mas eu estava impaciente para vê-la, vovó.

— E eu preciso me forçar a sair do leito, doente, para receber, porque você quis vir mais cedo.

A seguir, a pergunta que lorde Shale fez sobre sua saúde foi recebida com uma resposta dura.

— Bem? Claro que não tenho andado bem — disse a idosa, estrilando. — Em minha idade raramente se está bem. Um fato que jovens como meu neto não conseguem entender.

James observava os Shale atentamente, imaginando qual seria a ligação deles com o conde. — Teve algum sucesso nas corridas este ano, lorde Shale? — perguntou ele assim que a avó parou

para respirar. — Acho ter ouvido que o jovem Trenton sofreu algumas perdas em Newmarket.

Lorde Shale respondeu: — Meu Trenton se envolveu com um grupo rebelde na universidade. Por isso o tirei de lá, para ficar de olho nele. Você sabe como os jovens podem ser tolos quando não têm mais nada para ocupar a mente. O diabo dá trabalho às mãos ociosas. Mas tomara que ele logo esteja fora de problemas. Um homem casado, com outras coisas a pensar.

— Um homem casado? — Perguntou lady Hartley, com uma voz arrastada.

As duas mãos estavam pousadas na manete de prata da bengala quando o conde sorriu para lady Hartley e para a senhorita Bicknell.

Lorde Shale estava radiante. — É hora de ele encontrar uma esposa adequada para me dar meu primeiro neto. Não posso esperar para sempre, como disse a Trenton, ontem. Afinal, cumprir a tarefa com o menor estardalhaço possível é a única coisa esperada dele.

Trenton parecia que ia passar mal e James ouviu os dentes de lady Ophelia batendo em seu copo de xerez à medida que ela dava uma risada maldosa.

Quando a campainha da frente voltou a tocar, pelo menos dois homens naquela sala ficaram profundamente aliviados. James endireitou suas abotoaduras e se preparou para enfrentar essa mulher, e era bom que ela tivesse uma desculpa muito boa para estar atrasada.

Toda essa encrenca em que ela o colocara, fazendo com que ele se apaixonasse por ela.

No entanto, novamente ele ficou decepcionado. O cocheiro acompanhou uma criatura magricela e desgrenhada, com uma capa remendada. Uma sensação agourenta voltou multiplicada por dez.

— Molly! O que aconteceu?

Sua avó sentou-se ereta, levando os óculos de cabo longo até um de seus olhos miúdos. O pug começou a latir.

— Você não é a chata — murmurou Carver Danforthe de forma redundante, olhando fixamente a pobre garota com seu impiedoso olhar cinzento. — A menos que ninguém a tenha alimentado desde que ela fugiu. Onde está ela? O que fez com minha irmãzinha?

Molly inspecionou a sala, temporariamente muda pela grandiosidade e opulência da decoração. James pegou-a pelo braço ossudo e levou-a até o calor da lareira, onde sua avó exigiu saber, perguntando três vezes, sucessivamente, quem era ela. Sua voz se elevava indignada a cada palavra, pois ninguém respondia.

— Diga a ele — disse Molly, assentindo na direção do conde — que a sua irmã sumiu, senhor.



— Quando eu pegar aquela mimada, vou esquentar seu traseiro — murmurou Carver Danforthe olhando fixamente o escuro, lá fora.

— Não deveria fazer isso, senhor.

Perplexo, James olhou para baixo, para a menina ao seu lado. Ela nunca ousara dizer uma palavra além de seu tom de sussurro até agora.

— Não estou surpresa que ela tenha fugido. Pelo que ela me conta, o senhor é um homem cruel e horrendo. Ainda bem que não é meu irmão.

Danforthe fungou em desagrado. — Pelo que estou vendo, ela novamente andou dizendo a todos que bato nela com meu sapato, não foi?

Nada de resposta. Após o rompante destemido, Molly Robbins travou a língua.

— Minha irmã conta mentiras monstruosas puramente por atenção — prosseguiu o conde. — Já estou bem acostumado a ser o vilão das histórias dela. Mas certamente não preciso me explicar a você. Nem a ninguém. Acredite no que quiser e pode pensar mal de mim se preferir, pequena indigente rural.

James viu a menina se retrair, porém ela não mordeu a isca quando ele lhe disse isso. Na verdade, ela foi notavelmente recomposta sentando-se bem ereta, com as mãos no colo, os lábios apertados. No entanto, a reprovação estava estampada em seu rosto de uma forma quase cômica.

— Ela vai aparecer de novo como o tostão furado do provérbio. — Danforthe bocejou e se espreguiçou. — Ela sempre aparece.

— Um dia desses, ela pode não voltar —, disse James.

— Você deveria ficar de olho na sua irmã.

— Você não tem nenhuma irmã, não é Hartley?

— Não.

Danforthe se esparramou em seu assento abrindo as pernas compridas com uma expressão de deboche nos lábios. — Então acho que sei mais que você sobre esse assunto. Vou me reservar ao direito de lidar com ela da forma que escolher.

— E quando ela ficar mais velha será ainda mais problemática. — James talvez não tivesse experiência com irmãs, mas conhecia mulheres difíceis.

— Até lá ela será problema de outro, não é?

Danforthe estava obviamente querendo se livrar da irmã da maneira mais rápida e legal possível. Ele não tinha tempo para ela. Seus dias e noites eram passados em busca de prazer. James sabia que o jovem conde mantinha um grupo próximo de amigos semelhantes — jovens varões com nomes como Skip Skiffingham e Sinjun Rotherspur, o tipo de homem que ele próprio fora um dia, antes que o arrependimento o alcançasse e ele percebesse que a juventude negligente não podia durar para sempre.

— Uma vez que minha irmã esteja seguramente casada e fora do caminho, ela não voltará. Já vai tarde.

James ouviu a menina Robbins inspirando de aversão. Danforthe também deve ter ouvido, pois seus olhos cinzentos se estreitaram, focando o outro lado da carruagem, fixados no rosto dela. Lenta e imponente, ela virou a cabeça para olhar o céu negro pela janela da carruagem. Impressionado, James escondeu um sorriso por trás de sua mão enluvada e fingiu bocejar.

— As pessoas que não conhecem todas as circunstâncias e não as ouviram de lábios imparciais — acrescentou Danforthe — não deveriam ser tão rápidas em julgar os outros.

Outra inspirada — dessa vez uma bufada — saiu dos lábios de Molly, mas agora ela continuou olhando pela janela.

James olhava pelo outro lado, vendo a noite. Ele torcia para que encontrassem Mercy Danforthe inteira. Ela podia ser uma peste, mas ele não conseguia deixar de se sentir responsável por ela ter vindo para o campo. Ele não fizera nada para incentivá-la, porém ela não pareceu precisar de muito incentivo.

Quando a carruagem encostou perto do campo, eles viram vários pontos de tochas procurando pela campina. Danforthe desceu e finalmente pareceu preocupado com a irmã. Ele não tinha se dado conta, como disse a James, em voz baixa, quanta gente estava procurando por ela.

James procurou por Ellie, porém ela não estava em lugar nenhum à vista. Ele viu Rafe com seu cão e se apressou na direção deles.

— Nós vamos achá-la, moço — o garoto gritou. — Vou até a fazenda buscar meu tio. Ele saberá o que fazer.

Afrontado pela sugestão de que Kane talvez soubesse procurar melhor que ele, James estufou o peito e seguiu atrás do menino.

— Não vai querer ficar com a sua roupa fina toda suja, moço — o garoto disparou por cima do ombro quando ouviu que James o seguia.

Ele tinha se esquecido de que ainda estava com a roupa social. Sua avó sempre jantava muito formalmente. — Você viu a senhorita Vyne? — Ele gritou, apertando o passo para se manter no ritmo do cão que seguia pulando, passando o focinho na neve, virando a cabeça de um lado para o outro e abanando o rabo violentamente.

— Ela seguiu pela estrada naquela direção com Bob Robbins rumo ao pátio da igreja. É melhor ficar de olho nela, moço. — Rafe piscou e riu. — Ela também pode sumir.

James virou para seguir na direção que o garoto apontou. Dava para ver a luz adiante — tochas se movendo ao longo da sombra cinza do muro da igreja e sob o portão de lichia. Só podia ser ela.



Apesar do casaco jogado sobre seu melhor vestido, Ellie estava congelando. Ela se arrependia amargamente de ter deixado a casinha sem ter trocado de botas, mas agora não podia voltar correndo para trocá-las. Ela não podia pensar no próprio conforto até que Mercy fosse encontrada, em segurança. A menina tinha sido deixada em sua incumbência e ela fora negligente. Ali estava ela, querendo seu próprio filho e, ainda assim, não conseguia tomar conta de uma criança que lhe fora confiada apenas por um breve tempo.

Bob Robbins estava alguns passos à sua frente. Ele se deslocava rapidamente por entre as lápides, segurando sua tocha ao alto e gritando o nome da menina a pequenos intervalos. A cabeça de Ellie doía. Ela desacelerou, com uma dor do lado. Eles tinham de seguir com mais cuidado, ela pensou. E se Mercy estivesse se escondendo atrás de uma das lápides? Se fizessem barulho demais, ela poderia fugir de novo.

Ou poderia estar caída, ferida, em algum lugar. Havia armadilhas de caçadores clandestinos embaixo das cercas-vivas e em alguns campos. Já houvera acidentes horrendos. Ai, Deus.

Espere... seria ela? Seus olhos identificaram um amontoado escuro junto a uma das lápides cinzentas, mas quando ela seguiu naquela direção, atravessando o pátio da igreja, o montinho subitamente se mexeu, olhou para ela com olhos reluzentes e selvagens e saiu correndo, em suas quatro patas. Uma raposa ou alguma outra criatura. Seu coração quase parou e ela riu nervosamente. Apenas uma raposa.

Bob Robbins e sua tocha seguiam adiante sem ela e Ellie subitamente percebeu quão distante estava dos outros.

Agora, os gritos vinham de longe e um arrepio percorreu sua nuca por baixo da gola do casaco. Enfiando as mãos nas axilas para esquentá-las, ela corajosamente seguiu em frente. Seus olhos se esforçavam para identificar formas em meio às sombras. Ela ralhou consigo mesma por esses ataques de imaginação fértil que deixavam sua pele dos braços pinicando. Realmente, ela pensou, em sua idade, deveria manter isso sob controle e não ser tão molenga. Então ela aumentou o passo, decidida a não temer a escuridão.

— Ellie. — Uma mão pegou seu braço por trás e seu coração veio à garganta.

— James!

O rosto dele era meramente um borrão no escuro. — Voltei com Molly e Carver Danforthe. Ele a puxou um pouquinho mais para perto até que ela pudesse ver o brilho de seus dentes, o contorno de seu nariz e os cílios, onde caía neve. — Espero que tenha consciência da encrenca em que me meteu, Vyne.

— Encrenca? — O coração dela retumbava junto às costelas.

— Porque eu... — O que ele pretendia dizer mudou no último minuto e ele tropeçou nas próprias palavras. — Por que ele está aqui?

O pulso dela tremulava como um lençol no varal em um dia de vento. — Quem?

Ela viu os lábios dele se apertarem, os olhos se estreitarem. — O conde — ele cuspiu. — Eu a vi com ele, hoje.

— Não era o conde.

— Eu *sei* quem ele é.

Ela encarava seu rosto zangado e sério. — Você sabe... sabe quem ele é?

— Ele me fez uma visita antes de deixarmos Londres.

A confusão deu um nó em seus nervos e sua língua.

— Ele queria dinheiro de mim.

Claro que queria. Ellie sabia que qualquer esperança de uma vida tranquila se fora agora que seu pai a encontrara. Ela simplesmente teria de enfrentar a verdade de sua procedência e fazer o melhor disso. Ele podia não ser o pai mais impressionante e amoroso, mas era seu pai. — Já que você sabe quem ele é, James, entenderá por que não posso dar as costas para ele. Lamento se isso agora me torna inadequada.

Os olhos dele fumegavam e sua respiração formava uma nuvem ao redor de sua boca, como as crinas e as caudas dos cavalos zangados. — Não pode dar as costas ou não vai dar as costas? — Ele falava de um jeito pausado, frio e formal. O velho James estava de volta. — Estou vendo que ele ainda a trata como sua amante. Talvez eu tenha sido um tolo em acreditar que tinha toda sua atenção.

— Amante? — Por um momento ela se sentiu profundamente aturdida. — Ele é meu pai, Hartley. Achei que você soubesse...

Os lábios dele se abriram, soltando o ar. — Seu pai? — Seu tom transbordava incredulidade, até desdém. — Achei que ele tivesse morrido antes de você nascer.

— Aparentemente, mas não foi o caso. — Ela própria ainda estava se acostumando à ideia e a incerteza fez sua voz falhar.

Estreitando os olhos, James a encarava enquanto flocos de neve caíam em seus cílios e na ponta de seu nariz. — Você espera que eu acredite nisso? Tem seu pavoneio habitual de adorno falso, um desses que você usa para se livrar dos problemas.

— Eu lhe garanto que ele é meu pai. Por mais desafortunado que lhe pareça. — Ela juntou coragem para encará-lo ousadamente, pronta para se defender mais uma vez, partindo para o ataque. James não era o único a voltar à velha forma. — E ele me disse que lady Ophelia está em Morecroft.

Ele franziu mais o rosto. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Você a viu?

— Estou vendo que você está tentando mudar de assunto, Vyne!

Era muito esperto que, enquanto ele se sentisse na liberdade de interrogá-la sobre seu pai, evitasse perguntas sobre a presença de Ophelia e sua admiração por Sophie.

— Você exige respostas de mim, no entanto, eu não tenho direito de saber nada de quando você sai correndo para ver Sophie, ou ficar em companhia de suas antigas amantes?

Ela ergueu o olhar e o gelo pareceu se formar ao redor de seus olhos, fazendo emanar ondas de raiva da silhueta dele.

— Referências desiguais, James. Aqui estão elas novamente.

Se olhares pudessem matar, ela estaria morta bem ali, com suas velhas botas surradas.

— Você não precisa ter ligação conosco. Não tenha medo, James. Agora não tenho nenhuma intenção de manter mais o nosso acordo.

— Falaremos disso depois — ele rosou —, quando lady Mercy for encontrada.

Pela forma como falou, ele a culpava porque a garota estava perdida. Por que não? Os Hartley culpavam os Vyne por qualquer

mal que lhes acometesse e os Vyne faziam o mesmo com os Hartley.

Capítulo 22



foi rafe quem encontrou a garotinha sumida, escondida no feno do celeiro de seu tio, emburrada porque não queria voltar para casa com o irmão. Aparentemente ela tentou comprar o silêncio de Rafe quando ele a encontrou oferecendo-lhe um imenso diamante. Rafe aceitou, mas a delatou mesmo assim, depois mostrou o diamante para James.

— Você é a pessoa mais rica que conheço por aqui, então isso deve ser seu — disse o menino.

— Na verdade, não sou o mais rico — James respondeu, impressionado pela honestidade do garoto em devolver o diamante em vez de ficar com ele. — O irmão dela é o conde de Everscham e muito mais rico que eu. Mais rico que praticamente todo mundo do país.

— Achei que ela tivesse inventado isso.

— Não, essa parte é verdade.

Assim, James pegou seus diamantes de volta da mocinha, que disse tê-los pegado somente para custear sua jornada até a Irlanda. Todo o dinheiro que ela trouxera na viagem tinha sido gasto na Hodson's, loja da vila. Aparentemente ela era uma compradora um tanto impulsiva.

— Irlanda? — Exclamou Rafe. — Por que você quer ir para lá, cabeça de ervilha?

— Quero ir o mais distante que eu puder — ela estrilou. — E criar ovelhas. Pronto, é isso.

— Ovelhas? — O garoto caiu na gargalhada. — Coitadas das malditas ovelhas.

James sabia que devia repreender o filho por xingar, mas enquanto pensava a respeito o momento passou.

— Agora você vai tomar um puxão de orelha do seu irmão — Rafe informou lady Mercy. — Ele não está muito contente por ter sido arrastado para longe de sua lareira quentinha para vir procurar você esta noite.

— Ele não vai me dar bronca. — Ela empinou o nariz. — Ele que não se atreva, se não eu conto para todo mundo todas as coisas ruins que ele faz.

— Ora, cale a boca — Rafe riu. — Você é a maior mentirosa que eu já conheci.

— E você é o camponês mais grosseiro que eu já conheci — ela respondeu asperamente, com uma cara feia que intimidaria um menino inferior.

James ficou olhando Rafe se manter firme e provocá-la novamente. — Garota chata. Se eu fosse seu irmão também bateria em você. Ele tem minha maior simpatia.

Mercy saiu desfilando pelos paralelepípedos, murmurando baixinho. — Eu só vou voltar se ele me deixar levar Molly, pronto.

Rafe se remexeu ao lado de James, depois gritou atrás dela: — Eu posso ir com você se quiser, para ele não bater muito.

Ela olhou por cima do ombro e mostrou a língua, mas James sentiu que o garoto tinha sido sincero. À medida que ela sumia para dentro da sede da fazenda para enfrentar a fúria do irmão, Rafe suspirou profundamente e um cacho de cabelo escuro caiu sobre sua testa. — Algumas garotas são muito difíceis de entender. Pior que cartas e contas de somar.

— Eu não poderia concordar mais. — Ele pousou a mão hesitante no ombro do garoto. — Ainda bem que você não tem de se preocupar com isso por mais alguns anos, jovem Rafe.

O garoto ergueu os olhos para ele. — Você vai se casar com a senhorita Vyne?

— Esse era o plano — ele murmurou, tristonho.

— A Sophie disse que se ela se casar com você vai parar de perambular por aí, arranjando confusão.

— Sim, verdade.

— Vai levar ela de volta para *Lôndis*?

— Possivelmente. Ainda não resolvi.

O garoto assentiu, avidamente. — Um dia vou pra *Lôndis* e farei minha fortuna.

James agachou-se ao lado de Rafe. Em alguns anos, não seria mais necessário abaixar para falar com ele. O menino já era bem alto para sua idade. — Talvez você goste de vir me visitar em Londres, Rafe.

Os olhos de seu filho se arregalaram, brilhando sob a luz da lamparina. — Eu posso, moço?

— É claro. Vou gostar muito. Quando você quiser. — Em um impulso súbito, ele abraçou o menino de um jeito que ele próprio nunca foi abraçado. Ficava fácil depois de começar, depois de dar esse primeiro passo corajoso.

— Está tudo bem, moço?

Ele soltou o menino surpreso e sorriu. — Vai ficar. — Então ele se lembrou do rosto zangado e franzido de Ellie, e de seus lábios formando aquelas palavras que ele temia, *Não tenho intenção de mantê-lo em nosso acordo*. Ele devia saber que ela buscaria alguma desculpa para se esquivar disso da mesma forma que fizera com seus outros noivados. Seu humor animado logo murchou.



Ellie observava o conde de Everscham repreendendo a irmã caçula. Ou tentar. O jovem aparentemente não era muito brilhante na punição da irmã — independentemente do que lady Mercy havia afirmado — enquanto ficava de olho nela. Era só de estardalhaço, como cachorro que late e não morde.

— Bem... — ele acenou acima da cabeça da garota. — Não faça isso de novo. — Ele deu uma olhada em volta, inquieto, e viu Ellie observando. Limpou a garganta e tentou parecer sério. — Essa gente já foi incomodada demais. — Ele despencou em uma poltrona perto da lareira. — Agora preciso de outro maldito conhaque.

— Eu voltarei para Londres sob uma condição — anunciou a caçula.

O conde ficou olhando, cauteloso. — O quê?

— Molly Robbins tem de vir e ser minha empregada.

— Molly quem?

— A garota que foi a Morecroft para buscá-lo.

Ellie viu o rosto do conde se contrair em uma careta. Seus longos dedos tamborilavam no braço da poltrona. — Você não pode simplesmente arrancar uma pessoa de sua vida e colocar em outro lugar.

— Claro que posso. Ela não tem nada que a prenda aqui.

Ele debochou. — Não, imagino que não tenha.

— Sua família ficará feliz com o salário que ela pode mandar para casa para eles — exclamou lady Mercy.

E Ellie sabia que lady Mercy ficaria contente com a amizade. Molly podia ser uma influência estabilizadora na vida da garota mimada. Elas poderiam ser boas uma para a outra.

Quando James abriu a porta da casa, à sua procura, ela pensou em fugir e se esconder, como lady Mercy tinha feito. No entanto, depois juntou coragem e se preparou para enfrentá-lo. Ele tinha ficado lá fora um bom tempo conversando com Rafe sem que nenhum dos dois aparentemente sentisse frio. O garoto entrou correndo, cheio de empolgação com seus planos de visitar James em *Lôndis*.

— Você certamente encantou esse garoto — ela murmurou ao se juntar a ele lá fora. Ela fechou a porta da casa e ficou em pé, sob a lamparina. — Espero que não seja apenas uma fase passageira, que você não se esqueça de sua promessa depois de voltar à sua vida social na cidade.

Ele franziu o rosto. — Depois que nós voltarmos.

Houve uma pausa. — Você sabe que isso é impossível, James. Principalmente agora. — Ela deu uma olhada por cima do ombro para ter certeza de que eles estavam sozinhos. Quanto menos pessoas soubessem sobre seu verdadeiro pai, melhor. Ela não queria que sua mãe falecida fosse conhecida como bígama, nem que suas meias-irmãs fossem expostas como ilegítimas. Ainda bem que James guardou seu segredo, mas isso não ficaria muito tempo sem que ninguém soubesse, se Josiah os seguisse de volta a Londres, onde ele poderia causar mais problemas. Era evidente que o pai dela tinha marcado James como uma bolsa fácil para saquear.

— Nós tínhamos um acordo, madame. Agora vem me dar sermões sobre manter a *minha* promessa com Rafe? — Ele riu asperamente, com o hálito visível no ar frio noturno. — Não tive minhas cinco noites com você.

Depois do surgimento de seu pai e da noite à procura de lady Mercy na neve, ela estava exausta, frágil. Não tinha forças para uma discussão vigorosa com James e parte dela estava tentada a ceder — fazer amor com ele novamente, apesar do fato de que eles não tinham futuro juntos. Era confortável demais nos braços

dele, fácil demais ficar e deixar que ele a protegesse. Contudo, ela nunca tinha contado com ninguém pra lutar suas batalhas e não começaria agora. Não podia passar todos os seus problemas para James. Não seria justo, quando ele só queria um casamento simples, descomplicado e desapaixonado.

— Paguei por sua companhia, madame — acrescentou ele, sucinto.

— Você já recebeu aquele colar horrível de volta — ela conseguiu dizer com a voz soando fina, petulante e tola. — Não tenho mais nada seu.

Ele a olhava de cima, com os olhos da cor de um mar revolto. — Tem, sim. — Ela não sabia sua altura, mas ele certamente tinha mais que um e oitenta. Em comparação, ela se sentia delicada e miúda como acontecera poucas vezes em sua vida.

— Não tenho, não. — Do que ele a acusava de roubar, agora?

— Tem o probleminha de mil libras.

— Mil... está maluco?

— O dinheiro que paguei antes de deixar Londres àquele homem que se diz seu pai. Em troca do qual ele me deu você.

Ellie sentiu o sangue esvair de seu rosto, descendo pelo corpo todo até os dedos dos pés. Seu pai a vendera como a uma porca no mercado. Como a uma porca muito cara. Depois veio atrás dela para mais dinheiro.

— De certa forma, eu a comprei dele.

Ela resfolegou, furiosa com os dois homens — um a usara insensivelmente enquanto fingia ter interesses paternais, e o outro que achou que ela poderia ser comprada como um móvel, ou um chapéu novo.

A vergonha apertou seu coração até que ele quase não conseguia pulsar.

— Então está vendo, senhorita Vyne, agora você me pertence. — Suas palavras eram arrogantes. Seus olhos faiscavam de raiva. A neve derretida pendia nos cabelos dele antes de pingar em seus

ombros. — Imagino que eu possa negligenciar todo o restante que você me fez, mas pode demonstrar sua gratidão depois. Quando estivermos novamente sozinhos, pegarei o equivalente às minhas mil libras.

James a queria porque ele pagara por ela. Era de esperar que ele achasse que ela podia ser comprada. Como todo o restante na vida dele.

— Agora venha comigo e vamos esquecer essa conversa.

Presumivelmente, ele se referia ao esquecimento sobre seu pai também. Ele queria que ela abandonasse seu próprio sangue porque não era bom o suficiente para ele. Então como poderia ser, algum dia? O conhecimento de sua origem humilde sempre estaria entre eles.

— Lembra-se do que me chamou uma vez? — Ela perguntou. Ele não disse nada.

— Ellie foa. Uma garota sem beleza, nem graça, nem sentido.

James piscou. Ela viu suas pupilas se expandirem, deixando seus olhos ainda mais escuros, o olhar penetrando mais fundo no dela. — Isso foi há muito tempo. De lá para cá, nós dois mudamos muito.

— Será? — Ela lutava desesperadamente contra as lágrimas. A dor daquelas palavras ainda a assombravam. Ela não percebera quanto até dizê-las em voz alta.

— Por esse motivo você fez isso? Vingança por um comentário tolo e desatento que eu fiz um dia?

— Eu tinha dezesseis anos e era terrivelmente vulnerável.

— Meu bom Deus. — Ele passou a mão pelos cabelos, espalhando os flocos meio derretidos. — Eu sabia que as mulheres podiam guardar rancores, mas nunca me dei conta de que poderia ser por tanto tempo.

A raiva dela rugia. — Vai pedir desculpas agora?

— Se eu pedisse você tiraria o incidente da cabeça? Ou vai tocar nele toda vez que nós brigarmos?

— Toda vez que brigarmos? — Ela riu. — Você imagina que teremos brigas regulares?

— Por que não? — Agora a voz dele também se elevava mesmo através dos dentes cerrados. — Por que romper a tradição? Nós fazemos isso tão bem.

— Peça desculpas!

— Você vai se desculpar pelo bigode de tinta?

— Eu tinha dez anos!

— Arrá! Então para você é diferente. Eu tenho de fazer concessões por *sua* imaturidade.

— Dez não são vinte e seis.

Claro que ele mudou de assunto porque sabia que estava perdendo a discussão. — Então eu estava certo e você estava com *ele* o tempo todo. Tirando o que pudesse de mim. Querendo sua vingança tola.

— Tola? — Ela estava se esforçando bastante para controlar os últimos fiapos de seu temperamento. — Acabou, James. Foi divertido enquanto durou. — Ela forçou uma risada sem ar. — Obrigada pelas risadas e...

— A senhora, madame, perdeu sua presença de espírito.

— Não perdi, não!

— Apostei tudo em você e você caiu no primeiro obstáculo.

Que natural que ele a comparasse a uma corrida de cavalos. — Então talvez não devesse apostar, se não está preparado para perder!

Ele a puxou para um beijo, tão furioso e selvagem quanto a tempestade que via se formando em seu olhar. Com as mãos nos ombros dele, ela tentava se afastar, mas seus dedos pressionavam seus braços firmemente, os lábios dele cobriam os seus, tomando o beijo à força. No instante em que ela achou que ele fosse deixá-la sem ar, ele a soltou. Ela cambaleou na direção da porta, piscando, relutando para puxar o ar.

— Nunca mais faça isso!

— Quero o equivalente ao meu dinheiro.

Ellie estava furiosa. Ele só se preocupava com seu maldito dinheiro? Ela lhe deu um tabefe com força.

Ele nem se mexeu. Seu olhar estava fixo no dela, duro como uma rocha. — Você me deve.

— Mande-me a conta, Hartley.

— Com juro, Vyne. — Ele deu meia-volta e sumiu na noite, deixando-a com os lábios latejantes e uma dor voraz na barriga, algo que não sentia desde que comera bolo demais em seu aniversário de sete anos.

Melhor assim, Ellie lembrou a si mesma.

Ele era um Hartley; ela era uma Vyne — bem, uma Jankyn, na verdade. Era problema desde o início, e eles eram igualmente ruins quando se tratava de indulgência a todas as coisas erradas.

Capítulo 23



ELE SOUBERA DE RAFE que Bonneville estava ficando na taberna de Merryweather, em Sydney Dovedale. O vilão havia se instalado lá como um cuco ou talvez, mais apropriadamente, como uma aranha gigante esperando para catar moscas em sua teia. James não podia perdoar o homem por entrar de volta na vida de Ellie exatamente no momento errado. Ele viu as esperanças que haviam começado a tomar forma no coração dela estilhaçadas por essa criatura de botas imundas, enlameadas. Se Ellie não conseguia se colocar em primeiro lugar, o que ele poderia fazer por ela? Ela era teimosa demais. A fúria esquentou seu sangue até que sua visão ficou enevoada de vermelho.

Algo dava àquele vigarista, o tal de Bonneville, desafio o suficiente para achar que estava em vantagem nesse negócio todo, e quando James entrou na taberna, naquela noite, cheio de ódio, o conde nem se levantou de sua cadeira. Na verdade, ele sorriu por cima das cartas e o chamou até a mesa de canto.

— Aí está você, Hartley. Ela lhe disse, foi? Suponho que você queira discutir o que pode fazer por mim.

James olhou em volta, para os rostos que observavam — todos excessivamente curiosos, surpresos ao ver um homem como ele naquele lugar. Ele não deveria estar ali, fazendo papel de tolo.

Deveria ir embora, voltar para Morecroft e abandonar essa mulher teimosa com seus problemas.

Entretanto, ele subitamente pensou em Grieves, que deixara Hetty e seus olhos azuis caminhando sozinha na areia. De oportunidades e tempo perdidos. Ele pensou na pequena Ellie, a menina de cabelos selvagens vagueando pela margem da estrada, parando para xingá-lo por enlamear seu vestido. Ele pensou em Ellie se escondendo atrás de uma palmeira, com glacê em seu lindo traseiro. De sua mão trêmula e hesitante pousada na dele enquanto ele dançava com ela pela primeira vez. Da neve derretendo presa em seus cílios naquela noite, quando ela piscou para ele, tentando rir despreocupada.

Não era neve que pingava em seu rosto, é claro. Ele sabia disso.

— Fazer por você? — Ele estrilou com o pai dela. — Não deveria pensar em fazer algo por *ela*?

— Bem, eu fiz, não fiz? — Ainda sentado, o outro homem estufou o peito. — Voltei para cuidar da minha garota. Garantir que ninguém se aproveite dela.

James tirou o chapéu. — Levante-se, Bonneville.

Algumas cadeiras foram arrastadas para trás, sobre o piso preto e branco, enquanto expectadores mais sóbrios sentiam que vinha confusão. O conde o observava sem piscar. — Achei que você quisesse discutir isso em particular, Hartley.

Em seguida, James tirou o casaco e colocou no encosto de uma cadeira vazia. — Não é necessário. Levante-se. — Ele começou a enrolar as mangas. Ainda podia sentir o gosto de Ellie em seus lábios. Ela achou que tinha terminado? Só quando ele estivesse morto e enterrado. Desta vez ele não recuaria ferido. — Vamos resolver isso aqui e agora. — Ele não havia treinado no clube de boxe desde a noite em que encontrara Ellie na hospedaria, por isso tinha muito a extravasar.

O outro homem ainda segurava as cartas, e suas sobrancelhas estavam profundamente franzidas. — Você é muito precipitado, Hartley. Certamente podemos fazer algum acerto. Algo mais permanente do que aquele que discutimos em Londres. Eu estava pensando em uma remuneração mensal.

— Bonneville, você vai levantar e lutar. Não vou bater em um homem sentado.

O conde riu com o rosto vermelho de bebida. — Então é melhor que eu fique com meu traseiro aqui.

Foi o riso que desandou tudo. James tinha chegado ao limite quando o conde riu dele. Ele viu Ellie rindo dele naquela noite, jogando a cabeça para trás, daquele jeito dramático típico, exclamando que tinha sido tudo “divertido”. Como se não tivesse sido nada além disso.

Maldita!

— Qual é o problema, Hartley? Não vai lhe custar tanto. Para você, é uma mera gota no oceano, tenho certeza. Se quer jogar esse jogo, vai ter de pagar.

— Jogo? Para mim, isso não é nenhum jogo, Bonneville.

— Claro que é. O que mais um cavalheiro fino como você ia querer com a minha garotinha? Ouvei falar de você e o vi em ação. Você é um farrista. Talvez a tenha enganado por um momento. Mas ouse dizer que os olhos dela se abrirão em breve. Ela vai enxergar direito.

Agora James não via nada, não ouvia nada, exceto a gargalhada do conde ecoando a dela, revolvendo em sua mente, debochada e cruel.

Ele girou o punho, mas seu temperamento, assim como o soco, foi selvagem demais. O conde abaixou e James errou. Em vez disso, por um terrível acidente, ele atingiu o homem sentado na mesa atrás. Um sujeito grande, de pescoço grosso, com braços volumosos e punhos que mais pareciam peças inteiras de presunto.

No instante seguinte, James estava se defendendo de um oponente inesperado, o ferreiro da vila.

No entanto, o conde não fugiu. Alguma outra pessoa, que queria entrar na briga e acertar o vilão, quebrou uma cadeira em suas costas. Em segundos, a taberna irrompeu em socos, chutes e gente voando. James descobriu que havia várias pessoas rancorosas esperando uma chance de extravasar e exorcizar o vilarejo idílico.

Bob Robbins, um rapaz alto e esguio, deu seu golpe contra o conde aparentemente ficando de seu lado em um piscar de olhos. O filho parrudo do carpinteiro, que ainda estava de nariz torcido desde que James dançara com sua queridinha na festa de Kane, na noite anterior, rapidamente se aproveitou da confusão geral e se atirou sobre ele, vindo por trás.

James se retraiu com o som lento de rasgo. Lá ia a costura do ombro.

Ele imaginou Grieves sério, sacudindo a cabeça enquanto olhava o casaco maltratado pela manhã. Contudo, Grieves entenderia que às vezes um homem precisa sacrificar um pouco de sua elegância pela mulher que ama.

A mulher que ama.

Sim, ele estava caído por ela. Naquele momento, quase literalmente.



Quando Ellie regressou à casa da tia, mais tarde, naquela noite, uma silhueta volumosa saltou perto dela saindo da cerca viva, no escuro, depois se dobrou aos seus pés, caindo pesadamente contra a porta.

— Filha querida — disse uma voz arrastada —, ajude seu velho pai! Fui surrado até quase perder a vida por aquele nojento do Hartley.

Sua tia, que ouviu a batida contra a porta, abriu e encontrou Ellie agachada em cima do rosto ensanguentado de Josiah Jankyn.

— Minha nossa senhora!

Ah, pensou Ellie, ela não sabe nem da metade. — Ajude-me a colocá-lo para dentro, tia Lizzie.

Juntas, as duas o arrastaram para dentro do corredor e fecharam a porta.

— Ora, mas esse é o amigo de Jane Osborne — exclamou sua tia com uma vela erguida para inspecionar o homem esparramado em seu hall. — Ouvi dizer que houve uma briga na taberna. Uma barulhada, que loucura. E com o Natal tão perto. É uma vergonha!

Como não podiam deixá-lo no chão e ele estava ensanguentado demais para ir para a sala, elas conseguiram passá-lo para a cozinha e sentaram-no junto à mesa de madeira. Ellie encheu uma bacia de água e lavou seu rosto enquanto a tia esquentava leite no fogão.

— Leite? — Resmungou Josiah. — A essa hora da noite eu preferia algo que caísse menos pesado no estômago. Você não tem conhaque? Ou xerez? Ou um vinhozinho doce?

— Você vai tomar o que lhe for dado — respondeu Ellie asperamente.

— Ai! Seja dócil, querida. Estou todo machucado por aquele salafrário do Hartley. Agora, você certamente pensará melhor sobre ele depois do que ele fez comigo.

— Imagino que não tenha feito nada para provocar isso...

— Eu estava lá sentado, cuidando da vida, e lá veio ele, pronto para brigar. Nem tive chance de me defender. Nenhuma. Ele claramente não tem respeito pelos mais velhos. Agora graças ao seu homem elegante me expulsaram, mesmo depois que paguei pelo quarto, tudo direitinho. Não consigo pensar onde vou dormir esta noite.

Ela enxaguou o pano e ficou olhando os filetes de sangue na água. — James Hartley me disse que lhe pagou mil libras por mim. É verdade?

— Isso é uma mentira das grossas — exclamou Josiah.

Ellie sabia em quem acreditar. James talvez fosse um farrista, mas não era um bom mentiroso. No entanto, esse homem, independentemente do que mais fosse, era seu pai. Que tipo de filha ela seria se o jogasse na neve? — Imagino que se eu o mandar para rua irá até a casa do fazendeiro Osborne causar confusão por lá.

— Eu? Confusão?

— Ele parece você — tia Lizzie murmurou secamente.

Ellie limpou as mãos no avental. — Se minha tia concordar, você pode ficar aqui na cozinha e dormir perto do fogão, onde é aquecido, mas isso depende dela.

Ambos olharam para tia Lizzie, que certamente não queria problemas para o fazendeiro Osborne. Quando Ellie sussurrou que era melhor elas ficarem com ele do que deixá-lo ciscando pela vila, criando tumulto, tia Lizzie concordou, relutante.

— Vou explicar tudo — Ellie garantiu.

— Ah, querida. Quase receio ouvir. — Contudo, a senhora saiu apressada para pegar cobertores e travesseiros para o recém-chegado. — Outro homem estranho passando a noite em minha casa. Só Deus sabe o que a senhora Flick teria a dizer sobre isso.

Depois que ela saiu, Josiah esticou as pernas. — Ah, boa garota. Eu sabia que você não podia me ver sofrer.

— Eu o verei sofrer — contente — se causar mais problemas à minha tia. Mantenha as mãos em seus bolsos enquanto estiver aqui, ou vai para a neve se virar sozinho.

— Nossa, filha. Eu só roubo dos que podem pagar. Pense em mim como Robin Hood.

Ela bufou. — Só que Robin Hood roubava dos ricos para dar aos pobres, não para encher a própria bolsa. — Enquanto falava,

ela se lembrou da justificativa que dava para seus próprios malfeitos no passado. Ela sempre arranjava um jeito de tranquilizar sua consciência de que não era errado tirar dos que tinham tão mais que ela. Ela era como seu pai dissera, *filha de peixe, peixinho é*.

— Vou aceitar um pouco dessa carne com uma fatia de pão antes de fechar os olhos, Mariella, minha querida.

— Para um homem tão preocupado com sua digestão, você deve saber que não é sábio comer assim tão tarde da noite.

— Mas se eu não comer, minha pobre barriga vai ficar me acordando a noite toda. — Ele estalou os lábios e olhou ao redor da cozinha. — Tem um pouco de rabanete para acompanhar?



Na manhã seguinte, a senhora Flick, sempre a postos com as últimas novidades, chegou na hora do café da manhã, enquanto o pai de Ellie felizmente estava dormindo na cozinha e, portanto, fora de vista. Dela, Ellie e tia Lizzie ficaram sabendo que James Hartley tinha, de fato, iniciado a briga.

— Estão dizendo que o conde de Everscham o levou para casa, em Morecroft. Ele estava em um estado deplorável. Tinha bebido, sem dúvida. James Hartley sempre foi um fanfarrão que nunca prestou.

Ellie e sua tia trocaram olhares receosos.

— Tudo começou por causa de um jogo de cartas. O amigo estrangeiro de Jane Osborne estava envolvido. Até os móveis foram arremessados. Francamente, nunca aprovei aquela taberna e essa foi a última gota. Não é seguro. Eu sempre disse isso e agora ficou provado que estava certa. Um lugar como aquele incentiva a bebedeira e o comportamento lascivo. Esta é uma vila boa e

sossegada onde os residentes se conduzem com decoro. Não é um posto de guerra. A casa de Merryweather tem de ser fechada.

Mais tarde, quando a enxada já tinha partido, tia Lizzie perguntou a Ellie se ela não achava que elas deveriam ir a Morecroft. — Talvez ele esteja muito ferido, minha querida. Vou pedir ao fazendeiro Osborne para nos levar. Ou podemos alugar a charrete, se não estiver sendo usada hoje.

Ellie sacudiu a cabeça. — James Hartley não é mais problema meu. Nós terminamos nosso noivado ontem. — Agora, finalmente, quando era tarde demais, ela podia chamar assim. Por que era tão difícil antes? — Se eu o vir novamente, só prolongará... — Sem conseguir terminar, ela correu da sala escada acima, até seu quarto.

Na verdade, ela queria muito ver James, ter certeza de que ele não estava muito machucado, mas tentar cuidar de todos foi o que a meteu nessa confusão. Um olhar de seus olhos azuis desprezíveis podia fazê-la derreter completamente e, no entanto, ela estava decidida a pôr fim no caso, pelo bem de todos.

O que começara como uma brincadeira, com aquele colar horrível, tinha se transformado em algo muito pior, trazendo tantos problemas a ela e a James. Agora transformara o cavalheiro galante e farrista em um briguento de bar. Lady Hartley devia estar tendo um ataque hoje. Sem dúvida, ela colocaria toda a culpa em Ellie. E deveria, mesmo.



— James Julius Hartley, de todas as coisas que você já fez para me causar uma apoplexia, essa certamente leva o prêmio! Brigando em uma taberna! E seus trajes sociais estão praticamente arruinados, você sabe. Braithwaite, que nunca exagera nessas coisas e não tem inclinação para o drama, me garante que a gravata de

seda é para jogar fora e o ombro de seu casaco ficou literalmente despedaçado.

Ele encarava o papel de parede acima da cabeça dela enquanto ela se inclinava acima dele, reclamando com a voz aguda. Ela não disse nada de seus ferimentos, estando mais preocupada com os golpes ao seu orgulho e ao nome Hartley.

— Braithwaite deve deixar os cuidados de minha roupa por conta de Grieves — murmurou ele, ciente da aversão entre seu mordomo e a empregada da avó. — Isso não é da conta dela.

Dessa vez, James tinha quebrado um tornozelo ao cair no degrau da taberna e deveria ficar sem poder se movimentar por algum tempo. Seu queixo estava roxo, ele sabia, pois vira seu reflexo quando Grieves segurou o espelho de mão para que ele olhasse. Ele tinha outro corte na sobrancelha direita e o outro olho estava roxo, para combinar com o que estava sarando. Como o criado mencionara, sério, ele teve sorte de não perder um dente.

Apesar de todos esses ferimentos, a pior dor era por dentro, não dava para ver. Aquela maldita mulher teve o atrevimento de terminar com ele. Assim, de repente. Aparentemente, ela não esperava nenhuma objeção dele, como se nada do que aconteceu com eles naqueles últimos dias tivesse importado — não tivesse sido nada para ela, além de diversão.

— Rolando pela rua como um cão vira-lata demente! O que você estava pensando? Agora precisa se recuperar, James. Tire essa sirigaita horrenda de sua cabeça de uma vez por todas. Talvez agora você veja o que sua ligação com ela lhe causará. — Lady Hartley segurava o pug, que rosnava junto ao seu peito. — Quero você totalmente em forma para o baile. Quanto mais depressa nós o casarmos com segurança e o afastarmos desse escândalo, melhor. Um bom casamento sempre desvia a mente das pessoas de questões menos picantes.

Quando o rosto de sua avó recuou, imediatamente surgiu outro, acima dele, pairando como um abutre sobre uma carcaça

esmagada.

— James! Querido! Que bom que ainda estou aqui para cuidar de você.

Ele gemeu profundamente.

— Eu sei, meu querido — disse Ophelia, melosa. — Imagino a dor que você está sentindo.

Ele fechou os olhos, mas quando abriu novamente ela ainda estava ali, tentando dar ordens a Grieves. — Hoje não precisa fazer barba. Pode levar a lâmina. Tenho certeza de que ele pode passar sem.

— Mas madame...

— Agora você derramou água em minha saia.

— E veja só, madame — ele ouviu Grieves responder —, a senhora não derreteu.

— Como se atreve! Eu não me esqueci da forma como você me enfiou naquele armário horrendo e sujo em Barley Mow. — Ophelia estrilou com o mordomo a alguns centímetros da cabeça de James. — Não pense que um dia me esquecerei daquela pequena indignidade.

— Foi para sua própria segurança, madame.

— É o que *você* me diz. Eu sei o que ele estava aprontando por lá, com *ela*. Bem, não acontecerá de novo. Agora ele é meu. Esse incidente fará com que ele finalmente caia em si. Se você gosta tanto de proteger seu patrão, deveria saber muito bem que posso contar à sua avó como ele perdeu os diamantes Hartley. Eles são dela, não são? Ele não deveria tê-los até que se case e depois serão passados à sua esposa. Posso até imaginar o que ela teria a dizer sobre isso.

James rapidamente fechou os olhos.

— Perdoe-me, madame — Grieves respondeu suavemente —, mas creio que foi a senhora quem perdeu os diamantes Hartley.

A força da fúria dela flamejava o ar acima da cabeça de James, como labaredas do bafo de um dragão. — O conde de Bonneville

roubou os diamantes de mim. Eu nunca os dei. Um presente do meu querido James? Como se eu fosse deixá-los sair das minhas vistas!

— Atrevo-me a dizer que o conde insiste no contrário. Como ele está no campo, talvez possamos esclarecer essa questão de uma vez por todas.

— E tem mais uma coisa — exclamou Ophelia. — Aquele homem horrendo, com as botas sujas que perambula por Morecroft como conde de Bonneville, é um impostor.

Se os olhos de James não estivessem tão doloridos ele os teria revirado. — Realmente, Ophelia, já não me importa como você lhe deu os diamantes.

— Estou lhe dizendo, James, aquele homem não é o conde. Decididamente, não. O vigarista que roubou os diamantes Hartley de mim era muito mais bonito, não tão rústico, e certamente não tão alto, nem com os ombros tão largos.

Ele a olhou pensativo. Imaginou que ela deveria saber, uma vez que teve um contato tão próximo com o vilão.

Interessante.

— Ele usava luvas o tempo inteiro e esse homem não parece possuir um único par. E o conde verdadeiro tinha os olhos de uma cor muito estranha. Eu poderia jurar que eram lilases. Um tanto hipnotizantes. Acho que foi assim que ele conseguiu remover os diamantes do meu pescoço. Ele me colocou em uma espécie de transe.

Grieves fungou baixinho e ela o olhou de modo fulminante.

— De qualquer forma, aquele homem que ficou no Red Lion *não é* o conde que eu conheci.

— Ophelia — James murmurou baixinho —, preciso descansar. Por favor.

Ele ouviu um suave tilintar à medida que Grieves pousava a bacia de barbear, depois o farfalhar da saia quando ela se levantou

da poltrona ao lado de sua cama. — Eu logo volto — ela estrilou, tanto pelo mordomo quanto por ele.

— Esperarei por isso contando os minutos, madame — Grieves respondeu.

James ficou deitado bem imóvel, olhando o teto. Ele se lembrava da noite em que encontrou Ellie no que imaginou ser a cama do conde, na hospedaria. Toda desgrenhada e tentadora em uma camisa de renda e nada mais. Ele visualizou o par de botas solitárias perto da cama. A garrafa de conhaque e o único copo.

O senhor tem sorte, embora eu raramente possa pagar, até que gosto de um bom conhaque.

Em Brighton, ela tinha sussurrado essas palavras para ele pouco antes de sair correndo, o beijo dela ainda formigava em seus lábios.

Depois, um único diamante na caixa. *Pegue-me, se for capaz.*

— Está tudo bem, senhor? — Perguntou Grieves.

— Hum.

— Fiquei me perguntando, senhor, pois, apesar da falta de graça em sua situação atual, o senhor me parece estar sorrindo.

Ele estava? Ele tocou os lábios com dedos hesitantes só para ter certeza. De fato, ele estava sorrindo.

Porque a notória Ellie Vyne tinha sido pega.



Seu pai terminou a terceira xícara de chá e debruçou-se acima da mesa para espetar outra fatia de bacon com seu garfo. Hoje, novamente, seu primeiro pensamento foi a necessidade de sua barriga. Seguida por sua próxima rota potencial para a riqueza.

— Se eu fosse você, Mariella, eu me concentraria nos Shale. Se não consegue pensar no velho, então fique com o filho e herdeiro. — Ele riu grosseiro. — Pelo menos você não terá de se

incomodar com tarefas de esposa no quarto. Ele não dará tanto trabalho quanto esse safado do Hartley. Você lidará com o jovem Shale com muito mais facilidade, minha querida. Ainda tem chá no bule?

Ela viu a gordura escorrendo pelo queixo dele. — Não tenho a intenção de me casar com ninguém.

— Bobagem. Você vai se casar assim que a oportunidade certa aparecer. Vejo que o almirante nunca lidou apropriadamente com essa questão em todos esses anos. Ele deixou que você desperdiçasse muitas chances de um marido rico. Comigo ao seu lado, você pode ir longe neste mundo. Agora seu pai está aqui para endireitá-la.

Outro homem que pensava em endireitá-la, pensou. — Você mesmo tinha esperanças de casamento, senhor, com a senhorita Osborne, se não estou enganada.

— A garota com boca de cavalo? — Ele passava um pedaço de pão no prato. — É, seu pai é um cavalheiro próspero.

Sua tia entrou com uma carta endereçada “Ao Conde”. Ela rapidamente colocou a carta ao lado de seu prato e se afastou. Ellie tinha explicado a verdadeira identidade de Josiah para tia Lizzie na noite anterior. A quantidade de escândalo que ele era capaz de causar à família Vyne agora também era evidente para ela.

— Qual é o seu problema, mulher? — Ele resmungou. — Eu não mordo. — Pegando a carta, ele abriu com a faca suja de manteiga, depois passou ao outro lado da mesa, para Ellie. — Diga-me o que está escrito, minha querida.

Segundo tia Lizzie, tinha sido trazida pelo varredor de chaminé de Merryweather, que ficou incumbido de procurar em todas as casas até encontrar o sujeito sumido.

Ellie a desdobrou lentamente e seu olhar logo recaiu no brasão que ela não pôde deixar de reconhecer. Seu coração disparou no peito. Naquele dia estava batendo descontroladamente.

— E então, minha querida?

Senhor, sua presença está sendo solicitada na residência Hartley hoje, às três horas da tarde. Esperamos poder resolver essa questão a contento de todos os envolvidos.

Ele tossiu até um pedaço de pão voar de sua garganta e pousar na mesa. — Parece que eles estão querendo me pagar o que me devem.

Ellie ficou olhando as palavras no papel até que elas dançaram como borboletas. — Não tenho certeza se você deve ir — murmurou. — Era provável que eles não quisessem falar com seu pai pelos mesmos motivos que ele imaginava.

Contudo, ele era um otimista. — Não tenho medo daquele pessoal bacana de Morecroft. Na verdade — ele bateu com o dedo na toalha da mesa e deixou uma marca de gordura —, eu devia processar Hartley por me bater desse jeito; eu, um velho indefeso, cuidando da minha própria vida...

— Trapaceando e roubando-lhe mil libras.

Os olhos de seu pai se estreitaram. — Eu lhe disse que isso é mentira, Mariella. — Estendendo o braço, ele arrancou a carta da mão dela e ficou olhando, de cabeça para baixo. Um sorriso lentamente surgiu em seus lábios. — É minha palavra contra a dele. É. Vamos ver o que posso tirar daquela velha morcega, lady Hartley, quando eu acusar seu abençoado neto de tentar me matar com as próprias mãos. Ele deu o primeiro soco. Tenho testemunhas. Certamente tenho direito a alguma coisa. Esses safados ricos acham que podem tratar mal um sujeito pobre e não pagar nenhuma indenização. Veremos.

— Como você fingiu ser alguém que não é, acho difícil que algum magistrado aceite sua palavra contra a do senhor James Hartley.

Josiah enfiou a carta no colete. — Falando em farsas, é melhor segurar a língua, querida, a menos que queira que eu conte a todos sobre suas aventurinhas de calças.

Não havia mais nada que ela pudesse fazer. Ele não seria persuadido a não ir à residência Hartley pelo seu “direito”. Ellie temia que isso acabasse mal, mas ele insistia que era “assunto de homens”. Desse modo, ela era impotente para impedi-lo de pegar a carruagem postal naquela tarde.



James girou as muletas impacientemente, encontrando muita dificuldade para andar de um lado para outro sem duas pernas boas.

Grievés observava com cautela. — Não vai sarar mais depressa, senhor, se colocar peso em cima em tão pouco tempo. O senhor ouviu o que o doutor Salt disse, não ouviu? Talvez a recomendação dele tenha escapado direto pela orelha oposta à qual entrou, com tão pouca matéria sólida para obstruir seu curso.

— Sim, sim. Mas não posso ficar aqui engaiolado nesta maldita casa, Grievés. — Ele quase tropeçou ao se virar com as muletas. — Eu tenho de poder conduzir a carruagem de novo. — Preso àquela casa, ele era forçado a suportar doses diárias de Ophelia Southwold, que só piorava as coisas.

— E irá fazê-lo, senhor, assim que seu tornozelo estiver sarado.

James tinha acabado de descobrir que sua carruagem estava sobre blocos. Segundo sua avó, estava com uma goteira no teto, as molas estavam inadequadas e a roda não tinha sido consertada bem o suficiente. Agora aguardava um carroceiro de primeira que viria de Norwich — assim que o clima permitisse. Sua carruagem aberta estava igualmente fora de uso por uma série de pequenos problemas. Lady Hartley insistia não poder permitir que o neto arriscasse a própria segurança e saúde, novamente aventurando-se

fora de casa, até que estivesse totalmente curado e passasse pela rigorosa inspeção do doutor Salt. E a sua também.

— Você parece se esquecer, James — disse ela em sua última visita ao quarto dele — que você é a única esperança para o futuro da geração Hartley. Não posso permitir que outros incidentes recaiam sobre você. Se você tivesse irmãos ou primos, ousou dizer que não me importaria tanto se você preferisse sair desvairado em um veículo que desafia a morte cada vez que sai na estrada.

Um ligeiro exagero, mas ele sabia qual era sua finalidade, claro. Sua avó achava que ao separá-lo de Ellie, pelo maior tempo possível, ela poderia romper a ligação. No passado, isso talvez funcionasse. Sua atenção tinha a tendência de vaguear e era facilmente capturada por um belo rosto; mas esse era o velho James.

Nessa tarde, enquanto ele ensaiava com as muletas, ela entrou apressada em seu quarto sem bater, ofegante de ter subido a escada correndo, provavelmente pela primeira vez em sua vida.

— O pai dela, James! O homem que andou se fazendo passar por um nobre francês exilado não é nada além de um enganador e pai de Mariella Vyne.

Ele virou para encará-la. — Sim. Sei desse fato. — Se não estivesse sentindo tanta dor por conta de seus inúmeros ferimentos, ele talvez se deleitasse muito mais com a expressão do rosto dela.

— Você o chamou aqui? Com que motivo deste mundo? — Ela despencou em uma poltrona próxima, os dedos encolhidos segurando o lenço de renda. — Você não pode ter a intenção de prosseguir esse jogo com a garota Vyne. Não, sabendo que o pai dela é...

— Achei que a senhora quisesse ter um conde na família, vovó — disse ele, secamente.

— Mas ele não é...

— Que bases a senhora tem para duvidar de sua veracidade?

— Pelo amor de Deus, James, basta falar com o sujeito.

— E é o que pretendo fazer. Como não posso descer a escada, ele terá de subir até aqui, não?

O terror ficou estampado no rosto dela, porém, por trás de seus olhos frios, surgiu uma pontada de angústia, como se ela soubesse que ele finalmente a vencera, finalmente crescera e estava se livrando de suas garras.

— Vovó — disse ele lentamente —, a senhora aceitara a minha decisão nessa questão.

Ela olhou-o, inexpressiva. — Que questão?

— Essa coisinha, a minha felicidade futura.

— Não há necessidade de...

— A senhora não dirá a ninguém sobre a verdadeira identidade desse homem. Ou venderei esta casa com tudo o que tem dentro. — Claro que ele podia fazer isso. Era tudo seu, cada peça de móvel, cada prato. — E me mudo para outro país.

— James, você não faria...

— Agora só restamos nós dois. Nós, os Hartley, somos uma raça em extinção. Se quiser que eu a trate com respeito fará o mesmo comigo, honrando meus desejos.

— Então, muito bem. — Os lábios dela se viraram para baixo e seus olhos lacrimejaram, mas não deixou cair nenhuma lágrima. Se tivesse sentado em um alfinete, sua expressão seria a mesma. — Faça como achar melhor. Mas não me culpe pelas profundezas desditosas às quais ela o levará, com sua falta de decoro e seus parentes indesejáveis.

— Obrigado, vovó.

Com a ameaça das lágrimas rapidamente posta de lado, ela murmurou zangada — Agora nem consigo pensar no que você dirá a lady Ophelia, que se dedicou a cuidar de você.

James arqueou uma sobrancelha e olhou ao redor do quarto, que estava notadamente isento da presença de Ophelia. — Ela se

dedicou? Provavelmente saiu para comprar um chapéu novo e se esqueceu de seus deveres de cuidadora.

— Pelo menos Ophelia Southwold é uma viúva abastada, ainda jovem o suficiente para ter filhos. Ela também é filha de um conde. Pode não ter o frescor da primeira estação, mas seria o suficiente.

— Qualquer porto na tempestade, vovó?

— Pode debochar quanto quiser, meu garoto, porém ela é tudo que a garota Vyne não é.

Bem verdade, pensou James, e vice-versa.

— Se me permite dizer, milady. — Grieves deu um passo à frente. — Lady Southwold pareceu ligeiramente indigna de confiança. Temo que sua devoção é livremente dada com pouco valor.

Isso fez com que lady Hartley exigisse saber se James sempre permitia que seus criados se intromettessem sem ser chamados, ao que James respondeu: — Grieves não é apenas um criado, vovó. Ele é um amigo.

Ele nunca havia percebido isso, mas era verdade. Ultimamente, a vida se tornara mais clara.

— Por gentileza, mande o conde até meu quarto. Nós temos muito a discutir.

Capítulo 24



JOSIAH JANKYN VOLTOU DE Morecroft parecendo bem menor do que quando partira. Ellie, que observava a tia fazendo um doce, na cozinha, ficou chocada ao ver a porta bater subitamente, depois ele vindo na direção delas, arrastando-se pelo corredor como um spaniel doente.

— E então? — Ela perguntou. — Conseguiu o que esperava?

Seu olhar lentamente se ergueu do chão de ladrilhos. — Recebi uma promessa de dinheiro, se é isso que você quer dizer, filha.

— Mas não parece muito satisfeito com isso.

Ele respirou fundo, seu peito arfava. — O maldito sujeito só me deu um emprego, acredita? Quer me tornar um homem honesto.

Ellie ficou olhando. — Um emprego?

— Isso mesmo. Um posto em algum escritório, que tal? Sentado em uma escrivaninha.

Pela forma como ele disse essas quatro últimas palavras era de pensar que ele tivesse sido sentenciado à força. Ellie pousou o rolo de massa que alegremente girava nas mãos antes que ele entrasse na casinha. — Mas você não sabe ler, nem escrever.

— É, mas sei fazer conta, diz ele. Pareceu achar isso muito engraçado. Agora veja! Ele quer me pôr para trabalhar, filha.

— Mas que audácia do cavalheiro — murmurou ela, secamente.

Tia Lizzie limpou as mãos no avental e exclamou de sua “grande sorte” em encontrar uma colocação com um ganho fixo. — Há muita gente que ficaria grata com uma chance dessas — ela acrescentou, dando uma rápida olhada para a sobrinha. — Uma chance para se estabilizar e ser responsável. Digo até que terá a oportunidade de pagar alguns de seus credores, uma vez que tiver sua renda permanente, senhor Jankyn. E não precisará se esconder, nem ficar andando de um lugar para outro.

Seu rosto geralmente moreno ficou da cor da massa de doce. — É — respondeu ele, distraído. — É isso.

Ellie virou e olhou pela janela, para o céu carregado de neve. Então James não achou necessário pagar a seu pai para que ele partisse. Ele preferiu ajudá-lo com um lugar em sua empresa. Ela nem queria pensar no que isso significava. Certamente ele não poderia aceitar um homem como Josiah Jankyn como seu sogro. No entanto, se ele sentisse vergonha da ligação, teria simplesmente pago ao homem para que ele partisse, e não o fez. Bem, talvez isso não tenha sido nada além de um gesto gentil.

Atrás dela, tia Lizzie prosseguia em uma voz alegre: — Agora você deve pensar seriamente em se casar, como um sujeito viúvo, que trabalha e está estabilizado. Jane Osborne encomendará seus linhos nupciais antes que saibamos.

Josiah murmurou algo baixinho.

— Tome cuidado para não queimar a boca — disse tia Lizzie. — Essas tortinhas saíram do forno há pouco...

Ele não prestou atenção e um segundo depois Ellie ouviu seu pai xingando abertamente em meio a uma chuva de farelos de doce. A força e a duração de seus palavrões, no entanto, demonstravam que a perturbação era com algo muito além da geleia quente.

Cedo, na manhã seguinte, quando desceu a escada, Ellie encontrou o pai já com um pé para fora da porta. Ele riu sem

jeito quando ela lhe perguntou aonde ele tinha a intenção de ir. Talvez, disse ela, brincando, ele fosse pedir a senhorita Osborne em casamento.

Ele sacudiu a cabeça. — Um acordo permanente desse tipo me colocaria algemas. Não quero uma propriedade grande para cuidar. Fico melhor em movimento. Ficar em um só lugar por mais de algumas semanas não faz bem para os meus ossos. — Ele parou a caminho da saída e olhou para ela, por cima do ombro. — Você é como eu, Mariella. Eu vejo isso. Nós não fomos feitos para ficar parados. Esse é o espírito cigano dos Jankyn. Não demora muito até que seus pés comecem a coçar novamente. Eu disse isso ao Hartley, mas ele não é do tipo que ouve. Um sujeito apaixonado é geralmente cego para a verdade.

— Apaixonado? Por mim?

— Ah, sim. — Ele fungou. — Por que outro motivo ele me daria uns socos para depois me oferecer um maldito emprego? O sujeito não sabe se vem ou vai.

E com isso lá se foi ele, deixando-a em pé, no corredor, ouvindo o barulho suave dos pingos por conta do gelo derretido nos beirais do telhado da casinha de sua tia, seu coração se apertando por baixo das costelas.

Bem, James já se apaixonara, claro. Ou achava que estava apaixonado. Sem dúvida, a dor passaria, como indigestão. Além disso, Ellie tinha certeza de que seu visitante regular sinalizaria não haver bebê, portanto nada para prendê-lo ao plano do casamento. Ela estava apenas atrasada neste mês.



Jane Osborne reclamava alto, para quem quisesse ouvir, que ela fora terrivelmente usada pelo “conde”. Suas lágrimas logo secaram e em pouco tempo ela estava declarando sua felicidade por vê-lo

pelas costas, pois ele já levava demais de seu dinheiro. Ao longo da semana seguinte, foi reputado ao pai de Ellie, com apenas alguns dias de estada, o desfalque de dinheiro e objetos valiosos de metade das viúvas de Morecroft, e já tinha dado uma boa arrancada em Sydney Dovedale também. Ninguém sabia dizer como ele conseguira isso em um período tão curto. Ellie sentia que era um grande exagero e desconfiava que algumas moças se alegavam vítimas meramente para ter sua porção de atenção.

Como Ellie era sua conhecida, foi amplamente declarado como sua culpa o fato de que o patife traidor tivesse pisado no campo. Ellie Vyne sempre causara confusão e esse era o consenso geral.

E ele ficou bem pior. Jane Osborne, ainda sofrendo pela perda de outro possível marido e a humilhação de ter sido roubada em suas posses, consolou-se espalhando outro boato.

Quando tia Lizzie ouviu, ela foi direto a Ellie.

— Lady Mercy Danforthe aparentemente disse à senhorita Jane Osborne que James Hartley pagou cinco mil libras por sua companhia. Que criança danada e maliciosa para começar um boato desses!

Ellie não respondeu nada. Ela sabia que refutar o boato só pioraria as coisas. De qualquer forma, ninguém nunca acreditava nela, e Jane Osborne tinha testemunhas para sua história. Lady Mercy tinha falado tudo isso quando esteve na loja Hodson's, ao alcance dos ouvidos de várias damas da vila.

Sophie veio fazer-lhe uma visita. — Deixe que todos eles falem — aconselhou. — Eles adoram uma boa fofoca, mas logo encontrarão outra coisa para falar. Nada novo é novo por muito tempo. Todos nós temos segredos.

No entanto, para Ellie, os boatos eram como manchas que não se podiam remover. Elas sempre ficariam, mesmo que fossem desbotando ao longo do tempo.

— Só espero que Rafe seja protegido do escândalo inevitável por mais um tempinho. Quero que James lhe conte pessoalmente

— Sophie prosseguiu. — Meu marido concorda que deve ficar a cargo de James.

Ellie se forçou a deixar suas preocupações de lado e prestar atenção. — Rafe? Há algo errado com o menino?

— Nada que não possa ser curado. — Sophie deu um sorriso torto. — Acho que não há remédio por ter herdado os traços mandões de seu pai.

Em princípio, ao ouvir a palavra “pai”, Ellie achou que a amiga estivesse falando de Josiah, mas depois se lembrou de que Sophie não sabia nada de sua ligação de sangue com o homem sumido. — Rafe... o pai de Rafe?

O sorriso de Sophie sumiu. — James não lhe contou? Ai, Deus, achei que naquela noite, na festa, quando você e ele foram lá para fora...

As duas amigas ficaram em silêncio por vários momentos. Lentamente, as peças foram se encaixando. Ela percebeu a semelhança de Rafe com James, mas a diferença da cor a deixava confusa. — Não. Ele não me contou.

Sophie remexia as mãos, aflita. — Agora abri minha boca grande! James ficará furioso comigo. De novo!

Então ele tinha um filho. Um filho já com doze anos. — Ele manteve o menino em segredo, todos esses anos, por quê?

— Ah, não! — Sophie apressou-se em explicar. — Ele não sabia que Rafe estava vivo até voltar a Sydney Dovedale com você. O erro do segredo é meu. Quando descobri que o sobrinho do meu marido era o filho ilegítimo de James Hartley, temi que James deixasse a criança sob a guarda de lady Hartley. Meu marido adora o sobrinho, cuidou dele todos esses anos. Eu não queria que ninguém os separasse. Mas, depois, percebi quanto estava sendo egoísta em lhe tirar o direito de conhecer seu próprio filho, e o direito de Rafe de conhecer o pai. Estou muito envergonhada.

O coração de Ellie batia calmo e constante. Isso era surpreendente diante das circunstâncias.

Em sua cabeça, não havia dúvidas de que James deixou de comentar o fato com ela por medo. Eles dois tinham medo do que o outro pensaria — James, por ter um filho ilegítimo, e ela, por ter um pai vigarista.

— Espero que James tenha me perdoado — Sophie acrescentou, com uma voz lastimosa. — Acho que fizemos as pazes naquela noite, na festa.

Ellie fechou os olhos por um momento e ouviu sua própria respiração. Ela viu a velha amiga e o novo amante se abraçando na festa e, dessa vez, ela interpretou o gesto pelo que era. Que tola ela havia sido. Claro, ela disse a si mesma, na ocasião ela não duvidara de Sophie, mas, como a mancha de um boato, o ciúme não podia ser reprimido completamente. A dor em seu coração havia vergonhosamente durado dentro dela por dezessete anos porque ela amava a ambos.



A companhia tranquila de sua tia foi um grande consolo durante aqueles dias sombrios, porém ela se viu sentindo falta do falatório de lady Mercy. Agora a maior empolgação que ela podia esperar era o estranho jogo de cribbage.

Na manhã de Natal, um pacote foi entregue. Um lindo par de luvas de pelica para Ellie com um bilhete anexado.

Não me perca.

Ora, mas que tipo de recado era esse para mandar a alguém que estava tentando ser boa, sensível e recatada pela primeira vez? A essa altura, a vila inteira já teria ouvido falar sobre o dinheiro que James Hartley havia pago pelo divertimento de sua companhia.

— E não para que ela cantasse, com certeza — ouviram a senhora Flick exclamar.

No entanto, Ellie usava as luvas para ir à igreja naquele dia. Uma garota podia manter sua cabeça erguida em meio a um bocado de escândalo se usasse os assessórios certos — nesse caso, fitas lilases na touca e luvas lilases de couro de carneiro, do tipo que uma solteirona comum e desajeitada jamais deveria desfrutar. Embora uma notória, sim.

Logo após o Natal, ela recebeu uma carta do almirante, que estava de muito bom humor, como sempre, alheio a quaisquer dificuldades por que ela poderia estar passando, preocupado apenas com seus próprios altos e baixos. Havia surgido um comprador para Lark Hollow, ele lhe dissera. Embora ele não pretendesse vender, aparentemente o preço oferecido tinha sido um tanto persuasivo e, como parte da barganha, ele teve permissão de continuar em uma das alas da casa, pagando um aluguel nominal. Era tudo muito misterioso.

Pela primeira vez, alguma outra pessoa estava cuidando das coisas e Ellie não sabia como se sentir. Se não lhe restasse ninguém para administrar, o que ela faria de si mesma? Apenas um mês antes, ela tivera expectativas para sua “aposentadoria”, mas já estava inquieta outra vez. Talvez seu pai tivesse razão e ela não fosse feita para ficar em um lugar só.

Capítulo 25



31 de dezembro de 1822.

ELA ESTAVA SENTADA COM a tia, na sala, e tinha acabado de ler o mesmo parágrafo de seu livro quatro vezes quando a campainha tocou. Tia Lizzie estava quase pegando no sono, com as pernas embaixo de uma colcha de retalhos, descansando os pés em uma banqueta perto da lareira.

Ellie abaixou o livro. — Eu vou. — Ela pareceu não estar animada com a possibilidade de visitantes, principalmente agora que tinha insistido nessa vida calma dizendo ser exatamente o que ela queria. Seu livro, porém, era tão monótono que ela estava quase a ponto de começar a fazer um bordado em uma almofada. Ainda bem que tinha distração chegando. Enquanto ela seguia apressada pelo corredor, deu uma olhada em sua aparência, no espelho, jogou as mãos para o alto de desespero e abriu a porta.

— Trenton Shale. — O nome saiu de seus lábios com um som enfadonho.

O jovem magricela curvou a cabeça. — Posso entrar, senhorita Vyne? Tenho uma confissão a fazer. E um pedido de desculpas. — Hoje ele parecia estar sozinho.

Ela conteve um suspiro e o deixou entrar. — Entre, venha até a sala.

Ele a seguiu pelo corredor, adentrando a sala aquecida. Tia Lizzie instantaneamente começou a arrumar as coisas, tirando sua costura, mas Trenton a deteve. — Por favor, não se preocupe, madame. Não pretendo demorar, mas antes de deixar o campo eu quis ver a senhorita Vyne.

Ellie gesticulou para que ele se sentasse, mas ele continuou de pé, parecendo desconfortável, como se suas botas o incomodassem. — Senhorita Vyne, depois de nosso passeio no jardim de sua tia, quando estive aqui pela última vez, meu pai presumiu que aproveitei a oportunidade para lhe pedir em casamento — como ele queria que eu fizesse — e eu não consegui dizer que a senhorita recusou. Pela primeira vez ele não ficou decepcionado comigo e eu não tive coragem de contar a verdade.

— Trenton!

— Conte-i a ele hoje, e ele não ficou muito satisfeito. Por isso, estou voltando logo para Londres. Pensei em vir lhe pedir desculpas.

Confusa, ela sacudiu a cabeça. — Não faz mal. Eu lhe agradeço pelo pedido de desculpas, mas realmente não é necessário. Tenho certeza de que seu pai logo vai se recuperar de sua decepção.

Trenton ficou olhando as próprias botas por um momento, depois limpou a garganta. — Fiz muitas criancices, coisas egoístas, durante minha vida, mas nunca é tarde para mudar, então aprendi com o exemplo do senhor Hartley.

Ela gostaria de ter algo para fazer com as mãos fora ficar remexendo uma na outra, deixando as palmas suadas. — Exemplo do senhor Hartley?

— Ele não faz estardalhaço a respeito, mas ouvi falar de seus trabalhos de caridade. Só o conheci naquela noite, na residência Hartley, mas já tinha ouvido falar muito dele antes.

Ela franziu o rosto. — Trabalho de caridade? Tem certeza de que está falando do Hartley certo?

— Sim. Ele fundou vários lares em Londres para mães solteiras e contribui com grandes somas com instituições de caridade.

Ellie sabia que a tia estava olhando para ela, atônita. E tinha certeza de que a própria fisionomia devia estar bem parecida.

— Espero que não mencione isso a ele, senhorita Vyne. Pelo que sei, ele é um homem muito discreto quando se trata dessas questões.

— Sim. Entendo.

— Bem, senhorita Vyne — ele se virou para a tia e se curvou — senhora Cawley, eu lhes desejo um bom dia. Tenho uma longa jornada à frente, pois vou acompanhar lady Ophelia Southwold de volta a Londres. Precisamos nos adiantar antes que escureça.

Ela o acompanhou até lá fora, desejou boa viagem e voltou à sua poltrona, perto da lareira.

— Minha nossa — disse a tia.

Ellie alisou a saia, pegou o livro e ficou olhando as linhas.

— Essa foi uma visita bem estranha — observou a tia, novamente curvada por cima de sua colcha.

— Muito. — Ela virou a página, embora ainda não conseguisse focar em uma palavra.

— Quase como se ele tivesse vindo aqui sob um falso pretexto exclusivamente para informá-la dos bons atos do senhor Hartley.

James Hartley envolvido em trabalho de caridade? Parecia inacreditável. Será? Ela descobrira que o verdadeiro James era uma pessoa bem diferente da que ela vira na sociedade. Ela se lembrava de que ele uma vez dissera ser um homem modificado. Na época, ela interpretou aquilo como parte de sua rotina de flerte. Achou que o conhecesse todos esses anos. Ela realmente quase não o conhecia. Parecia que ela havia subestimado James.

O problema era que ambos eram cautelosos um com o outro. Eles rodeavam e cutucavam, provocavam e estrilavam. Sempre que deixavam as armas e as máscaras de lado não sabiam o que fazer.

— Poderia colocar um pouco mais de carvão na lareira, Ellie, querida? Dê uma mexida. Não deixe apagar.

Ellie fechou o livro mais uma vez e pegou a pá de carvão. O relógio em cima da lareira seguia batendo baixinho, marcando o tempo.

Ah, James. Eles tinham guardado tantos segredos um do outro temendo ser eles mesmos. E ela sempre se considerara forte e valente, no entanto tivera medo que a verdade sobre si mesma fosse terminar com o caso deles em vez de compartilhá-la com ele. Todo esse tempo ela debochou de mulheres que usavam artifícios, porém ela havia sido igualmente ruim se escondendo por trás de uma fachada falsa, mantendo uma representação. Fingindo não ligar.

— E acenda outra vela, Ellie — acrescentou a tia. — Esta tarde está muito melancólica e já vai escurecer. Não quero que você prejudique seus olhos para ler.

Ansiosa por fazer algo, Ellie foi até a cozinha, fez um bule de chá e achou biscoitinhos açucarados. Geralmente eram seus favoritos, e ela dependia deles para levantar seu astral; mas nem os biscoitinhos ajudaram nesta tarde.

— Você está muito inquieta, Ellie, querida — exclamou a tia. — Talvez uma volta lhe faça bem. Ou um jogo de cartas? — A senhora deu um gole no chá e conversou com o papagaio do capitão com seu modo habitualmente amoroso. — Vejamos, o que podemos fazer para divertir nossa hóspede? Como podemos diverti-la hoje e deixá-la mais animada?

O pássaro respondeu dando ofegos: — Small...wick... ooh... Small... wick.

A tia fingiu não ouvir o nome.

— Danada — piava o papagaio erguendo e abaixando a cabeça em seu poleiro. — Garoto travesso, Small... wick. Garoto travesso.



Naquela tarde, ela foi cedo para o quarto com dor de cabeça, temendo que a ansiedade da tia pela leitura com pouca luz fosse justificada. Talvez ela logo precisasse de óculos. Tinha lido muito ao longo dos últimos dias. Havia pouco a fazer até que o tempo melhorasse. Depois, ela podia ajudar a tia no jardim, caminhar mais, visitar Sophie.

A casa estava quieta esta noite; até as tábuas corridas que rangiam estavam mudas sob seus pés quando ela seguiu para seu quarto, o que fez seu coração e sua respiração parecerem estranhamente ruidosos.

Ela abriu a porta. A pequena lareira já tinha sido acesa e um punhado de velas forrava a pedra da lareira e sua pequena cômoda. Ao lado da cama estavam Molly Robbins e lady Mercy Danforthe.

Ellie agarrou seu livro junto ao peito. — O que estão fazendo aqui, garotas? Lady Mercy, a esta altura você já deveria estar em Londres! — Ah, meu Deus, será que a menina tinha fugido de novo?

Elas riram e confessaram que sua tia — sabendo da diversão — tinha deixado a porta dos fundos destrancada para elas, que estavam claramente alegres com o joguinho.

— Fiz isso para a senhorita — disse Molly, orgulhosamente, com as bochechas rosadas sob a luz quente de todas aquelas velas. — Espero que você goste. Usei partes de seus antigos vestidos, mas parece novo.

— É tudo desenho dela mesma — acrescentou lady Mercy. — E eu trouxe novas sapatilhas e meias de seda de Londres. E uma ideia muito bonita para seus cabelos. Recortei da *La Belle Mode*.

As duas garotas pegaram em seus braços até que ela ficou de pé diante do espelho, e antes que ela percebesse o que estava acontecendo estavam tirando seu robe.

— Caso ainda não tenha notado — disse lady Mercy —, nós decidimos que você irá ao baile Hartley esta noite.

— Mas eu não posso. Pelo amor de Deus! — Ela tentou detê-las, porém elas a pegavam com dedinhos como se fossem passarinhos famintos, e suas camadas de roupa foram saindo. — Lady Mercy, o seu irmão sabe que você está aqui?

— É claro — respondeu a mocinha atrevida, como se fosse uma tolice perguntar. — Ele está esperando por você lá fora, na carruagem. Ele vai levá-la como convidada. Eu o fiz fazer isso; em troca, prometi não fugir mais nem contar a ninguém que ele me bate com seu sapato. Agora, se você se recusar a ir esta noite, ele ficará muito irritado porque eu o arrastei novamente ao interior para nada. Molly disse que eu deveria fazer algo para compensá-la. Vista o vestido novo, senhorita Vyne.

— Me compensar? — Murmurou, duvidosa.

— Eu disse a uma mulher dentuça sobre você e o senhor Hartley, quando deveria ter guardado segredo.

— Sim, você disse, mocinha, e se acha que de alguma forma pode me com...

As duas meninas seguraram o vestido e ajudaram-na a passar os braços pelas mangas. Subitamente, sua imagem no espelho se transformou. O tecido era macio, uma musselina violeta da qual ela se lembrava vagamente, embora parecesse muito diferente nesse novo modelo, debruado com novas miçangas de uma cor bem semelhante. Sempre que ela se mexia, a bainha reluzia e brilhava. Era simples e bonito, com a habilidade mágica de restaurar a juventude. O corpete era de seda, com um caimento perfeito, um decote cavado, mas sem mostrar exageradamente. O contorno do decote também era debruado, com as mesmas miçangas que captavam a luz, assim com as pequenas mangas bufantes. Ellie

ficou olhando a imagem elegante no espelho e ficou tentada a se beliscar com força.

— Molly Robbins, você faz milagres. Já não pareço um pato recheado.

— Tenho certeza de que nunca pareceu, senhorita Vyne — exclamou Molly, ocupada com os colchetes.

— Minhas irmãs discordariam. — Ela riu, e seus olhos brilharam no reflexo do espelho.

Ela ainda estava admirando sua imagem com uma vaidade vergonhosa quando lady Mercy se aproximou com um pente, alguns grampos com pequenas pérolas e um frasco de coloração labial. — Agora, para a próxima parte de sua transformação. — Aparentemente, Ellie tinha se tornado o próximo projeto de lady Mercy e, como todas as suas vítimas, ela estava impotente no caminho da determinação da jovem.



Grievés já expressara sua preocupação várias vezes pelo fato de James estar de pé sem as muletas, muito mais por participar do baile de ano-novo da avó.

— O senhor sabe que lady Hartley convidou um desfile de jovens elegíveis esta noite. Receio que possa haver uma batalha sangrenta quando ela ouvir falar de seus planos. Talvez deva ficar em seu quarto. Posso inventar alguma desculpa para a senhora.

James se encolheu determinado a conseguir ficar sem o braço na tipoia esta noite. — Não. Vamos em frente. Eu sobrevivi a uma briga na taberna. Tenho certeza de que posso sobreviver às moças casamenteiras e a tentativa mais determinada de minha avó para arruinar minha vida. — Ele observou o espelho enquanto Grievés colocava um prendedor de gravata de ouro. — Eu tinha planejado usar o prendedor de diamante nesta noite.

— Receio que não seja possível, senhor.

— Por quê?

— Não está aqui, senhor.

Grievés deu um passo atrás para inspecionar seu patrão. — O senhor Trenton Shale está com ele, senhor.

— O quê?

— Eu dei o prendedor de diamante a ele, senhor, em troca de um pequeno favor. Dois pequenos favores. Espero que não se importe.

— Não me *importar*?

— O mordomo de lord Shale me ajudou, em troca. Foi para seu próprio bem, senhor. — Grievés calmamente se aproximou para ajudá-lo a vestir o colete marfim.

— *Meu?*

— Às vezes, senhor, as coisas precisam de um pequeno cutucão na direção certa. Quando duas pessoas acham o caminho estreito demais para caminhar lado a lado, é necessário aparar as bordas e limpar o caminho. — Ele estendeu o paletó preto. — Todas as outras providências já estão tomadas, senhor. A armadilha está pronta. E eu lhe desejo muita sorte.

— Obrigado, Grievés, vou precisar.



Ellie nunca estivera na residência Hartley e ficou imaginando se o telhado não ia cair quando ela fosse recebida no interior das paredes elegantes naquela noite. Ela de fato achou perceber um tremor sob seus pés ao atravessar o chão de ladrilhos reluzentes de braço dado com Carver Danforth. Olhando avidamente ao redor, ela observava o excesso de mármore frio, as pinturas imensas dos Hartley passados e uma imensa escadaria ornamentada,

com corrimão de mogno, que reluzia de tão polido, um lugar perfeito para descer escorregando.

Eles foram conduzidos ao salão de festas por um criado sério, de joelhos proeminentes e movimentos rijos. Quando seus nomes foram anunciados, ela fez o melhor para se esconder atrás de Danforthe. Ele era alto, uma excelente cobertura, mas não havia dúvidas de que, em breve, lady Hartley viria voando pelo salão para mandar que ela fosse colocada para fora. Se ela ousasse. A coisa boa sobre Carter Danforthe — e não havia muitas, pois ele era um jovem carrancudo, de modos orgulhosos e cheios de desdém — era ser muito abastado e poderoso. Lady Hartley, sempre atenciosa com seu posto na sociedade, não ia querer aborrecê-lo. Foi um golpe de sorte e tanto para ela ter o conde de Everscham em seu baile, já que ele raramente ia a algum, principalmente fora de Londres.

Ellie vasculhava a multidão à procura de James. Ela realmente não sabia o que estava fazendo ali. Duas garotas românticas a vestiram como um sacrifício pagão, e agora lá estava ela, prestes a fazer papel de tola, de novo.

Subitamente, a avó de James estava se aproximando com passos rápidos. Iiii. Ela recuou atrás de seu parceiro e trombou em um empregado que segurava uma bandeja de copinhos de ponche. Embora o empregado tivesse conseguido desviar rapidamente, com uma manobra ágil, derramou um pouco de ponche, que caiu em seu novo vestido violeta.

— Lamento muito, madame. Venha comigo, vou buscar uma das empregadas para ajudá-la.

— Grieves! — Ele já a levava rapidamente em direção às portas do salão de baile.

— Vamos depressa, madame. Não vamos querer que fique manchado. — Ele a levou pela escadaria acima.

— Aonde estamos indo? — Perguntou, agitada, já sentindo os cachos querendo se soltar dos grampos perolados de lady Mercy.

— A empregada está aqui, madame. Ela cuidará da senhorita.
— Ele abriu a porta e gesticulou para que ela entrasse. Conforme ela passou pelo portal, ele fechou a porta atrás dele, e Ellie se viu em um quarto.

Com James.



Ele sorriu sem se conter, agora que ela estava ali novamente, à sua frente. — Você está de tirar o fôlego. — Ele estava sendo sincero. Seus cachos escuros estavam presos no alto da cabeça com pérolas minúsculas que pareciam estrelinhas e o fizeram lembrar-se daquela noite em Brighton, quando ela ergueu os olhos ao céu e perguntou quantas estrelas havia.

Para ele, agora, só havia uma.

Ellie Vyne. Ele a amava com todo seu coração, de corpo e alma. Dentro dele, uma pequena voz dizia *Finalmente, já não era sem tempo*. Ele teve uma estranha ideia de que seria a voz de Sophie.

— Grieves me trouxe aqui para cima para encontrar uma empregada — ela exclamou, gesticulando, zangada, para sua saia. Para uma mulher perceptiva, ela estava sendo um tanto obtusa.

— Receio que não haja nenhuma empregada aqui. — Ele veio mancando. — E eu não posso descer só com um joelho, então vamos ter de dar um jeito.

Os olhos dela se arregalaram.

Ele estava observando seu rosto. — Por que seus lábios estão tão vermelhos?

— Meus...? Bem, lady Mercy achou que eu deveria usar e eu... James Hartley, o que está acontecendo? — Ele ouviu a porta do quarto anexo se abrir atrás dele e soube que ela tinha visto o pastor Bentley entrar.

Ele estendeu a mão e passou o polegar em seu lábio, tirando o vermelho. — Gosto dos seus lábios do jeito que foram feitos.

— James, nós não podemos...

— Vyne, eu a deixei escapar muitas vezes. Agora finalmente a tenho onde eu queria. Lamento por tê-la insultado, quando você tinha dezesseis anos, mas eu era tolo e negligente. Pronto, pedi desculpas. — Ele enfiou a mão no paletó e tirou uma certidão especial que ele tinha arranjado. — Podemos discutir depois e tenho certeza de que discutiremos. Mas, neste momento, nós estamos nos casando, mulher. — Ele estreitou os olhos para os lábios dela. — A menos, é claro, que você prefira ser presa pela farsa de se fazer passar pelo conde de Bonneville e roubar os diamantes Hartley.

Ela emburrou só por um instante. Quase imediatamente, abriu a boca para discutir. — Chantagem, de novo? Bem típico de você, Hartley.

— Devo lembrá-la, Vyne, que você me impôs um desafio no verão passado, em Brighton, quando me abandonou naquele labirinto?

Diante disso, ela só suspirou, como se estivesse cansada demais para lembrar.



Ele estava maluco. Só podia estar.

— Hartley, está tendo um baile cheio de noivas compatíveis lá embaixo, sem mencionar sua avó que, sem dúvida, as escolheu cuidadosamente.

— Sim. Imagine a alegria delas quando nós descermos e anunciarmos nossa união improvável e imprudente.

— *Alegria?* — Ela podia pensar em outra palavra.

Ele a puxou para perto e a beijou. — Preciso que você me segure de pé.

— Estou vendo.

— Está finalmente pronta para ser a senhora Hartley?

Ela tentava desesperadamente fazer com que ele enxergasse com sensatez. — Serei uma esposa terrível. Tenho certeza de que jamais conseguiremos concordar com a cor da tinta.

— Nem com os nomes das crianças.

— Vou fazê-lo se arrepender de ter se casado comigo. Você será infeliz.

— Então você terá sua vingança, não é, mulher vil?

Ah, sim. Ela teria.

— Eu mereço — acrescentou ele, baixinho. — Pode me torturar todos os dias pelo resto da minha vida. Por favor.

De qualquer forma, pela expressão nos olhos dele, ele não estava disposto a deixá-la sair daquele quarto solteira. Um sorriso muito determinado e travesso surgiu nos lábios dele diante do pastor.

— James. — Ela pousou a mão em seu ombro. — Uma coisa muito estranha aconteceu há pouco tempo. Alguém comprou Lark Hollow. Por acaso você sabe alguma coisa sobre isso?

Os olhos dele se acenderam. — Achei que daria um belo refúgio de campo. É realmente linda, ou pode ficar, se tiver o dono certo. O almirante pode ficar e vou refazer uma das salas só para você. Com alguns livros, uma lareira e poltronas, com muitas almofadas. E o cão, é claro. Tudo com vista para um jardim murado.

Ela estava impressionada por ele se lembrar de tudo aquilo. Com o coração disparado, ela cedeu. Ellie passou os dois braços ao redor dele para outro beijo. Ele não se contentou com aquele, quis outro e mais um.

— Obrigada pelas luvas.

— Alguém tem de manter suas mãos aquecidas.

Ela ergueu o olhar aos seus olhos azuis e temeu que se eles não parassem agora ele talvez fizesse as coisas à sua moda, bem ali. Ia estragar seu penteado, o vestido provavelmente rasgaria e eles se atrasariam para o baile da avó dele. — Você não se importa com meu pai verdadeiro?

— Não podemos escolher nossos parentes, Ellie. Por que você achou que isso importaria para mim?

— Porque você é um esnobe e um Hartley.

— E você tira conclusões precipitadas, como todas as mulheres.

— Acho que eu tinha razões de sobra para presumir...

— Você me abandonou em vez de me dar uma chance de provar que você estava errada.

— Pelo amor de Deus, o que mais eu podia fazer?

— Ah, eu não sei. Explicar tudo e me deixar ajudá-la? Imagino que isso seja simples demais.

— Me ajudar? Tão bem quanto você ajuda a si mesmo? Meu bom Deus!

— Me beije, danada, senti falta de nossas brigas.

Então ela o beijou novamente, um beijo suave e carinhoso. — Parece que meu pai preferiu partir em vez de aceitar o emprego que você ofereceu.

— Achei que ele talvez fizesse isso.

— Você é muito inteligente. Mais inteligente do que parece.

— Um elogio, Vyne? — Ela estava surpresa e encantada em observar um tom do pôr do sol em seu rosto. — Você está febril? — Exclamou ele: — Você sabe que sou a pessoa mais imbecil que você já conheceu. Não valho nada.

Talvez fosse melhor que ela ainda não lhe dissesse que sabia sobre seu trabalho de caridade.

Ela riu. — Rafe deve vir morar conosco. Ele ia adorar Lark Hollow. É bem perto para visitar Sophie e o tio sempre que ele quiser.

James assentiu lentamente. — Se você concordar.

— É claro. Ele é seu filho. — Ellie não era de julgar ninguém. Como poderia? E tinha a sensação — uma sensação bem certa — de que Rafe teria um irmãozinho, ou uma irmãzinha, antes da chegada do próximo Natal. — James Hartley — ela disse, subitamente séria. — Você finalmente encontrou seu propósito.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Me fazer feliz. O tempo todo.

— Só posso tentar. — Ele piscou com um pequeno brilho no olhar. — Então você está pronta, Vyne, para se casar com esse farrista desprezível?

Agora que chegara o momento, não parecia tão aterrorizante quanto antes. Não era um casamento com flor de laranjeira e chuva de arroz, mas nada no namoro deles tinha sido comum. Sentindo-se corajosa, ela enfiou o braço no braço bom dele. — Apoie-se em mim. — Eles passariam por isso juntos. Ele não conseguiria sem ela, o pobrezinho. Ainda bem que ela estava ali, ao seu lado, para amá-lo.



Um tempinho depois, estava feito.

— Bem, minha querida esposa, estamos prontos para anunciar nosso casamento pecaminoso ao mundo?

Ela abriu a porta. — Estou pronta quando você estiver. Enfrentaremos o escândalo juntos.

Ele a olhou de cima a baixo e antes que eles entrassem no hall, ele sussurrou:— Não consigo imaginar nenhum outro escândalo que eu preferiria. Eu a amo, senhora Hartley.

A notícia Ellie Vyne estava radiante, olhando para ele. — Claro que eu sabia disso. Eu só precisei fazê-lo enxergar, não foi? Cedo ou tarde você encontraria o caminho e me seguiria para fora daquele labirinto.

A música e o perfume emanavam acima em uma onda de ar quente que se elevava do salão de festas. Por um instante, eles ficaram na entrada, então, depois de contar até três, finalmente tiraram os olhos um do outro e entraram pela porta aberta rumo a um novo começo para ambos. Juntos.

Agradecimentos



Gostaria de agradecer a Audry Poole, por sua edição maravilhosa, e a todo o pessoal da Sourcebooks, por acreditar em mim como escritora.